

# NOVAS ESTÉTICAS PARA ESTRUTURAS

## ANTIGAS:

TECNOLOGIAS, PRÓTESES DE GÊNERO E TEXTUALIDADES DO MANDATO  
DE MASCULINIDADES

**JULIANA SOARES GONÇALVES**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

**Novas estéticas para estruturas antigas: tecnologias, próteses de gênero e  
textualidades do mandato de masculinidade**

Juliana Soares Gonçalves

Belo Horizonte

2021

JULIANA SOARES GONÇALVES

**Novas estéticas para estruturas antigas: tecnologias, próteses de gênero e textualidades do mandato de masculinidade**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Comunicação Social

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de pesquisa: Textualidades Midiáticas

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto de Carvalho

Belo Horizonte

2021

301.16      Gonçalves, Juliana Soares.  
G635n      Novas estéticas para estruturas antigas [manuscrito] :  
2021      tecnologias, próteses de gênero e textualidades do  
mandato de masculinidade / Juliana Soares Gonçalves . -  
2021.  
239 f. : il.  
Orientador: Carlos Alberto de Carvalho.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1. Comunicação – Teses. 2. Masculinidade – Teses.  
3. Relações de gênero - Teses. I. Carvalho, Carlos Alberto  
de . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade  
de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

### **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**"Novas estéticas para estruturas antigas: tecnologias, próteses de gênero e textualidades do mandato de masculinidade"**

**JULIANA SOARES GONÇALVES**

Tese de Doutorado defendida e aprovada, no dia **04 de novembro de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos(as) seguintes professores(as):

Prof. Carlos Alberto de Carvalho - Orientador  
UFMG

Profª Geane Carvalho Alzamora  
UFMG

Prof. Carlos Magno Camargos Mendonça  
UFMG

Profª Cynthia Mara Miranda  
Universidade Federal do Tocantins

Profª Maria Gislene Carvalho  
Universidade Federal do Maranhão

Belo Horizonte, 04 de novembro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Alberto de Carvalho, Professor do Magistério Superior**, em 05/11/2021, às 20:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Gislene Carvalho Fonseca, Usuário Externo**, em 06/11/2021, às 18:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Geane Carvalho Alzamora, Professora do Magistério Superior**, em 08/11/2021, às 08:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cynthia Mara Miranda, Usuário Externo**, em 08/11/2021, às 10:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Magno Camargos Mendonca, Professor do Magistério Superior**, em 08/11/2021, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1063303** e o código CRC **D695A4C5**.

*Desestabilizar o que existe para ver o espetáculo do que emerge. (Rita Segato)*

## Agradecimentos

Meu maior aprendizado no feminismo é honrar as que vieram antes. Agradeço à minha mãe Gilma e à minha avó Camerlita por poder ser quem eu sou, pela força infinita e bravura diante da vida. Tenho coragem para viver o que acredito porque vocês abriram o caminho. À Raísa e à Carol por formarem com a gente essa linhagem de “Carmelitinhas”. Se eu pudesse desejar algo para todas as mulheres do mundo, desejaria coragem para ser quem se é. E eu só sou porque somos juntas.

Agradeço também às que são comigo sempre. Nossa luta é compartilhada e nossa potência é nosso encontro: Marcela Marques, Isabelle Chagas, Joyce Athié, Maíra Lobato, Maria Mourão, Soraya Martins, Lúcia Helena Sátiro, Cibele Freitas, Luciana Quelotti, Beatriz Bastos, Bruna Castro e todas as mulheres que tecem com a gente o desejo e o caminho de um mundo mais justo.

À Brisa e à Marieta.

À Gisa e à Verônica por estarem comigo nos desafios da vida acadêmica. Agradeço também por não nos conformarmos com o que estava posto e sonharmos juntas por um espaço acadêmico mais equânime. A todas as pessoas do Insurgente pelas reflexões e pela possibilidade constituirmos um grupo de pesquisa gentil e afetivo.

À Júlia Gontijo pelas ilustrações.

Ao Lucas Toscano por me apresentar à revista *Men's Health*, ponto de partida dessa pesquisa, e pela paciência de ser meu consultor oficial de masculinidades. Ao Bira, Vovô, Dedé e Felipe por serem escola diária e por aprendermos juntos a lidar com as tensões de gênero com amor.

Ao Carlos Alberto pela amizade, pela orientação atenta e cuidadosa, por fazer da Universidade um lugar de afeto e por compartilhar do sonho de um Brasil melhor. Ao Carlos Mendonça pela generosidade e pelos ensinamentos.

À Universidade Pública por ser o lugar de transformação para mim e para tanta gente.

À CAPES pela bolsa de doutorado e pelo financiamento do período de sanduíche na Espanha. A todas as professoras, professores e colegas do PPGCom pelos conhecimentos compartilhados.



## Resumo

Esta tese se propõe a pensar nas masculinidades pelas lentes das textualidades (Abril, 2007; 2012). Logo, passa por acessar as construções de gênero a partir da matriz patriarcal heteronormativa, compreendendo essas como rede simbólica em processo, compostas por elementos heterogêneos, que tem o corpo como um dos artefatos principais, mas que não se encerra na pele. Acionamos Butler (2020), para quem não é possível acessar nenhuma noção de corpo que não seja significada. Assim, as masculinidades são assumidas como híbridos entre organismo e tecnologias (Haraway, 2018), por meio de próteses de gênero (Preciado, 2018), que atuam no corpo de maneira mais ou menos material. Sendo as próteses assumidas como artefatos capazes de suprir a falta ou potencializar partes dos corpos, entendemos que, além de diversas materialidades inseridas ou acopladas no organismo para produzi-lo fisicamente, como próteses dentárias, silicone, hormônios, suplementos alimentares, faz-se necessária ampliá-las para materialidades e sentidos que extrapolam a imediatividade dos corpos, mas que se mostram eficientes nas construções de sentido que se deseja atribuir a eles. É o caso de artefatos diversos, que vão desde carros, joias, dinheiro, até pessoas, como mulheres e filhos. Com isso, queremos dizer que a produção da rede de sentidos de si como homem extrapola a dimensão física do corpo, sendo composta por uma rede simbólica complexa e diversa. Nos interessa, deste modo, pensar nos processos de composição dessas redes de sentido, mais especificamente de enunciações de masculinidades supostamente transformadas, tão recorrentes na sociedade contemporânea. Assim, tendo as estruturas de poder dos gêneros como pressupostas, buscamos compreender como se configuram as textualidades de masculinidades que se dizem outras, no sentido de não se comprometerem com modelos tradicionais de virilidade e macheza, em seus atravessamentos com as dinâmicas de poder. Ou seja, considerando as masculinidades como um mandato (Segato, 2018), que se sustenta a partir de cobranças de tributos do feminino e se legitima pelo olhar de pares, buscamos entender em que medida os projetos simbólicos de masculinidades enunciadas como transformadas alteram, de fato, estruturas do poder patriarcal. Para tanto, coletamos mais de 300 materialidades enunciativas de masculinidades como corpus e, a partir da sistematização desse material em chaves de leitura, nos dedicamos à escrita de três ensaios. Na produção ensaística aqui proposta, acionamos empirias específicas a partir das discussões teóricas em curso, de maneira a tecer nossa tesa em processo dialógico constante entre elementos da realidade e a as teorias convocadas.

**Palavras-chave:** Masculinidades transformadas; Textualidades; Mandato de Masculinidades; Próteses de Gênero; Tecnologias de Gênero.

## Abstract

This thesis proposes to reflect on masculinities through the lenses of textualities (Abril, 2007;2012). Therefore, it goes to access gender constructs based on the patriarchal heteronormative matrix, comprehending these as a symbolic web in process, composed by heterogeneous elements, having the body as one of it's main artifacts, but that doesn't stop at the skin. We call up Butler (2020), for whom it's impossible to access any notion of body that's not signified. Therefore, the masculinities are assumed as hybrids of organism and technologies (Haraway, 2018), by means of gender prosthesis (Preciado, 2019), that act on the body in a somewhat material way. With the prosthesis assumed as artifacts capable of complementing or potentializing body parts, we understand that beyond the diversity of materialities inserted or coupled in the organism, such as dental prosthesis, silicon implants, hormones and food supplements, its necessary to amplify them to materialities and meanings that extrapolate the immediacy of bodies, but that prove themselves efficient in the constructions of meaning that one wishes to attribute them. It's the case of many artifacts, going from cars, jewelry and money, to people, such as women. With this we want to show how the construction of the web of meanings of oneself as man extrapolates the physical dimension of the body, being composed by a complex and diverse web of symbolisms. It therefore interests us to think in the process of the composition of these webs of meaning, more specifically in supposedly transformed utterances of masculinity, so recurring in contemporary society. Therefore, having gender power structures as presuppose, we search to comprehend the configurations of textualities of masculinities that present themselves as other, in the sense that they don't compromise with traditional senses of virility, in their trespassings with power dynamics. Or, in other words, considering masculinities as a mandate (Segato, 2018), that sustains itself on demands of tributes from the feminine and that legitimizes itself on the mentality of couples, searching to understand how much symbolic projects of transformed masculinities actually alter patriarchal power structures. To do that, we collected more than 300 enunciated materialities of masculinities as research corpus, and, based on the systematization of this material in reading keys, we dedicated ourselves to the writing of three essays. In the essay production proposed here, we trigger specific empirical studies from the theoretical discussions in progress, in order to weave our thesis in a constant dialogic process between elements of reality and the theories summoned.

**Keywords:** New masculinities; Textualities; Masculinity mandate, Gender protheses; Gender technologies.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1- RODRIGO HILBERT 1</b> .....	49
<b>FIGURA 2 - RODRIGO HILBERT 2</b> .....	49
<b>FIGURA 3 - RODRIGO HILBERT</b> .....	50
<b>FIGURA 4 - ESTUDANTE DE MEDICINA ESPANCA A EX-NAMORADA E ENVIA MENSAGEM "SENTEI A MÃO NELA"</b> .....	61
<b>FIGURA 5 - BOLSONARO 1</b> .....	90
<b>FIGURA 6 - BOLSONARO 2</b> .....	90
<b>FIGURA 7 - FUNKEIROS CULT</b> .....	94
<b>FIGURA 8 - HOMEM PATERNO</b> .....	100
<b>FIGURA 9 - AGNI DIÁLOGO MASCULINO</b> .....	113
<b>FIGURA 10 - MASCULINO DA ALMA</b> .....	113
<b>FIGURA 11 - DIARISTA MASCULINO REGYS SP</b> .....	121
<b>FIGURA 12 - DUDA NAGLE</b> .....	123
<b>FIGURA 13 - PATERNIDADE CRIATIVA</b> .....	132
<b>FIGURA 14 - O MARCUS BOAVENTURA 1</b> .....	153
<b>FIGURA 15 - O MARCUS BOAVENTURA 2</b> .....	155
<b>FIGURA 16 – JOJO TODYNHO</b> .....	185
<b>FIGURA 17 – VELHO DA LANCHAS</b> .....	188

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. MASCULINIDADES EM TRÂNSITO? NOTAS METODOLÓGICAS E ROTA DE PESQUISA.....</b>	<b>23</b>
2.1 RASTILHO DE PÓLVORA: SOBRE O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA .....	27
2.1.1 <i>Garimpando masculinidades: coleta inicial e indexação de narrativas de formas de ser homem contemporâneas</i> .....	30
2.1.2 <i>Gênero como rede textual e configuração simbólica para além do corpo: lentes de análise sobre masculinidades e poder</i> .....	39
<b>ENSAIO 1 - GÊNERO COMO CORPOS NO MUNDO: REDES TEXTUAIS DAS MASCULINIDADES COMO MANDATO .....</b>	<b>43</b>
<b>3. TEXTUALIDADES: MASCULINIDADES COMO REDE DE SENTIDO .....</b>	<b>44</b>
3.1 GÊNERO COMO TEXTO EM PROCESSO: ARRANJOS E DINÂMICAS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO DO SER HOMEM.....	46
3.2 UNIVERSO SIMBÓLICO, DIMENSÃO DISCURSIVA DOS GÊNEROS E SUA POTÊNCIA DE AÇÃO .....	54
3.3 MANDATO DE MASCULINIDADE: DA CORPORAÇÃO MASCULINA À COBRANÇA DE TRIBUTOS FEMININOS.....	57
3.4 CORPO COMO CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA: PROJEÇÕES DE GÊNERO E SEXO COMO PROPOSTA DISCURSIVA .....	64
3.5 MASCULINIDADES: FRAGILIDADES ENCARNADAS E PROMESSAS DE POTÊNCIA.....	69
<b>ENSAIO 2 – TECNOLOGIAS E PRÓTESES DE GÊNERO: CONSTRUÇÕES SOMATOTÉCNICAS DAS MASCULINIDADES CONTEMPORÂNEAS.....</b>	<b>74</b>
<b>4. MASCULINIDADES: ENTRE TECNOLOGIAS, CORPOS E REDES DE SENTIDO .....</b>	<b>75</b>
4.1 ESTUDOS DE MASCULINIDADES EM PERSPECTIVA: CONSTRUÇÕES DE SENTIDO E FICÇÕES TEXTUALIZADAS .....	76
4.2 MASCULINIDADES COMO REDES DE SENTIDO: TEXTUALIZAÇÃO, CODIFICAÇÕES E DECODIFICAÇÕES DO SER HOMEM .....	80
4.3 SOBRE GÊNERO, CORPOS, TECNOLOGIAS E FRONTEIRAS .....	84
4.4 PRÓTESES DE GÊNERO: PRODUÇÕES ESTRATÉGICAS DO MASCULINO.....	91

4.5. O “EU” MASCULINO EM JOGO: ENUNCIÇÃO DE SI, CORPO E REDES DE SENTIDOS DAS MASCULINIDADES .....	105
<b>ENSAIO 3 – FRICÇÕES DE GÊNERO: REIVINDICAÇÕES DE MASCULINIDADES TRANSFORMADAS E MANUTENÇÃO DAS ESTRUTURAS DE PODER.....</b>	<b>111</b>
<b>5. AS ENUNCIÇÕES DE MASCULINIDADES REIVINDICADAS COMO OUTRAS E SUA RELAÇÃO COM AS ESTRUTURAS PATRIARCAIS DE PODER .....</b>	<b>112</b>
5.1 TEMPO COMO AUTONOMIA E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO .....	118
5.2 AUTONOMIA FINANCEIRA E PODER DE AGÊNCIA .....	139
5.2.1 <i>Acessando as estruturas de poder: maternidade como promessa de completude.....</i>	<i>143</i>
5.2.2 <i>Vida conjugal como eixo do modelo familiar burguês.....</i>	<i>149</i>
5.2.3 <i>Gênero, mercado de trabalho e perpetuação da estrutura de opressão.....</i>	<i>156</i>
5.3 PRIVILÉGIOS MASCULINOS X AUTONOMIA SOBRE O PRÓPRIO CORPO E DIREITO À INTEGRIDADE FÍSICA E PSICOLÓGICA DAS MULHERES .....	160
5.3.1 <i>Direito reprodutivo, aborto e sexualidade .....</i>	<i>162</i>
5.3.2 <i>Masculinidades, violência, (auto)vitimização dos homens e apagamento das mulheres.....</i>	<i>171</i>
5.3.3 <i>Pressão estética como limitação de autonomia feminina e a manutenção dos privilégios dos homens .....</i>	<i>182</i>
5.4 MASCULINIDADES CONTEMPORÂNEAS COMODITIZADAS: SOFISTICAÇÃO DE SENTIDOS E MANUTENÇÃO DE PRIVILÉGIOS.....	193
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>201</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>205</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>209</b>

## 1.INTRODUÇÃO

A primeira lembrança que tenho de me atentar para o que neste trabalho entendo como próteses das masculinidades foi aos 16 anos, quando ainda vivia em Oliveira, uma cidade de 40 mil habitantes, situada no interior de Minas Gerais. Meu irmão, um ano mais novo, era um adolescente considerado bonito e inteligente. Eu não conseguia acessar todas as razões pelas quais ele pedia o carro emprestado para nossa mãe com tanta insistência. Aos 15 anos, meu irmão não tinha habilitação (mas sabia dirigir desde os 12). Um tio havia ensinado a ele e a um primo, em uma estrada de terra próxima à cidade. Até os 18 anos, nunca tive interesse em aprender a dirigir. Tampouco reconheci essa oportunidade como disponível, assim como minhas outras quatro primas, que só tiveram essa possibilidade depois de alcançar a maioridade.

Meu irmão não apenas insistia com a nossa mãe, como criava todas as oportunidades possíveis para que o empréstimo do carro pudesse acontecer: se oferecia para lavá-lo, para ir à padaria, para buscar ou levar algo na casa dos nossos avós. E quando conseguia seus 30 minutos de posse do veículo, colocava seus óculos escuros, um cotovelo apoiado na janela, parcialmente para fora, e aumentava o som no volume máximo. Claro que eu estava familiarizada com essa *performance*. Era uma praxe entre os adolescentes (e alguns adultos, é verdade) da cidade. Mas observar o ponto de vista do meu irmão, as longas negociações que empreendia para ter poucos minutos por semana dando voltinhas com o carro, me parecia muito esforço. Lembro de, quando brigávamos, provocá-lo perguntando se ele não se garantia sem o carro nas paqueras com as meninas da cidade. Claro que nunca recebi essa resposta, até porque a pergunta nem mesmo parecia fazer sentido no nosso contexto. No momento em que se sentava no banco do motorista, seu corpo, o carro, os óculos de sol e o som alto se misturavam, viravam uma só matéria. Era visível que aqueles 30 minutos por semana, passeando pelas ruas, faziam com que ele alcançasse posições mais valorizadas na economia de um tipo de capital social que organizava as relações entre meninos e meninas, assim como entre os meninos entre si. Meu irmão se sentia mais potente, possivelmente mais desejável e admirado quando estava de posse momentânea de um *Palio* prata de quatro portas, comprado de segunda mão, que era o carro utilizado no cotidiano familiar para as mais diversas funções. Mais que um meio de transporte ou um bem material, o *Palio*, o som e os óculos escuros modificavam sua corporalidade. As voltinhas precisavam acontecer de janela aberta, com o cotovelo esquerdo apoiado no quadro, passando lentamente pelas ruas mais movimentadas da cidade. O que também se mostrava um desafio,

já que ao mesmo tempo em que ser visto era o feito desejado, se fazia necessário evitar cruzar com a polícia, por ser menor de idade.

Essa composição, que já me chamava atenção no começo dos anos 2000, tinha, ainda que metaforicamente, um efeito protético para as masculinidades adolescentes do interior de Minas. Se as próteses são definidas pelo dicionário Michaelis como “peça artificial que substitui um órgão ou parte do corpo que apresenta deficiência grave, assegurando suas respectivas funções, ou que ajuda ou proporciona melhora em uma função natural”, noto que a relação do meu irmão com esse conjunto se pauta nessa construção, ainda que em sua dimensão simbólica. As próteses acionadas pelos homens das mais diferentes idades costumam ser distintas daquelas utilizadas pelas mulheres. Esses artefatos mudam também no decorrer das fases da vida, bem como de acordo com a gramática de gênero de diferentes grupos sociais. O que parece se manter é a lógica de construção de si como homens ou mulheres como um empreendimento produtivo, que se dá por meio da articulação de elementos e intervenções diversas, alguns de fato modificando a matéria orgânica e outros, mais ou menos materiais, que mesmo não atravessando literalmente o corpo, são altamente eficientes na composição e produções de seus sentidos. Mesmo que as formas de configuração dessa rede simbólica mudem ao longo da vida, quando tratamos das masculinidades, permanece de forma perene o objeto que se busca alcançar por meio desse projeto semiótico: o sentido de potência.

Pensar próteses (Preciado, 2018) para além de sua dimensão de modificação física das corporalidades, assumindo seu caráter simbólico, se mostra um movimento analítico interessante na tentativa de compreensão da configuração e manutenção de estruturas de poder de gênero, que tem como base projetos de sentido. Mas algumas ressalvas se fazem necessárias. A primeira delas é da necessidade de não se considerar o sexo como uma superfície corpórea natural, sobre a qual o tecido social constrói o gênero como gramática de diferenças entre o feminino e o masculino. Butler (2020) afirma que o sexo resulta das construções de gênero:

Mas esse sexo postulado como anterior à construção (de gênero) se converterá - em virtude de ter sido postulado - no efeito dessa mesma postulação, a construção de sua construção. Se o gênero é a construção social do sexo e se não há acesso a esse "sexo", exceto por meio de sua construção, então parece que além do sexo ser absorvido pelo gênero, o "sexo" se torna algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalada em um local pré-linguístico para onde não existe acesso direto. (BUTLER, 2020, p.22).

Por óbvio, pensar no sexo como ficção não implica em assumi-lo como o par oposto do real, mas sim apontar para a noção de sexo como uma premissa artificial, de maneira que não seja possível tomá-lo como pressuposto pré-discursivo de atuação do gênero. Da mesma

maneira, pensar em próteses não significa atuar na oposição corpo-natural/prótese-artificial. Não se trata disso, mas de pensar nessa construção discursiva do sexo, que não antecede a gramática de gênero, produzindo as diferenças (e também potencializações) e sendo produzidos por artefatos diversos, mais ou menos acoplados ao corpo físico, mas sem dúvidas configurando-o como determinada forma de ser homem e de ser mulher. Uma questão importante passa por pensar em quais artefatos físicos e simbólicos operam de maneira protética produzindo gênero, e que posição na estrutura de poder essa rede de significados ocupa. No caso do meu irmão, o conjunto carro/som/óculos escuros produziam seu corpo como um ideal masculino, inclusive promovendo uma mudança postural em sua dimensão física.

Ou seja, ser mulher e ser homem correspondem a redes de sentido socialmente partilhadas, produzidas por elementos heterogêneos, que, em complexos processos de interação e significação, são percebidos como tais quando postos em relação. Refletir sobre as masculinidades implica na tentativa de acessar o corpo textualizado, produzido como projeção de sentido de forma material e imaterial. Ao compreender os gêneros como gramática ficcional, atentamos para a forte vinculação dessas construções simbólicas com a produção da realidade. O que significa compreender que essa rede de sentidos, que se produz no corpo e para além dele, não se limita à dimensão imaterial. Articulamos nosso pensamento em movimentos inspirados em Haraway (2018), para quem pensar a questão de gênero significa romper o que compreendemos como fronteira entre corpo e tecnologia, bem como entre simbólico e real. A realidade dos gêneros se constitui no apagamento dos limites estabelecidos entre corpóreo e simbólico, sendo o primeiro apreendido invariavelmente como corpo produzido e significado quando posto em relação.

Se tal repertório de sentidos ultrapassa a materialidade corpos, os gêneros só se realizam de fato quando postos em ação nesses nas trocas sociais. E, ainda que sejam parte desse grande tecido social normativo, é também na ação que os corpos se reinventam, rompem e reforçam a teia heterogênea de elementos que os fazem ser lidos como homens e mulheres. Como aponta Preciado (2018), vivemos em uma realidade em que os corpos, em sua condição codificada e significada, são matéria constante de produção de sentidos por meio de uma série de intervenções e de próteses que o modificam e fabricam mais ou menos estrategicamente. Hormônios, próteses mamárias, ortodônticas e uma série incalculável de procedimentos são acionados na produção simbólica das corporeidades. Mas, a partir de mais de 300 enunciações de modos contemporâneos de ser homem coletadas, observamos que a constituição de tais corporeidades e suas inserções em redes de poderes e privilégios se estabelece para além dos



corpos, ainda que os significados dos artefatos acionados constituam possibilidades de ação e condições de privilégio que são encarnadas. Assim, assumimos como movimento metodológico a ampliação do que compreendemos por próteses de gênero, convocando-as também em sua dimensão metafórica, observando como bens materiais como carros, joias, armas, dinheiro, ou mesmo complexos de sentido, como a paternidade, são essenciais na articulação de projetos de masculinidade postos em relação no mundo. Ou seja, a partir da metáfora das próteses, buscamos acessar parcelas das redes de significação que se dão, de maneira mais ou menos material, em suas conexões com as corporeidades.

Logo, a partir do entendimento das masculinidades como rede textual em processo, ou seja, uma textualidade (Abril, 2012) que ganha o mundo como proposta de sentido, nos interessamos não apenas pelo que conforma o ser homem de maneira geral, mas, principalmente, pelos discursos de masculinidades que se enunciam com transformadas, em tentativas de chamar para si a capacidade de reordenação das desigualdades de gênero. A partir dos anos 2000, frente ao crescimento do movimento feminista, ao fortalecimento das reivindicações por igualdade e às críticas constantes direcionadas ao masculino, as enunciações de modos de ser homem que diziam romper com as masculinidades tradicionais ganharam fôlego. Em especial, nos últimos dez anos, esse assunto parece ainda mais presente, à medida que se abrem possibilidades contemporâneas de ampliar as enunciações de si por meio de redes sociais, canais no *Youtube*, *blogs*, *sites*, dentre outras possibilidades oferecidas *on-line*. Além disso, a conversação sobre movimentos de reconfiguração do ser homem também segue se expandindo em conexões com outros lugares já conhecidos de constituição e partilha do tecido social, como rodas de conversa face a face, jornais, revistas, livros, discos, peças de teatro, enfim, qualquer instância de produção e circulação simbólica do que compreendemos por masculino.

Assim, diversas enunciações se organizem ao redor de reivindicações de possibilidades de vivências recorrentemente tolhidas pelo fantasma da virilidade, como o cultivo de afeto entre homens, a experiência de sexualidade não heteronormativa, a naturalização de emoções como medo e tristeza, dentre outras. Nesse caminho, temos a sensação de que essas projeções de si como o outro da masculinidade normativa tradicional correspondem às maneiras encontradas pelos homens de se distinguir do que o movimento feminista vem apontando, há mais de um século, sobre lugares de privilégios e práticas patriarcais perversas e violentas. Parece que olhar para o espelho e observar essa imagem causa considerável desconforto para muitos dos homens contemporâneos, resultando no que foi chamado no final da década de 1980 e início de 1990

de novas masculinidades. Nas últimas décadas, essas construções aparecem como masculinidades repaginadas, supostamente comprometidas em romper com os vícios e desigualdades resultantes de um projeto secular de opressão. Na tentativa de entender de que maneira tais enunciações se constituem e operam na modificação ou na manutenção das matrizes de poder, nos pareceu importante lançar um olhar ampliado para o magma em erupção que configura o tema, buscando perceber o que se dá a ver como sentidos partilhados vinculados às proclamadas novas formas de ser homem.

Tendo em vista esse cenário, as masculinidades têm se consolidado como tema recorrente dos estudos de gênero, das discussões da militância feminista e dos próprios homens em seus processos de enunciação de si. Mas, sendo o tecido social um campo minado, as construções reflexivas e discursivas sobre o tema se dão em meio a tensões e disputas constantes. Não é fortuito que esse campo de estudos ganhe força ao mesmo tempo em que começam a surgir proposições de experiências masculinas transformadas, supostamente mais fluidas e permeáveis às práticas e comportamentos, até então, socialmente apartados das vivências dos homens: cuidados com o corpo e a aparência, paternidade ativa, espiritualidade e busca do masculino sagrado, habilidades culinárias. Mesmo que essas práticas apareçam ressignificadas nos corpos masculinos, não se pode dizer que o conjunto de valores e matrizes de poder que sustentam as construções de gênero tenha se modificado estruturalmente, já que masculinidades mais sofisticadas e palatáveis não significam, necessariamente, revisão de privilégios.

Com o objetivo de não perder de vista as formas de manutenção ou modificação das estruturas de poder em seus atravessamentos com tais enunciações de formas de ser homem, convocamos o conceito de mandato de masculinidade de Segato (2018) como operador analítico-conceitual. Se a distribuição desigual de poder e privilégios corresponde à engrenagem principal da matriz patriarcal heteronormativa de gênero, se faz urgente pensar na gramática que normatiza as masculinidades por meio de lentes que não ofereçam o risco de pacificação do tema. Para Segato, a masculinidade é um tipo de mandato, que deve ser mantida como um título, um tipo de *status* que requer comprovações constantes e que são legitimadas entre os pares que compõem a corporação masculina. Se masculinidade é entendida pela autora como sinônimo de potência que precisa ser exibida e demonstrada, esse mandato se nutre a partir da cobrança de tributos do feminino e de controle desses corpos. Dessa maneira, a desigualdade é condição de existência do sistema de gênero patriarcal.

Acessar esses nós de sentido na dimensão das matrizes de poder implica não ser possível compreender as projeções contemporâneas de masculinidades somente a partir das enunciações dos homens. Perceber como essas se constituem na relação com as mulheres também se fez essencial. Por isso, nosso *corpus* também convoca nuances de experiências femininas, que permitem ver as pertinências e impertinências daquilo que os homens oferecem como sentido de si em redes textuais, além da profundidade das mudanças quando essas são observadas do prisma coletivo. Junto a isso, nossa decisão de partir de referências teóricas vinculadas aos estudos feministas, ou mesmo a qualidade da mirada lançada sobre os objetos de estudo, visa assegurar que as masculinidades e suas percepções endógenas, em âmbito individual ou coletivo, não limitem nossas reflexões. Para tanto, partimos do pressuposto da interação e escuta ativa do que tem sido indicado pelas mulheres, não perdendo de vista o compromisso de revisão crítica do masculino. Dessa forma, se faz possível propor uma mirada mais expandida, que não se centre exclusivamente no que pode significar a experiência de ser homem, ou em suas enunciações identitárias. Para tanto, nos parece interessante considerar os sentidos e sustentações/rupturas estruturais que esses projetos de masculinidades engendram quando postos em relação. Isso porque, se quando tomadas pela perspectiva exclusiva dos homens, o que anunciam como transformação parece ter um efeito positivo ou empático sobre a necessária redistribuição de poder e privilégios, quando postas em relação à configuração social do feminino, suas fraturas e incoerências aparecem. Assim, entendemos a necessidade de propor eixos reflexivos capazes de fazer ver as dinâmicas de poder em funcionamento, acessando aspectos desses supostos masculinos transformados e seus movimentos de sustentação de estruturas de privilégio antigas. São eles: as possibilidades de decisão sobre o uso do tempo, autonomia financeira e a autonomia sobre o próprio corpo e integridade física por parte das mulheres.

Como caminho possível, ao invés de manipular o que entendemos por *corpus*, pareceu mais interessante sermos conduzidas pelas relações estabelecidas pelas enunciações desses sujeitos de estudo. Longe de afirmar qualquer essencialização de tais relações, em um entendimento da pesquisadora como alguém distanciada dos sujeitos de investigação, mas, sendo os estudos de gênero e as realidades empíricas que os constituem um tipo de magma em erupção, nos fundir e seguir os movimentos conectivos que se conformam nessa relação *corpus*-pesquisadora de forma singular, pareceu mais promissor. O que queremos dizer é que não pretendemos, aqui, constituir nada que se aproxime dos universais de masculinidades historicamente criticados pelos estudos feministas. Nos interessa perceber os sentidos

recorrentes que parecem configurar formas contemporâneas de ser homem, que não se dão da mesma maneira e sob as mesmas condições para diferentes indivíduos, mas, sob a ótica da interseccionalidade, apontam para recorrências, silenciamentos, incoerências, contradições, reafirmações e sofisticções dos modos de vivenciar as masculinidades.

Quando pensamos na diversidade imensurável das maneiras de ser homem no mundo na nossa tentativa de, pela linguagem, tentar compreender tais sentidos que configuram projetos de masculinidades, é importante considerar os riscos e limitações deste movimento. A infinita (e inútil) tarefa de listagem das masculinidades contemporâneas configuraria na tentativa do impossível: dar ordem ao caos por meio de enumerações e categorizações de um sem número de enunciações de gênero, já que se somos quase 8 bilhões de pessoas no mundo, somos quase 8 bilhões de maneiras singulares de enunciação de gênero. Não queremos dizer que a solução ideal passaria por descartar qualquer tipo de classificação. Trata-se de compreender que toda classificação é arbitrária e conjectural, embora viabilize a construção do pensamento humano. O que não podemos perder de vista é o caráter provisório desses esquemas, que aparecem como caminhos viáveis de organização e condução reflexiva na nossa desafiadora tentativa de propor leituras possíveis para limitadas parcelas das coisas do mundo.

Tendo em vista esse contexto, percebemos que um dos desafios que nos toca passa por escapar de constatações óbvias e engessadas, na tentativa de perceber a vivacidade do contexto social que nos propomos a observar. Nesse caminho, notamos que as propostas de masculinidades contemporâneas (que operam na lógica heteronormativa) observadas podem ser organizadas ao redor de dois movimentos: o primeiro deles diz de tentativas de negação daquilo que vinha configurando o que era, socialmente, partilhado como modelo normativo tradicional de masculino, com especial atenção para a constelação de valores e comportamentos, que configuram o que chamamos de virilidade e que vem sendo questionado pelos movimentos feministas. Já o segundo, diz de movimentos de afirmação dessa masculinidade, que aqui é invariavelmente observada a partir das lentes das relações de poder, em uma espécie de resistência às conquistas das mulheres e às conseqüentes mudanças propostas.

Aprendendo com a vivacidade dessa rede textual, percebemos as limitações de agrupar essas enunciações de masculinidades no entorno de uma ou de outra categoria, sob o risco de não apreender a complexidade desses textos, que negociam com um e outro sentido em diferentes medidas e contextos. Por isso, levando em consideração que as propostas de masculinidades reivindicadas como transformadas só têm sentido em sua relação com o que se considera como parâmetros da masculinidade normativa tradicional, nossa coleta não se

restringiu às enunciações de formas de ser homem que se pretendem outras, convocando também materialidades que dão a ver práticas e sentidos das referências tradicionais de virilidade, essenciais para compreender as tensões simbólicas que compõem as dinâmicas contemporâneas de gênero.

Nesse propósito, iniciamos esta pesquisa com o capítulo metodológico, no qual estão contidos o *corpus* de pesquisa e os processos de coleta, as ressalvas e limitações que julgamos importante indicar de antemão e as lentes de análise acionadas para articular as referências teóricas e o *corpus* nos capítulos seguintes. São elas: gênero como textualidade, mandato de masculinidade, próteses e tecnologias de gênero. Como nossa relação com o *corpus* se estabeleceu a partir do compromisso em não estabelecer prescrições metodológicas de antemão e, a partir delas, encontrar empirias que se encaixassem no que foi dado, optamos pela escrita ensaística. De maneira que, tendo em vista a vivacidade e os riscos apresentados por essas enunciações postas em ação, fomos ao longo do caminho percebendo o que se fazia necessário convocar, nas tentativas de compreensão dessa extensa narrativa sobre o masculino. Assim, desde o capítulo metodológico, convocamos enunciações que compõem a coleta em costuras constantes de referências e reflexões teóricas com as parcelas do mundo que as inspiram no âmbito desta investigação.

Dedicamos o primeiro ensaio (que corresponde ao terceiro capítulo) à discussão sobre o que entendemos como textualidades e como essas lentes de análise nos auxiliam na compreensão dos gêneros como rede simbólica. Assim, se fez importante refletir sobre a dimensão textual das masculinidades, seu caráter discursivo, bem como o universo simbólico que torna possível tais construções e fluxos de sentido. Nessa proposta, ao assumir as masculinidades como redes textuais compostas por elementos heterogêneos, reconhecemos o caráter comunicativo não só do corpo como matéria orgânica significada, mas de toda a teia de artefatos, materiais ou imateriais, que se mostram essenciais nos projetos de ser homem postos em jogo. É neste ensaio que acionamos o conceito de mandato de masculinidade de Segato (2018), estabelecendo as lentes de análises consideradas para observar as empirias que compõem nosso *corpus*. De maneira que fica pressuposta as desigualdades de poder como condição de existência do sistema patriarcal heteronormativo, que organiza as enunciações e possibilidades de agência de homens e mulheres. Aqui, interessa apontar também para as masculinidades como uma espécie de título que precisa ser ostentado e que só pode ser legitimado entre pares.

O segundo ensaio (quarto capítulo) foi desenvolvido no intuito de proporcionar bases sólidas para a tese no que se refere ao entendimento que temos por gênero e sua relação com as noções de tecnologia, compondo corporeidades como corpos em processo que agem no universo simbólico. Nesta etapa, nos dedicamos também à discussão sobre as próteses de gênero, expandindo sua concepção para a dimensão metafórica, de modo que fosse possível compreender os gêneros para além dos limites da pele, a partir de interfaces com artefatos de múltiplas naturezas, mas que, em diálogo, compõem os projetos de sentido e de poder do ser homem. Ao mesmo tempo em que as próteses podem representar ferramentas de subversão das normas de gênero, operam também na manutenção de lugares de privilégio. Por isso, nos pareceu relevante refletir sobre as possibilidades de decisão quanto à constituição da própria textualidade disponível aos homens, considerando os constrangimentos e opressões interseccionais de gênero, classe e raça, que operam na direção de tentativas de estabilização das posições das corporalidades no mundo.

Por último, no terceiro ensaio (quinto capítulo), com interesse em observar como (e se) as enunciações das transformações nas masculinidades ultrapassam a dimensão identitária, buscamos entender como essas supostas mudanças operam quando postas em relação à realidade de opressão e limitação das possibilidades de agência características das experiências das mulheres. A partir do entendimento de que considerar somente as enunciações dos homens, sem observar as fricções resultantes de suas trocas com as mulheres, constituiria em observar parcelas muito limitadas da realidade, entendemos a necessidade de expandir nosso campo de observação, considerando pautas feministas que denunciam as engrenagens de poder. Logo, nos interessa compreender em que medida as supostas transformações nas formas de viver as masculinidades podem, de fato, indicar alterações nas estruturas de poder. Para isso, tecemos nossa reflexão a partir de dimensões que entendemos como vigas das estruturas de poder do sistema heteronormativo de gênero que, na superfície, podem parecer pouco relacionadas com os temas das masculinidades. Mas, sendo tais enunciações de masculinidades centradas também em reivindicações de si como agentes importantes de alteração das desigualdades de gênero características do sistema patriarcal heteronormativo, questionamos as profundidades dessas transformações e como elas podem modificar as opressões que pesam sobre as mulheres. Algumas dessas vigas passam, por exemplo, pela divisão sexual do trabalho e das tarefas de cuidado, elementos estruturais para a limitação do tempo livre disponível às mulheres; das pressões de instituições como o casamento e a maternidade, limitando as decisões autônomas das mulheres sobre a própria trajetória; as possibilidades reais de autonomia financeira como

ferramentas de agência e as desigualdades no mundo do trabalho; a autonomia sobre o próprio corpo e integridade física, que passa por questões como sexualidade, autonomia reprodutiva, riscos de violências e padrões estéticos, como elementos de redução da possibilidade real de decisões das mulheres sobre a própria vida. Para finalizar, refletimos também sobre os processos de comoditização das enunciações identitárias de gênero, apagando a historicidade e a politicidade das questões de gênero, de maneira a transformar pautas importantes para a redistribuição de poder e privilégios em questões de *lifestyle*.

## 2. MASCULINIDADES EM TRÂNSITO? NOTAS METODOLÓGICAS E ROTA DE PESQUISA

Paternidade ativa. Sagrado masculino. Homão da porra. Dono de casa. Homens desconstruídos. Homens sensíveis. Todos esses termos (e tantos outros) compõem um vocabulário que tem em comum a tentativa de adjetivar formas contemporâneas de experiência das masculinidades. Ainda que muitos dos valores tradicionais do masculino persistam no decorrer de séculos, observamos nas últimas décadas a emergência substancial de enunciações identitárias de masculinidades que se baseiam, principalmente, em propostas de oposição simbólica às referências tradicionais e historicamente vinculadas a padrões normativos. Não por coincidência, tal manifestação é contemporânea (e consequente) do fortalecimento e da ampliação dos movimentos feministas, que, há mais de um século, têm se organizado e combatido incansavelmente valores e comportamentos devedores do sistema patriarcal.

Entendemos as relações de gênero como uma teia simbólica expandida, em que diferentes nós concentram conjuntos de enunciações que são postas em diálogo com os demais elementos que a compõem. Nesse caminho, não se pode negar que, para além de construções propositivas de sentido, tais projetos de transformação de masculinidades parecem ser respostas individuais e coletivas de homens que se sentem desconfortáveis com a imagem que veem refletida no espelho descortinado pelo movimento feminista. Violentos, pais ausentes, abusivos, omissos com as tarefas domésticas, afetivamente irresponsáveis e egoístas são alguns dos adjetivos que muitos deles tentam se desvencilhar. Nesse caminho, surgem incontáveis páginas em redes sociais, grupos de homens, canais no *YouTube*, pesquisas, livros, notícias, peças de teatro, produções audiovisuais, dentre outras diversas materialidades midiáticas, compostas por narrativas masculinas, que se propõem como ruptura em relação ao conjunto de sentidos e valores que, recorrentemente, caracterizam esse referencial tradicional de masculino. Assim, vemos emergir enunciações de projetos de masculinidades renovadas que se organizam tendo diferentes temas como eixo, como paternidade ativa, vivências afetivas, espiritualidade masculina (em especial o sagrado masculino), sexualidades fluidas, liberdade emocional, atravessamentos interseccionais raciais e de classe, dentre outras referências. Não quer dizer que cada sujeito tenha aderido um único tema como bandeira. Eles parecem se atravessar e se complementar em muitos discursos: paternidades negras, espiritualidade e vivências afetivas entre homens, vivências afetivas e paternidades, etc. Mas, nas mídias, percebe-se a



predominância de um (ou alguns temas) como indexadores das enunciações, que nos auxiliam a perseguir a constelação de sentidos que compõe o que é reivindicado como masculino.

Nos dedicamos a refletir sobre essas enunciações contemporâneas que reúnem narrativas sobre supostas experiências repaginadas das masculinidades, com o intuito de observar essas construções postas em relação com as estruturas de poder constituintes das projeções históricas de gênero, que normatizam o tecido social. A partir de uma diversidade imensurável das experiências de homens e mulheres no mundo, reconhecemos repetições de comportamentos, crenças e valores que fundamentam as construções de gênero em uma espécie de narrativa cultural extensa. São essas as construções simbólicas que normatizam os corpos determinados como masculinos a exercer papéis de liderança, autoridade moral e a desfrutar de um conjunto de privilégios sociais. O exercício secular das masculinidades prescreve, por exemplo, a importância das posses materiais e os sentidos de poder econômico consequentes dessas, a legitimidade do uso de violência nas mais diversas ações cotidianas, como linguagem e outros valores que se mantêm, na contemporaneidade, como indícios de que a experiência de ser homem é diretamente conectada com a possibilidade de exercício de poder. Não ser poderoso ou recusar o poder que lhe corresponde é assumido simbolicamente como não ser homem como se deveria ser. Isso não quer dizer que os homens sejam o poder, mas sim que são agentes de manutenção de certas relações que os privilegiam e que, como consequências aceitas e assumidas como naturais, gozem de prerrogativas nas mais diversas instâncias da vida. Mas, tendo em vista que o ideal de masculinidade inabalável é inatingível em sua completude, também é inegável o preço pago pelos homens na manutenção dos privilégios, como, por exemplo, a compulsoriedade da capacidade de prover, a aniquilação de alguns afetos e a limitação das noções de prazer.

Centrados principalmente nessas condições de vantagem, muitos homens têm se dedicado a incorporar o que chamam de masculinidades alternativas, mais maleáveis e digeríveis frente às demandas feministas por equidade. A pesquisa qualitativa produzida em 2015 pela ONU Mulheres para o filme *Precisamos falar com os homens? – Uma jornada pela igualdade de gênero*, indica sete gatilhos de desconstrução que sintetizam supostos pontos de virada para os homens que declaram o intuito de se desvincular dos moldes tradicionais de masculinidade. São eles: o afeto, a exposição ao sofrimento das mulheres com quem convivem, a paternidade, a espiritualidade, o acesso a espaços seguros de convívio entre homens, exaustão e infelicidade profissional e choques consequentes de crises, rupturas e sofrimento profundo causados pela tentativa de alcance dos padrões de masculinidade. Aqui, não compreendemos

tais pontos como gatilhos de transformação, embora reconheçamos que esses aspectos caracterizam eixos de enunciação recorrentes de formas atualizadas de ser homem. Por isso, no processo de coleta e organização do material que compõe nosso *corpus* de pesquisa, coincidimos com o estudo em muitas das categorias indexadoras das enunciações de masculinidades que se declaram renovadas (categorizações que serão apresentadas adiante), mas nos questionamos também sobre a profundidade das transformações proclamadas.

Nesse propósito, compreendemos os gêneros, por consequência as masculinidades, como construções socioculturais partilhadas que se organizam como textualidades encarnadas, ou seja, como conjuntos de sentidos que se constituem no corpo e para além dele, que se baseiam no estabelecimento de diferenças normativamente estabelecidas. Sendo o sistema de gêneros um tipo de estrutura de relações de poder, essas diferenças heteronormativas determinam o conjunto de privilégios e possibilidades de ação que as posições distintas organizam e oferecem. Ainda que precisem do corpo como matéria necessária para se produzirem enquanto homens, a dimensão orgânica não parece suficiente para encarnar um conjunto de prescrições e privilégios que lhes são atribuídos. Assim, além de uma série de tecnologias e próteses que produzem e modificam os corpos masculinos, um conjunto de artefatos físicos e simbólicos, mais ou menos acopláveis à matéria, se mostra essencial para que se faça possível se produzir como um emaranhado de sentidos legitimados como masculino e aptos a proporcionar certas posições de aceitação e privilégios sociais. Expandimos a noção de próteses, assumida em seu sentido metafórico, na tentativa de acessar e compreender esses corpos textualizados em suas propostas de sentido de masculino desconstruído. Essa discussão, bem como as noções de gênero que fundamentam nossa investigação e a compreensão dessas a partir de perspectivas de tecnologia, serão desenvolvidas com o devido cuidado no quarto capítulo.

Nesta etapa, nos dedicaremos a traçar os caminhos metodológicos que sustentam nosso trabalho, constituídos pelo percurso da investigação realizada, processo de coleta e organização do *corpus* de pesquisa, bem como as lentes de análise que operacionalizam as discussões propostas. Ou seja, nossa compreensão de notas metodológicas não se constitui como um roteiro rígido previamente estabelecido, que parte de movimentos teóricos e reflexivos estanques, para os quais se deve buscar materialidades exemplares no mundo empírico. Nosso processo segue o fluxo contrário. A partir da observação e coleta inicial de um *corpus* de investigação robusto, nos dedicamos a observar as dinâmicas e fluxos de sentido articulados por essas materialidades, para convocar ferramentas teóricas que possibilitassem compreender

as configurações simbólicas e arranjos de poder associados a tais projetos de masculinidades, em especial quando postos em relação às mulheres e às pessoas com enunciações de gênero dissidentes. Chamamos atenção para nosso compromisso inicial de não engessamento das empirias observadas por um gesto de pesquisa que tenta fazê-las caber nas caixas explicativas acionadas. Sendo o campo social e, conseqüentemente, as construções de gênero e processos relacionais em curso, vivos e dinâmicos, nos eximimos do compromisso de apreendê-los em sua completude. A partir do recorte temático aqui estabelecido, nos dedicamos à construção de propostas teóricas e reflexivas que nos possibilitem explicar parcelas da realidade configuradas pelos projetos de novas formas de ser homem. Mas, tampouco, acreditamos serem essas tentativas de explicações soluções definitivas para o assunto. Oferecemos um conjunto de reflexões e movimentos analíticos que procuram contribuir para os estudos de gênero e de masculinidades no Brasil pelo viés feminista.

A presente tese se localiza no campo de estudos da comunicação. Por isso, se faz importante localizar de que maneira abordamos as discussões sobre gênero, em especial as masculinidades, nessa perspectiva. Tal aproximação nos parece pertinente em pelo menos duas frentes. A primeira diz da qualidade das empirias que organizam nossa pesquisa, as materialidades midiáticas. Ou seja, buscamos acessar os sentidos partilhados pelas masculinidades principalmente a partir de enunciações midiáticas diversas. Mas, sobretudo, esta investigação faz sentido no campo da comunicação em função das lentes de análise que acionamos para pensar os gêneros: as textualidades. Aqui, pensamos a comunicação para além de sua condição de mídia e assumimos que o tecido social só pode ser alinhavado por um material simbólico que constitui o solo da cultura. Logo, refletir sobre as masculinidades parte da compreensão de como se corporifica o conjunto de sentidos que nos possibilita acessar aquilo que se constitui como ser homem em dado contexto social.

Assim, as lentes de análise das textualidades nos permitem pensar nos corpos e em todo aparato material e simbólico que delimita as posições sociais e os lugares de poder correspondentes que estruturam as ficções de gênero. Para nós, os gêneros podem ser apreendidos como redes textuais, uma vez ampliadas as noções de texto, superando qualquer filiação verbal e levando em consideração sua dimensão viva e processual. As textualidades são acionadas na condição de operador analítico, possibilitando a compreensão de como os gêneros se constituem simbolicamente a partir da articulação de elementos diversos e heterogêneos. Para tanto, nos dedicaremos a seguir ao relato do trajeto percorrido, composto de movimentos diversos de aproximação e estranhamento com múltiplas enunciações de masculinidades.

## 2.1 Rastilho de pólvora: sobre o *corpus* da pesquisa

O interesse pelas narrativas sobre masculinidades transformadas surgiu a partir do contato com a revista masculina *Men's Health*. Desde o mestrado, iniciado em 2015, nossa trajetória se configura conectada com os estudos de gênero. Em função desse interesse, neste mesmo ano, pela primeira vez, pareceu importante folhear a revista *Men's Health*, autointitulada de *o templo do novo homem*. Diferente de outras revistas masculinas tradicionais, como a *Playboy*, *VIP*, que, salvo raras edições especiais, trazem mulheres nuas ou em poses sensuais nas capas, a *Men's Health* propunha diferenciar-se por focar em temas de interesse dos homens contemporâneos urbanos, como o cuidado com a saúde, aparência, alimentação, relações de trabalho e, invariavelmente, as relações com mulheres.

Ainda que novas práticas e comportamentos estivessem sendo legitimadas aos homens, a heterossexualidade, no entanto, parecia ser fundamental para assegurar que, mesmo mais fluida, elementos essenciais da masculinidade não fossem fragilizados, de maneira que a convocação de mulheres pelas narrativas se mostrou estruturante. A *Men's Health* surgiu nos Estados Unidos, em 1987. Presente em solo brasileiro desde 2006, a última edição a circular no país foi às bancas em dezembro de 2015. Na seção *Carta do editor*, a publicação se definia como uma das revistas mais vendidas do segmento masculino no Brasil, ficando atrás apenas da *Playboy*. Seu projeto editorial era direcionado a homens heterossexuais, jovens adultos, das classes A e B, moradores de grandes metrópoles, com estilo de vida urbano, solteiros ou recém-casados.

A revista foi tomada como o passo inicial de coleta do *corpus* por abordar a projeção do masculino em um discurso de renovação que permite ver inúmeras contradições. Nas novas masculinidades da *Men's Health*, aos homens são permitidos práticas e comportamentos historicamente vinculados ao feminino, como cuidados com o corpo, pele e cabelos, habilidades na cozinha e alguns cuidados com a casa. Mas, ao mesmo tempo, essas ações não se dão em condições similares às mulheres, pautadas na cultura do cuidado. Tampouco significam reordenações da divisão sexual do trabalho. Pelo contrário, tais condutas são colocadas como legítimas na condição de uma espécie de suavização das masculinidades, que se justificam na conquista e manutenção de relações heterossexuais. É dizer, chamadas como "Saiba arrumar uma mesa e trace aquela gata sensacional no primeiro encontro" (*Men's Health*, 2015, ed. p.112) são frequentes. Ser um homem mais palatável é posto como condição para a conquista do maior número possível de mulheres. Nas páginas da publicação, a heterossexualidade seguia como

tentativa de normatização e organização de qualquer dinâmica que passasse pelas identidades de gênero e sexualidade.

O que parecia um posicionamento diferente, a ponto de, por mais de uma década, se intitular de *templo do novo homem*, passou a ser cada vez mais recorrente, em especial nos últimos dez anos, período em que foi possível observar uma explosão de páginas em redes sociais, canais de *YouTube*, livros e diversas outras narrativas sobre formas contemporâneas de viver e enunciar as masculinidades, que se baseavam em diferentes oposições aos modelos tradicionais do ser homem. Sejam em textualidades que se organizavam na órbita de modelos mais afetivos e participativos de paternidade, seja conectado com um projeto espiritual em busca do masculino sagrado ou nas lutas identitárias a partir das interseccionalidades das masculinidades com diferentes dimensões, como raça, classe e sexualidade, as enunciações de novas formas de ser homem parecem dizer mais sobre projeções nas quais esses homens não se reconhecem (ou com as quais desejam romper), do que, essencialmente, em uma construção propositiva de algo nunca visto.

Quando observada em perspectiva com o contexto emergente de enunciações de novos homens, mesmo que se diferencie de outras revistas masculinas, a *Men's Health* produz um discurso ainda muito vinculado a um referencial de macheza conservador, no que propõe como renovação, tendo em vista que as alterações que podiam parecer significativas nas décadas de 1980 e 1990 passaram a ser incorporadas com mais organicidade nas últimas três décadas. Dessa forma, percebemos ser mais interessante ampliar o *corpus*, no intuito de perceber atualizações desse discurso, bem como nuances outras não apreendidas no contato com a *Men's Health*, mas acessíveis quando nos abrimos para a efervescência da trama narrativa que configura o social. Para tanto, optamos por observar a rede expandida de enunciações sobre as mudanças proclamadas pelos homens, possibilitando acessar a complexidade implicada nas perspectivas relacionais de poder. Ressaltamos, porém, que, ainda que ponto de partida, a materialidade que despertou tais reflexões sobre o tema, a *Men's Health*, não representa para a pesquisa maior relevância que as demais materialidades textuais, assim como não é assumida como um parâmetro no sentido de movimentos de comparação entre as mesmas e as outras textualidades.

Partimos, então, da consideração da volubilidade e das impertinências que compõem as masculinidades como rede de identidades, gramática de afetos, comportamentos e corporalidades, na tentativa de perceber o que é reivindicado como novo nas enunciações atuais de modos de ser homem, e mais, em que medida tais mudanças renovam ou transformam as

estruturas de poder. Por meio de conexões intertextuais, percorremos rastros de enunciações atuais de experiências do masculino. Como define Resende (2015), o processo pode ser entendido como uma garimpagem de referências de masculinidades contemporâneas brasileiras. Trata-se de uma forma de imersão em um lamaçal de referências possíveis, na tentativa de perseguir um rastro de pólvora que opera incendiando uma trilha de referências, que dizem dos cruzamentos e contradições de narrativas múltiplas sobre as masculinidades. Assim, a revista *Men's Health* é tomada como o fósforo que acende a trilha, nos conduzindo a caminhos diversos e, muitas vezes, imprevisíveis. Sujeitos ao vento e ao apagamento de elementos que escapam do rastilho principal de referências, a metodologia não parte de um caminho previamente definido, mas sim do que se configurava como conexão de sentido quando por nós observado, ou seja, o caminho se fez na lida com os sujeitos de estudo.

Ao lidar com diferentes materialidades que permitem ver diversas articulações textuais de masculinidades, nos deparamos com uma infinidade de empirias que, se por um lado dão a ver a diversidade e a complexidade do que chamamos masculinidades, por outro, se mostra um desafio como movimento metodológico de pesquisa. A coleta inicial foi organizada a partir de movimentos de busca ativa e de busca orgânica dessa diversidade de materialidades, observando quais sentidos de masculinidades vêm emergindo nos discursos de gênero que atravessam a vida, considerando tanto os encontros orgânicos, com enunciações de maneiras de ser homem no uso cotidiano das redes sociais, leitura de portais de notícia, jornais, revistas, visitas a livrarias e espaços culturais, bem como a busca ativa por termos com os quais nos deparemos nessa caminhada, como paternidades ativas, sagrado masculino, masculinidade afetiva, dentre uma infinidade. Assim, essas materialidades iam sendo listadas e categorizadas, de maneira que fosse possível observar os eixos de sentido mais frequentes para organizá-las, na tentativa de estabelecer algum grau de coerência que possibilitasse reconhecer recorrências e ausências. Tendo os padrões de sentido organizados, buscamos por enunciações de masculinidades diversas relacionadas a esses, para que pudéssemos lidar com um certo equilíbrio quantitativo de textualidades relacionadas a cada eixo de sentido.

Essa etapa foi importante como um movimento inicial por meio do qual esse conjunto de textos possibilitou ver quais elementos simbólicos têm organizado propostas de sentido de formas de ser homem. Nesse caminho, ao mesmo tempo em que observávamos o crescente número de enunciações de masculinidades que se pretendem transformadas, era possível ver também o fortalecimento de processos de legitimação de enunciações tradicionais e conservadores de masculinidades. Essa constatação era consonante com o momento político do

Brasil durante a realização da coleta, em que vivíamos a guinada da ultradireita nos espaços políticos formais, com destaque para a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência. Pautada em discursos misóginos e discriminatórios de diversos tipos de minorias, sua campanha e seu mandato se consolidaram na exaltação do conservadorismo em suas diversas camadas, enaltecendo construções seculares de machezas, como a celebração da virilidade em formas de reafirmação do “homem de verdade”, que se estabelece em noções de força, violência e perseguição a todas as formas de existência que se contrapõem a esse modelo. Ou seja, os quase 58 milhões de brasileiros que elegeram Bolsonaro, se reconhecem nesses valores em alguma medida.

Assim, se as dinâmicas de vida e os processos sociais e políticos em curso não proporcionam nenhum tipo de estabilidade nesse recorte empírico, optamos por realizar dois movimentos distintos para levantar e organizar o *corpus* de pesquisa. O primeiro, que se refere ao movimento inicial de identificação e leitura das enunciações contemporâneas de masculinidades, consistiu na observação de como emergiam 255 textos que formam essa extensa rede textual das masculinidades contemporâneas. Tais materialidades foram organizadas a partir de eixos de sentido (descritas a seguir), dispostas em tabelas temáticas, com título, breve descrição da enunciação e *link* de acesso, para as enunciações disponíveis *online* (anexo 1). O segundo movimento, realizado depois da primeira coleta e organização das materialidades de enunciações sobre masculinidades, consistiu em convocar outras narrativas surgidas *a posteriori* que inspiravam a reflexão, muitas vezes demandando atualizações das referências teóricas e movimentos analíticos; e buscas ativas de outras materialidades enunciativas que auxiliassem na compreensão e explicação das dinâmicas de gênero por nós observadas. As materialidades coletadas posteriormente ao primeiro mapeamento não constam nos quadros das categorias iniciais, mas estão devidamente referenciadas, à medida que aparecem na pesquisa. A seguir, trataremos do primeiro passo do percurso de coleta.

### **2.1.1 Garimpando masculinidades: coleta inicial e indexação de narrativas de formas de ser homem contemporâneas**

Lidar com um lamaçal de referências não é tarefa fácil. Ainda que os sentidos apreendidos sejam legitimados e partilhados pelo social, o esforço de compreensão de como essa rede se forma, quais elementos e construções simbólicas se mostram relevantes, demandou

que estabelecêssemos algumas estruturas de organização das empirias coletadas. Com isso, se fez possível conceber os parâmetros de análise que sustentam a investigação. Essa etapa da coleta, totalizada em 255 materialidades enunciativas, aconteceu em duas etapas distintas, descritas a seguir. Em um primeiro momento, ao invés de estabelecer categorias prévias e buscar empirias que correspondessem a elas, optamos por iniciar o levantamento em um movimento intertextual, a partir do qual foram apreendidas 120 materialidades textuais dos mais diversos tipos, como páginas em redes sociais, peças de teatro, notícias, canais no *YouTube*, programas de televisão, filmes e músicas.

A partir desse corpo de textos, observamos as recorrências e ausências que nos possibilitaram identificar oito eixos temáticos em torno dos quais se organizavam a maior parte das enunciações, com as quais nos deparamos. Não queremos dizer que essas masculinidades se constituam exclusivamente centradas nos temas percebidos, mas que eles parecem estruturantes e que, muitas vezes, se atravessam, como é o caso de homens negros e pais que enunciam as especificidades de suas realidades, como, por exemplo, o rapper Timm Arif, um dos homens entrevistados no documentário *O Silêncio dos Homens*, que relata se preparar para o momento em que seu filho sofrer o primeiro “enquadro” da polícia, o que diz ser inevitável para adolescentes negros.

Nesse momento, percebemos também que como essas enunciações se organizam como outras do referencial tradicional normativo de masculinidades, seria importante considerar também narrativas contemporâneas de formas de ser homem que reafirmavam, em maior ou menor grau, o ideal secular de macheza. Essas materialidades foram essenciais para entender as supostas dinâmicas de manutenção e ruptura anunciadas, reconhecendo as permanências e impermanências das masculinidades em seus atravessamentos com as relações de poder. Assim, narrativas de masculinidades normativas tradicionais, muitas delas conservadoras, passaram a compor o *corpus* e a articular movimentos de análise.

As categorias estabelecidas nesta etapa são: *espiritualidade, paternidade, sexualidade/relação com mulheres, interseccionalidade, corporeidade, afetos, trabalho/trabalho doméstico e virilidade*. É importante explicitar que essas categorias foram estabelecidas para organizar o *corpus* em um movimento inicial de compreensão de eixos de sentido recorrentes, mas elas não pautam as análises, que resultam de outros movimentos metodológicos descritas no decorrer do capítulo. Muitas das materialidades que mobilizaram os movimentos analíticos são parte dessa coleta inicial, complementadas por outras enunciações acionadas no decorrer da pesquisa. Na primeira fase da coleta, percebemos que a maioria das



narrativas sobre experiências contemporâneas de ser homem, em especial aquelas que se enunciam no movimento de ruptura com o tradicional previamente indicado, se organizava a partir desses temas centrais que adotamos como categorias. Algumas enunciações nos deixaram indecisa, pois pareciam indexáveis por diferentes temas. É o caso, por exemplo, das narrativas de si do modelo e apresentador Rodrigo Hilbert. Conhecido como *Homão da porra*, ele parece sintetizar o que é partilhado como masculinidade repaginada no imaginário social. Apesar de declarar, com frequência, não se reconhecer como homem especial, colhe diariamente, inclusive profissionalmente, os benefícios do prestígio que lhe é atribuído por comandar um programa de culinária, aparecer fazendo tricô na televisão, se mostrar um pai presente, marido afetivo e participativo na vida doméstica (construiu o berço da filha, uma casa na árvore para os filhos, cozinha para a família, etc). Dessa forma, a paternidade, a relação com a esposa, as habilidades e disposição para as tarefas domésticas, o padrão estético e os hábitos que parecem romper com o ideal de virilidade possibilitariam que sua enunciação de masculinidade fosse localizada em pelo menos sete entre as oito categorias. Sendo a arbitrariedade da categorização algo impossível de se desvencilhar, optamos por localizá-lo na categoria dos afetos (descrita com mais cuidado adiante), já que relata ter sido a partir de relações cuidadosas e afetuosas nas quais cresceu, criado quase que exclusivamente por mulheres, que construiu tal repertório de afetos e cuidados que o fazem ser quem é. Convocamos tal exemplo para que ficasse explícito como o manuseio do *corpus* se deu.

Em um segundo momento, percebemos a necessidade de estabelecer arbitrariamente uma quantidade de referência para cada categoria, na tentativa de alcançar um panorama mínimo de entendimento dessas redes de sentido: média de 30 enunciações por tema. Somando o total de 255 materiais coletados, operamos a partir de buscas direcionadas pelas categorias. É claro que um número de referências não foi capaz de garantir qualquer tipo de equilíbrio nesses nós de sentidos. Além das condições de enunciação serem diferentes, e algumas vezes ressoarem mais que outras, parece haver também uma espécie de tendência para as enunciações coletivas de identidade. No momento da coleta ressaltamos, por exemplo, os grupos de sagrado masculino, os coletivos que discutem masculinidades negras e as reivindicações de paternidades afetivas como os temas mais cotados. É claro que as demais enunciações também são relevantes, inclusive na ausência, já que essas permitem compreender quais são as lacunas relacionadas também às disputas de poder entre homens e mulheres e entre eles em seus pares.

Um exemplo possível corresponde ao canal de Leo Hwan, no *Youtube*, descendente de taiwaneses. Ele dedica dois vídeos para falar sobre masculinidades asiáticas, sendo um deles

em diálogo com Jones, criador do canal *Família Quilombo* (no qual, junto da família, fala de questões raciais), sobre suas distintas experiências como “outro” em relação à masculinidade branca, que se propõe como universal. E o segundo, consiste em um diálogo com Enlai Cheng, filho de um homem taiwanês e uma mulher cearense, nascido em Fortaleza, que relata os desafios de ter traços físicos orientais, sotaque de Fortaleza e viver em São Paulo. Em uma de suas falas, afirma que para os paulistanos, o Ceará parece mais distante que Taiwan, no que se refere ao reconhecimento e respeito das identidades. Ainda que o diálogo seja de extrema importância para ampliar nossa discussão sobre as masculinidades racializadas e territorializadas, ressaltamos a dificuldade de encontrar outras materialidades como essas nos mais diversos dispositivos.

Diferente disso, muitas enunciações de masculinidades negras são facilmente encontradas, aparecem conectadas de diversas formas: vão desde indicação e citação de outras publicações nas enunciações trabalhadas a sugestões pelos algoritmos que elencam outras publicações, a partir do que se visualiza. O que apontamos é que, ainda que o Brasil seja um país com expressiva população negra, população para quem o estado e a sociedade devem sérias reparações históricas, os homens negros não são as únicas experiências racializadas do país. Mesmo que os parâmetros de referências sejam variados, é possível pensar em enunciações outras, como as masculinidades asiáticas, indígenas, a construção do macho latino, dentre muitas possíveis. Tais cenários parecem estar relacionados não apenas com o contexto histórico do Brasil, que conforma os arranjos sociais em que nos inserimos, mas também a outros aspectos como articulação política e social, diferentes lugares de opressão, possibilidades de fala e domínio das linguagens conformadoras das posições de privilégio a serem combatidas (que, nesse caso, vão desde o domínio da língua portuguesa até o acesso e letramento tecnológico).

Como o exemplo acima corresponde à coleta categorizada como *interseccionalidade* (ver anexo 1), começaremos por descrevê-la. O termo é utilizado pelos estudos relacionados aos atravessamentos e sobreposições de dimensões e lugares de opressão, como é o caso do gênero, com classe, raça e origem geográfica, dentre outros âmbitos possíveis. Nesta categoria, procuramos reunir narrativas de masculinidades racializadas, marcadas pelos lugares de classe e de origem geográfica. Conforme acabamos de indicar, embora tal categoria seja ampla o suficiente para abarcar uma infinidade de experiências de masculino, percebemos que enunciações que se organizam ao redor dessas dimensões tendem ser recorrentes.

Sobre as questões de classe, destaca-se o movimento do funk ostentação, em que pessoas nascidas e criadas em periferias, como acesso limitado a recursos financeiros, cantem, frequentemente, sobre carros, dinheiro e posses em geral. Um exemplo é Mc Guimê, um dos principais nomes do funk ostentação paulista. Crescido em Osasco, o músico ficou famoso com *hits* como *Na pista eu arraso*, em que canta “dá licença suave, corrente, pulseira, dedeira mó chave. Já peguei as chaves da mansão do Guarujá”. Ou seja, sua construção como homem, seja nas letras das músicas que canta, no visual que adota ou nas fotos e vídeos que expõe em suas redes sociais, se organiza por meio do sucesso financeiro, não só a partir do momento em que alcançou reconhecimento profissional, mas desde que, adolescente, decidiu pela carreira no funk. Dessa maneira, o funk ostentação não é sobre possuir bens, mas também (e, talvez, principalmente), sobre um imaginário de ostentação que estabelece modos de experiência das masculinidades que, mesmo na pobreza, se afirma no ideal de posses. Carros, roupas de marca, cordões de ouro, casas e mesmo as mulheres bonitas aparecem como próteses que atestam a masculinidade dos sujeitos. No que se refere à raça, quando se trata da questão da negritude, as discussões apontam para lugares mais politizados. Racismo, violência e afeto entre homens como estratégia de luta são temas recorrentes.

Já na categoria *espiritualidade*, são articuladas narrativas múltiplas que se organizam ao redor de experiências religiosas, místicas e espirituais enunciadas pelos homens. Grupos de Sagrado Masculino se destacam pela recorrência e pela natureza do discurso que produzem. Os coletivos de Sagrado Masculino são inspirados no Sagrado Feminino, filosofia criada por grupos de mulheres, baseados em conhecimento ritualísticos e espirituais sobre o feminino. O movimento de mulheres é fundado a partir da construção e reconhecimento da força feminina, seus ciclos e capacidade de criação (gestação). O sagrado masculino surge no século XXI e reivindica, principalmente, a reunião das energias sagradas do feminino e do masculino que cada um teria dentro de si, em uma espécie de reconciliação com o feminino perdido, causa da maior parte dos problemas e dores que os homens estariam causando e enfrentando na contemporaneidade.

Atos violentos, dificuldade de demonstrar afeto (principalmente entre os próprios homens), endurecimento e ganância são algumas das consequências atribuídas à perda do feminino. Em discursos que oferecem sérios riscos de esvaziar a dimensão política das discussões de gênero, esses coletivos de homens afirmam promover a desconstrução e a propõem como a base de soluções efetivas para as questões de gênero, desconsiderando a complexidade e a diversidade das camadas de opressão. Curiosamente, a Igreja Universal do

Reino de Deus promove um programa de desenvolvimento de inteligência para homens, o *Intellimen*, que não se distancia muito do que é proposto pelo Sagrado Masculino. Disposto em 53 etapas, que devem ser realizadas semanalmente no decorrer de um ano, o programa desafia os homens a práticas como o cultivo de pensamentos positivos, a troca em coletivos de homens e o equilíbrio das emoções.

As *paternidades* também têm se configurado como reivindicações de modelos de masculino reinventados. Sob demandas de possibilidades de viver a relação com os filhos de maneira mais ativa, as enunciações dos pais se expandem para questões outras, como a relação que esses tiveram com seus próprios pais, afetos e gestão da vida cotidiana. À medida que a paternidade aparece como um dos lugares de ancoragem do que os homens propõem como reinvenção de si, nota-se também processos intensos de espetacularização dessas relações, não sendo raro que muitos deles se tornem pais profissionais. Canais no *Youtube*, perfis no *Instagram*, *podcasts*, palestras, parcerias publicitárias com marcas infantis são algumas recorrências monetizadas da constituição desses pais como homens. Em muitos desses canais, mesmo que permaneçam se relacionando com as mães das crianças, essas aparecem pouco e as questões referentes à divisão sexual do trabalho, à cultura do cuidado e à série infinita de culpas que recaem sobre as mães na lida com os filhos parecem não ser um problema. Nos interessou também observar algumas enunciações de mães que, em regra, operam em uma lógica diferente das enunciações de pais. Dois lugares, em especial, se destacaram. O primeiro deles diz de canais de mães solo que compartilham as angústias e desafios da maternidade, como é o caso da *Hel Mother*, ou as narrativas se constituem como prescrições pragmáticas de cuidados, tutoriais de organização de quarto de bebê e mala de maternidade. Enquanto isso, na condição de configuração recente, os homens parecem se promover mais por meio da roupagem da paternidade como identidade, ordenando seu projeto de masculino nesse eixo. O sentido de paternidade é acionado metaforicamente como prótese, configurando lugares sociais, ideais de respeitabilidade e até mesmo ganhos financeiros.

Ao abordar as *Corporeidades* que encarnam e produzem as projeções de gênero na dimensão física dos corpos, partimos do princípio de que o corpo se constitui em processo contínuo. Se trata de considerar o corpo significado e como lugar de produção de sentidos. Logo, observamos quais projeções de corpos alcançam lugares de privilégio no contexto social contemporâneo, quais cuidados são legitimados a tais projeções de masculinidade e como a diversidade aparece ou é invisibilizada. Se produzir a partir do corpo se constitui como a própria ação de se significar. Não queremos dizer aqui que uma modificação completa seja possível. É

preciso considerar a dimensão de materialidade corpórea, que é produzida como mais ou menos desejável a partir das ficções sociais que a atribui significações valoradas. O que quer dizer que corpos gordos, envelhecidos, racializados, ou que escapem dos padrões estabelecidos, são corporeidades condicionadas a convenções externas, que determinam lugares de poder e possibilidades de ação no tecido social, a partir de jogos simbólicos de privilégio.

Nossa opção passa não somente por levar os corpos em consideração em nossa compreensão de gênero, mas perceber de que maneira a produção física, simbólica e protética se mostra na superposição de camadas que determinam nossos entendimentos de masculinidades e feminilidades. Na coleta realizada, percebemos em comum a produção estética do corpo em maior ou menor grau. Seja por meio da expansão assustadora da quantidade de barbearias e marcas de cosméticos para barbas e cabelos masculinos, ou pelos sites, perfis e canais dedicados a prescrever dicas de moda, dietas, atividades físicas que proporcionam definição muscular de forma mais eficiente, bem como também estilos que marcam a contemporaneidade. Um exemplo possível são os homens que se identificam com a estética *lumpensexual*. Ao contrário dos lenhadores que inspiram as barbas enormes, camisas xadrez e botas, grande parte dos homens que se produzem a partir de tal referência estética é urbana e, possivelmente, não se identificam com os modos de vida fora das cidades. Outra tendência observada diz da forma física como resultado de determinado *lifestyle*. Corpos definidos não são uma novidade do século XXI, é bem verdade. Mas se dedicar em tempo integral às dietas alimentares, treinos, procedimentos estéticos e fazer disso um modo de vida, parece característico principalmente da segunda década do século XXI. O *Instagram*, como rede social de compartilhamento de imagens, se constitui como lugar por excelência de construções de narrativas visuais, centradas em estilos de vida esteticamente indefectíveis e monetizáveis de diferentes formas, como pelas postagens de publicidade para marcas de suplementos alimentares e cosméticos.

Já a questão dos *afetos* se apresenta como uma das mais complexas para se tratar e, talvez, por isso, tenha sido a última categoria estabelecida. Os afetos parecem construir problemas que atravessam todas as demais categorias, mas, ainda assim, nos pareceu importante tomar o cuidado de que esse aspecto não seja assumido como residual. Existem diferentes camadas para refletir sobre a questão quando vinculadas às masculinidades. A mais recorrentemente convocada pelos homens se relaciona com os preços pagos para se produzirem como masculinos, a partir de referenciais de virilidade. Uma das prescrições comuns passa pelo aniquilamento de alguns tipos de afeto, como demonstrações de amor entre homens, de

emoções que indiquem sensibilidade ou fraqueza. Parece existir uma conexão entre tais afetos e ausência de controle nesse imaginário de masculino. Outras emoções tradicionalmente desejáveis para projetos viris, como a raiva e suas demonstrações em rompantes de agressividade, também vêm sendo revistas nas narrativas que tratam de afetos. As masculinidades contemporâneas reivindicam o direito de serem afetivas nas vivências entre os pares, com filhos e consigo próprio. O que nos parece curioso é que uma das pautas sobre afeto mais tratadas nas conversações de grupos feministas, a questão da responsabilidade afetiva, quase não aparece nas enunciações masculinas. Um vídeo de Fred Elboni, escritor e *youtuber*, intitulado *Responsabilidade Afetiva*, é uma das únicas publicações sobre a temática a partir da perspectiva masculina. Esse desencontro nos chama atenção, à medida que nos interessa perceber de que maneira as narrativas que constituem as chamadas novas masculinidades dão a ver possíveis contradições.

*Sexualidade/relação com as mulheres* se constituiu como categoria à medida que possibilitou perceber algumas das nuances relacionais das masculinidades em interação com o feminino, principalmente indicando o que se mantém como estrutura. Nessa categoria, observamos casos de destaque midiático que permitem perceber como as ficções de gênero tem operado nas relações de poder, como é o caso da acusação de estupro feita por Najila Trindade contra o jogador de futebol Neymar. A mulher foi vítima de linchamento virtual, seu depoimento foi desqualificado por diferentes jornais e programas de televisão, e ela precisou mudar de estado na tentativa de reconstruir a vida após ser duplamente devastada. Sob a perspectiva da relação, é possível perceber diferentes lugares de legitimidade e possibilidades de ação quando postos em tensão uma mulher desconhecida do público e o jogador de futebol mais famoso do Brasil. Não se trata aqui de tecer juízos sobre qual seria a verdade, mas de perceber que, mesmo com fotos dos hematomas que comprovam a agressão, essa mulher não teria a menor possibilidade de fala. Mais uma vez, percebemos que se mudam as formas de falar de desejo e relações entre homens e mulheres, mas os lugares sociais que sustentam esses moldes se mantêm. Além disso, em tempos de *Youtube*, são vários os *coachs* de relacionamento que em alguns espaços, como o canal *AlphaLife*, de Matheus Copini, ensina técnicas para que os homens tenham relações sexuais com o maior número possível de mulheres, enquanto Diego Muda Vidas se declara *coach* de mulheres que desvenda o universo masculino e as auxilia a conquistar o homem dos sonhos.

Já a categoria *trabalho doméstico/trabalho* se mostra relevante principalmente no que tange às suas ausências. Diferente das paternidades, se enunciar como responsáveis e

participativos nos serviços domésticos não parece uma prática em alta conta na economia das masculinidades supostamente transformadas. O processo de coleta apresentou desafios, já que tais narrativas se encontram mais diluídas nos diferentes dispositivos. Essa dificuldade parece acontecer em função do baixo comprometimento e interesse dos homens em determinados aspectos dos papéis de gênero, sendo, na perspectiva de revisões de lugares de poder, dimensões como a divisão do trabalho doméstico, uma das mais relevantes. Não quer dizer que não existam homens realizando as tarefas domésticas, mas, pelo menos na economia das práticas e valores que podem significar uma proposta de sentido de si como homem de forma estratégica, esse não parece ser um ponto tão valorado quanto a paternidade ativa.

Materialidades como o canal do *Youtube* “*O Dono de Casa*”, de Duda Nagle, se dedicam a compartilhar supostas rotinas de cuidados diários de homens no espaço doméstico. Ressalta-se que essa categoria se apresenta como uma das mais difíceis de atingir o número médio proposto de 30 materialidades. Essa ausência também se mostra interessante quando as matrizes de poder e as possibilidades de alterá-las são assumidas como estrutura constitutiva da tese. Como apenas constatar o baixo valor da divisão do trabalho doméstico no agenciamento de formas contemporâneas de ser homem não amplia nossas reflexões de maneira considerável, optamos por expandir a categoria para *trabalho/trabalho doméstico*. A decisão pareceu viável à medida que o tempo dedicado ao trabalho doméstico, ao menos quando se trata de homens que vivem em companhia de mulheres, sejam elas companheiras, mães, irmãs ou outras relações de proximidade, pode indicar para o aumento de tempo livre para essas mulheres e, conseqüentemente, outras possibilidades como qualificação profissional, avanços na carreira ou mesmo melhoria da qualidade de vida em suas mais múltiplas formas.

Assim, nos interessa perceber de que maneira as materialidades que se centram em experiências masculinas no mercado de trabalho também podem nos ajudar a compreender o lugar ocupado pelo trabalho doméstico na proposição de sentidos de si como homens. O que queremos indicar é que, sob as lentes das próteses, desenvolvidas no capítulo 4, o trabalho doméstico não parece significar potência ou condições de vantagem da mesma maneira que as outras categorias-prótese citadas. Já o trabalho como fonte de sucesso financeiro e pessoal pode ser entendido como um dos valores de masculinidade que se mantém ao longo de séculos, mesmo que trocando de vestimenta e sendo ajustado aos contextos de cada época.

Algo parecido se passa também com a categoria da *virilidade*. À medida que percebemos que as reivindicações de novas masculinidades aparecem em movimentos frequentes de contraposição às masculinidades tradicionais, as quais se organizam

consistentemente no entorno da virilidade, pensar nessa categoria tanto no que diz respeito aos movimentos de negação quanto a onda conservadora que têm se articulado no Brasil e no Mundo, de forma individual e coletiva, também nos pareceu importante. Queremos dizer que é fundamental levar em consideração discursos diversos, seja em enunciações sobre a vida pessoal desses homens, seja em situações públicas extremas, como foi a eleição de Jair Bolsonaro, que organizou seu discurso ao redor de pautas extremamente conservadoras, com destaque para as questões de gênero, como união homoafetiva, criminalização da homofobia, educação de gênero nas escolas, diferença salarial entre mulheres e homens, dentre outras.

Ao mesmo tempo, iniciativas e coletivos diversos, como o *Ressignificando as Masculinidades*, coletivo de homens que se reúne para promover debates sobre comportamentos masculinos e formas de combate às desigualdades de gênero, declaram ter empreendido esforços para romper com a prisão da virilidade, se enunciando como comprometidas com maior equidade entre os gêneros que, como consequência, ofereceria maiores possibilidades de liberdade para os homens. Mas, mesmo que existam enunciações que nos pareçam mais conectadas com a virilidade como algo que se deve combater e que, portanto, foram por nós localizadas nesta categoria, todas as demais categorias se relacionam e são constituídas a partir de elementos e valores recorrentemente acionados como estruturantes do que se assume como viril. Assim, compreender o que se proclama novo também requer o entendimento do referencial com o qual se deseja romper.

### **2.1.2 Gênero como rede textual e configuração simbólica para além do corpo: lentes de análise sobre masculinidades e poder**

Esta tese se organiza em três ensaios, que abordam aspectos diferentes das configurações e relações de poder que atravessam as masculinidades, mas que juntos compõem um arco reflexivo com perspectivas complementares. O primeiro ensaio é dedicado à discussão das textualidades como textos em processo (Abril, 2007;2012), com teia composta por elementos de naturezas heterogêneas que ultrapassam a dimensão verbal. Assim, entendemos os gêneros como textos em processo no mundo, que estabelecem matrizes de significação para o que compreendemos como masculino e feminino, em um exercício crítico sobre a estrutura patriarcal. Entendemos que tais processo de significação não se sustentam apenas no corpo, mas em todo o conjunto de tecnologias, próteses e artefatos de sentidos, mais ou menos



materiais, em suas interfaces com a constituição somática. Nesse caminho, pensamos as performatividades de gênero (Butler, 2015) como atos interlocutivos, que só ganham vida nas trocas sociais. Mas compreender essa rede textual implica em acessar o universo simbólico que normatiza os projetos de inteligibilidade das formas de ser homem, que são consideradas por nós a partir do conceito de mandato de masculinidade (Segato, 2018), aqui acionado como operador analítico. Assim, assumimos as masculinidades como um tipo de mandato, que os homens precisam sustentar a partir de demonstrações e comprovações que só podem ser legitimadas por seus pares. Ao compreender os gêneros a partir da matriz patriarcal heteronormativa, partimos da constatação das desigualdades como condição das dinâmicas de poder que lhes são características. Logo, se as masculinidades implicam na manutenção de privilégios, esses só se fazem possíveis a partir da cobrança de tributos do feminino.

O segundo ensaio trata das discussões sobre as tecnologias e próteses de gênero que compõem o circuito simbólico das masculinidades. Nesse empreendimento analítico, não estamos subestimando o corpo, mas entendemos as noções de masculinidade em seus diferentes aspectos. Um corpo nunca é só um corpo. Como lugar de enunciação, trata-se sempre de corpos significados, inseridos em universos simbólicos, que, a partir dos distintos elementos que compõem suas redes textuais, ocupam diferentes posições nas hierarquias sociais. Logo, não existe um corpo como lugar inalterado. Nesse caminho, não nos limitamos a pensar nas tecnologias que, literalmente, atravessam e modificam a matéria corpórea, produzindo-a. Consideramos também todo o conjunto de artefatos materiais e simbólicos, mais ou menos acoplados à estrutura física da pessoa, que compõe projeções de sentido que vão condicionar a apreensão simbólica desse corpo. Queremos dizer que não há qualquer apreensão possível que não leve em consideração esse emaranhado de elementos significantes que envolvem um corpo. Nessa proposta, convocamos, como fundamento teórico, as discussões de Donna Haraway (2018) sobre o conceito de ciborgue para pensar nas masculinidades. Ou seja, pensamos os gêneros como híbridos de organismo e tecnologias. Nos é cara também as considerações de Preciado (2018) sobre as próteses de gênero, compreendidas como os artefatos que quando acoplados ao corpo, atuam nas produções de sentido desse em sua condição de corporeidade. Logo, pensar em corpos generificados significa compreender suas configurações simbólicas que atravessam os limites da pele, sendo produzidos não apenas por próteses materiais, mas também por articulações de sentido que são capazes de potencializar esse corpo como texto no mundo.

No terceiro ensaio, nos debruçamos sobre as transformações nas identidades masculinas reivindicadas pelos homens, enunciadas como movimentos de alteração das estruturas de gênero e suas dinâmicas de opressão. Questionamos em que medida tais enunciações podem ser, de fato, consideradas como construções reconfiguradas, diferentes das referências seculares de macheza e virilidade. Nesse sentido, conectados com as bases teóricas sob as quais nos pautamos, os estudos feministas, uma das chaves de compreensão para tais mudanças parecem estar nos indícios de transformação nas dinâmicas de poder que configuram as relações de gênero. O poder não é um bloco monolítico e homogêneo que se pode delimitar ou tocar. Como define Foucault (2014), o poder se configura como uma rede de relações heterogêneas, se materializando no entrecruzamento de diferentes processos e linhas de força, que se sobrepõem e se conformam mutuamente. Ou seja, não existe uma pessoa que pensou o poder, nem alguém que seja o poder. Ele se dá em feixes de relações, mais ou menos organizadas, entre elementos diversos como discursos, sujeitos, instituições e saberes. Para entender como funciona sua dinâmica, se faz necessário capturar seus indícios a partir de dinâmicas sociais, culturais e institucionais que permitem apreender processos de sujeição e privilégios.

Para observar como e em que medida as relações de gênero e as dinâmicas de poder que as correspondem são atravessadas pelas mudanças anunciadas por esses homens, definimos alguns nós de sentido que marcadamente permitem ver como se estabelecem os fluxos e disputas de poder, em especial no que toca aos lugares de manutenção e possíveis rupturas. Para isso, partimos da perspectiva relacional, não como encontro pacificado e harmonioso, mas como lugar de fricção e disputa entre masculinidades e feminilidades.<sup>1</sup> Portanto, estabelecemos como parâmetro de análise entender se, e como, essas ditas mudanças atravessam, de fato, as experiências de sujeição impostas às mulheres. Aqui, consideramos as seguintes categorias de análise: 1) tempo disponível às mulheres, 2) autonomia financeira, 3) autonomia sobre o próprio corpo e integridade física e psicológica. A primeira categoria se propõe a pensar a autonomia sobre o próprio tempo com elemento importante para reconfigurar as relações de poder a partir de duas chaves: a divisão sexual do trabalho e a responsabilidade principal ou exclusiva pelas atividades de cuidado. A segunda, consiste na autonomia financeira como possibilidade de autodefinição e de tomadas de decisão sobre a própria trajetória, associada ao tempo livre,

---

<sup>1</sup>Nesta pesquisa nos dedicamos essencialmente às lógicas, disputas e pressões heteronormativas. Reconhecemos a existência e a importância da diversidade de identidades de gênero dispostas no mundo, assim como de experiências de sexualidades. Mas entendemos também que tais temas são tão importantes e complexos, que demandariam movimentos teóricos e analíticos de outra ordem, sendo trabalhados com a devida atenção em trabalhos futuros.

diminuição das pressões de maternidade e casamento que pesam sobre as mulheres e diminuição de desigualdades na estrutura de trabalho e de salários. A última categoria trata da autonomia sobre o próprio corpo e integridade física e psicológica das mulheres, realizada por meio da discussão sobre aborto, sexualidade e direitos reprodutivos; violência de gênero; e padrões estéticos como controle político dos corpos femininos. Existem outros elementos que indicam para a real alteração das estruturas de poder relacionadas aos gêneros, como é o caso da legislação vigente e das estruturas públicas de acolhimento e combate à violência de gênero (como as delegacias da mulher e centros de acolhimento de mulheres), que não vão entrar como chaves de reflexão pela impossibilidade de percebê-las, a partir dos indícios narrativos acessados por meio da enunciação de si desses homens. Porém, tais dimensões aparecem constantemente em diálogo com as chaves de leitura estabelecidas.



GÊNERO COMO CORPOS NO MUNDO: REDES

TEXTUAIS DAS MASCULINIDADES COMO MANDATO

**ENSAIO 1**

### 3. TEXTUALIDADES: MASCULINIDADES COMO REDE DE SENTIDO

Para pensar nas masculinidades como textualidade se faz necessário começar por uma breve localização do que compreendemos por texto e, conseqüentemente, por textualidade. O primeiro movimento que fazemos se baseia no deslocamento de uma noção estável de texto para uma construção desse como processo, como algo que Leal define como “práticas sociais discursivas historicamente situadas” (2017, p.12). O que assumimos como texto extrapola a materialidade verbal, e assim como discutido por Abril (2007) diz de qualquer unidade de comunicação, a qual o autor atenta ser, geralmente, multisemiótica, e que tem como sustentação prática discursos inseridos em redes textuais, podendo ou não ser composto por elementos verbais, embora não possa ser identificado por essa dimensão de maneira estrita. Ou seja, os textos são espécies de teias, necessariamente provisórias, de relações de elementos e de natureza heterogênea.

Abril (2007) ressalta a relevância de não se limitar o texto a uma dimensão originária literária. Para ele, o sentido originário está vinculado às noções de tessitura e de tecido, o que permite entendê-lo como trama de qualidades visuais. Ao dessubstancializar o texto, constata-se que esse também se constitui no leitor, de maneira que sua tessitura é continuada por quem lê. Dessa forma, atenta-se não ser possível acessar um sentido de maneira direta em um determinado núcleo de significação, já que o movimento de produção de sentido também se consolida na experiência de interlocução a partir de suas possibilidades de coerência e temporalidade (ABRIL, 2012, p.16). Assim, o texto só adquire certa dimensão de objetividade no processo interpretativo, na experiência de que quem o apreende e de suas condições socioculturais.

A partir de tais considerações, partimos do pressuposto de que um texto não deve ser entendido somente como um tecido interno constituído por qualidades e acontecimentos semióticos, mas também como um momento parcial de um tecido mais complexo, que se faz reconhecível a partir de dimensões temporais, espaciais e culturais. Ou seja, o texto se dá a partir da pressuposição de redes textuais, nas quais esse se conecta com outros textos no estabelecimento de relações diversas, sejam elas individuais ou conjuntas. A vida dos textos se encontra vinculada ao que Abril (2012) nomeia de “intertextualidade generalizada” e a sua engrenagem se localiza na *práxis* sociodiscursiva. Ao considerar os textos como componentes do que chama de cultura visual, o autor assume a visualidade não como visão, mas como visão

socializada, de maneira que se estabelece a relação visual entre o sujeito em questão e o mundo por intermédio de um conjunto discursivo, de redes significantes, interesses, desejos e relações sociais. Assim, a maneira como o sujeito atribui significado aos textos está condicionada por seus conhecimentos e crenças, já que uma mente jamais comparece vazia frente a eles.

Por isso, ao assumir os textos como processos, acionamos o termo textualidades, que, como sinaliza Abril (2017), é capaz de indicar o deslocamento de qualquer substantividade de sentido textual, atribuindo a esse uma dimensão de qualidade, de maneira a se configurar como aberto e fluido, permeado por uma infinidade de sentidos. Para Leal (2017), as textualidades são definidas como processos comunicativos e pragmáticos, capazes de desestabilizar relações semânticas e temporais que, supostamente, definiriam os limites e contornos do texto. Assim, a textualidade “emerge em seu desenrolar, na multimodalidade e multidimensionalidade desse processo” (LEAL, 2017, p.29). Sob tal perspectiva, um texto não é um dado, mas uma emergência, e deve ser apreendido como uma prática comunicativa de caráter sociodiscursivo, situado historicamente.

Se todo texto é um emaranhado provisório de elementos heterogêneos articulados que configuram um processo sempre em curso, entendemos que esses, invariavelmente, emergem em articulação com outros textos, em movimentos de diálogo, silenciamento, intertextualidade, imprecisão, fratura e referencialidade, sendo necessariamente contaminado pelos atravessamentos socioculturais. Ou seja, não existem textos puros, objetivos e acabados. Assim, Abril (2007) explica que os textos não são apenas:

Objetos culturais mediados, mas também dispositivos de mediação de outros processos culturais. Essa observação permite afirmar que não todo processo, comportamento, prática cultural é um texto, por mais que, como afirmou Bakhtin, todo comportamento pode ser interpretado como um texto potencial. (ABRIL, 2007, p.88, tradução nossa.).

Logo, tendo em vista o caráter dinâmico e processual dos textos, intimamente vinculado à dimensão sociocultural, entendemos as masculinidades materializadas nos corpos, valores, comportamentos e vivências como emergências de textos potenciais, passíveis de interpretação e reconhecimento como tais. Assumimos no presente trabalho que as masculinidades como textos são o que Leal (2017) define como modos de agir, formas de experiência moduladas por múltiplos sentidos e referências.

Nessa proposta de compreensão, convocamos também a linguagem entendida como algo que configura a materialidade textual. O que implica dizer que o corpo, próteses assumidas e acionadas (discutidas no percurso desta pesquisa), os discursos enunciados, as roupas

utilizadas, as ações, gestos são entendidos como linguagem na sua condição de materialidade simbólica que, quando postas em relação, constituem uma proposta de sentido sobre o ser homem. É importante ressaltar que a aproximação das textualidades com as masculinidades não é o único caminho reflexivo capaz de explicar a construção de gênero. A decisão de acionar essa chave de leitura aparece como um caminho possível para pensar sobre as masculinidades fora dos percursos já estabelecidos nas últimas décadas, na busca por viabilizar tentativas de perceber nuances e camadas que costumam escapar de um movimento analítico que se baseia em meta-modelos explicativos e substancializados dos gêneros. Queremos dizer que pelas lentes das textualidades, as teias de sentido das masculinidades não são definitivas, mas (no que tange aos elementos que as compõem) provisórias, dinâmicas e nem sempre coerentes em suas conexões. Nessa direção, se a configuração das redes simbólicas que constituem os sentidos de ser homem é mutável, cabe a ressalva sobre os entendimentos das estruturas de gênero como relativamente perenes e estáveis. Ou seja, o fato de formas e signos, que compõem as masculinidades, serem dinâmicas e mutáveis não significa que as estruturas de poder se alterem na mesma proporção.

### **3.1 Gênero como texto em processo: arranjos e dinâmicas de produção de sentido do ser homem**

Como define Butler (2015) ao pensar o gênero como performatividade, os sentidos de feminino e masculino não existem fora da linguagem. Assim como ser mulher, ser homem é uma ficção que não encontra sustentação real na biologização da identidade e do desejo. A gramática partilhada do que são as masculinidades (cambiáveis de acordo com questões geográficas, etárias/geracionais, socioeconômicas, raciais, dentre uma infinidade de dimensões possíveis) define as lógicas de articulação desses diversos elementos heterogêneos, nos mais variados graus de atravessamentos e produção dos corpos, que fazem desse um texto que se oferece ao mundo como proposta de sentido, em diálogo com tantos outros.

Não queremos dizer que as masculinidades como textos são fixas ou estáveis. Ao contrário. Como parte de teias de processos de significação múltiplos, são incoerentes, fraturadas, contraditórias e cambiáveis. Ressaltamos que tal percepção não implica em desconsiderar a perenidade de alguns valores historicamente vinculados a uma projeção de virilidade, como a potência (seja sexual, financeira, física, etc.), as relações de propriedade, o controle, a agressividade/força, a capacidade de liderança, dentre outras possíveis). Como explica Azpiazu Carballo (2017), muitas vezes, as atualizações das construções simbólicas de

feminino e masculino, sempre em curso, são mais conectadas às formas do que à estrutura de constituição dos lugares de poder vinculados aos gêneros e suas condições sócio-históricas. O que quer dizer que em uma perspectiva historicamente patriarcal, mesmo que tenhamos observado consideráveis mudanças nas maneiras como os sentidos de masculinidades são oferecidos ao mundo, ainda são muito pequenas as reais alterações nas relações de poder que configuram os gêneros. Ou seja, alguns projetos de masculinidades se apresentam de maneiras cada vez mais palatáveis, o que faz com que os privilégios e jogos de poder se sofisticem e sejam dificilmente percebidos como tais.

Essas reflexões podem operar como pistas de quão complexa pode ser a tentativa de compreensão do masculino como textualidade. As camadas de sentido são mutáveis, contraditórias e nem sempre honestas em suas enunciações de mudanças. Além disso, pensar sobre tais redes textuais, implica refletir sobre a teia múltipla de elementos que compõem esses sentidos, sejam esses produzidos no próprio corpo (e, invariavelmente, produzindo esse corpo), sejam próteses, físicas ou metafóricas, mais ou menos acopladas à materialidade orgânica. Como exemplo dessa compreensão, convocamos o sucesso financeiro em sua dimensão simbólica, apreendida recorrentemente como elemento que configura sentido de potência à rede textual das masculinidades. Logo, um carro importado pode ser um elemento semanticamente relevante na enunciação de si como homem em muitos casos, como podemos observar no conjunto de textos que conformam o sertanejo universitário. Na música *Vem ni mim Dodge Ram*<sup>2</sup>, Israel Novaes possibilita ver como o carro tem um lugar importante na rede simbólica que configura sua enunciação como homem:

Já não faz muito tempo,  
Que eu andava a pé, não pegava nem gripe muito menos mulher  
Só pegava poeira, não olhavam pra mim  
Um dia eu decidi, eu vou sair daqui

Quem não tem dinheiro é primo primeiro de um cachorro  
O trem era tão feio que nem sobrava osso pra mim  
Agora eu tô mudado  
O meu bolso está cheio  
Mulherada atrás  
Eu quero ouvir cada vez mais.

Vem ni mim Dodge Ram Focker duzentos e oitenta, a mulherada louca  
Israel Novaes arrebeta!

(ISRAEL NOVAES, 2012).

---

<sup>2</sup>Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qxwry2qUwFs>



Na letra da música de Israel Novaes, fica explícito que não existem fronteiras entre o enunciador e o carro, posto nessa rede textual como continuidade de si. Ou seja, ao dirigir um carro Dodge Ram Focker, ele muda seu status como homem e adquire o sentido de potência, percebido na frase “Israel Novaes arrebenta”. Logo, nessa textualidade, o sentido estabelecido é de que o carro é a extensão dele (ou seria ele a extensão do carro?). A situação de desprestígio social e debilidade atribuídos ao homem em condição de pobreza fica clara na frase “quem não tem dinheiro é primo primeiro de um cachorro, o trem era tão feio que nem sobrava osso pra mim”. Tal exemplo não diz das enunciações de masculinidade transformadas. Ao contrário, diz do seu negativo, aquilo deve ser negado pelas narrativas de masculinidades que se dizem outras, mas que, frente a uma observação mais cuidadosa, compõem uma mesma rede textual de sentidos sobre o que se constitui como admirável no ser homem, embora a superfície pareça completamente diferente.

Israel Novaes canta sobre a potência financeira como um atributo constitutivo de si como um “homem que arrebenta”. Esse também é um sentido recorrente nos comentários de vídeos de Rodrigo Hilbert, modelo e apresentador de um programa de culinária do canal *GNT*, o *Tempero de Família*, e frequentemente chamado de “*homão da porra*”. Esse termo surge em conversações nas redes sociais para denominar homens admiráveis por seus atos. O superlativo *homão*, indica não se tratar de um homem qualquer, mas de alguém acima da média das referências partilhadas de masculino. Por se enunciar como um homem que cozinha, que constrói objetos para a casa, faz tricô, assume suas funções nos cuidados com os filhos e é um marido admirável da também apresentadora Fernanda Lima, é recorrente que homens façam

postagens nas redes sociais em tom de brincadeira, reclamando que Rodrigo elevou os padrões de masculinidades de prestígio para lugares inalcançáveis (Figuras 1 e 2).

**Figura 1** - Rodrigo Hilbert 1



Fonte: Facebook – Diego Peixoto

**Figura 2** - Rodrigo Hilbert 2



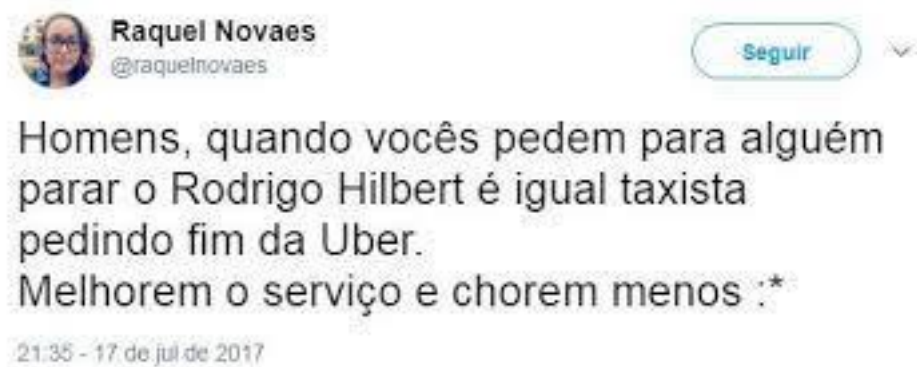
Fonte: Twitter @cabaceirah

Ou seja, mesmo que o conjunto de elementos protéticos (no âmbito semântico) que fazem dele um homem potente sejam outras, (o crochê, o origami, as habilidades na cozinha, a paternidade, a esposa, dentre outras), assim como na música de Israel Novaes, o sentido de potência e admiração de seus pares se repete. Chama atenção como a masculinidade, que desperta admiração de outros homens, se constitui também em aspectos físicos socialmente significados a partir das dinâmicas de poder. O texto da primeira figura, que é proferido por Diego Peixoto, um homem negro, ao listar os atributos de Hilbert que o fazem ser um homem acima da média, menciona “loiro”, “olho azul”, características associadas ao padrão estético europeu, que deixa posto como as relações de poder de colonialidades simbólicas seguem reverberando no Brasil, país em que 56% da população se autodeclara negra. E essa atribuição

de prestígio que orienta um sentido estruturante da textualidade é firmada por seus pares masculinos, aqueles que têm legitimidade para validar seu projeto de masculinidade.

Porém, a expansão dessa rede textual passa também por outras enunciações de mulheres, que partem do reconhecimento de Hilbert como um modelo de masculinidade admirável, para pôr em pauta sentidos de desaprovação da performatividade de gênero dos homens considerados medianos (Figura 3):

**Figura 3** - Rodrigo Hilbert



Fonte: Twitter @raquelnovaes

Um texto sempre se instaura inserido em uma rede textual. Dessa forma, sua enunciação é invariavelmente um espaço de encontro de vozes (Abril, 2007), que muitas vezes pode se dar como choque ou conflito, em função da pluralidade inevitável resultante dos pontos de encontro e tensão do texto com outros textos. Dessa forma, sendo as masculinidades construções simbólicas inseridas em um tecido social quase infinito, uma questão posta é sobre como lidar com os limites desses textos. Tendo em vista que essas construções de sentido não se limitariam aos corpos dos homens, vivências e demais elementos que compõem o que entendemos como universo masculino, como lidar com outras diversas camadas que são profundamente atravessadas pelas masculinidades, como a cultura do cuidado que pesa sobre as mulheres, a devastação humana e ambiental causada pelas guerras, as formas de organização dos sistemas democráticos dentro desse emaranhado textual? Não temos a ambição de responder tal questionamento, mas nos parece importante apontá-lo como questão relevante para futuras reflexões e como um cuidado a se considerar na análise proposta.

Se os limites das redes textuais das masculinidades são dificilmente delimitáveis, isso se dá em função da relação fundante que as construções gênero estabelecem com a estrutura

social no qual estão inseridas. Assim, pensar nas masculinidades pelo viés das textualidades consiste em um movimento metodológico, que entende essa rede textual a partir de sua significação nos tecidos cultural, social e de relações de poder nos quais está entranhado. De acordo com Abril (2007), assumir as textualidades como pressupostos metodológicos demanda partir das condições sócio-históricas de produção, distribuição e consumos dos textos visuais, que significa:

Lê-los contextualmente, interpretá-los no marco das instituições, práticas, modelos textuais e entornos técnicos em que são objetivados e postos em troca. Interpretá-los reflexivamente, é dizer, por referência aos efeitos que, como práticas textuais, produzem seu próprio contexto (histórico e culturalmente determinado). (ABRIL, 2007, p.36, tradução nossa).

Logo, em sua perspectiva semiótica, Abril sinaliza que o mais relevante não passa por saber os significados de um texto, mas sim entender através de que meios, processos interpretativos, recursos semióticos e extrasemióticos atribuímos determinado sentido a esse texto. Interessa perceber como esse sentido compõe nosso repertório de memória semiótica, nossas referências de mundo e pressupostos ideológicos. Ou seja, como tais movimentos interpretativos engendram nosso campo de interação e é atravessado pelo contexto institucional que o envolve. Nesse caminho, aponta ainda que o discurso simbólico produz sentidos em um determinado marco de relações interlocutivas, que são, invariavelmente, determinadas por marcos institucionais.

Um texto é sempre produzido por um sujeito (individual ou coletivo, autorreferente ou não, melhor ou pior identificado) que nele atua e se constitui como agência enunciativa em determinadas coordenadas espaço-temporais e em relação a reais ou virtuais agências enunciativas (destinatários). (ABRIL, 2007, p.58, tradução nossa).

O autor chama atenção para a dimensão semântica-simbólica a que o texto remete, transbordando seu marco estrutural linguístico. Ou seja, quando tratamos dos processos de significação de uma textualidade, partimos da transposição do signo em si, na tentativa de acessar o conjunto de pressupostos culturais e de compartilhamento coletivo de sentidos, que colocam em questão qualquer possibilidade de objetividade de um texto.

Assim, como percebido nas figuras 1, 2 e 3, a rede textual tecida por Rodrigo Hilbert em sua enunciação como homem ganha espessura e se fortalece no diálogo com outras enunciações. Se tratando de uma projeção de masculinidade, merece destaque seus pares, outros homens, que o validam como excepcional. Ressaltamos também que a polifonia de um texto não implica diálogos sempre consonantes, mas também aqueles divergentes, que podem se dar,

por exemplo, por meio de críticas, polêmicas, ironia, como é o caso da conversação que se estabelece na Figura 3. Por meio de uma postagem no *Twitter*, contestando a brincadeira recorrentemente feita pelos homens sobre Hilbert ter elevado o padrão de expectativas que recaem sobre o masculino, a crítica em tom jocoso é uma provocação aos homens “na média”, vistos como limitados e inferiores quando postos em relação de comparação com o apresentador. Em movimentos de intertextualidade, a autora do comentário convoca a analogia do conflito estabelecido entre motoristas de *Uber* e os taxistas, tendo esses últimos reivindicado a proibição dos serviços dos primeiros sob a alegação de ilegalidade e interferência em seu mercado de atuação. Enquanto isso, os clientes migravam substancialmente para os serviços da Uber, que além de serem consideravelmente mais baratos, eram superiores aos prestados pelos taxistas, oferecendo, por exemplo, *amenities* como balas e água.<sup>3</sup> Logo, a partir do movimento de analogia, aponta para a inferioridade dos “serviços” prestados por esses homens no exercício de suas masculinidades quando comparados com Rodrigo Hilbert.

A configuração textual explicitada acima permite acessar dimensões importantes da realidade e dos pressupostos culturais e sociais que a conforma. É possível compreender, por exemplo, que ainda que homens se mostrem cômodos com suas ações performativas de masculinidades, reconhecem que é possível agir de maneira diferente, que eles próprios consideram como superior ao que realizam. É possível inferir também que algumas mulheres não validam as práticas e gestos compreendidos como tipicamente masculinos e demandam que eles façam mais. Logo, as relações de gênero pressupõem disputas, jogos de validação e rechaço que se dão a ver nessa rede textual expandida, que tem narrativas identitárias de masculinidades individuais e coletivas como nós.

Por meio desse diálogo entre diferentes enunciações, é possível perceber como a rede de sentidos que configura o projeto de masculinidade de Rodrigo Hilbert é extensa e diversa: articula elementos que conduzem a referências tradicionais de masculinidades, que são contrapostos por práticas de diversas naturezas, mas que, no geral, são simbolicamente associadas aos papéis de gênero femininos, como cozinhar, fazer tricô, cuidar dos filhos, em intersecção com atos que ultrapassam as expectativas de práticas entendidas como masculinas, mas que se restringem a alguns homens, como o trabalho de ferreiro, habilidades com ferramentas e construções de madeira. Essa parece ser a combinação de prestígio de Hilbert:

---

<sup>3</sup> Não entraremos aqui no mérito de todo o processo de precarização do trabalho desencadeado pelos serviços de transporte de passageiros e de delivery por empresas como a Uber, embora reconheçamos a relevância do tema.

um homem que coloca em prática elementos ultramasculinos, limitados a poucos profissionais, como habilidades com ferramentas, construções de objetos com materiais diversos, como ferro e madeira; combinadas com práticas consideradas femininas, como cozinhar, fazer tricô, cuidar dos filhos. Além disso, entram na rede de sentidos sua configuração familiar dentro dos padrões, sua aparência alinhada a todos os referenciais de beleza normativos, somados à visibilidade consequente do trabalho em um canal de televisão, que amplia o alcance dessa enunciação de si como um homem especial.

Ao considerar a rede textual, é fundamental explicitar que não se trata de qualquer conjunto aleatório de textos, mas sim de estruturas relacionais e em constante reconstrução. Pensando na ampla rede textual das masculinidades em sua intersecção com a textualidade Rodrigo Hilbert, é possível compreender que as relações estabelecidas entre ambos não podem ser reduzidas nem ao sentido localizado de cada um deles, nem ao sentido relacional que se estabelece na rede. Ambos se referenciam, se configuram mutuamente, mas também extrapolam os limites de suas relações. Por isso, os limites de uma textualidade são sempre abertos e provisórios, encontrando materialidade no momento de interlocução com o leitor. Cada rede textual e as relações de intertextualidade que as conformam vão emergir de maneira singular a cada ato de leitura, a depender da pessoa que se implica na interlocução, das conexões locais e globais por ela estabelecidas, do repertório cultural e social que convoca para estabelecer as relações de sentido.

Nessa direção, Abril (2007) convoca Frye (1977), que, ao considerar a rede textual da crítica literária, sinaliza que toda crítica é uma interpretação alegórica, já que “atribui ideias gerais a estruturas particulares das imagens poéticas” (ABRIL, 2007, p.200, tradução nossa). Tal reflexão também auxilia na compreensão da relação entre os textos e a rede textual das masculinidades. Cada enunciação de si como homem considerada nas análises desta tese são, ao mesmo tempo, um texto que compõe a ampla rede textual das masculinidades contemporâneas e uma outra rede em si, que articula elementos diversos em relações múltiplas. Ao serem convocadas em nossas reflexões, também possibilitam tais movimentos críticos alegóricos, que permitem acessar o contexto social e cultural das relações de gênero e as disputas de poder implicadas.

### 3.2 Universo simbólico, dimensão discursiva dos gêneros e sua potência de ação

Nos termos de Foucault (2014), um sistema discursivo é um contexto de relações de poder, no qual determinado discurso é enunciado e regula as localizações institucionais e as diversas posições que o sujeito de enunciação pode ocupar. Para Fairclough (2002 *apud* Abril 2007), qualquer evento discursivo é, simultaneamente, um texto, uma prática discursiva e uma prática social. Tais práticas dependem do universo simbólico nas quais estão inseridas, sendo este um tipo de estrutura profunda onde se constituem os universos de significado de uma sociedade: “é o nível que sustenta suas cosmologias e mitologias, as representações compartilhadas de tempo e espaço, os marcos categoriais básicos, os símbolos da identidade coletiva que regem as atribuições dos sentidos de próprio/outro” (ABRIL, 2007, p.222, tradução nossa). Ou seja, o universo simbólico opera como uma matriz de significados, que funda a memória coletiva, a biografia de cada indivíduo, os sonhos, os sentidos históricos, experiências e fantasias. Para Abril, é a rede que estrutura a realidade e o sentido de realidade de cada sujeito.

Tais considerações são relevantes porque é a partir do compartilhamento de uma matriz simbólica que os sentidos de masculinidades são instaurados como lugares de significação. Como indicado, é o universo simbólico que torna possível, por exemplo, que o acúmulo de recursos financeiros se constitua como significados de potência que fortalecem projeções de masculinidades. Assim, sendo as masculinidades propostas de sentido produzidas a partir de determinada matriz simbólica, consideramos cada enunciação de si dos homens que compõem nosso *corpus* de pesquisa como resultantes e produtoras disso que se partilha, socialmente, como os sentidos de ser homem. É por meio de tais enunciações que pretendemos acessar e ler o contexto social que configura as relações de gênero e os lugares de poder correspondentes. Faz-se necessário, porém, sinalizar que não consideramos tais enunciações discursivas como simples meios de acesso à cultura ou como resultantes desta. Essas projeções de si também produzem o contexto cultural, em movimentos de atualização constante dos elementos que operam como signos das masculinidades. Se as textualidades de masculinidades supostamente transformadas se propõem como outras das masculinidades normativas, nos interessa perceber quais dimensões de sentido são mantidas, e quais realmente são transformadas.

Convocamos Rucovsky (2016) para pensar as masculinidades como rede textual, para quem qualquer tipo de texto pode ser compreendido como um ato de fala. “Tudo que pode ser pensando se deixa pensar somente através da mediação linguística de um ato de fala singular, como texto ou como discurso” (RUCOVSKY, 2016, p.51, tradução nossa). Para o autor, os

sentidos de um texto estão vinculados com as formações discursivas e ideológicas de determinada época, ou de um *corpus* de textos. Cada texto emerge a partir de suas relações com os demais textos sociais, que são definidos por ele como textos e discursos formulados por uma sociedade sobre a realidade. Assim, a rede textual das masculinidades transformadas pleiteia a legitimação de lugares sociais e de enunciação que só fazem sentido quando postos em relação às masculinidades normativas. Ou seja, para que os sentidos de transformação sejam inteligíveis, é necessário se manter o protagonismo semântico das masculinidades normativas, já que o ser outro só se faz possível em relação ao objeto de referência.

Logo, as considerações de Abril (2007) sobre todo texto ser um palimpsesto parecem uma chave importante de compreensão de tais conjuntos de sentido. O autor quer dizer que em cada texto é possível ler indícios de outras práticas textuais, universos simbólicos e autoridades discursivas, anteriores ou não. Ler tais textualidades implica acessar diferentes estratos de sentido e de temporalidades. Isso porque os textos são emergências de distintas formas de experiência semiótica, que podem ser remanescentes ou residuais, de maneira que ler uma rede textual é acessar também sua historicidade. Para Abril (2007), além das relações de diálogo, as redes textuais são compostas também de relações antagônicas. No interior de qualquer universo simbólico se dão também relações de fricção de elementos incompatíveis, que não comportam projetos de inteligibilidade conjunta. Isso ocorre porque todo universo simbólico se assenta também em processos de exclusão, ainda que parciais, do tecido sociocultural.

Se os gêneros em sua dimensão discursiva são ações que implicam em dinâmicas de poder, é importante sinalizar que não se trata de qualquer tipo de ação, mas do que Abril (2007) nomeia de ação interlocutiva. “Uma rede ou um ecossistema textual conforma âmbitos de significação, constrói as realidades sociossemióticas das representações coletivas” (ABRIL, 2007, p.259, tradução nossa) Ou seja, quando pensamos nas masculinidades como textualidades, lidamos com conjuntos de sentido produtores da realidade, entendendo a realidade simbólica como agência nos âmbitos materiais e imateriais, e não como dimensão apartada da materialidade do mundo e da vida. Nas construções de gênero, a rede simbólica das masculinidades tem sustentado, por exemplo, práticas excludentes e violentas, culminando muitas vezes na morte de pessoas, como são muitos casos de feminicídio e de assassinatos por homofobia.

Assim, Abril (2007) afirma que as representações simbólicas sempre têm significação política e se dirigem para um futuro. Essas convenções simbólicas nunca são inocentes e se constituem como tentativas de naturalização ou fratura de lugares de poder associados a



determinados modos de ação ou de comportamento, imbuídos por interesses de certos grupos ou classes. Ou seja, as representações simbólicas não são meros reflexos de como as coisas são, mas as instauram e indicam como serão. Consciente ou inconscientemente, as representações simbólicas são ações de perpetuação ou de ruptura com as estruturas sociais e as convenções são princípios de operação de normas que sustentam esses lugares de poder.

Ao discorrer sobre as ações interlocutivas de gênero como a constituição de efeitos simbólicos e materiais por meio de atos de fala, Abril nos auxilia a pensar nas masculinidades em sua dimensão constitutiva do real. Seu entendimento sobre a constituição simbólica dos poderes como um efeito performativo parecem pertinentes para compreender como se configuram os atributos entendidos como naturais das masculinidades, como as noções de potência, racionalidade, coragem, dominação, dentre muitas outras, que resultam menos de características dos homens do que da validação coletiva das masculinidades como eixo central da estrutura social heteronormativa.

Chamamos atenção para o fato de que essa construção simbólica não acontece desencarnada. Ela implica elementos materiais importantes para a constituição das masculinidades como lugar de poder, como podemos perceber na dimensão violenta da dinâmica de sujeição das mulheres pela instituição do masculino na matriz patriarcal heteronormativa, incidindo de maneira tangível e limitando as possibilidades de vida e de agência delas. Aqui temos duas faces dessa construção: se a enunciação de uma ameaça de morte feita por um homem à sua companheira tem efeito de ação, isso se dá em função do lastro de violência composto pelos assassinatos reais e sistemáticos provocados por homens contra mulheres. Ou seja, para que os lugares de poder e privilégio de determinadas formas de ser homem sejam legitimadas, esse ato performativo ganha consistência no reconhecimento dos demais, que assumem tais atributos como naturais desses sujeitos lidos como homens, mas também em atos reais de violência, tomando como exemplo os casos de estupro e de feminicídio. Assim, as enunciações de si como homens são compreendidas como ações, e esse agir é apreendido como "ser".

Para melhor compreender o universo simbólico que conforma as masculinidades e como a violência se instaura como linguagem por natureza das construções patriarcais da matriz binária de masculinidade/feminilidade, convocamos a seguir as discussões de Daniel Welzer Lang (2001) sobre a Casa do Homens como espaço de homosociabilidade masculina, nos conduzindo ao conceito de "mandato de masculinidade", de Rita Laura Segato (2018), operador analítico relevante para tecer nosso entendimento sobre o que são as masculinidades.

### **3.3 Mandato de masculinidade: da corporação masculina à cobrança de tributos femininos**

Na condição de elemento importante do universo simbólico heteronormativo, as masculinidades são cotidianamente atualizadas pela prática de rituais, por meio das quais ganham vida e materialidade. Os rituais de gênero se mostram interessantes para acessar a dimensão de ação das construções simbólicas já que, além desses processos de atualização, reforçam a vigência das ficções de gênero no tecido social. As narrativas sobre as masculinidades não são exclusivamente memórias, mas restituições simbólicas constantes dos mitos fundadores do masculino. Esses mitos reproduzem e constituem representações e sentimentos comuns, elementos fundamentais para a sustentação de qualquer universo simbólico.

Utilizando da metáfora teatral, Butler (2020) fala que as performatividades de gênero se dão a partir de uma espécie de roteiro estabelecido pela sociedade, condicionados social e historicamente. Assim, Rucovsky (2016) localiza performatividades de gênero como rituais de repetição de sentidos estabelecidos pelo tecido social, que permitem ver as normas que configuram os gêneros. Tais normas resultam que certas práticas e ações sejam reconhecidas como definidoras dos parâmetros de inteligibilidade sobre os modelos de masculino e feminino, que se estabelecem majoritariamente no seio da matriz binária. Aqueles corpos que escapam de tais registros de inteligibilidade são condenados e submetidos a sanções.

Sobre a dimensão ritualística das masculinidades, Welzer Lang (2001) defende ser possível acessar essa dinâmica ao pensar nos diversos processos iniciáticos dos meninos, que acontecem principalmente em espaços monossexuados, incluindo as iniciações sexuais. Esses lugares são nomeados pelo autor de Casa dos Homens, onde se constroem os sentidos coletivos de masculinidade, que são atualizados ao longo de toda a vida. Se na juventude esses espaços correspondem aos pátios de colégios, clubes esportivos, na vida adulta podem ser os estádios de futebol, bares, clubes de luta, dentre outros. Ou seja, na Casa dos Homens cada etapa da vida implica rituais particulares de constituição das masculinidades, por meio dos quais a homosociabilidade é regra. “Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam acesso à virilidade. Uma vez que se abandona a primeira peça, cada homem se torna, ao mesmo tempo, iniciado e iniciador”

(WELZER LANG, 2001, p.462). Assim, a Casa dos Homens ensina que se tornar homem significa respeitar os códigos das masculinidades, sendo os ritos os operadores hierárquicos que organizam a trama simbólica do masculino.

Esses códigos correspondem à aprendizagem e incorporação do gestual, reações, movimentos e ao que Welzer Lang nomeia de “capital de atitudes” definidoras do que é legitimado como ser homem. Mas, para pensar o corpo por meio da dimensão produtiva do gênero, se faz necessário que não nos limitemos a conjuntos de sentido associados a cada gênero incorporados pelas pessoas que se enunciam como homens. Tal reflexão implica considerar também um disciplinamento do olhar por meio do qual os corpos são percebidos através das mesmas convenções heteronormativas. Para Rucovisky (2016), as relações de gênero são construídas, parcialmente, por atos concretos historicamente mediados dos indivíduos, que são sedimentados ao longo do tempo, consolidando ficções de gênero, que produzem padrões corporais e projeções de identidades binárias, supostamente conectadas com sexualidades correspondidas, assumidas como naturais. Logo, as masculinidades não se restringem a uma representação simbólica de si, das próprias vivências e subjetividade. Ao se ofertar como textos partilhados no mundo, os sujeitos se colocam nas trocas sociais por meio de um processo de construção de inteligibilidade para si, a partir de referências sociais e culturais, em ordens simbólicas mais ou menos dominantes, construindo reafirmações de presente e projetos de futuro, que são legitimadas pelo olhar das outras pessoas.

Em suas discussões sobre o mandato de masculinidade, Rita Segato (2018) propõe uma chave de leitura potente, que marca o caráter invariavelmente coletivo e violento das vivências de gênero, assim como suas dimensões de poder e dominação. Para a autora, os homens estão expostos a um tipo de mandato que exige deles, constantemente, exibir sua capacidade, seu título, sua posição masculina ante a aprovação dos demais (SEGATO, 2018). Seu pensamento, inserido nos campos de estudos das colonialidades e relações de poder, é importante para nossa reflexão à medida que marca de saída a estrutura e os fluxos de opressão e violência que constituem esse mandato. Assim, ainda que, em suas práticas no mundo, um homem atue sozinho em algumas situações, essa agência pressupõe outras presenças que se fazem sentir junto a ele, o que é chamado pela autora de interlocutores na sombra. E são essas companhias, em presença física ou não, que o validam, exigem, aprovam, instam. Logo, “as iniciações masculinas nas mais diversas sociedades, mostram essa necessidade de titulação mediante desafios e provas que incluem a antissociabilidade, a crueldade de alguma forma e o risco.” (SEGATO, 2018, p.43, tradução nossa).

Pela lógica do mandato, é exigido aos homens provas de sua masculinidade todo o tempo. Porque “a masculinidade, diferente da feminilidade, é um *status*, uma hierarquia de prestígio, se adquire como um título e se deve renovar e comprovar sua vigência como tal” (SEGATO, 2018, p.42, tradução nossa). Para a autora, a partir da matriz heterossexual e patriarcal do gênero, as masculinidades se nutrem de tributos que são cobrados das pessoas em posições femininas. Logo, no projeto patriarcal, não existe masculinidade na ausência de circulação desses tributos, assim como não há feminilidade sem posições subjugadas. Dessa forma, a capacidade de um homem de ser reconhecido como masculino depende diretamente de sua capacidade de enunciar potência, o que faz com que Segato (2018) considere masculinidade e potência como sinônimos. Considerando a teia de sentidos da concepção de potência masculina, ela identifica seis tipologias recorrentes: sexual, bélica, política, econômica, intelectual e moral. Para que sejam legitimadas, essas potências devem se dar por práticas exibidas, comprovadas, espetacularizadas, sendo alimentadas por esse tributo que advém das posições femininas. Nesse caso, tais posições não se restringem às mulheres, já que atos de violência sexual e moral, como estupros, humilhações, quando praticados por homens contra homens, também se trata da sujeição das vítimas a processos de feminilização, sendo, nesses casos, atos de violência que se nutrem do feminino pela extração forçada desse tributo pago à dominação.

Se a violência se constitui como elemento constitutivo dos rituais que marcam os processos de iniciação e validação performativa das masculinidades, é importante compreendê-la para além de sua dimensão instrumental. Os atos violentos são formas de enunciado que configuram as redes textuais das masculinidades. A antropóloga desenvolve seus argumentos pensando principalmente a partir de atos violentos com altos graus de barbaridade, como os crimes de estupro e assassinatos de mulheres. Entendemos essas lentes como potentes para compreender a rede textual das masculinidades de maneira mais expandida, dando conta das formas de sociabilidade cotidianas que configuram os modos de ser homem, operando como base onde se assentam as relações de opressão como condição dos privilégios que configuram as experiências de ser homem. Queremos dizer que se a dinâmica heteronormativa de gêneros se sustenta em jogos de opressão e privilégios, nos quais o projeto de masculinidade universal (branca, cisgênero, heterossexual, urbana) ocupa o topo da pirâmide dessa pirâmide, ela está articulada por movimentos de opressão que pesam em diferentes medidas sobre mulheres, homens que não alcançam tais atributos e pessoas com identidade de gênero e sexualidade que rompem com a matriz binária de masculino e feminino.

Logo, não é possível falar em opressão como estrutura de manutenção de privilégios masculinos sem falar de violência. À medida que o projeto normativo de masculinidade se pauta nessa dinâmica, tem nas múltiplas formas de violência sua condição de enunciação. Assim, a noção de mandato de masculinidade de Segato ajuda a enraizar as análises de gênero no fluxo e nas disputas de poder. Para tanto, se faz necessário pensar nas múltiplas formas de violência ultrapassando sua condição material e seu *status* de acontecimento, para compreendê-la como um ato comunicativo que se estabelece coletivamente, de modo que todos os interlocutores desse circuito o compreendem, não por movimentos analíticos e reflexivos, mas por meio de uma consciência prática partilhada.

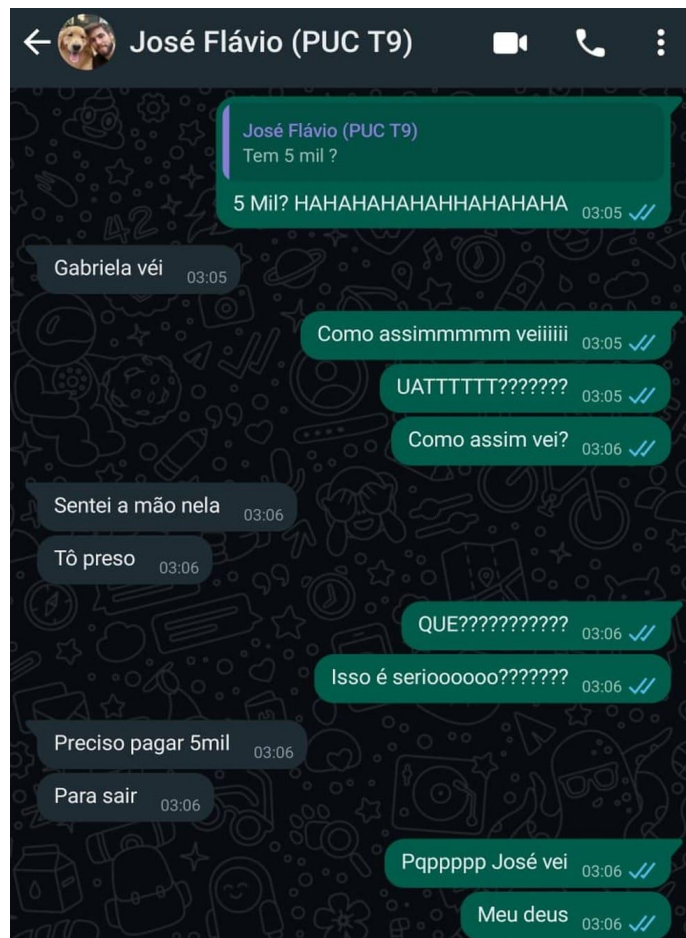
Pelas lentes do mandato de masculinidade, Segato (2018) reflete sobre atos de extrema violência, como são os estupros, a partir do seu entendimento em dois eixos. No eixo vertical está a relação agressor/vítima, por meio da qual acontece a extração do tributo da vítima pela ação de dominação masculina e da conseqüente enunciação/espetacularização de sua potência. Já o segundo, que consiste em um eixo horizontal, trata-se da relação do esturador com seus pares, sua confraria ou, como nomeia, com sua corporação, em um tipo de prestação de contas de seus *status* de masculinidade.

Um caso que permite apreender essa dinâmica trata do espancamento sofrido por Gabriela Campos Duarte Machado pelo então namorado, José Flávio Carneiro dos Santos, que, após ser reverberado por diversas mídias, desencadeou outras duas denúncias de violências sexual, física, psicológica e moral. Na matéria de intitulada *Estudante de medicina espanca a ex-namorada e envia mensagem: “Sentei a mão nela”*<sup>4</sup>, publicada pelo portal *Pragmatismo Político*, o relato dá conta de uma recorrência de atos de violência cometidos pelo homem contra mulheres, que, no último caso, ocasionou em sua prisão em flagrante pelo espancamento da companheira, em setembro de 2021. A mulher relata ter sido agredida depois de confrontá-lo sobre supostas traições. Chama atenção o registro da conversa de José Flávio com um amigo, pedindo 5 mil reais para o pagamento da fiança estipulada pela justiça. Ao ser questionado sobre o que teria acontecido, ele se refere à agressão com a frase “sentei a mão nela” (Figura 4).

---

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2021/10/estudante-de-medicina-espanca-a-ex-namorada-e-envia-mensagem-sentei-a-mao-nela.html>

**Figura 4-** Estudante de medicina espanca a ex-namorada e envia mensagem "sentei a mão nela".



Fonte: Pragmatismo Político, 2021.

A maneira como se configura a narrativa da violência permite apreender que a forma como enuncia o crime cometido contém orgulho, vanglória por sua potência agressiva. Não há arrependimento, mas proclamação de sua capacidade ofensiva, mesmo que preso. E não parece fortuita a decisão da comunicação do ato a um amigo, já que no diálogo entre pares a violência contra a mulher tem potencial simbólico de reafirmar seu mandato como macho. Não fica explícito na narrativa se o amigo foi quem pagou a fiança, mas pouco tempo depois José Flávio se encontrava em liberdade.

Ainda que o advogado do agressor esteja empenhado em categorizar o crime como um fato pontual, outras duas mulheres procuraram a polícia a fim de registrar boletins de ocorrência contra ele. Uma das vítimas relatou que era amiga de José Flávio e que em novembro de 2020 foi dopada e estuprada por ele. A última lembrança que tem antes da violência sofrida é de estar em um bar com ele, tomando drinques. Na manhã seguinte, ela se vê na cama dele e questiona

o que aconteceu. Ele responde que eles tiveram relação sexual e que ela deveria voltar a dormir. A vítima declara não ter nenhuma lembrança do fato. Nesse episódio de estupro, é possível acessar a tomada do tributo feminino como direito adquirido, de maneira a não fazer problema quando questionado pela vítima.

A terceira denúncia parte de uma ex-namorada, que conta sobre abusos físicos e psicológicos sofridos durante os seis meses em que se relacionou com ele. Em uma das ocasiões, ele teria tido uma crise de ciúmes em função de uma mensagem de um amigo em seu celular, que chegou enquanto o ex-casal estava na estrada, dentro de um carro dirigido por ele. Ela relata que:

Ele começou me agredindo verbalmente, jogava o carro em cima de carros e caminhões ameaçando nos matar, puxava minha cabeça com força pelo cabelo e me obrigava a fazer sexo oral nele. Nos meios dos surtos, ele empurrava minha cabeça no vidro, jogando carro nos outros na estrada, gritando que queria nos matar. Eu achei que não sairia viva dali. (PRAGMATISMO POLÍTICO, 2021).

Não é fortuito que em meio às agressões físicas, ele a obrigue a praticar sexo oral. Fica explícita a dinâmica de extração do tributo cobrado ao feminino como ato moralizador, punindo a mulher por não ter se portado dentro dos moldes morais que lhe cabia, rompendo com o seu papel ao receber a mensagem do amigo. Ao mesmo tempo, as ameaças de morte e as agressões são reafirmações de lugar de domínio do poder de decisão que lhe cabe sobre a vida e a morte dela.

Pensar nas relações masculinas entre pares na condição de corporação se apresenta como uma lente de análise interessante, já que se pensa as relações entre homens como vínculos estabelecidos entre associados, dando a ver as dinâmicas de violência que se estabelecem como sociabilidade entre os próprios homens. Segato (2018) define que o primeiro traço constitutivo de uma associação corporativa passa pela fidelidade de seus membros à própria corporação e aos outros membros como valor central e dominante a qualquer outro valor, de maneira que em situações de conflito, cancelam todo tipo de lealdade ou obediência a qualquer construção que a contraponha. E o segundo traço consiste na condição internamente hierárquica da corporação. O que permite perceber que as primeiras vítimas do mandato de masculinidade são os próprios homens, em vivências de práticas violentas intragênero, das quais se derivam as formas de violência que imputam sobre as mulheres. Essas seriam resultantes:

[...]das formas de coação que sofrem para que não se esquivem – sob o risco de perder seu título de participação no *status* masculino, confundido atavicamente com a própria participação no *status* da humanidade – da lealdade à corporação, ao seu mandato, à sua estrutura hierárquica, a seu repertório de exigências e provações, e a emulação de

uma modelização do masculino encarnada por seus membros paradigmáticos. (SEGATO, 2018, p.48, tradução nossa).

Sendo as masculinidades um conjunto de sentidos que só se faz possível no coletivo, quanto posto em relação, nenhum homem se enuncia como tal para si mesmo. Ser homem é ser para e com os outros membros da corporação. Essa rede textual tecida coletivamente encontra em seus pares um enredamento estrutural. Se diversos elementos heterogêneos são assumidos como signos das masculinidades, é importante ressaltar que esse processo de significação só se efetiva perante o olhar de alguém, ainda que na condição de sombra, e que esse fluxo de sentidos aponta, em alguma medida, para construções simbólicas de potências e dinâmicas de dominação.

Para Segato, o mandato de masculinidade se funda em atos dialógicos. Ainda que ações simbolicamente constituídas como masculinas aconteçam enquanto o sujeito está só, este o faz a partir de um horizonte mental em que vislumbra seus pares. Ou seja, o agir como homem é sempre um ato em companhia, fundado em sua dimensão intersubjetiva.

A galeria de acompanhantes ou interlocutores na sombra que participam desse ato se incorpora à vida do sujeito desde o primeiro momento e a partir daí é sempre confirmada. Se trata de uma apreensão dos outros marcada pela compreensão da centralidade e a estrutura da diferença de gênero, assim como uma hipersensibilidade, trabalhada pela socialização, às exigências que essa diferença expõe ao sujeito masculino para que este seja e tenha identidade como tal. Essas companhias silenciosas, que pressionam, estão incorporadas ao sujeito e já formam parte dele. (SEGATO, 2010, p.36, tradução nossa).

Ao contrário que se possa pleitear nas perspectivas biologizantes de gênero, os sentidos de ser homem se constituem em redes significantes formadas por elementos mais ou menos materiais, que dão a ver sua potência não na materialidade, mas na força semântica, legitimada pela aprovação dos pares. Dessa maneira, a única possibilidade de que as mudanças enunciadas por esses homens, de fato, alcancem e alterem as estruturas de poder, passa por transformações que possam indicar movimentos de liberação deles próprios em relação ao mandato de masculinidade. Isso implicaria não só em ressignificações das relações estabelecidas, como a construção simbólica e enunciação de diversos sentidos de potência, mas também da reconfiguração no fluxo de tributos que as mulheres supostamente devem e pagam aos homens, por meio das mais diferentes formas e ferramentas de sujeição.



### 3.4 Corpo como construção simbólica: projeções de gênero e sexo como proposta discursiva

Tendo em vista que as masculinidades como mandato é um *status*, que se sustenta em relações simbólicas de prestígio e reconhecimento, se faz importante pensar em como o corpo, na condição de matéria sexuada, compõe esse circuito. Entendê-lo na perspectiva discursiva implica em ampliar a noção de discurso e atos de fala para além do verbal, ou do que as línguas (não a linguagem) são capazes de acessar. Aqui, as modificações orgânicas dos corpos também são entendidas como atos de fala, como enunciações de si postas no mundo.

Um corpo sexuado tem sua composição de sentido muito além da superfície da pele. Para Butler (2020), a performatividade de gênero passa pela constituição dos corpos significados por códigos e estruturas reguladoras, o que conduz ao entendimento da matéria corpórea como efeito discursivo. Esse discurso que se materializa no corpo e na rede de sentidos que ele articula se funda nas construções de gênero, que não consistem em uma realidade dada previamente, que cada um possui dentro de si, a partir da constituição biológica de nascimento. As atuações de gênero resultam em uma construção estabilizada, pautada na repetição, que atribuem esses circuitos de significação aos corpos. Logo, os estilos corporais (compreendidos como padrões de gestos, movimentos e cadência dos corpos) são a materialização de construções históricas de sentido, que produzem ficções sociais, como é o caso dos projetos de feminilidade e masculinidades. Dentro dessa ficção, a naturalização do que se compreende por feminino e masculino é estruturante. Além de não resultarem de qualquer dimensão biológica ou natural, tais concepções devem ser entendidas como ações performativas artificiais, consequentes das prescrições heteronormativas.

O gênero se “faz carne” nos atos performativos, em movimentos de repetição, por meio do qual sua constelação de significados se estabiliza e adquire *status* normativo. Para a filósofa, são esses atos de repetição que possibilitam que um corpo identificado biologicamente como masculino permite a esse sujeito tornar-se homem. Dessa maneira, não existe conexão natural entre nascer em um corpo identificado como masculino e tornar-se homem, de maneira que uma pessoa que nasce em um corpo feminino, pode vir a se enunciar como homem, ainda que esse processo não aconteça sem conflitos. Ser homem consiste em encarnar um conjunto de significações corpóreas e extracorpóreas, possíveis a partir de regulações sociais.

Mas não se pode entender os gêneros como um tipo de inscrição cultural sobre um corpo que o antecede. As construções heteronormativas de feminino e masculino são pautadas por

uma estrutura reguladora determinante na significação dos limites desse corpo que, definitivamente, não se encerra na pele. Em *Corpos que Importam – os limites discursivos do sexo*, Butler (2020) reflete sobre esse tema, apontando para a inexistência de um corpo pré-linguístico, que antecederia a inscrição violenta das normas de gênero. Assim, o que se entende por corpo é também parte das redes de sentido que configuram os gêneros, já que só pode ser apreendido em sua condição de elaboração cultural, o que faz com que sexo e gênero pertençam à mesma dimensão de realidade. Ou seja, essa noção de um corpo bioanatômico, ou a concepção do sexo como categoria fundante do gênero, é invertida na discussão de Butler, sendo a noção de sexo uma construção de gênero. Assim, se a compreensão que se tece sobre o corpo já é parte de um processo de produção linguística, portanto, cultural, a leitura que se estabelece a partir de um corpo generificado se dá a partir de uma rede de elementos que precisa do corpo como eixo estrutural das construções de gênero, mas não de um corpo puro, e sim significado por uma ampla rede de elementos.

Considerando os gêneros como ficções constituídas por um conjunto de atos reiterativos estabelecidos pela heteronorma, tratar de seus processos de materialização significa compreender não apenas no que consiste a matéria (ou seja, o corpo), mas sim apreender as dinâmicas de poder que atribuem os processos de significação, os níveis hierárquicos de importância e de inteligibilidade. Dessa maneira, não se trata apenas de descobrir ou conhecer os processos de significação que conformam os gêneros, mas de acessar a razão pela qual determinadas construções importam mais do que outras. Nessa dinâmica, a compreensão de sexo como norma cultural, que produz os corpos que nomeia, indica para a constituição simbólica da materialidade corpórea. Logo, a materialidade seria o efeito mais dissimulado do poder por apagar a norma em ação e por conferir aos seus efeitos o *status* de substância. Tais apontamentos se mostram estruturais para a nossa proposição por explicitarem a relação entre corpo e linguagem, ou melhor, sobre como o corpo se constitui como linguagem. Se a percepção e constituição de racionalidades significantes sobre os corpos só são possíveis na representação cultural das corporalidades, qualquer apontamento sobre sua matéria se dá somente por meio da linguagem.

Dessa forma, não é que não se possa obter fora da linguagem compreensão da materialidade em si e de si mesma, mas que todo esforço para se referir à materialidade ocorre mediante um processo de significação que, em sua fenomenalidade, é desde sempre material. Nesse sentido, então, linguagem e materialidade não se opõem, pois a linguagem é e se refere ao que é material, assim como o que é material nunca escapa por completo ao processo pelo qual é significado. (BUTLER, 2020, p. 124).

O que quer dizer que qualquer compreensão sobre a realidade se dá, invariavelmente, por meio de estruturas linguísticas. O acesso à apreensão dos corpos só se faz possível pelo discurso e as relações de poder que o configuram. Ao mesmo tempo, isso não significa que os corpos sejam exclusivamente linguagem, mas sim que permanecem, simultaneamente, dentro e fora desta. Nesse sentido, Butler aponta que:

Embora não se possa dizer que o referente exista apartado do significado, ele também não pode ser reduzido a ele. Esse referente, essa função permanente do mundo, há de persistir como o horizonte e como aquele que faz sua demanda na linguagem e para a linguagem. Linguagem e materialidade estão totalmente imersas uma na outra, profundamente conectadas em sua interdependência, mas nunca combinadas de todo entre si, ou seja, nunca reduzidas uma à outra e, no entanto, nem sempre uma excedendo inteiramente a outra. Desde sempre implicadas de forma mútua, desde sempre excedendo-se de forma recíproca, linguagem e materialidade nunca são de todo idênticas nem de todo distintas. (BUTLER, 2020, p.125).

Logo, o caráter de ininteligibilidade daquilo que permanece fora do domínio discursivo só pode ser significado por um exercício discursivo, o que faz com que o exterior radical da linguagem, proposto pela própria linguagem, se constitua como algo impossível de ser acessado. Dessa maneira, as diferenças sexuais compreendidas como biológicas são indissociáveis dos discursos que as produzem. Pela linguagem, em sua condição de processo de territorialização, institui-se o dentro e o fora da heteronorma, os parâmetros de inteligibilidade e a consequente ininteligibilidade, materializando seus próprios limites e o que se configura como exterior.

Para os projetos normativos de gênero, a materialidade precívél do corpo humano representa um obstáculo orgânico que se coloca como limitação para as ambições e potencialidades dos homens e mulheres, que podem e devem ser corrigidas. Dessa forma, o corpo assume a condição de texto em constante processo de produção e significação, composto por distintas tessituras. Observa-se uma tensão constante entre as projeções de corpo modelo e a precariedade da carne, já que o projeto de si como potência ilimitada precisa superar esses obstáculos orgânicos e simbólicos, como as corporeidades fora do padrão que envelhecem, engordam, emagrecem, não estão devidamente bronzeadas, tem pouco ou muito cabelo, em texturas não desejadas, são racializadas ou, simplesmente, são dotadas de características assumidas como inconvenientes.

Se as corporeidades são lidas como signos hierarquizados, por meio dos quais raça, gênero, origem geográfica, idade são condições de vulnerabilidade/privilégio, a potência de si pode ser desenvolvida em duas diferentes frentes vinculadas: em movimentos de reforço ou de compensação. Se o corpo em si pode ser produzido por essas tecnologias, que vão desde dietas

alimentares, suplementação, introdução hormonal, uso de próteses diversas (como mamárias, capilares, dentárias, musculares), técnicas de modificação da estrutura física, retardo dos processos de envelhecimento, elementos externos podem operar como reforço dessa corporeidade construída, ou como compensação de supostas debilidades. Essa construção de uma noção de debilidade precisa ser explicitada, já que essa também não é uma condição natural do corpo, mas consequência de leituras desse corpo a partir do universo simbólico no qual está inserido. Não existe debilidade em si. Essa concepção está diretamente relacionada como os corpos instaurados como referência de valor simbólico. No caso de masculinidades, é de conhecimento do campo de estudos de gênero a pretensão de universalidade dos corpos lidos como masculinos, brancos, heterossexuais, fortes e jovens (mas não jovens demais). É frequente, então, que muitos homens busquem produzir as próprias corporeidades tendo esse modelo como referência, ainda que sua constituição física seja diversa e o alcance desse padrão seja impossível na sua completude.

Sobre as interfaces entre corpo e tecnologias, sejam elas mais ou menos acopladas à matéria, chamamos atenção também para as textualidades virtuais dos corpos operacionalizadas, principalmente, pelos espaços de enunciação da *web*, como as redes sociais. Nesses espaços, seja por processos de edição, filtro ou mesmo ângulo de imagem, os corpos aparecem com frequência mais jovens, magros e torneados. Altera-se a cor da pele, dos olhos, dos dentes, modifica-se a estrutura da boca, nariz, formato do rosto, dentre uma infinidade de edições possíveis, publicizando versões virtuais de si mais coerentes com os padrões vigentes. Assim, propomos pensar em como narrativas de masculinidades são conformadas por produções que extrapolam intervenções físicas, sendo constituídas também por intervenções e próteses virtuais e simbólicas. O ser homem resulta de uma complexa engrenagem formada por diferentes dimensões de significação, que se atravessam e se produzem constantemente. Todas elas atuam em um mesmo projeto textual extracorpóreo, que tem diferentes lugares de materialização, sendo a carne apenas um deles. Retomando o mandato de masculinidade, por meio de tais processos e dinâmicas diversas, a produção simbólica das construções de masculinidades em redes textuais não perde de vista o sentido de potência, como objeto dos signos postos em jogo.

Dessa forma, toda a rede de elementos, que compõe as formas de ser masculinas no mundo, pode ser definitiva para localizar e produzir esses corpos dentro das regras dos jogos de poder. Considerando movimentos de potencialização, retomamos a rede textual de Rodrigo Hilbert, que, inserido no contexto brasileiro, ocupa os lugares de referência dos marcos da

masculinidade normativa: homem, cisgênero, branco, heterossexual, nascido no sul do país. Ao se enunciar como um homem rico, famoso, casado com uma reconhecida apresentadora brasileira, pai de três crianças, que sabe cozinhar, construir móveis, que faz tricô, todos esses elementos se mostram fundantes desse sentido de exacerbação de potência que configura a existência desse corpo no tecido social.

Nos casos de homens que fogem desse marco referencial de masculinidade universal, os elementos em questão podem propor (embora não possam assegurar) uma relação de compensação não só de poder, mas de relativização das violências implicadas aos indivíduos que não correspondem a esse modelo. Um exemplo possível é o caso de homens negros famosos e ricos que relatam serem a fama e a riqueza as únicas condições possíveis para poupá-los de algumas situações de racismo (embora não de todas). Ou seja, nessa economia simbólica em que ser homem, branco, cisgênero, heterossexual, rico é o ápice do poder, alguns elementos operam como possibilidade compensatórias, deslocando a configuração simbólica que constitui esse homem e suas possibilidades de ser e agir nesse mundo. É recorrente, por exemplo, que pessoas racializadas relatem precisar se vestir com cuidado para não “ser confundido com bandido”, enquanto homens brancos, dentro do padrão normativo, gozam do privilégio de circular de bermuda e chinelos em praticamente qualquer lugar, sem ser incomodados.

Para Rucovsky (2016), os limites do corpo seriam o contorno do sujeito. Defendemos que o contorno dos sujeitos está para além do corpo, se configurando de maneiras muito variadas, ainda que inseridas dentro das heteronormas dos gêneros. Isso significa que o objeto do processo de significação dos padrões de reconhecimento de masculinidades e feminilidades são relativamente limitados. O que parece mudar com velocidade e volume impressionantes são os signos que configuram tais processos simbólicos. E são esses arranjos e suas formas de operar que, reafirmando ou rompendo com as normas de gênero (se é que de fato rompem), interessam para a presente tese. Mais que isso, nos parece importante refletir sobre quais seriam esses contornos dos sujeitos, que se enunciam como masculinos, e como suas corporalidades assumem significados nas intersecções entre os limites somáticos e as diversas formas de próteses, que modificam as maneiras como essas pessoas se enunciam e são apreendidos nas trocas sociais, de forma a configurar determinadas posições e privilégios nos jogos de poder.

Essa percepção dos limites do corpo tem mais a ver com o reconhecimento do que é interno e externo à heteronorma, do que a uma suposta individualidade delimitada pela pele. Ou seja, é o reconhecimento do outro, dos corpos abjetos, tal como são significadas aquelas pessoas que se enunciam quanto à sexualidade e ao gênero a partir de identidades dissidentes

do projeto de coerência sexo – gênero – sexualidade. Para Rucovsky (2016), as figuras corporais são definidas a partir de suas relações de dependência com a heteronorma. Assim, define-se os limites sociais aceitáveis dos espectros de masculinidades e feminilidades, de maneira que quanto mais um sujeito se aproxima do padrão de referência, mais possibilidades de legitimação e as consequentes posições sociais se tornam acessíveis a ele. E quanto mais uma pessoa se afasta da referência, maiores são as possibilidades de ser apreendida como corpo abjeto, sendo exposta ao conjunto de violências e punições sociais destinadas àqueles que se afastam das normas.

### **3.5 Masculinidades: fragilidades encarnadas e promessas de potência**

No tópico anterior, nos dedicamos a questionar a apreensão do corpo a partir da separação entre sexo como matéria e gênero como construção simbólica, consequente deste sexo biológico. A partir dos pensamentos de Butler (2020), entende-se que o gênero não só não resulta do sexo, como produz o sexo. Logo, o gênero pode ser considerado como uma forma de viver o corpo no mundo (Rucovsky, 2016). Ou seja, é a partir do registro social e cultural dos gêneros, significando os corpos, que cada pessoa apreende o mundo. Contextualizando o pensamento de Butler sobre o corpo como situação, o autor coloca que:

A tensão supõe que o corpo é situação enquanto campo de possibilidades culturais simultaneamente recebidas e reinterpretadas (ou em outros termos, uma realidade material dentro de um contexto de sentido), e, por isso, o gênero é uma forma de existir no próprio corpo (leia-se uma capacidade de escolha). O corpo é situação como âmbito corporal de onde se interpretam um conjunto de normas (ou possibilidades culturais) de gênero que já foram informadas ao estilo corpóreo. (RUKOVSKY, 2016, p.200), tradução nossa).

Dessa forma, as normas de gênero possibilitam que o devir gênero promova repetições e variações de estilos corporais. As pessoas que se enunciam a partir de referências de gênero dissidentes auxiliam na compreensão de como o gênero pode produzir as corporeidades, seja por processos de transição de gênero (com ou sem intervenção cirúrgica de redesignação genital), seja pensando na amplitude do espectro das identidades de gênero, que possibilitam e produzem corporeidades diversas, como as pessoas não binárias, não necessariamente coerentes com a lógica sexo-gênero-sexualidade. As corporeidades sexuadas extrapolam muito a questão das genitálias. Esse processo pode acontecer por ingestão hormonal, pelo uso de próteses, ou por processos estéticos diversos, de maneira que o corpo é entendido como algo que produzimos cotidianamente, tendo como pano de fundo os contextos socioculturais como aqueles que

possibilitam a inteligibilidade de qualquer corporeidade. Isso quer dizer que os corpos são elaborados e reelaborados constantemente, muitas vezes em elaborações que ultrapassam o binarismo de gênero, mas sendo as enunciações de gênero um dos seus lugares de referência e significação normativas mais perenes.

Então, pensar os gêneros como textualidades implica em pensar o corpo, embora não apenas em seus limites somáticos. Nos interessa refletir sobre como o processo de enunciação de si, ainda que seja uma noção encarnada de sujeito, se funda em uma rede de significação extensa e heterogênea. No contexto social ocidental, uma das principais formas de acessar uma pessoa pela primeira vez se estabelece a partir da teia de sentido que envolve, atravessa e produz a corporeidade, mas não se limitando a ela. Como indica Donna Haraway (2018), as fronteiras entre corpo e tecnologia são borradas. Aqui, entendemos que no processo de textualização de si, as tecnologias de produção dos lugares almeçados de enunciação se dão na interface dos corpos com tecnologias muito diversas, entendendo a noção de tecnologia como artefatos de produção semântica dos corpos. Assim, como citado no caso do cantor Israel Novaes e sua Dodge Ram, o carro caríssimo é uma tecnologia de produção de si como homem, transformando seu efeito de potência nas trocas sociais. Por isso, sendo essas tecnologias produtoras de sentidos que configuram determinados lugares de poder e privilégio social para algumas pessoas, considerando que essas pessoas existem como corpos significantes no mundo, propomos o entendimento dessas como próteses de sentido.

Mas, ainda que os sentidos operem na dimensão simbólica, eles são produtores de materialidades e, em contextos mais extremos, capazes de determinar a vida e a morte dos sujeitos implicados. Porém, mesmo que as masculinidades como mandato sejam operacionalizadas em corpos, na maioria das vezes de homens, elas não são os corpos. Nesse jogo de privilégios de gênero, ainda que os homens experienciem lugares variáveis de poder por serem homens, eles não são o poder. As narrativas sobre a morte do funkeiro MC Kevin, ocorrida aos 23 anos, em maio de 2021, possibilitam melhor compreender essa afirmativa.

Em meio à pandemia do Covid-19 no Brasil, em um dos momentos de maior índice de letalidade do vírus, o MC paulista vai ao Rio de Janeiro para realizar um show clandestino. Nascido e criado na periferia de Mogi das Cruzes, Kevin relatava com recorrência sua infância em situação de precariedade, tendo, inclusive, atuado como aviãozinho do tráfico durante a adolescência. Parece uma recorrência no mundo funk brasileiro, em especial o paulista, que a ostentação de bens materiais compoñha modos de enunciação de si dos artistas, tendo eles alcançado mais ou menos reconhecimento. Carros importados, mansões, viagens, joias, são

alguns dos elementos mais acionados nessa enunciação de potência. MC Kevin já havia conquistado todos eles e parecia experimentar os limites do lugar de prestígio como homem que deles decorria.

Com a companheira, Deolane Bezerra, e um grupo de amigos vindo de São Paulo, Kevin havia financiado a estadia de todos em um hotel de luxo na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Os relatos dão conta de que o grupo utilizou entorpecentes, como maconha e o sintético MDMA, seguindo para festa depois do show. Tendo chegado no hotel no fim da manhã, seguiram consumindo álcool e drogas ao longo de todo o dia. Kevin se desentendeu com Deolane em função de discordâncias sobre ele seguir pagando a estadia dos amigos, no hotel, por mais uma noite. Ao ser confrontado por ela, ele afirma não ser seu *fiote* (filho) para receber ordens e prossegue festejando na praia com o grupo, enquanto ela permanece no quarto de hotel. Kevin parece viver o auge da potência da masculinidade, mesmo contra todas as expectativas. O menino negro e pobre da periferia de São Paulo conquista o sucesso artístico e financeiro no cenário do funk, passa a ostentar variados tipos de bens, é alvo do desejo de muitas mulheres e proporciona aos amigos, também na condição de pares no mandato de masculinidade, desfrutar desses lugares de poder alcançados. No contexto descrito, parece viver seu privilégio masculino em processos coletivos junto a outros homens jovens, que compartilharam com ele o lugar de origem e a trajetória de luta por reconhecimento profissional. Tanto que financia viagem, hospedagem e contas caras em bares e restaurantes locais, mesmo que isso aconteça a contragosto da companheira.

No quiosque de praia em frente ao hotel, Kevin observa e é observado por uma mulher. Seu amigo, MC VK, inicia uma conversa com ela e organiza um encontro sexual para o cantor e a moça em seu quarto. Nesse percurso, a mulher dá a entender que trabalha como prostituta e, para disfarçar qualquer suspeita da companheira de Kevin, segue com o amigo VK para o hotel. Enquanto Deolane descansava no 13º andar, Kevin se encontrou com a mulher no quarto do amigo, no 5º andar, onde ambos acordaram as condições para o encontro sexual com ela. Não se tratava de uma prática sexual grupal, mas sim de relações sexuais que cada um manteria individualmente com ela, enquanto o outro observava. Aqui é possível perceber como a mulher é convocada para participar de uma prática de caráter simbólico, em um fluxo comunicativo que se estabelece entre Kevin e o amigo, e entre os dois e a corporação masculina invisível que os acompanham nas atualizações do *status* de masculinidade. Até aqui, a potência de Kevin parecia infinita. Seja no âmbito social e financeiro, seja no físico, apreendido pelo abuso de entorpecentes e por ultrapassar limites fisiológicos e permanecer dias sem dormir, indicando



que nem seu corpo poderia fazê-lo parar. A instrumentalização das relações com as mulheres, seja a companheira ou a garota de programa, também fica posta no enredo. O suposto afeto por Deolane, com quem matinha um acordo monogâmico declarado constantemente em shows e postagens nas redes sociais, não entrou na equação de espetacularização da potência exibida a seus pares, quando decide contratar os serviços da garota de programa no mesmo recinto em que está hospedado com ela. Logo, se a *performance* sexual é uma construção de sentido poderosa para o reconhecimento da potência masculina entre pares, Kevin produz o ponto alto de seu mandato no encontro sexual com a mulher que acaba de conhecer na praia, enquanto a companheira se encontrava oito andares acima.

No momento descrito, Kevin parece poder tudo, numa espécie de auge do ideal da masculinidade tradicional: drogas, dinheiro, amigos, mulheres, sucesso. Em uma narrativa confusa sobre o que de fato ocorreu, o que se sabe é que, ao ouvir um barulho de porta se abrindo, o cantor pensou ser Deolane, que teria descoberto a traição. Assim, interrompe o ato sexual com a mulher e, bruscamente, salta da varanda do quinto andar do hotel, numa tentativa de escapar do flagra da companheira. Esse seria ápice do construto de potência desse homem, que em uma cena cinematográfica, sairia ileso de uma queda de cinco andares, porém a fragilidade humana do corpo foi o limite e Kevin não resistiu ao impacto da queda. Essa narrativa possibilita a compreensão de que ainda que tenha experimentado lugares de absoluto poder na referência tradicional de masculinidade, Kevin não era o poder. Em poucos segundos, ele deixa a projeção de superpoderes e é reduzido aos limites da carne. O que importa aqui é: no momento em que a vida do cantor deixa de existir, as estruturas de poder das masculinidades seguem intactas. Esse corpo, lugar de encarnação de potências absolutas dos referenciais masculinos, se esvai em instantes, vítima do mandato de masculinidade, que lhe concede poder e privilégio, mas que eventualmente lhe cobra com a vida. Perante a sua morte, a engrenagem dos jogos de poder segue operando sem nenhuma alteração, encontrando outros corpos como ferramenta de atuação, corpos esses que também não são o poder, mas que desfrutam de seus privilégios, por mais ou menos tempo, em distintas intensidades.

O que queremos dizer é que essa vivência de masculinidade de Kevin não é um dado natural, mas corresponde ao ato performativo de Butler (1988), como os processos por meio dos quais os corpos assumem significados culturais. Mas tais processos de significação corpórea não acontecem individualmente. Eles dependem das dimensões constitutivas do gênero, ou seja, do corpo em sua condição de situação e atuação histórica. Esses atos performativos constroem os modelos de significação de gênero a partir de uma coletânea

prefigurada de normas históricas e sociais de opressões interseccionais. Logo, a distinção sinalizada entre Kevin, como um corpo humano, e determinado projeto por ele encarnado como um sistema de poder muito maior, se mostra como um lugar complexo de reflexão. Ao mesmo tempo em que as engrenagens de poder de gênero são do âmbito das estruturas políticas coletivas, essas só podem ser implementadas e mantidas pela repetição de práticas e comportamentos de atores individuais.

Para refletir sobre essas engrenagens, convocamos Preciado (2018), autor espanhol que tece reflexões sobre gênero a partir de uma chave de leitura semiótica. Assim, o que o autor nomeia por sistema farmacopornográfico operaria como uma “máquina de representação somática onde texto, imagem e corporalidade espalham-se no interior de um circuito cibernético expansivo” (PRECIADO, 2018, p.118). Deste modo, o corpo textualizado como masculino consiste em uma emergência de sentidos que se dá na relação. Elementos do contexto que extrapolam sua materialidade, mas que conformam suas possibilidades de ação, são levados em conta de maneira estrutural, como a realidade política, os sentidos enunciados quando postos em relação com o coletivo e suas implicações sociais e econômicas de privilégio.

Dados tais pressupostos, na tentativa de compreensão dos sentidos recorrentes do mandato de masculinidade, e de que maneira esses atravessam as propostas de masculinidades normativas e aquelas que se reivindicam como transformadas, nos parece importante nos dedicar à discussão da relação de gênero como produto do borramento de fronteiras entre corpos e tecnologias, bem como ao desenvolvimento da proposição da noção de prótese em seu caráter simbólico, para entender quais são alguns dos múltiplos elementos significantes, recorrentemente, acionados na constituição do masculino como texto em partilha.



TECNOLOGIAS E PRÓTESES DE GÊNERO:  
CONSTRUÇÕES SOMATOTÉCNICAS DE MASCULINIDADES  
CONTEMPORÂNEAS

#### 4. MASCULINIDADES: ENTRE TECNOLOGIAS, CORPOS E REDES DE SENTIDO

No capítulo anterior, explicitamos nosso entendimento sobre as masculinidades como um tipo de mandato (Segato, 2018), que se nutre de tributos cobrados do feminino e é legitimado por outros homens, em uma espécie de corporação. Assumindo as construções de gênero como redes de significação em processo constante, neste capítulo, nos resta incendiar o rastro de pólvora composto por enunciações de formas de ser homem, na tentativa de apreender o que a experiência masculina convoca, prescreve e articula nas interfaces estabelecidas entre a materialidade orgânica dos corpos, tecnologias e próteses simbólicas, de maneira a converter conjuntos de células em homens e mulheres.

Dessa forma, começamos por organizar as referências teóricas sobre gênero levadas em consideração no desenvolvimento desta reflexão, partindo das discussões sobre tecnologias de gênero, fronteiras entre corpo e artefatos tecnológicos e próteses de gênero. Partimos, assim, do entendimento das referências heteronormativas de masculinidades e feminilidades como ficções capazes de organizar relações, condições de enunciação, limitar agências e determinar lugares na estrutura de poder (em intersecção com outras dimensões, como classe e raça). De modo que faz sentido refletir sobre a estrutura de gênero na condição de redes textuais tecnosomáticas, que tecem redes de corpos, tecnologias e construções simbólicas capazes de determinar posições de privilégio e sujeição, engendrando as condições desiguais que configuram a realidade de mulheres e homens.

A tessitura dessa rede simbólica multisemiótica se materializa no encontro daquele que se enuncia como homem e de seus interlocutores, que partilham com ele de referências que compõem o universo simbólico no qual estão inseridos (embora esse repertório se configure de maneira única para cada pessoa). Nessa construção teórica e reflexiva, ressaltamos que o presente ensaio bebe na fonte dos estudos feministas e dos estudos *queer*, e tem como compromisso não perder de vista as relações de poder que estruturam as construções de gênero. Sendo assim, nossas referências são compostas, principalmente, por autores que escrevem em diferentes momentos dos séculos XX e XXI, em especial a partir dos anos de 1980. Como lentes teóricas estruturantes do entendimento dos gêneros para além dos corpos, convocamos as discussões de gênero como tecnologia (De Lauretis, 1994), e próteses de gênero (Haraway, 2018; Preciado, 2018). Acionamos essas teorias como ferramentas de articulação reflexiva das masculinidades e suas implicações simbólicas e relacionais.

#### **4.1 Estudos de masculinidades em perspectiva: construções de sentido e ficções textualizadas**

Refletir sobre gênero significa enfrentar alguns desafios. Campo de estudos vivo e cambiante, não é simples lidar com construções simbólicas em constante transformação. Além da complexidade do mundo de referência que motiva tais estudos, a diversidade das próprias correntes teóricas também contribui para que haja uma multiplicidade de perspectivas em jogo. Especificamente sobre os estudos dedicados às masculinidades, Connell (1995) identifica pelo menos quatro enfoques que operam em lógicas distintas, mas que, eventualmente, se sobrepõem na prática. O primeiro deles é o enfoque “essencialista”, que é tomado como base por diferentes campos, como o da psicanálise, pois identifica um traço central que possibilita a determinação de um núcleo masculino. O segundo se refere ao enfoque positivista, caracterizado por uma definição objetiva da masculinidade, ou seja, o que os homens “verdadeiramente são”. Tal perspectiva é adotada como fundamento lógico para instrumentos como escalas de feminilidade/masculinidade e para estudos etnográficos dos denominados modelos de masculinidade. O terceiro enfoque é nomeado como “normativo” e é relacionado ao estabelecimento de diferenças entre os homens, define a masculinidade e prescreve o que os homens deveriam ser. Por último, a autora aponta para as perspectivas “semióticas”, que refletem sobre as masculinidades a partir de esquemas de diferenças simbólicas que estabelecem posições desiguais para o masculino e o feminino.

A categorização de Connell foi desenvolvida na década de 1990. No começo da década de 2020, outros caminhos estão sendo traçados pelos estudos das masculinidades. Ainda que não nos vinculemos aos enfoques estabelecidos pela autora, a perspectiva semiótica nos chama atenção à medida que nos interessa refletir sobre as construções de gênero como ficções, proposições simbólicas que normatizam as relações de poder no mundo.

Logo, mesmo que essa discussão não seja nova e constitua um dos pilares do pensamento feminista, nos parece necessário alinhar nossas filiações teóricas no decorrer desta etapa. Isso porque, mesmo que muitas das abordagens tragam construções distintas em momentos diferentes da história, a escolha teórico-metodológica aqui assumida parece demandar algumas delimitações, no intuito de assegurar a solidez da trajetória proposta. Convocamos Preciado (2018), que assume um tipo de interpretação semiótico-político do gênero, compreendendo este como “efeito de um sistema de significação que inclui modos de

produção e decodificação de signos visuais e textuais politicamente regulados” (PRECIADO, 2018, p.118). Na mesma direção, De Lauretis (1994) indica que cada um é, simultaneamente, produtor e intérprete de tais signos, de maneira a estar a todo momento implicado em processos corporais de significação, representação e autorrepresentação.

Parece-me que o gênero não é um simples derivado do sexo anatômico ou biológico, mas uma construção sociocultural, uma representação ou, melhor ainda, o efeito do cruzamento de representações discursivas e visuais que emanam das diferentes instituições – a família, a religião, o sistema educativo, os meios de comunicação, a medicina ou a legislação -, mas também de fontes menos evidentes, como a linguagem, a arte, a literatura, o cinema, etc. Contudo, a construtividade ou a natureza discursiva do gênero, não o impediram de ter implicações reais, ou efeitos concretos, tanto sociais quanto subjetivos, na vida material dos indivíduos. Ao contrário, a realidade do gênero está precisamente nos efeitos da sua representação; o gênero é realizado, se torna “real” quando essa representação se torna autorrepresentação, é individualmente assumida como uma forma da própria identidade social e subjetiva. (DE LAURETIS, 2019, p. 13).

É a partir do entendimento da dimensão de realidade das implicações e efeitos vinculados às projeções de gênero, mais especificamente às masculinidades, que consideramos que o masculino, como conjunto simbólico, está, necessariamente, conectado ao contexto sociocultural no qual está inserido e suas conseqüentes desigualdades. Isso quer dizer que, na condição de rede de sentido, o processo de emergência do ser homem é integrado às condições do entorno cultural, de forma que as experiências individuais e coletivamente partilhadas se articulem e determinem o que pode ser entendido por vivências masculinas. Nesse caminho, uma das premissas do pensamento de De Lauretis (2019) é estruturada na afirmação de que o gênero é uma representação, portanto, uma ficção, mas que implica conseqüências e efeitos reais, materiais e concretos na vida das pessoas e na estrutura social, individual ou coletiva.

Esses apontamentos indicam para a não existência de conexões naturalmente estabelecidas entre sexo e o que é socialmente projetado como masculino ou feminino. As corporeidades resultantes das construções tecnológicas de gênero são entendidas como uma constelação de efeitos de significados que resultam de processos múltiplos de linguagem, que não estão prontos, mas se renovam cotidianamente a partir dos engajamentos de cada pessoa no contexto social. A experiência de gênero é composta por uma rede heterogênea de hábitos, associações, percepções e disposições, capazes de engendrar os corpos como femininos e masculinos. Assim, as dimensões pragmática e experiencial de cada pessoa estão relacionadas às implicações simbólicas e às autorrepresentações produzidas e constituídas por cada um em práticas, enunciações e investimentos socioculturais, que têm como efeito a constituição física e semântica do que partilhamos por homens e mulheres.

Ao recusar os aspectos biologizantes da suposta conexão entre formas de enunciação de gênero e o corpo em seu estado de natureza, queremos dizer que o que é compartilhado como referências de masculino e feminino são construções sociais, um tipo de linguagem apreendida e partilhada que procura normatizar existências e configurar o real.

O sistema de sexo-gênero, enfim, é tanto construção sociocultural quanto aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro de hierarquia social, etc.) a indivíduos inseridos na sociedade. Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino ou feminino subentende a totalidade daqueles atributos sociais. (DE LAURETIS, 2019, p.126).

Dessa forma, a função primordial do gênero é entendida como a de transformar indivíduos concretos em homens e mulheres. Tal ficção é capaz de definir (e limitar) as condições de autonomia e agência dos indivíduos, conforme as configurações de poder e os lugares de privilégio que cada pessoa ocupa. Sendo a violência também compreendida como linguagem vinculada aos valores que constituem as projeções de masculino e feminino, tal ficção conforma modos de vida e seus efeitos são tão reais que, em situações extremas, como discutido no capítulo anterior, pode definir as possibilidades de vida e de morte, como é o caso de Mc Kevin, vítima do mandato de masculinidade como promessa infinita de potência.

Sobre o dismantelamento das fronteiras entre ficção e realidade nas construções de gênero, Donna Haraway (2019) compreende os sentidos de masculino e feminino a partir dos atravessamentos de corpo e artefatos tecnológicos. Assim, defende que os entrecruzamentos de organismo e máquina são também fusões de realidade e ficção: realidade à medida que implica relações sociais vivenciadas e seus encadeamentos no cotidiano e, ao mesmo tempo, ficção com potência transformadora do real. Dessa maneira, as masculinidades como ficção são criações capazes de modificar aquilo que é entendido e contabilizado como experiência masculina. Nesse sentido, Haraway (2019) compreende a fronteira entre realidade e ficção como um tipo de ilusão de ótica. Por isso, seus escritos nos parecem potentes não só na tentativa de compreender nossa realidade corpórea e social, mas, principalmente, na composição de entendimentos sobre os gêneros como “recurso imaginativo que pode sugerir alguns frutíferos acoplamentos” (2019, p.158).

As relações de gênero são compreendidas por De Lauretis como vínculos de pertencimento. Isso significa que elas determinam posições específicas para uma pessoa em relação aos seus próprios pares e aos outros, tanto no que implica as relações de identidade e outridade, quanto as estruturas sociais de maneira mais ampla. Quer dizer que o que se partilha

social e culturalmente como masculino e feminino, enquanto dimensões que se complementam e se excluem mutuamente, e a partir das quais todas as pessoas são categorizadas (ainda que elas próprias não se reconheçam dentro de tais ficções), também estará conectado à realidade política e econômica de cada grupo social. Ou seja, as assimetrias que conformam o sistema sexo-gênero, conseqüentemente, estão vinculadas aos sistemas ampliados de desigualdade social.

Ao assimilar o masculino e feminino como resultantes da produção de posições que se baseiam em diferenças simbólicas, De Lauretis os compreende como sistema de representação e autorrepresentação que se materializam em diferentes e variáveis configurações sexuais-discursivas. Mas somente constatar as diferenças e oposições relacionadas aos gêneros não se mostra suficiente. Dado que, mesmo que os sentidos de masculino e feminino sejam relativamente perenes, a produção da diferença não se constitui previamente à ação. Dessa forma, entendemos que a construção da diferença se repete e se renova constantemente nas trocas cotidianas. Como resultado, mais importante que tentar compreender a diferença como substância apreensível, parece mais efetivo conhecer as construções históricas e processuais de masculinidades em relação com feminilidades, aspectos que tornam possível a abertura de um caminho na tentativa de acessar de que maneira tais diferenças estruturam privilégios e relações de poder nos jogos de manutenção/renovação de sentidos.

Hollway (1984) defende que, de maneira consciente ou inconsciente, o poder é o objeto de motivação para que as pessoas invistam em determinadas posições de discurso. O que significaria que, em diferentes contextos, existe uma diversidade de discursos em disputa sobre gênero e sobre sexualidade. Quando alguém se posiciona a partir de um ou outro discurso (mais ou menos conscientemente), aponta para um tipo de investimento, um tipo de implicação emocional e de interesse na posição prometida (mas não garantida) por determinada colocação nessa gramática dos gêneros. Esse poder pode tomar forma das mais diversas maneiras, como em vantagens, recompensas e satisfações resultantes de tais posições.

Isso não quer dizer que as pessoas escolhem livremente o discurso de gênero a partir do qual desejam se posicionar. Desde o nascimento, bebês lidos fisiologicamente como femininos ou masculinos são submetidos a constrangimentos em série para que se identifiquem e se enunciem a partir do gênero que lhes foi designado. Mas o sistema de gênero determina também o que as pessoas devem almejar, quais os parâmetros de felicidade lhes cabem e em que tipo de projeção de vida devem investir. A partir desses marcos, homens e mulheres têm a sensação de interesse próprio a partir dos parâmetros definidos de um ou outro regime discursivo. Se faz



importante ressaltar isso à medida que os gêneros consistem em modelos de sujeição determinados pela matriz patriarcal heteronormativa, que condiciona regimes de opressões e privilégios desiguais para mulheres e homens, de forma que o que se pode acessar como escolha, liberdade e motivação está estruturalmente limitado.

Nos jogos de poder, são os gêneros, na condição de emaranhados de sentidos de diferenças, resultantes e produtores de uma complexa rede de tecnologias políticas e sexuais que atuam sobre os corpos, produzindo também diferenças raciais, de origem geográfica, de capacidades, classe, condições corporais, etárias, dentre outras. Nessa direção, Preciado (2018) demarca o surgimento de uma corrente de estudos que se dedica a refletir sobre as tecnologias produtoras de corpos generificados, que entende a materialidade orgânica como construto fabricado, que deve agir de forma coerente com as condições de enunciação e ação possibilitadas a cada gênero. Em consonância com Butler (2020), o autor chama atenção para a importância de não entendermos o gênero como “força cultural” que atua sobre uma “base biológica”, sendo essa última a construção de um sentido naturalizado de corpo como sexo. Pensar em termos de gênero significa assumi-lo como a própria subjetividade resultante dos circuitos tecno-orgânicos que tomam a forma de codificações de identidade, sexualidade e raça, significando diferentes lugares de poder no contexto social. Assim, nos parece importante refletir sobre as dinâmicas de tessitura da rede simbólica das masculinidades a partir do entendimento do ser homem como uma textualidade, que é codificada no corpo e para além dele, em intersecções entre organismos e múltiplas formas de tecnologias.

#### **4.2 Masculinidades como redes de sentido: textualização, codificações e decodificações do ser homem**

Pensar nas corporeidades generificadas como textos não é uma novidade. Desde as últimas décadas do século XX, quando desenvolve o conceito de ciborgue, Haraway convoca a concepção de texto para pensar o corpo. Ainda que o caráter de mediação seja um ponto em comum com outras concepções das corporeidades como produção de sentido, existem algumas especificidades na abordagem da autora. Levando em consideração o cenário tecnológico em pleno desenvolvimento no ocidente da década de 1980, período em que a internet foi criada, bem como a obtenção de avanços em outros campos como a tecnologia da informação, a

biotecnologia e a nanotecnologia, percebemos o pano de fundo que contribui para as reflexões propostas por ela.

Inserida nesse contexto, ela pensa o mundo a partir de processos de codificação e decodificação, tendo como referência desde a escrita (sendo essa um marco importante), até o desenvolvimento da biotecnologia e da microeletrônica, consideradas formas modernas de leitura da realidade, ao textualizar os corpos humanos como códigos. Logo, considera desde os chips de silício como superfícies de escrita de dimensões moleculares, até as teorias modernas da biologia, como é o caso da biologia molecular, que traduzem os corpos nos termos de codificação genética, de maneira que os organismos não sejam mais compreendidos como objetos complexos de conhecimento, mas sim como componentes bióticos, assumidos como “tipos especiais de dispositivos de processamento de informações” (HARAWAY, 2019, p.178). Ou seja, considerar essa transformação de organismos no que Haraway chama ora de textos, ora de informação como elemento quantificável, significa assumir lentes de leitura para os corpos a partir de um processo de tradução, baseado na partilha de uma “linguagem comum na qual toda a resistência ao controle instrumental desaparece e toda a heterogeneidade pode ser submetida à desmontagem, à remontagem, ao investimento e à troca” (HARAWAY, 2019, p.178).

Menos de dez anos depois, em 1990, a autora americana Judith Butler propõe sua teoria a partir da negação de qualquer caráter pré-discursivo atribuído ao gênero. Tomando a linguagem como referência para desenvolver seus escritos, Butler (2015) reflete sobre o gênero em um movimento de ruptura como o sistema sexo-gênero e, sob o termo de performatividade, descreve o processo de enunciação de identidade como produção de um sistema de convenções, regras sociais e práticas institucionais inseridas em um tipo de gramática partilhada. Para Butler, o gênero é uma prática discursiva, portanto, opera na e pela linguagem, considerando as dimensões corpóreas e performativas dessa, capaz de ser apreendida pela inteligibilidade social e, dependendo do grau de coerência alcançado, receber maior ou menor reconhecimento político. Não significa que as identidades de gênero sejam fixas, assim como também não são seu pertencimento à rede de inteligibilidade social e seu reconhecimento político. No movimento de tensão das recorrências, transformações e renovações dessa gramática, novos grupos identitários conquistam lugares de reconhecimento político antes inexistentes, bem como também ampliam e modificam o repertório de inteligibilidade social.

Nos anos 2000, Preciado parte das discussões de diferentes autores - como Haraway, Butler e De Lauretis-, quando escreve sobre o corpo da era farmacopornográfica. A partir de

tais escritos, propõe um modo de sistematização dos gêneros nos âmbitos semântico, visual e somatotécnico, que constituem os sujeitos postos em disputas políticas, demandas por reconhecimento individuais e de grupos identitários que escapem dos sistemas normativos vigentes. Sobre manutenções e modificações nos modelos de feminilidade e masculinidade, Preciado ressalta que:

Embora os critérios visuais para a atribuição de sexo pareçam não ter mudado muito desde o final do século XIX, as atuais possibilidades técnicas de modificação do corpo introduzem diferenças substanciais no processo de atribuição e produção da feminilidade e da masculinidade na era farmacopornográfica. O processo de normatização (atribuição, reatribuição), que só podia ser levado adiante por meio da representação discursiva ou fotográfica, inscreve-se agora na própria estrutura do ser vivo como técnicas cirúrgicas, endocrinológicas e mesmo genéticas. (PRECIADO, 2018, p. 123).

Ainda que concordemos com a constatação de que o corpo alcança novas bases de produção no século XXI, reafirmamos que a enunciação de si como um sujeito generificado não pode ser compreendida com a requerida complexidade se não considerarmos a rede somatotécnica, protética e semântica que configuram as pessoas individualmente e em sua relação com o coletivo normativo. A compreensão de si como um homem ou uma mulher é um tipo de desenvolvimento de saber específico sobre si mesmo, resultante da aglomeração de construções biopolíticas e de sentido consideravelmente rígidas e perenes, que reúnem e organizam conjuntos de práticas performativas e discursivas. Se reconhecer como homem ou mulher constitui, assim, bioficções resultantes das tecnologias somáticas que operam como o que Preciado define de próteses de subjetivação. Ao listar *alguns dos códigos semiótico-técnicos da masculinidade heterossexual branca pertencentes à ecologia política farmacopornográfica pós-guerra*, elenca:

James Bond, futebol, usar calças compridas, saber levantar a voz, Platoon, saber matar, saber sair na porrada, os meios de comunicação de massa, a úlcera estomacal, a precariedade da paternidade como laço natural, o jaleco, o suor, a guerra (incluindo a versão televisiva), Bruce Willis, a operação Tempestade no Deserto, a velocidade, o terrorismo, o sexo pelo sexo, ficar de pau duro como Ron Jeremy, saber beber, saber ganhar dinheiro, Rocky, Prilosec, a cidade, o bar, as putas, o boxe, a garagem, a vergonha de não ficar de pau duro como Ron Jeremy, Viagra, câncer de próstata, o nariz quebrado, a filosofia, a gastronomia, *Scarface*, ter as mãos sujas, Bruce Lee, pagar uma pensão para a ex-mulher, violência doméstica, filmes de terror, pornô, jogatina, apostas, o governo, o Estado, a corporação, alimentos embutidos, caça e pesca, botas, a gravata, a barba de três dias por fazer, álcool, infarto, calvície, Fórmula 1, viagem à Lua, a bebedeira, enforçar-se, relógios grandes, calos nas mãos, manter o ânus bem fechado, camaradagem, gargalhadas, inteligência, saber enciclopédico, obsessões sexuais, ser um conquistador, misoginia, ser um skinhead, *serial killers*, heavy metal, deixar a esposa por uma mulher mais jovem, o medo de tomar no cu, não ver os filhos depois do divórcio, vontade de dar o cu... (PRECIADO, 2018, p.131).

Ou seja, o que o autor lista como códigos semióticos-técnicos da masculinidade heterossexual branca consiste em uma rede de referências, práticas, comportamentos vinculados ao que se comunga como masculino, que, mais do que indícios de uma identidade partilhada, funcionam como uma espécie de conjunto prescritivo produtor dos sentidos que organizam e compõem as masculinidades. Se enunciar como homem e ser socialmente apreendido como tal, depende das negociações estabelecidas com o conjunto de condições e referências compartilhadas no universo simbólico do masculino. Nesse sentido, Butler (2015) defende que os gêneros devem ser compreendidos como a “repetição estilizada do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2015, p.69). Preciado (2018) concorda com os apontamentos de Butler, adicionando à repetição, sua condição de coerção performativa diária, paulatina e incansável, nos mais diversos níveis da vida das pessoas.

Assim, se tornar um homem, a partir dos parâmetros de masculinidades estabelecido pela matriz patriarcal heteronormativa, pressupõe movimentos de coação para a identificação das pessoas com a norma, em materializações de identidades pautadas na coerência de ações, gestos, comportamentos e desejos com o que é definido como estruturalmente masculino. Ao tratar das enunciações de gênero dissidentes, Preciado (2009) nomeia de desidentificações as enunciações pautadas no deslocamento da noção ocidental moderna de identidade, que deve operar como molde ideal normativo de experiências de gênero (Souza, 2020). Assim, sendo as masculinidades enunciadas como transformadas pautadas nas reivindicações de atos performativos que romperiam com os projetos estabilizados de masculinidades, nos questionamos em que medida estariam operando em movimentos de desidentificações como a matriz patriarcal de gênero, a ponto de se desengajarem do mandato de masculinidade. Tal questão não será respondida aqui, mas permeará toda a tese.

Quando assumimos as masculinidades como rede textual de articulação de sentidos, queremos dizer da produção do corpo em seu entrelaçamento com discursos, práticas de poder, instituições, comportamentos e produções simbólicas que forjam projeções de masculino. Logo, reconhecemos que as enunciações de gênero se dão em configurações estruturalmente comunicativas. Pensar as questões das performatividades de gênero pelas lentes dos processos comunicativos significa percebê-las como sistema que configura condições de enunciação. Ou seja, ao se colocar no mundo como homem, o sujeito se constitui como tal em processos de

apropriação e compartilhamento de sentidos, que só podem ser atualizados e legitimados no encontro com seus interlocutores. Logo, investigar os arranjos de sentidos nos afastando do pressuposto masculino universal (ainda que seja necessário reconhecer sua existência simbólica na estrutura patriarcal normativa de gênero) significa um compromisso com a ruptura com os modelos meta-explicativos de masculinidades, que deixam escapar a vivacidade e a diversidade implicada nas formas de ser homem. Nesse caminho, ao percebemos as masculinidades como textos, pressupomos um movimento de configuração e partilha de sentidos que atravessa e produz o corpo, mas não podemos estabilizar que sentidos e dinâmicas estão postos em jogo de maneira definitiva. Outro aspecto de extrema relevância para o entendimento proposto corresponde às posições de poder e privilégio vinculadas às masculinidades, que são perenes como estrutura, mas diversas em suas formas de materialização no mundo.

Compreendemos, assim, que pensar nos corpos generificados como textualidades significa refletir sobre uma rede de produção de sentidos extremamente complexa, sobre a qual é humanamente impossível determinar limites. Se tratando de textos e, conseqüentemente, de processos interpretativos, nos resta lidar com essas corporeidades a partir do que é acessível pela rede de repertório e relações produzidas pelo nosso olhar subjetivo. Essa ressalva se faz importante à medida que apontar para o entendimento da configuração das relações de gênero, por meio das redes textuais que as conformam, não significa nos propor a dar conta da completude de sua teia semântica, mas sim de acessar como esse processo simbólico se apresenta como condição de formas de existência e agência, a partir de um ponto de observação determinado.

Nesta etapa, ainda que tenhamos indicado que o que consideramos por gênero se constitui no ato de borrar as fronteiras em organismo e tecnologia, parece ser necessário melhor compreender como os corpos e as tecnologias se misturam e se produzem mutuamente. Nesse empreendimento, nos debruçaremos no próximo tópico às noções de corpo, tecnologia e próteses em seus processos de hibridização.

### **4.3 Sobre gênero, corpos, tecnologias e fronteiras**

Como já indicamos, entender as masculinidades como textos, em suas condições de rede heterogênea de sentidos, demanda que pensemos nos elementos constituidores desses atravessamentos e catalisadores dos processos de significação. Já foi dito também que nos

interessa refletir sobre as formas de identificações e desidentificações, ou seja, como cada um articula suas identidades nas diferentes relações possíveis com os ideais de masculino e feminino, já que vivemos em realidades sociais orientadas por modelos normativos de gênero. Dessa maneira, nos dedicaremos, aqui, à tentativa de compreensão dessa produção somática inserida na rede de elementos simbólicos que produzem o masculino, mas tentaremos perceber também de que maneira é possível pensar a intersecção dos corpos com a tecnologia na formação das masculinidades.

Em suas reflexões sobre gênero e tecnologia, um dos pontos centrais da teoria de Haraway é constituído pelo conceito de ciborgue, então concebido a partir da transgressão das fronteiras entre máquinas e organismos, de possibilidades e fusões potentes (e, eventualmente, perigosas), tendo implicações reais nas construções sociais e políticas vigentes. Para a autora, quanto mais ubíquas e invisíveis são essas superfícies tecnológicas de escrita (como os chips), maiores riscos representam, já que se tornam política e materialmente difíceis de se ver, e, por isso, dificilmente controláveis. Ainda que o desenvolvimento tecnológico do último século estivesse inserido em uma sociedade de bases patriarcais, que estabeleceu como referência a visão imperativa masculina fortemente baseada na cultura militarista e capitalista patriarcal, os atravessamentos entre corpo e máquina não operavam exclusivamente a favor da manutenção das desigualdades de gênero, classe e raça. Ironicamente, é também a partir dessas combinações de tecnologias e organismos que pessoas em situações de opressão e vulnerabilidade podem construir estratégias eficientes de oposição (embora não seja esse o único caminho possível). “Assim, meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político” (HARAWAY, 2019, p.164).

Para Haraway (2019), somos todos ciborgues, híbridos simultaneamente teóricos e fabricados, constituídos de máquina e organismo. Entendidos como compostos, constituímos uma condensação de imaginação e materialidade do real. Nesse sentido, era importante romper com o imaginário moderno que submete a máquina aos organismos. Em Haraway, os corpos são atravessados e remodelados por potentes tecnologias de comunicação e biotecnologias, que resultam na imposição de novas configurações de trocas sociais.

As tecnologias e os discursos científicos podem ser parcialmente compreendidos como formalizações, isto é, como momentos congelados das fluidas interações sociais que as constituem, mas eles devem ser vistos também como instrumentos para a imposição de significados. (HARAWAY, 2019, p.177).

Ou seja, não se deve pensar as linguagens tecnológicas como instrumentalidades inofensivas. Tanto as ciências da comunicação como a biotecnologia constituem uma operação similar, um tipo de “tradução do mundo em termos de um problema de codificação” (HARAWAY, 2019, p.178), isto é, uma linguagem por meio da qual é possível realizar remontagens e desmontagens de sentido que operam a partir de interesses e lugares de poder. Mas o que não se pode perder de vista nessa perspectiva é que as diferentes formas tecnológicas e científicas, as quais nos amalgamamos em distintos níveis, pressupõem a renovação de fontes de poder, que demandam também renovadas tentativas de compreensão, no nosso caso, do que constitui as construções de gênero e também de ação.

Em sua relação com as disputas de poder, a luta do ciborgue como construção feminista se daria no combate ao código único, capaz de traduzir com precisão qualquer significado. A potência da linguagem resultante dos atravessamentos orgânico-tecnológicos se instaura no ruído, na poluição. É exatamente na imprecisão das fronteiras, no acoplamento entre organismo e tecnologia que o ser mulher e o ser homem se complexificam, podendo romper com o que Butler (2015) nomeia de coerência sexo-identidade de gênero-desejo, expandindo a linguagem constituída nos corpos e em sua rede significante. Mas é também nessa fusão que as estruturas de gênero buscam se solidificar, reafirmar lugares históricos de privilégio e de opressão, estabelecer outridades e sofisticar os jogos de poder. O que se nota é a perpetuação da disputa por lugares de fala e por eliminação/manutenção dos privilégios.

Assim, o pensamento ciborgue encontrava como desafio a superação das dicotomias características dos modelos reflexivos modernos, como mente e corpo, animal e máquina, idealismo e materialismo, dentre outros. Se fazia necessária a ruptura dessas fronteiras, que, em nome de um referencial de humano, apontavam para um tipo de subversão da suposta necessidade de resistência à tecnologia, para a atuação de organismos cibernéticos:

Um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. (HARAWAY, 2009, p.158).

Logo, Haraway se posiciona contrariamente ao pensamento dicotômico moderno e indica uma das direções mais importantes para muitos dos entendimentos contemporâneos de gênero: quando tratamos de gênero, não existem fronteiras bem estabelecidas entre real e ficção. Entender os gêneros como ficção capaz de produzir o que apreendemos como realidade, principalmente no que se refere às desigualdades de poder, aponta para a constatação da

existência de possibilidades mais profícuas de análise das masculinidades. Para tanto, se faz necessário observar redes de tensões e ressonâncias de poder, nas quais os pontos de resistência sejam sempre observados em fricção com as estruturas produtivas dominantes, que operam na tentativa de manutenção das desigualdades. Haraway quer dizer que o pensamento feminista, em todas as suas questões, se constitui de maneira mais eficiente quando os conhecimentos produzidos se baseiam em tensões e ressonâncias mais que em dicotomias. Sendo o gênero um campo de diferenças e produção de diferenças de corpos individualizados que atuam, ao mesmo tempo, em campos de sentido e de poder coletivos de alta tensão, constata que “a corporificação feminista, portanto, não é sobre localização fixa em um corpo reificado, feminino ou não, mas sobre nódulos em campos” (HARAWAY, 1991, p.198, tradução nossa).

Em consonância com os apontamentos de Haraway sobre o necessário deslocamento do pensamento sobre o corpo em si para apreendê-lo em relação com as estruturas de poder, Preciado (2018) defende que a forma como refletimos sobre ele deve deixar de ser um movimento de busca sobre o desconhecido oculto na matéria, em seu suposto estado de natureza. Se fazendo necessário, então, partir da complexificação do pensar, levando em conta aspectos políticos, culturais e tecnológicos, que atribuem ao corpo a condição de artefato. Ou seja, Preciado defende que não há o que ser descoberto em termos de natureza nos tempos em que vivemos, mas sim de entender a invenção e reprodução em série de sujeitos, não a partir de sua produção material objetiva, mas do *design* (ou *sex design*) de ideias, símbolos, desejos e estados emocionais.

Nessa construção, não há nada de novo no pressuposto assumido por Preciado sobre o caráter reducionista do corpo entendido na condição de dado biológico, já que esse não pode ser apreendido fora das redes produtivas e culturais. Mas são interessantes os caminhos que o autor aponta para refletir sobre como esses corpos são constantemente produzidos: “Este corpo é uma entidade tecnovivamulticonectada que incorpora tecnologia. Nem organismo, nem máquina, mas sistema fluido, disperso, rede tecno-orgânica-textual-mítica” (PRECIADO, 2018, p;46). Dadas as transformações do contexto social, tecnológico, científico e cultural vivenciados desde a década de 1980 até os anos 2000, o autor parece complexificar o que foi discutido por Haraway em seu *Manifesto Ciborgue*. Assim, a simples compreensão da ausência de fronteiras estabelecidas no par organismo/máquina parece não ser mais suficiente para explicar o corpo do sujeito contemporâneo.

Preciado ressalta que as produções sexuais e de gênero do século XXI resultam de atravessamentos e superposições de três diferentes regimes de produção de corpos e



subjetividades: o regime disciplinar e sua arquitetura política exterior ao corpo, a necropolítica e o regime farmacopornográfico. Nossa ficção somática resulta dessa conflituosa e improvável justaposição de regimes de poder, sendo que:

Na sociedade disciplinar, as tecnologias de subjetivação controlavam o corpo a partir do exterior como um aparato ortoarquitetônico, mas na sociedade farmacopornográfica as tecnologias se tornam parte do corpo: diluem-se nele, tornando-se somatotécnicas. Como resultado, a relação corpo-poder torna-se tautológica: a tecnopolítica assume a forma do corpo, é incorporada. (PRECIADO, 2018, p.85).

Somatotécnica é um conceito interessante, à medida que aponta para a tecnologia como um meio de fabricação da corporeidade e não para tecnologia e corpo como entidades separadas, sendo a segunda modificada pela primeira. Preciado pontua que, como tecnologias de produção do corpo, os termos *feminino* e *masculino* não possuem conteúdo empírico se apartados das tecnologias que os produzem. Dessa maneira, nossa condição corpórea se caracteriza por borrar também as distinções entre o corpo e o que compreendemos tradicionalmente por arte, arquitetura, *design*, performance e mídia. Mas, ainda que indique considerar nessas categorias compreensões que extrapolaram a fabricação do corpo em sua condição de matéria, o autor se dedica principalmente aos atravessamentos dessas com o organismo enquanto produção.

As novas técnicas cirúrgicas e farmacológicas colocam em ação processos de construções tectônicas que combinam representações figurativas derivadas do cinema, da arquitetura (edição, modelagem 3D, impressão 3D, etc.), de acordo com os órgãos, as veias e os fluidos (tecnosangue, tecnoesperma, etc.), e as moléculas que são convertidas em matéria-prima com que nossa corporeidade farmacopornográfica é manufaturada. (PRECIADO, 2018, p.46).

Ou seja, estão dadas algumas premissas para investigar a relação corpo/produção, o entendimento do corpo como matéria-prima, ponto de partida para a fabricação de corporeidades. Pensar em corporeidades é um movimento potente, à medida que essas podem ser compreendidas como o corpo produzido e posto em relação com o mundo, emaranhado de sentidos. A corporeidade pode ser associada à condição textual dos corpos inserido em seus múltiplos contextos socioculturais. O que quer dizer que o que entendemos como corpo textualizado só faz sentido quando é considerado a partir de suas múltiplas negociações sociais e de poder. Dessa forma, os escritos de Preciado são fundamentais como base teórica para perceber outros atravessamentos para além do limite da pele, sendo esses mais ou menos palpáveis, mas que expandem o que entendemos por corpo ou, ao menos, são considerados

como eficientes para modificar ou manter as condições desiguais de privilégio e poder vivenciados pelas corporeidades.

Em *Un apartamento en Urano*, Preciado (2019) expande as discussões sobre os falsos limites que a pele representa para as experiências dos corpos ao contextualizar as novas configurações trazidas pelo virtual, como chamadas de vídeo, encontros *online*, de maneira que as telas se desenham com as novas peles do mundo, ganhando ainda mais complexidade com a experiência do *touchscreen*, por meio da qual ampliamos, diminuimos e reposicionamos, com as próprias mãos, corpos virtuais com os quais interagimos em nossas telas. “É a pele de uma nova entidade coletiva radicalmente descentrada e em processo de subjetivação. Enquanto isso, os implantes eletrônicos acabaram transformando nossas peles em telas” (PRECIADO, 2019, p.246, tradução nossa). Ou seja, cada vez menos se faz possível pensar em fronteiras entre corpos e tecnologias. Somos entidades simultaneamente orgânicas, tecnológicas e virtuais. As redes sociais de imagem, como o *Instagram*, e a obsessão coletiva por filtros e aplicativos de edição, que, à distância de um toque, transformam imediatamente as imagens virtuais dos corpos que exibimos ao vivo em interações cotidianas, fazem ver o borramento de tais fronteiras.

Quando propomos refletir sobre as redes de sentido que são convocadas como configuração das masculinidades, que se declaram transformadas ou em transformação, entender o corpo como produto de *design* de um emaranhado de processos de diferentes naturezas é fundamental, mas não parece suficiente. As masculinidades também se organizam e se fazem perceber no que está além do corpo. Muitas vezes a relação entre a matéria e os sentidos configurados pela corporeidade em questão é até mesmo contraditória. E entender tais produções de sentido parece mais eficaz quando consideramos outros elementos captados pela rede. Um exemplo possível é o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Seu discurso é caracterizado por acionar valores e comportamentos tradicionalmente atribuídos à virilidade, convocando principalmente sua carreira militar como argumento. Na descrição de seu perfil na rede social *Instagram*, antes mesmo do atual cargo como presidente, se enuncia como Capitão Paraquedista do Exército Brasileiro, ainda que, desde 1988, esteja fora da corporação, em meio a acusações e riscos de uma expulsão por indisciplina.

De volta à virilidade, o corpo do militar aparece como um modelo para o masculino viril. Haroche (2013) sinaliza que não se trata de qualquer soldado, mas do soldado-macho, “fabricado pela disciplina e pela educação de exercícios físicos, uma imagem que toma a forma de uma armadura muscular” (2013, p.27). Nessa tentativa de construção de potência, é

recorrente que Bolsonaro apareça em vídeos fazendo flexões junto a militares ou outros membros do seu governo. Mas seu corpo parece não sustentar essa rede semântica proposta: aos 66 anos, franzino e ainda mais fragilizado pelo episódio em que, na campanha presidencial de 2018, foi atingido por uma facada no estômago que demandou que passasse por quatro procedimentos cirúrgicos em menos de um ano, é visível a insuficiência do esforço que emprega ao tentar realizar as flexões (atividade que executa estabelecendo um dos joelhos como base, apoiado no chão), como se pode observar nas figuras 5 e 6. Os vídeos viralizam com frequência e, recorrentemente, circulam em tom de chacota nas redes sociais e de trocas de mensagens. Como refletir, então, sobre a configuração dessa ideia de virilidade que não se sustenta no corpo? Nos parece possível tentar compreendê-la a partir dessa rede de sentidos convocados, mesmo que muitas vezes sem lastro, como sua experiência no exército (curta e controversa), os ideais conservadores que representa, que vão desde seu posicionamento religioso (evangélico), até a promessa de campanha pela legalização da posse e do porte de armas. A potência encarnada por Bolsonaro pode ser entendida como metaforicamente protética, pois ainda que não transforme a materialidade de seu corpo, confere potência semântica a ponto de ser um aspecto relevante nos mais de 57 milhões de votos recebidos no processo eleitoral, que o fez presidente da república.

Figura 5- Bolsonaro 1



Fonte: Canal Uol - Youtube.

Figura 6- Bolsonaro 2



Fonte: Canal DMTV Youtube.

O exemplo de Bolsonaro nos permite perceber quando a produção do corpo e os sentidos de masculinidades encarnados não são necessariamente coerentes. E esses são os caminhos que pretendemos traçar a partir de agora. É evidente que os corpos compõem uma dimensão fundamental para pensar na construção das masculinidades, sustentando lugares de poder e materializando disputas de sentido, mas nosso movimento consiste na tentativa de acessar essas redes também para além deles. Não nos propomos a dar conta de todo o emaranhado de sentidos que conforma os modelos de masculino, mas seguir pistas na tentativa de perceber a complexidade dos processos de significação em questão.

Nos parece importante perseguir tal objetivo porque é esse arranjo de sentidos que conforma os lugares de poder e possibilidades de agência de cada um. Para melhor acessar tais relações, convocamos o que Preciado (2018) denomina de polo imaginário da estrutura patriarcal, descrito como um corpo recorrentemente:

Codificado como masculino, branco e heterossexual, farmacopornograficamente suplementado (pelo Viagra, pela cocaína, pela pornografia, etc) e consumidor de serviços sexuais pauperizados (frequentemente exercidos por corpos codificados como femininos, infantis ou racializados). (PRECIADO, 2018, p.51).

Ou seja, as relações de poder não estão localizadas nos corpos enquanto organismos pré-discursivos, mas sim no conjunto de sentidos e relações que significam alguns deles como detentores de poder e outros como vulneráveis. Logo, para ampliar os processos de significação de gênero para além do corpo, no caminho de apanhar o que pode ser entendido por potência protética encarnada nas enunciações de masculinidades, nos propomos, a seguir, a desenvolver o que chamamos, aqui, metaforicamente como próteses.

#### **4.4 Próteses de gênero: produções estratégicas do masculino**

Como já indicamos, acionamos as discussões sobre próteses para pensar, de maneira metafórica, a respeito da composição das ficções de gênero que se constituem como redes formadas por construções semânticas, papéis sociais, objetos, relações e quaisquer outros recursos convocados para produzir os sentidos contemporâneos das masculinidades. Ao tratar das próteses, nosso entendimento se inspira em Haraway (2018), para quem os processos de interferências corpóreas, por meio de artefatos múltiplos, são entendidos como próteses significantes. Ou seja, mesmo que não se dedique a pensar nos recursos protéticos para além do corpo, as funções das próteses por ela consideradas extrapolam a materialidade orgânica

imediate em seus registros físicos de falta e fragilidade, para assumirem um lugar de potência (ou pelo menos de busca por potência) de sentido.

Refletir sobre as próteses pressupõe perceber que as interfaces são lugares de produção de sentidos únicos, que se fazem possíveis pelos atravessamentos do corpo como organismo e diversas outras tecnologias e aparatos, inclusive simbólicos. E nessa construção de organismo/máquina, na produção do gênero como ciborgue, Haraway tece questionamentos importantes sobre o problema do corpo como limite:

O gênero, a sexualidade, a corporificação, a habilidade: todos esses elementos são reconstituídos na história. Por que nossos corpos devem terminar na pele? Por que, na melhor das hipóteses, devemos nos limitar a considerar como corpos, além dos humanos, também outros seres também envolvidos pela pele? [...] Para nós, na imaginação e na prática, as máquinas podem ser dispositivos protéticos, componentes íntimos, amigáveis eus. Não precisamos do holismo orgânico para nos dar uma totalidade impermeável. (HARAWAY, 2019, p.199).

Assim, assumimos que nossos corpos, principalmente quando falamos de corpos generificados, se constituem precisamente a partir do atravessamento do limite da pele. E não é só isso. Os gêneros como ficções prescritivas também produzem a matéria, de maneira física e semântica, assunto que será tratado nos tópicos seguintes. Tendo em vista esse desenrijecimento dos limites, pensar nas próteses acionadas, com maior ou menor interferência direta no corpo, parece um caminho promissor na tentativa de acessar os gêneros como sentidos que se constituem em interfaces. Em função da potência explicativa que identificamos na discussão de prótese, optamos por convocá-las como operadores de análise capazes de contribuir para a observação das redes de sentido em tensão e disputa, que configuram enunciações de vivências contemporâneas de masculinidades. Mais do que as próteses como algo novo, o que muda com o acionamento dessa discussão é a qualidade do olhar que observa a relação entre corpos e tecnologias para pensar o gênero, já que esse apagamento de fronteiras se faz presente desde os primeiros registros históricos, que nos permitem compreender como se dá a configuração de ideais de masculino ao longo de séculos.

Em *A História da Virilidade* (Corbin, Courtine&Vigarello, 2013), ao resgatar a construção da virilidade no universo medieval, aparece a imagem do cavaleiro como síntese de uma projeção de potência que era indissociável da força adquirida na interação com o cavalo. O que quer dizer que ao historicizar a construção da virilidade como um atributo do masculino, percebemos que o entendimento partilhado do que legitimamos como “ser homem” sempre extrapolou o corpo, não prescindindo da convocação de próteses e tecnologias de gênero. Ou seja, historicamente, as próteses são constitutivas do que as sociedades ocidentais

compreendem por masculinidades. Mas é no século XX, a partir dos avanços do movimento feminista, da conquista de direitos por partes das mulheres e da chamada revolução sexual resultante da criação da pílula anticoncepcional, que passa a tornar acessível às mulheres uma vida sexual mais pautada no prazer que na reprodução, que os homens começaram a enfrentar com mais força as fragilidades do próprio corpo e se mobilizar cada vez mais em propostas de construções de si atravessadas por próteses e tecnologias.

A imagem seguinte (figura 7), publicada no perfil do *Instagram* de *Funkeiros Cults*, brinca com as diferentes camadas de sentido que configuram a construção simbólica/imagética do poder resultante das interfaces homem/cavalo e homem/moto. A imagem é interessante para a presente análise porque convoca diferentes elementos simbólicos para acessar sentidos análogos de potência, ao colocar a obra *Napoleão cruzando os Alpes*, pintada por Jacques-Louis David (1801-1805), ao lado da imagem de um jovem desconhecido empinando uma moto. Ainda que o principal sentido possa passar pela ironia de partir da semelhança da posição dos corpos, para relacioná-la à frase “Nunca se esqueça quem você realmente é: abraça suas tradições – ancestralidade é imortal”, conectando a imagem de um jovem, brasileiro, negro e periférico e a pintura de Napoleão Bonaparte, líder da Revolução Francesa e imperador de 1804 a 1814 e em 1815, durante os Cem Dias.

Nesta imagem, a potência de Napoleão é idealizada a partir da composição estética da pintura: à beira do precipício, com semblante sereno, ele doma um cavalo enorme e feroz. A construção heroica retratada pela obra, quando posta em relação com a imagem do jovem desconhecido, empinando uma moto Honda XRE, de fato, aponta de forma análoga para o sentido de potência. A composição da foto se dá pela aparente condição de fragilidade física do jovem, que exhibe uma estrutura de ferro na perna, indicando a realização de uma cirurgia recente, em função de uma fratura exposta no membro. Ao ser fotografado empinando a moto, “domando a máquina”, sem capacete, com a perna fraturada e com fisionomia de tranquilidade, aciona-se uma lógica de potência muito parecida com o quadro em questão: nenhuma adversidade assusta ou imobiliza esses homens.

Figura 7



Fonte 1: Instagram @funkeirosculpts

Supostamente um simples *meme* que circula nas redes sociais, essa composição de imagens convoca diferentes camadas de sentido de forma complexa, estando o humor na sobreposição delas. Outro sentido passa pela diferença simbólica associada ao cavalo branco e à moto Honda XRE, em movimentos de semelhança e contradição. Merengo, um cavalo branco árabe, raça cara e reconhecida pela agilidade e força, foi o animal mais famoso de Napoleão, a ponto de seus restos mortais estarem expostos em Londres. Já a XRE é recorrentemente chamada de “moto de bandido”, em função da grande incidência de furtos deste modelo nos centros urbanos por ser alta e ágil, o que facilitaria subir os morros e correr entre os becos das favelas. Ou seja, enquanto o cavalo branco e de raça é associado ao alto poder aquisitivo e ao prestígio social, a moto que aparece na foto é alvo de estigma, que adiciona na imagem os indícios de que o homem em questão pode ter relação com a criminalidade. Ainda assim, fica posto o sentido de poder que se repete em ambas as fotos, só possível pela interface desses homens com o cavalo e a moto. O que queremos apontar aqui é que os sentidos de virilidade, como resultantes dos entrelaçamentos dos corpos dos homens com próteses de gênero, sendo

essas físicas ou de sentido, não é uma novidade e apresenta certa perenidade simbólica, com as devidas atualizações contextuais e estéticas.

No século XXI, é possível perceber que o corpo como produto de um complexo sistema, que coloca em interação diversos elementos heterogêneos, assume outros patamares. Em meio a um mar de interferências que constituem indústrias, como é a da cirurgia plástica, as reivindicações por *status* de natureza são consideravelmente deslocadas, em especial quando postas em tensão com o binário corpo/tecnologia, que organizava modos de pensar e existir a partir da segunda metade do século XX. Para Preciado, vivemos na hipermodernidade *punk*, que se caracteriza pela necessidade de fazer explícitos processos culturais, políticos e tecnológicos que atribuem ou fazem possível que o corpo assuma *status* de natural. (2018, p.38). Logo, o que o autor chama de a “verdade sobre o sexo” não se trata de algum tipo de revelação, mas sim do *sex design*. Ou seja, trata-se da produção de ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e condições de alma que criam um sujeito e promove a sua reprodução em série. Sendo uma pessoa produto de processos de diferentes naturezas, não é possível definir o que compreendemos como existência a partir de sua condição biológica, já que não existiria vida fora “das redes de produção e cultura que pertencem à tecnociência” (2018, p.46). O corpo é entendido por Haraway (2019) como entidade tecnovivamulticonectada que incorpora tecnologias. Ou seja, a partir da ruptura da suposta polaridade organismo/máquina, compreende-se a corporeidade como rede textual no seu sentido mais amplo, composta por próteses diversas.

Tendo em vista tal ampliação da rede que constitui nossas experiências como corpos generificados, nos dedicaremos a extrapolar a noção de prótese, como aquilo que modifica o corpo organicamente, para pensar nos mais diversos artefatos e tecnologias que são mais ou menos acopláveis ao corpo, mas que são acionados na tentativa de propor certo projeto de sentido, a partir de uma gramática heteronormativa socialmente partilhada, que tenta determinar os elementos efetivos nesses textos. Mr. Catra se mostra como um exemplo potente. *Funkeiro* carioca, faleceu em setembro de 2018. Famoso não só por suas músicas e por seu timbre único, mas também por sua vida pessoal, Catra parecia se constituir como referência de masculino a partir de um ideal de potência sexual ilimitada, riqueza abundante e atitude destemida. Mais que um corpo vigoroso, a potência de Catra se manifestava em próteses múltiplas, como a própria família formada por 3 mulheres e 32 filhos, a atitude em palco (um tipo de presença agressiva, de voz rouca e marcante, que cantava músicas altamente sexualizadas a partir de si como referência de prazer, como pode ser percebido na letra “tremeu de perna bamba quando



sentiu meu instrumento. Quero ver tu rebolar com tudo dentro” (MR. CATRA, *Rebolar com tudo dentro*, 2013), em alusão ao tamanho de seu pênis. Essa construção é interessante porque também aponta para um movimento de subversão da estrutura racista, que animaliza os homens negros, os limitando à força física do corpo e afastando da racionalidade como potência. Quando Catra se apropria desse estereótipo e o utiliza a seu favor, perturba a estrutura e constrói lugares de potência para si que são reconhecidos e legitimados até mesmo pela masculinidade branca normativa, topo da pirâmide de privilégio, que o trata com reverência. Ou seja, sua potência como pessoa se constitui vinculada a diversos elementos mais ou menos humanos. Queremos dizer que, independentemente de seu grau de materialidade, compõe a rede textual de masculino tudo o que opera nesta como signo, elementos semânticos que são propostos como agenciadores de sentido na construção do projeto de masculinidade do cantor.

A construção protética aqui considerada pode ser arriscada, mas nos parece uma possibilidade interessante, já que, ao contrário de discussões sobre as masculinidades que operam nas categorizações fixantes, apontam para as recorrências, mas também possibilitam que enxerguemos aquilo que, talvez, indique com mais força a constituição partilhada das masculinidades: as fragilidades, fraturas, contradições e silenciamentos que se impõem sobre os sujeitos que se enunciam como masculinos.

Isso porque as próteses são, por natureza, um retrato das contradições que constituem o que partilhamos como identidade de gênero. Se buscarmos seu sentido mais imediato no dicionário, encontraremos definições como “peça artificial que substitui uma parte do corpo, especialmente em cirurgia ou odontologia, geralmente em razão de um acidente, doença ou trauma.”. Outra definição encontrada é “mecanismo que, juntamente com o órgão, aumenta ou melhora sua função”. Ainda que assumamos uma noção ampliada de próteses, partimos de uma ideia de interferência, mais ou menos orgânica, que modifica a materialidade do sujeito como um corpo no mundo e suas possibilidades de ação. A prótese não precisa modificar o corpo em si, mas substitui ou potencializa aquilo que é entendido como falta ou fragilidade encarnada. O que é posto aqui é que as projeções de gênero, invariavelmente, jogam com as faltas e fragilidades e é isso que faz com que cada homem (assim como cada mulher) renove cotidianamente seu compromisso com a gramática heteronormativa, em busca de alcançar um padrão inalcançável. E aí está uma das chaves de eficiência da estrutura heteronormativa. Ao defender, por exemplo, o porte de armas, Catra faz referência a elas como prótese de potência e força física de um homem na sua própria proteção, ou na proteção de sua propriedade, seja ela material, ou seja, sua própria família: “no Brasil então, passou de 18 anos, todo mundo quer

estar com seu revólver, todo mundo faz a sua proteção. Aí que eu queria ver nego estuprar os outros, a filha dos outros”. Ou seja, ao realizar declarações sobre o direito do que chama de “cidadão de bem” ter uma arma, ele está falando sobre homens que teriam a necessidade de se proteger e proteger seu patrimônio, não considerando as mulheres como cidadãs ou como capazes de promover sua própria proteção. O cidadão, para Mr. Catra, parece ser homem capaz de proteger a si e tudo que lhe pertence, se não com a força física que o constitui, com o direito a ter armas que operem como potencializadoras de sua própria força. Ainda que as próteses não funcionem sempre no lugar da falta, ela sinaliza aquilo que consideramos frágil ou que, ao menos, pode ser melhorado. Assim, nos casos das masculinidades, ainda que busquem significar potência, dão a ver em seu reverso às fragilidades (não) assumidas.

Logo, ao pensar pelas lentes das próteses, nos interessamos pela rede de sentidos que se constitui pela corporificação das tecnologias, já que os corpos, como definidos por Haraway (2019), são espécies de mapas de identidade e poder. Mas, ainda que normativas, as construções de gênero se assentam a partir de identidades que não se propõem unitárias. Significa, de saída, assumir os jogos de pertinência e impertinência como natureza de tais compostos.

Dois exemplos relacionáveis que indicam a complexidade das camadas semânticas desse pensamento são a relação com as mulheres e o dinheiro como prótese. Nessa condição, o poder financeiro não pode ser compreendido como aquilo que apenas viabiliza outros objetivos materiais e experienciais, assim como se relacionar com as mulheres também não é o único objetivo. Ambos se constituem como signos de poder de uma masculinidade bem executada, ocupando a função mediadora de um processo simbólico que sustenta um modelo de masculino. Na condição de signos, esses elementos são eficientes à medida que são vistos pelos outros e operam no processo de extrair desses um nível especial de atenção. Logo, os homens como textos são vistos e reconhecidos como tais e valorados de diferentes maneiras ao se misturarem com distintas próteses e tecnologias. No caso das masculinidades-texto do *funk*, Mizrahi (2018) indica a existência de uma associação poder financeiro – poder sexual – poder bélico à constituição de si como homens sociais. Entendemos que, na condição de prótese, tais elementos como signos de habilidades adquiridas são assumidos como poder encarnado, não sendo facilmente distinguível do que é corpo e o que não é. As próteses têm o poder simbólico de indicar capacidades internas dos homens, ou seja, de fazer visível como signo propostas de sentido que não são diretamente acessíveis. As próteses se constituem como lugares de mediação, como signos que apontam para determinados projetos de masculinidade como objeto.

A magia do dinheiro, seus poderes mágicos, derivam das faculdades de visibilização e de visualização, do mostrar e do ver, produzindo discursos estéticos erigidos sobre os objetos materiais e a visualidade e não tanto sobre a palavra e a fala. (Mizrahi, 2018, p.35).

Pensar na “magia” do dinheiro a partir da capacidade do sujeito de mostrar e ver, assim como assumi-lo em sua dimensão discursiva, nos ajuda a compreender as camadas protética e tecnológica em sua condição simbólica. Pois, se ser homem só faz sentido na partilha social simbólica, um corpo parece um ponto de partida, que deve ser produzido por tais próteses e tecnologias para que seja posto em relação com seus valores e posições hierárquicas almejadas.

Dessa maneira, as próteses são assumidas como acoplamentos mais ou menos físicos, envolvendo também práticas, valores, modelos de comportamento, bens e projeções de potencialidades que, muitas vezes, se bastam na iminência da realização. Preciado sinaliza que:

Essa é uma das primeiras lições sobre a masculinidade - tudo depende de uma gestão de poder: de fazer o outro acreditar que tem o poder, mesmo que na realidade, ele o tenha apenas porque você o concedeu. Ou então de fazer o outro acreditar que o poder, como algo natural e intransferível, pertence a você e que você, e somente você, poderá dar ao outro o status de masculinidade de que ele precisa para pertencer à classe dominante. (PRECIADO, 2018, p.388).

As técnicas de teatralização do poder encontram nas próteses o limite de sua existência. São os signos semióticos, rituais, materiais e os demais elementos que compõem a ficção de gênero da masculinidade que orquestram as relações de poder nas produções performativas de masculino, socialmente compartilhadas. Ou seja, a repetição das normas nas enunciações de gênero consiste em um ponto fundamental de perenidade dessas ficções e, conseqüentemente, das relações de poder implicadas. E, uma das circunstâncias de potência dessas produções passa pela sua capacidade de convencimento sobre a suposta condição natural de determinados corpos como centros de emissão de forças de poder.

Nesse caminho, os discursos de gênero também funcionam como prisões que sujeitam corpos a certos parâmetros de produção de si, de desejos, comportamentos e valores. Os modelos de masculinidade e feminilidade também são eficientes e relativamente perenes, porque são inalcançáveis em sua completude. De maneira que, até mesmo os sujeitos mais comprometidos e que se encontram no topo da pirâmide dos privilégios vinculados às masculinidades, não estão integralmente prontos. O conjunto de ficções que projeta o masculino faz dos homens instrumentos das relações de poder, mas não faz deles o poder. Tanto que a

manutenção da performatividade das masculinidades é trabalhosa, extremamente castradora e impõe preços, ou o que Connell (1995) nomeia de condições de vantagens.

A partir do que foi discutido, percebe-se que a produção de si como homem inserido em uma sociedade generificada não se materializa no corpo *in natura*, ainda que essa matéria tenha os atributos biológicos que as ficções de gênero apontam como masculinas, como a existência do pênis. A corporeidade do masculino inequívoco é constantemente construída tanto na materialidade do corpo, quanto nas performatividades múltiplas realizadas no cotidiano, que vão desde características emocionais e comportamentais atribuídas ao masculino, quanto a bens materiais aos quais também são atribuídos sentidos de masculinidades, que, portanto, são capazes de atribuir tais efeitos de sentido de potência aos homens, como são alguns carros, roupas, armas etc.

Gênero é linguagem, discurso normativo que se materializa, seja como subjetivação ou como sujeição, pelos sujeitos em ação. Dessa forma, tomamos como base a desnaturalização dos corpos, que só podem ser compreendidos em sua materialidade quando inseridos nos discursos e matrizes de inteligibilidade socioculturais, que incluem também as próteses que operam sem alterar fisicamente o corpo, mas que são capazes de modificar o campo de sentidos no qual esses se produzem como sujeitos masculinos. Isso porque considerar as próteses metafóricas significa compreender como tais comportamentos, afetos, práticas, processos de subjetivação e enunciações múltiplas se organizam a partir de papéis sociais capazes de oferecer posições de privilégio, como é o caso da paternidade. As próteses são, portanto, artefatos de reafirmação das normas, mas também podem operar na subversão das mesmas, sejam elas materializadas no corpo ou configuradas para além de sua dimensão física.

No *corpus* coletado, parece interessante como os artefatos protéticos, mais ou menos materiais, se mostram fundamentais na organização dos discursos que propõem novas formas de viver as masculinidades. Enunciações midiáticas, como o perfil do *Instagram* “*Homem Paterno*” (dedicado à orientação de homens no período de gestação das mães dos seus filhos, parto e puerpério), se apropriam simbolicamente da parcela impossível de ser ultrapassada, que é o imperativo físico da gestação sobre os corpos das mulheres e das demais pessoas que possuem útero. Ainda que, apenas no campo dos sentidos, os homens que formam a rede *Homem Paterno* se preparam durante o período que chamam de gestação masculina (figura 8) em tentativas de enunciação de si que compõem ideais de masculino transformados, inclusive naquilo que a matéria orgânica estabelece como limite absoluto. Aqui é possível acessar como são borradas as fronteiras das materialidades físicas dos corpos e as redes de sentidos que as

configuram. Em construções de redes de pertencimento e sentidos individuais e coletivos de homens supostamente transformados, que implicam em prestígio e admiração, chamar para si a condição de gestante é estratégica, reivindicando níveis surpreendentes de desconstrução e tranquilidade frente à possibilidade de serem lidos como feminino.

Figura 8 - Homem Paterno



Fonte: Instagram @homempaterno

Mas isso não quer dizer que a sobrecarga física e emocional que pesam sobre as mães, assim como os preços sociais e morais que pagam quando os filhos nascem, diminuam. No mesmo caminho, Leo de Castro, do canal do *Youtube Adocica*, no vídeo intitulado *Puerpério masculino*<sup>5</sup>, relata sua experiência com a chegada da filha adotiva. “Eu não pesquisei, mas eu acredito que hormonalmente, mesmo para nós homens, quando temos a chegada de um bebê, isso pode acontecer. No primeiro dia que meu marido voltou a trabalhar, eu chorava descontroladamente”. Ou seja, ainda que a chegada de um bebê possa, de fato, promover alterações emocionais nos homens, chama atenção como questões relacionadas ao processo de gestação e pós-parto são convocadas como experiências vividas por eles nessa reivindicação de masculinidade transformada, mais sensível e afetiva.

Por último, não basta constatar, por meio do acionamento de próteses, a complexidade da produção de homens e mulheres como invenções de gênero. Se faz necessário também reconhecer a qualidade política de tais construções, acessos e impossibilidades que determinados grupos e seus membros encontram em relação aos aparatos e condições de produção. Que fique explícito, não se trata apenas de ter ou não ter determinados insumos tecnológicos, mas dos riscos implicados pela desobediência aos constrangimentos que tentam impossibilitar a produção de gêneros dissidentes da heteronormatividade. Desconsiderar essa ressalva significaria não reconhecer toda uma diversidade de existências que resistem, em maior ou menor grau, aos processos de sujeições físicas e simbólicas. Assim, é evidente que pensar sobre lugares de privilégio pressupõe observar atentamente os jogos de poder. Mas se faz necessário ter o cuidado de não perder a possibilidade de ampliar nossa compreensão, ao deixar de reconhecer o que escapa dos moldes ideais de um capitalismo nortista, branco, com posses financeiras, masculino, cisgênero e heterossexual, já que as relações protéticas tecnológicas não sustentam exclusivamente a reprodução do normativo.

Se faz necessário pensar no potencial de contribuição das tecnologias em processos emancipatórios de grupos vulneráveis, a quem são atribuídas condições de outridade. Mas, ao mesmo tempo, essas pessoas encontram gargalos, como as políticas públicas que não acolhem suas demandas como prioritárias, bem como os entraves sociais e financeiros que impossibilitam que elas sejam alcançadas. Um exemplo possível passa pelo acesso aos processos de produção, circulação, transformação e interpretação do que o Preciado nomeia de

---

<sup>5</sup>Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fnIZotJa2Ms&t=289s>

“biocódigosomatopolíticos”. Em consonância com o autor, acrescentamos não se tratar apenas dos biocódigos, mas de toda a rede material e imaterial de sentidos que conforma o que compreendemos por masculinidades. Souza (2020), em sua pesquisa sobre corpos transmasculinos, ao levantar os tipos e marcas de testosterona disponíveis no Brasil, constatou que a Nebido, marca de testosterona mais recomendada pelos médicos em função da melhor adaptação fisiológica, apresentando menos picos de hormônio no organismo, é financeiramente inacessível para a maioria dos brasileiros, chegando a custar mais de 600 reais e não sendo disponibilizada pelo Sistema Único de Saúde.

Nesse caminho, os corpos masculinos e femininos contemporâneos ocidentais vivem em um mundo que partilha um repertório comum (ou pelo menos semelhante) de aparatos e próteses possíveis. Preciado sinaliza (2019) que a diferença se encontra nas formas de acesso e administração de tais tecnologias, que estabelecem modos de apropriação e oportunidades distintas de vida a partir de dimensões como classe, raça, origem geográfica, gênero, sexualidade, referencial de competência, etc. Tais categorias são estruturantes das possibilidades dos grupos de agenciar politicamente suas questões e demandas. O acesso e o devido uso das tecnologias parecem fundamentais para a produção de subjetividades reconhecidas e legitimadas socialmente.

Haraway (2018) já indicava o que hoje é explícito na nossa sociedade: as disputas por significados são uma forma de luta política muito relevante, por isso, pensar nas enunciações de gênero como linguagem se faz essencial. Dimensões diversas que vão desde a possibilidade dos sujeitos de enunciar suas identidades, o domínio da linguagem, seja ela verbal ou não verbal, são temas que devem ser tratados com seriedade. O que queremos dizer é que os homens, possuidores em diferentes graus da voz e das habilidades da linguagem do gênero (de acordo com suas constituições raciais, geográficas, de classe, dentre outras dimensões), quando se dizem mais ou menos comprometidos com novos projetos de masculinidades, seguem jogando com tais instrumentos que marcam as mulheres como outras. Aprender e manipular as diferentes formas de linguagem, como a produção do corpo, comportamentos, linguagem verbal e gestual, perceber em quais próteses investir na tentativa de se proporcionar determinados lugares nas trocas sociais, são domínios tecnológicos, fusões de realidade e ficção que produzem os corpos em busca de determinadas posições de poder.

Embora sejam inegáveis as diferenças produzidas nas construções de gênero de masculino e feminino, a experiência de ser homem não é a mesma para todos. Como mencionado anteriormente, condições de classe, raça, origem geográfica, dentre diversas outras

dimensões possíveis, são constituintes, embora não determinantes, dos lugares de poder ocupados pelos corpos masculinos. Ser, por exemplo, um homem negro, periférico, com baixa escolaridade, como é o caso do catador de sucatas Negão, criador de um canal no *YouTube* que leva seu apelido, *Canal do Negão*, configura um desafio para que ele possa escrever os textos de seu próprio corpo de maneira a superar os entraves sociais. Ainda que seu canal tenha audiência considerável (são mais de 530 mil inscritos) e que a internet seja, inegavelmente, uma potência de enunciação de si, sem tantas barreiras institucionais como são os veículos de referência da mídia tradicional, a simples possibilidade de se fazer ouvir por seus pares não parece suficiente para subverter os lugares de poder que o constroem em função de seu lugar socialmente significado como homem racializado e periférico. Ao contrário, sua audiência parece se interessar por seu discurso de compactuação com o sistema capitalista e racista: Negão questiona em seus vídeos a real existência do privilégio branco, defende o discurso meritocrático e declara posicionamento político conservador. Ainda assim, sua vivência como homem negro, morador de um bairro da periferia de São Paulo e sucateiro, se dá a ver a cada vídeo. Negão tem uma *kombi* com a qual recolhe resíduos recicláveis em diversos edifícios de áreas nobres da cidade de São Paulo e relata precisar entrar com seu veículo em horários estabelecidos, ter contato apenas com os funcionários, como porteiros, faxineiros e manobristas, e se surpreender com as condições de vida dos moradores:

Esse prédio é o prédio mais playboy que já entrei até hoje. Era um prédio muito rico, muito, muito, muito mesmo. Um apartamento por andar, certo? Reciclagem foda que saía de lá. A reciclagem ficava no subsolo do prédio, a gente entrava lá e pegava. Quando entrei, vi um carro estacionado torto, pegando duas vagas, aí eu comentei com o faxineiro: “caraca, mano, o dono dessa vaga deve ter chegado muito doido para estacionar assim”. Ele falou: “mano, essa vaga é da moradora do último andar, ela comprou o apartamento de baixo”. [...] Logo, a garagem do lado da dela virou uma garagem só. Do lado do carro tinha um carrinho menor, tipo esses carrinhos elétricos de criança ficar brincando e tal, só que elétrico. O cara, me zuando, falou assim: “Mano, esse carrinho elétrico vale mais que sua perua”. E eu falei: “vale porra nenhuma”. E ele: “Negão, esse carrinho vale cinco mil reais”. “Cê tá de sacanagem que esse carrinho vale cinco conto!” (CANAL DO NEGÃO, 2019).

Ou seja, ainda que seu discurso seja meritocrático, que relativize o racismo e que afirme que privilégio branco não existe, que defenda que seus filhos são os verdadeiros privilegiados por terem os pais do lado, mesmo que precisem acordar às 4h30 da manhã para ir à escola, que cresçam brincando no ferro velho na periferia paulistana, percebemos que a rede textual exibida em seu canal faz ver o que ele nega no discurso. Negão posta vídeos regulares sobre seu trabalho diário e incansável no ferro velho, se enuncia como pai presente e participativo, marido dedicado, e ainda assim, mesmo com o trabalho árduo, não alcança condições de vida similares



à descrita por ele em seu relato acima mencionado. A rede textual que produz extrapola sua intenção enunciativa, em uma rede intertextual de comentários, vídeos-resposta e outras enunciações realizadas em outros vídeos produzidos em seu canal, sendo direta ou indiretamente relacionadas com suas postagens. Uma delas é um vídeo publicado pela influenciadora Lívia Zaruty, em seu canal de mesmo nome, *Lívia Zaruty*. Com mais de 230 mil inscritos, Lívia discute, com frequência, temas relacionados à pauta racial e ao combate à discriminação. No vídeo *Canal do Negão, vamos conversar? O lixão ou ferro-velho da ELITE Pânico*, a influenciadora problematiza as falas de Negão sobre a inexistência do privilégio branco.

Cada vez mais, estão surgindo mais machos, homens negros, que querem fazer esse discurso de que, tudo beleza, que racista não vai mudar preconceito, que tem que conversar com a pessoa preconceituosa para que ela não seja mais preconceituosa, toda essa misturada. Mas eu só tenho algumas perguntas que eu não entendi no seu vídeo: o fato de você ter um filho com a sua mulher branca e ele estudar em escola particular, e você achar que é um pai presente te faz crer que o problema do Brasil é que as pessoas não têm um pai como você? Você acha que realmente você crescer dentro de uma comunidade pobre, na favela, onde você diz que tem gente loira, que tem tudo lá na favela, mas, eu não sei se você já viu né? Mas, me diz, por favor, a maioria, quem tá lá na favela? E outra coisa, eu fico curiosa, a gente vai ter que seguir o seu exemplo de vida? Você, um bom pai, casou com uma mulher branca, e o seu filho faz escola particular e você trabalha no lixão e numa *kombi*. Agora me explica, já que todos nós somos iguais e você é igual ao Caio Coppola (apresentador do programa *Morning Show*, na rádio *Jovem Pan*), me explica por que você está no lixão e o Caio Coppola nunca nem passou perto do lixão? Os seus pais não foram capazes? É isso? Eu queria entender, então, por que a maioria das pessoas negras vive nas favelas? (LÍVIA ZARUTY, 2019).

As textualidades que atravessam e produzem os sentidos de Negão como homem também são formadas por questionamentos e incômodos. Esses jogos de produção simbólica são disputas pela inscrição e reinscrição desses corpos na sociedade, que podem significar, no extremo, possibilidades de sobrevivência para aqueles assumidos como outros.

Dessa maneira, percebemos que o diálogo promovido entre Lívia Zaruty e *O Canal do Negão* aponta para um movimento de compreensão da relação corpo-gênero-raça que desloca o problema de forma relevante. É dizer que não se trata apenas de considerar como o corpo na condição de matéria orgânica é apreendido e valorado no tecido social, uma vez que o organismo não antecede a leitura que o produz. Trata-se, principalmente, de perceber como as ficções produtoras do real, como é o caso do gênero e da raça, configuram o corpo em condições específicas, inexistentes e esvaziadas de sentido quando apartadas da própria rede normatizadora prescritiva e opressiva. As tecnologias e próteses que acionamos e utilizamos em processos intermináveis de autoprodução existem como tal a partir da extensa rede textual

prescritiva na qual estamos inseridos. E essas regras circunscrevem também nossas possibilidades de reinvenção e superação dos limites que ela própria cria. Assim, ainda que Negão um dia conquiste bens materiais e possa ser morador de um dos prédios ostensivos onde hoje recolhe sucata, o que Livia parece apontar, passa pelos limites de negociação dos feixes de poder estabelecidos pela própria rede. Ou seja, ainda que ele alcance o poder financeiro, existem outros sistemas de opressão que não se anulam ou são compensados pelo poder do dinheiro, como a estrutura racista, que seguiria imputando sobre ele movimentos de opressão.

Logo, como já sinalizado, ampliar a compreensão sobre o que assumimos como sentidos de masculinidade, na tentativa de acessar o campo semântico das ficções masculinas para além do corpo, é um desafio. Tendo em vista as limitações da empreitada, nos dedicamos aqui a pensar em algumas relações protéticas nas dimensões corpórea e, principalmente, metafórica, na tentativa de acessar processos e parcelas de sentidos que configuram tais enunciações, interessadas em refletir sobre emergências de estruturas de poder que se dão a ver. Os gêneros, em sua condição de encarnação de próteses e tecnologias semióticas, permitem perceber a vivacidade dos códigos. Na sociedade ocidental capitalista em que tudo se torna produto, o sistema sexo-gênero-sexualidade não opera diferente. O patriarcado como sistema produz modelos narrativos, corpóreos e comportamentais que regulam os processos de subjetividade, normatizando como cada sujeito deveria se produzir e oferecer como rede de sentidos nas trocas sociais. Assim, nos dedicaremos no próximo tópico à discussão sobre as masculinidades como tal produto compartilhado, assumido na sua condição textual. Ou seja, na tentativa de compreender como as masculinidades como rede de sentidos articulam processos de significação, consideramos os movimentos de enunciação em sua relação com as corporeidades implicadas.

#### **4.5. O “eu” masculino em jogo: enunciação de si, corpo e redes de sentidos das masculinidades**

Nos parece importante acionar novamente o pensamento de Haraway (2019) como base para refletir sobre como os corpos vivenciam diferentes experiências, de acordo com as construções de gênero imputadas. Na condição de autora vinculada ao movimento feminista socialista, ao desenvolver uma perspectiva teórica de gênero que se estabelece como marco para pensar na interface organismo/máquina, ela não perde de vista as relações (renovadas) de poder

que constituem as encarnações de masculinidades e feminilidades. Dessa maneira, a autora parte do que chama de diferentes condições de individuação dos sujeitos, ou seja, de constituição reflexiva do “eu”, o que considera uma vantagem dos homens em condições múltiplas de privilégio: brancos, cis, heterossexuais, com posses materiais. Mas, ainda que em seu pensamento o masculino seja a referência de poder e de seus consequentes privilégios, é inegável que quanto mais os homens escapem do referencial universal, mais dificuldades encontram para que a enunciação de seu “eu” seja considerada e ouvida pelo tecido social a partir de posições de poder.

O que nos parece importante considerar nesse sentido é que os processos de constituição de si como sujeitos se configuram em movimentos de enunciação intimamente vinculados às construções históricas de gênero. Embora inseridos em sociedades que possuem normas e constrangimentos de gênero relativamente perenes (já que se baseiam em algumas práticas, valores e restrições que perduram por séculos, mesmo que constantemente repaginados), ainda que se mostrem extremamente dinâmicas e cada vez mais diversas, ser homem e ser mulher são construções historicamente vinculadas ao sexo biológico, socialmente impostas e cotidianamente apreendidas por todos desde o nascimento. É evidente que levamos em consideração os movimentos de resistência de muitos, que por sexualidade ou identidade de gênero dissidentes da norma, encontram no processo de enunciação desafios cotidianos, muitas vezes violentos.

Queremos dizer que o que Haraway denomina como processos de individuação são lugares importantes de disputas, renovação e reafirmação em movimentos constantes de tensão, nos quais as pessoas ora rompem, ora se enquadram nas normas, colhendo frutos e pagando preços constantes. Ainda que o sistema patriarcal capitalista tenha prescrições claras de como cada um deve se enunciar individual e publicamente, a constituição de si como sujeito parece, invariavelmente, um processo turbulento, seja no pagamento de preços e vivências das restrições consequentes da sujeição aos modelos estabelecidos de masculino e feminino, seja nas rupturas com tais projeções, em buscas de construções de identidades múltiplas e livres, que enfrentam resistência constante do coletivo.

Pensar nos processos de subjetivação daqueles que se enunciam como homens, a partir da compreensão de como as masculinidades se constituem como redes de sentido normativas, requer compreender que a produção de si a partir dos ideais de masculino opera em dinâmicas de produção e castração. Para tanto, se faz necessário entender como os homens se enunciam a partir desse repertório, como se constituem como masculinos e, na condição de produção

significante de si, como se relacionam com a rede material e imaterial de práticas, discursos, modelos de comportamento, bens, medicamentos e demais técnicas médicas e estéticas que produzem os corpos nos e para além dos limites da pele. Por ser a dimensão somática um desafio reflexivo para pensar os gêneros, chama atenção a centralidade conferida à questão hormonal, mais especificamente à testosterona, como responsável por produzir os atributos físicos de masculinidade. Nosso propósito não consiste em simplesmente desvincular o gênero como enunciação de identidade de, nos termos de Butler (2015), uma suposta coerência com sexo e sexualidade. Esse trabalho já vem sendo feito com maestria por diversas pensadoras feministas desde a segunda metade do século XX. Aqui, nos interessa pensar em como a ideia de sexo e a rede de sentidos sexuais atribuída a aspectos biológicos do corpo, como é o caso da testosterona como hormônio responsável pela virilidade física e comportamental encarnadas, são, na realidade, resultantes das construções de gênero.

Conforme indicado por Foucault (1988), sendo a medicina um dos principais saberes regulatórios da sexualidade e do que é apreendido como gênero, estabelecendo os parâmetros de normalidade a partir de referenciais científicos biologizantes, e sendo acionada como parâmetro para outros discursos normativos, como o judicial, ela segue propondo regulações e explicações sobre o que coletivamente entendemos como referencial de masculinidade. A medicina atua diretamente nos corpos sob uma suposta ideia de neutralidade reivindicada pelo saber científico, mas, assim como qualquer outro saber, estabelece suas bases a partir de jogos de poder que, historicamente, se constituem a partir da prescrição de parâmetros de virilidade.

No século XX, o desenvolvimento de duas novas perspectivas estabeleceu alterações significativas nas explicações médicas sobre a questão da virilidade. Se, até então, os critérios da medicina para explicar o masculino em suas diferenças com o feminino se organizavam, essencialmente, no entorno das evidências anatômicas e dos critérios fisiológicos (nas discussões sobre potência sexual, por exemplo), o desenvolvimento da genética e da endocrinologia introduzem novas dimensões explicativas e de intervenções corpóreas. De acordo com Carol (2013), em 1935, a testosterona é isolada e sintetizada pela primeira vez, sendo assumida como o hormônio responsável pelas taxas de virilidade em homens e mulheres. Suas doses desproporcionais excessivas nos corpos femininos eram apontadas como causadoras de sexualidades dissidentes, como é o caso da lesbianidade, e, nos corpos masculinos, explicativas da homossexualidade, quando em índices menores do que aqueles estabelecidos como padrão. O paradigma hormonal estabelece a testosterona como agente virilizador, responsável por características como volume de massa muscular, tonalidade da voz, nascimento

de pelos corporais, sendo convocado também para explicar efeitos sobre o comportamento dos homens e acionada como causadora de atributos como a agressividade. Nesse caminho, pensar nos relatos de Paul B. Preciado sobre sua experiência pessoal com a administração de testosterona e seu processo de enunciação como homem trans, é elucidador.

A experiência relatada por Preciado (2018), em *Texto Junkie*, corresponde à administração de testosterona em gel sem a orientação de protocolos médicos. O autor, um homem trans que se declarava andrógino mesmo antes da transição, relata as modificações do seu corpo resultantes da aplicação de doses de 50mg da substância, duas vezes por semana. Nos três primeiros meses, ele observa que não ocorreram mudanças externas reconhecíveis como “masculinização”, como o crescimento de pelos na face, alterações na voz, ganho expressivo de massa muscular, etc. Mas mudanças sutis sensoriais ocorriam progressivamente, sendo observadas na excitação sexual, na resistência física, no cheiro. O que não significa que estava se tornando biologicamente mais masculino.

A testosterona não é masculinidade. Nada nos permite concluir que os efeitos produzidos pela testosterona são masculinos. A única coisa que podemos dizer é que, até agora, em sua maioria, esses efeitos foram propriedade exclusiva dos homens cis. A masculinidade é apenas um dos possíveis subprodutos políticos (não biológicos) da administração de testosterona: não é o único nem o que será socialmente dominante a longo prazo. (PRECIADO, 2018, p.152).

A administração de certas doses de hormônios (como a testosterona, a progesterona e o estrogênio), vinculados à materialização do gênero em sua construção normativa de coerência com o sexo biológico, é, na realidade, independente das construções culturais de masculino e feminino, essas últimas instituições normatizadoras dos modos de agir e pensar. Preciado defende que a aplicação hormonal como parte de processos de transição de gênero, ou como masculinização/feminilização de qualquer pessoa, só faz sentido em ficções políticas de gênero que produzem (ou buscam produzir) efeitos corpóreos dessa normatização. O processo ao qual se submete com o uso da testosterona é proposto como um exercício de contaminação de bases moleculares da produção da diferença sexual (Preciado, 2018).

O novo metabolismo da testosterona em meu corpo não seria efetivo em termos de masculinização sem a existência de um programa político prévio que interpreta essas variações como parte integral de um desejo - controlado pelo regime farmacopornográfico - de mudança de sexo. Sem este desejo, sem o projeto de transitar de uma ficção de sexo a outra, aplicar testosterona seria nada além de um devir molecular. (PRECIADO, 2018, p.154).

Partindo desse relato, nos parece importante para os estudos de gênero o desenvolvimento de um pensamento que não apenas recuse os fundamentos biologizantes para

a construção das redes ficcionais de masculinidade e feminilidade, mas que proponha a compreensão da codificação biologizante significada também como resultante dessa ficção. Nos importa tais considerações de Preciado, à medida que nos auxilia não a desconsiderar a dimensão somática do gênero, mas significá-la em uma ampla e heterogênea rede de elementos, códigos semióticos partilhados que nos fazem mulheres e homens nos corpos e para além deles.

O relato de Preciado permite compreender que a relação hormônio/corpo atribui à testosterona um papel de agente textualizador. Para melhor compreender essa afirmativa, acionamos as considerações do autor sobre a dimensão comunicacional vinculada às funções de hormônios nos corpos e de como o masculino como redes de textos pode ser observado nas mais diferentes dimensões, inclusive na constituição biológica do corpo que também é processada socialmente por meio da mirada de gênero. O autor aponta, então, para o que nomeia de caráter comunicacional da teoria hormonal, que chama de teoria biomidiática. Seu argumento indica que, a partir do entendimento do funcionamento dos hormônios, o corpo deixa de ser apenas um lugar de transmissão, coleta e distribuição de informação, para ser também o “efeito material desses intercâmbios semiótico-técnicos” (2018, p. 174). Pensando nos termos das relações de poder, os hormônios, como emissores de informações biocodificadas, que produzem efeitos diversos (relativamente previsíveis) nos corpos a partir de sua administração regulada, são potencialmente códigos de subjetivação, bem como de sujeição.

Considerar a proposição de Preciado e a qualidade das interferências e modificações corpóreas resultantes de diferentes práticas - o uso de hormônios, cirurgias, inserção de próteses de silicone nos corpos - como formas de edição de nossa corporeidade textual, nos leva a ampliar também nossas chaves de compreensão dos lugares de produção dos gêneros. A partir de tais demandas, que partem da ampliação do que compreendemos como relações de poder, assume-se a proposta de uma teoria da biopolítica baseada em arquiteturas disciplinares exteriores ao corpo. Ou seja, uma ampla gama de elementos de diferentes naturezas articulados se faz presente quando tratamos dos mais diversos aspectos relacionados às significações de gênero. No século XXI, o que Preciado nomeia de sujeito farmacopornográfico emerge de um “dispositivo pop-técno-científico que conecta elementos tão heterogêneos quanto navios negreiros, testículos de baleia, soldados impotentes, instituições penais, mulheres escravizadas grávidas, textos bioquímicos e dinheiro” (PRECIADO, 2018, p.175). Isto é, a decisão de se aplicar um hormônio como a testosterona significa participar de uma complexa rede que envolve uma quantidade absurda de capital investida por laboratórios farmacêuticos, aplicada em pesquisas realizadas em testículos de animais (incluindo as baleias), de homens executados

por pena de morte, material orgânico oriundo de tráfico biológico (realizado por médicos, pesquisadores, agentes penitenciários e indústria farmacêutica), que faziam dos mais diversos locais espaços de coleta de material, como campos de concentração, clínicas ginecológicas (por tornar possível a coleta de urina de mulheres grávidas), exército, colégios, delegacias, etc.

Quando trazemos a perspectiva das disputas de poder, percebemos que as relações que produzem os gêneros também se fazem ver quando levamos em consideração a história do desenvolvimento das pesquisas sobre os hormônios. Ainda que o discurso médico-científico se estabeleça no argumento da objetividade, os caminhos perseguidos pelas pesquisas e os objetivos definidos dão a ver os diferentes lugares designados para as ficções femininas e masculinas. Como aponta Preciado:

Enquanto o interesse farmacológico pelos testículos e hormônios masculinos apoia a representação normativa do corpo dos homens, associando-se desde o princípio a testosterona à juventude, à força, ao desejo sexual, ao vigor e à energia vital; os projetos de pesquisa sobre hormônios considerados femininos buscam apenas controlar a sexualidade das mulheres e sua capacidade de reprodução. A masculinidade é ainda produzida de acordo com um poder patriarcal soberano, ao passo que a feminilidade é regulada de acordo com um conjunto de técnicas biopolíticas destinadas a controlar a reprodução da população nacional em termos higiênicos e eugênicos, impondo a redução do “desviante” a partir de noções de classe, raça, sexualidade, doença e incapacidade”. (PRECIADO, 2018, p. 183).

Tal cenário permite perceber como os hormônios masculinos e femininos não têm o mesmo valor biopolítico. Assim, ao contrário da recorrente enunciação científica de neutralidade, não é difícil perceber que a ciência também constitui um elemento semântico do sistema ficcional de gêneros, possibilitando perceber a não existência de corpos universais, mas, invariavelmente, corporeidades produzidas a partir de processos de generificação, racialização e sexualização.



FAZER LISTA DE  
COMPRAS  
PENSAR NO LAN-  
CHÊ DO FILHO  
AGENDAR  
MÉDICO  
FAZER COMIDA  
ARRUMAR A  
CASA  
LEVAR NA  
ESCOLA  
TRABALHAR  
ORGANIZAR  
AS CONTAS  
BER  
V  
A  
OS  
S  
IR  
NIO  
PROV  
FAE  
MAA  
OS  
S  
ES

**FRICÇÕES DE GÊNERO: REIVINDICAÇÕES DE  
MASCULINIDADES TRANSFORMADAS E MANUTENÇÃO  
DAS ESTRUTURAS DE PODER  
ENSAIO 3**



## 5. AS ENUNCIÇÕES DE MASCULINIDADES REIVINDICADAS COMO OUTRAS E SUA RELAÇÃO COM AS ESTRUTURAS PATRIARCAIS DE PODER

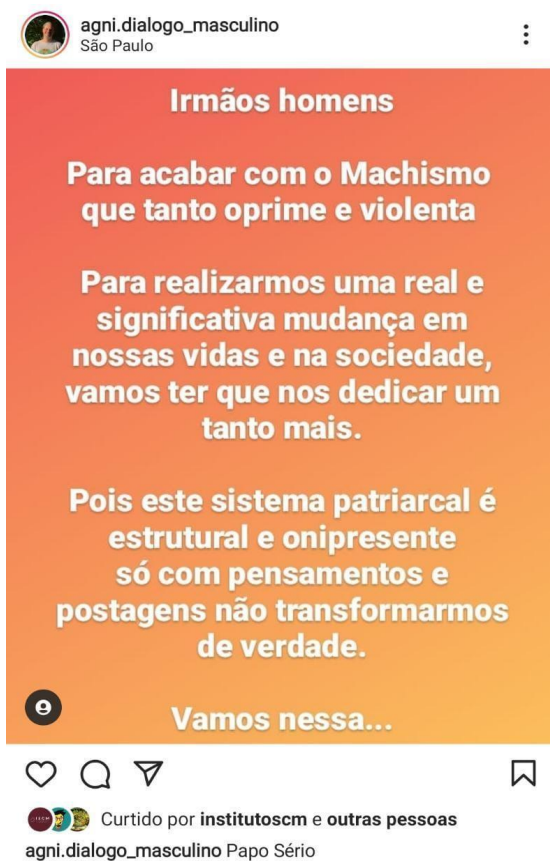
Como explicitado no decorrer desta tese, nos move o interesse por refletir em que medida as ditas mudanças nas formas de se enunciar como homens podem, de fato, alterar as relações de poder que configuram as estruturas de gênero. Flávia Biroli (2016) afirma que, ainda que as características das relações de gênero sejam dinâmicas, tais movimentos seguramente não apontam para a superação do patriarcado, definido por ela como:

Um complexo heterogêneo, mas estruturado, de padrões que implicam desvantagens para as mulheres e permitem aos homens dispor do corpo, do tempo, da energia de trabalho e da energia criativa destas. É ativado de forma concreta, nas instituições e nas relações cotidianas. (BIROLI, 2017, p.11).

Como as materialidades que compõem o *corpus* de nossa investigação passam por enunciações de masculinidades mais ou menos cotidianas, nos pareceu adequado considerar algumas dimensões capazes de indicar para possíveis rupturas ou manutenções das relações de poder, que configuram e são configuradas pela estrutura heteronormativa dos gêneros. Isso porque muitas dessas anunciadas mudanças em gestos, comportamentos, afetos e demais elementos que compõem os gêneros não significam, automaticamente, qualquer tipo de atenuação nos lugares de vulnerabilidade, que limitam as possibilidades de vida de mulheres e pessoas com sexualidade e identidade de gênero que escapam do que é estabelecido pela heteronorma.

Quando nos deparamos com termos como “novas masculinidades”, “novo homem”, “masculinidades transformadas”, de saída, fica estabelecido que tais maneiras de ser e vivenciar as masculinidades se estabelecem em relação de contraposição a um referencial tradicional viril de ser homem. Quando tratam dessa mudança, esses não estão apenas compartilhando simples experiências de vida como homens, mas, na maioria das vezes, de forma mais ou menos explícita, reivindicam para essas vivências um lugar de mudança estrutural e política.

Figura 9- Agni Diálogo Masculino



Fonte: Instagram @agni\_dialogo\_masculino

Figura 10- Masculino da Alma



Fonte: Instagram @masculinodaalma

Essas publicações, em perfis do *Instagram* dedicados a projetos de novas masculinidades, o *Agni Diálogo Masculino* e o *Masculino da Alma* (figuras 9 e 10), marcam o lugar de enunciação de si desses homens autorreflexivos como protagonistas nas alterações das estruturas de gênero e opressão. Esse conjunto de sentidos que reivindicam para si tem respaldo no contexto sociocultural contemporâneo, mas aponta para outro campo de disputa narrativa que se forma: qual é o papel dos coletivos feministas e de homens nas atuais configurações de relações de gênero? Não que esses grupos não possam atuar em confluência, como eventualmente o fazem, mas o que nos interessa passa por perceber como essas enunciações de si e suas respectivas inserções nesse campo se configuram e se relacionam com dinâmicas de poder.

Portanto, este capítulo não trata das masculinidades pelas lentes das próprias masculinidades, mas sim partindo dos projetos de sentido que essas narrativas enunciam postas em relação com aspectos da estrutura de opressão de gênero apreendidas e desenvolvidas pelos estudos feministas. A perspectiva relacional não é por nós acionada como interfaces de encontros que proporcionam diálogos pacificados, mas como movimentos de fricções que geram tensão. Se esses homens apontam para possíveis mudanças em um tipo de estrutura social, que se sustenta em relações de opressão, se faz necessário observá-las a partir do ponto de vista das mulheres.

Quando esses homens são considerados isoladamente ou a partir de aspectos superficiais de relação, parecem mais sensíveis e empáticos que os referenciais tradicionais de masculinidades. Mas quando postos em relação com os aspectos mais profundos das engrenagens de subordinação que operam sobre as mulheres, esses sentidos de mudanças significativas em prol de um mundo mais justo se fraturam. Assim, convocar elementos, que em uma análise apressada podem parecer distantes dos temas das masculinidades, demonstra os limites dos projetos de renovação das formas de ser homem. Por isso, partimos do entendimento de que pensar as masculinidades, pelo viés dos jogos de poder, deve partir de uma apreensão de mundo que considera as consequências que elas trazem não só para os homens, mas também para as mulheres. Nesse caminho, expandimos o olhar sobre as redes que compõem os arranjos textuais das masculinidades, na busca por acessar os bastidores desses projetos de sentido de transformações nas dinâmicas de gênero.

*O Silêncio dos Homens*<sup>6</sup> é um documentário produzido pela plataforma *Papo de Homem*<sup>7</sup>, lançado em 2019, que parece ter se estabelecido como uma produção de referência brasileira para as discussões e enunciações masculinas sobre o tema, de forma parecida com a mobilização internacional que se deu com o documentário *The Mask You Live In*<sup>8</sup>, produção estadunidense de 2015, dedicada a denunciar o conjunto de opressões que configuram as masculinidades, desde muito cedo na vida dos meninos, e que segue operando ao longo de toda a vida dos homens. O documentário *O Silêncio dos Homens* é fruto de um projeto que entrevistou 40 mil homens. Essa produção se mostrou como um marco importante para os discursos de homens e grupos masculinos que discutem masculinidades transformadas. No ano do lançamento, realizávamos a primeira etapa da coleta desta pesquisa. Além do documentário

---

<sup>6</sup>Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&t=2814s>

<sup>7</sup>Disponível em <https://papodehomem.com.br/>

<sup>8</sup>Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=k4yFShxUb2E>

propriamente dito, participamos de uma exibição coletiva, seguida de roda de conversa com participantes do documentário e outros grupos de homens de Belo Horizonte. O encontro foi realizado no dia 11 de setembro de 2019, no Teatro Espanca. Estavam presentes representantes dos grupos Masculinidades Negras, Peixaria e integrantes do movimento Homem Paterno.

Tanto o documentário, quanto a roda de conversa realizada contextualizam as relações com as mulheres como elemento da experiência de ser homem, mas a centralidade das ditas reinvenções das masculinidades está nos preços e limitações impostos pelas masculinidades, como as pressões, os limites de troca de afeto, em especial entre homens. Outros temas tratados e recorrentes nas demais materialidades que compõem o *corpus* passam pela espiritualidade, interseccionalidade do masculino com classe e raça, paternidade, espiritualidade e violência contra as mulheres, mesmo que da perspectiva do agressor e da estrutura que o conforma. Dentre as poucas mulheres que falam na produção, chamamos atenção para a participação da escritora Antonia Pellegrino, que pontua as tensões que contextualizam as mudanças enunciadas:

Eu acho que os homens têm que se entender no seu lugar de privilégio e saber se pensar e se recolocar a partir disso. E saber como, às vezes, é hora de recuar; às vezes, é hora de ouvir; às vezes, é hora de abrir espaço para outras pessoas. Isso significa o que no ambiente de trabalho? Isso significa o que dentro de casa? Os homens não estão sendo convidados ou se sentindo instigados a refletirem porque caiu uma maçã na cabeça deles e eles entenderam que é hora de mudar. Não! Houve uma mudança na sociedade e isso gerou dificuldades para os homens. Então essas novas masculinidades estão se produzindo e sendo empurradas pelos movimentos das mulheres. (ANTONIA PELLEGRINO, O Silêncio dos Homens, 2009).

Pellegrino chama atenção para a dimensão de disputa de poder entre os gêneros que impulsionam esse movimento das masculinidades, que inauguram práticas, gestos e estéticas que se desprendem dos modelos tradicionais de ser homem, mas não necessariamente reorganizam os desequilíbrios de poder masculino e feminino. Não é que essas reinvenções de formas de ser homem sejam desprovidas de politicidade. Pensando, em especial, em grupos de homens centrados nos lugares de opressão em que são colocados e que definem suas possibilidades de ação e existência, como as masculinidades periféricas, masculinidades negras, masculinidades trans, masculinidades LGBTQIA+, reconhecemos a relevância desses discursos e organizações. Desperta nosso interesse buscar indícios de que tais mudanças, de fato, apontam para o que as figuras 9 e 10 anunciam: uma mudança significativa na sociedade.

Claro que são muito diversas as formas e experiências de ser homem no Brasil e no mundo e cada uma dessas formas vai experimentar privilégios e opressões, que se organizam,

principalmente, a partir da distância que essas corporeidades generificadas estabelecem com o masculino universal normativo: branco, heterossexual, urbano, jovem, de posses. Mas, se as estruturas de poder características das estruturas de gênero se fazem ver na relação, é importante identificar o que pode apontar para mudanças estéticas e identitárias das formas de experienciar as masculinidades e o que conduz a dimensão mais profunda dos jogos de sujeição das mulheres pelos homens. Logo, pensar sobre esse assunto demanda observar como elementos corporificados pelas experiências e condições sistêmicas de vida das mulheres se mantêm e/ou se modificam.

É importante ressaltar que não defendemos, aqui, que a estrutura heteronormativa de gênero seja definida exclusivamente pela atuação individual das pessoas, como se cada enunciação de masculinidades fosse suficiente para alterar essa dimensão normativa. Como explica Foucault, o poder é exercido em sua materialidade nos corpos e em todas as esferas da existência dos indivíduos. O poder não é uma manifestação de interesse único, de alguém ou de uma entidade ou grupo, que se faz exercer sobre os demais indivíduos. Como indicamos em trabalho anterior (Gonçalves, 2017), ele se dá de maneira reticular, no entrecruzamento de diferentes processos e linhas de força, que se sobrepõem e se conformam mutuamente. Não há alguém que tenha pensado no controle (e seus mecanismos) dos corpos. Trata-se de um conjunto complexo, “sobre o qual somos obrigados a perguntar como ele pode ser tão sutil em sua distribuição, em seus mecanismos, em seus controles recíprocos, em seus ajustamentos, se não há quem tenha pensado o conjunto” (FOUCAULT, 2014, p. 243). Foucault (2014) ressalta, portanto, ser mais interessante a tentativa de compreensão de como as estratégias e peças do jogo estão dispostas do que descobrir a qual projeto de base eles estão vinculados. Assim, atenta-se para a relevância de se olhar para o poder menos no plano da intenção ou da decisão, de maneira a:

Não tentar abordá-lo pelo lado interno, não formular pergunta sem resposta: “quem tem o poder”; mas estudar o poder onde a sua intenção – se é que há uma intenção – está completamente em práticas reais e efetivas; estudar o poder em sua face externa, onde ele se relaciona direta e imediatamente com aquilo que podemos chamar provisoriamente de seu objeto, seu alvo ou campo de aplicação, quer dizer, onde ele se implanta e produz efeitos reais. (FOUCAULT, 2014, p.283).

Dessa forma, é indispensável perceber que o poder não deve ser tomado como um processo maciço de dominação, exercido por um indivíduo sobre os outros, ou por um grupo ou classe sobre as demais, já que este não é homogêneo. É algo que funciona e circula em rede, não se configurando como um bem que pode ser partilhado ou que se concentra nas mãos de

alguns, em detrimento dos demais. Os indivíduos não são alvos inertes do poder, eles sofrem sua ação e são centros potenciais de transmissão e de resistência. O poder não é algo que emana de um lugar determinado. Ele é, sim, um feixe de relações mais ou menos organizado. Dessa maneira, investigar o poder demanda, invariavelmente, que se debruce sobre as relações, que são desiguais, não estabilizáveis e que implicam diferenças de forças.

Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um dos seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constitui. (FOUCAULT, 2014, p. 285).

O poder resulta em um discurso que é criador de saber e de domínios de conhecimento. Esse discurso opera por meio do “natural”, do que é normalizado, e tem suas manifestações frequentemente vinculadas ao domínio das ciências naturais e ao saber clínico. Este último se torna especialmente expressivo a partir do século XIX, ocasionando a ascendência médica e política sobre a população, que tem como resultado uma série de prescrições que extrapolam a doença, e alcançam os comportamentos: vestimentas, sexualidade, fecundidade, habitação e a relação com os alimentos e as bebidas. O discurso médico se mostra, assim, como uma das mais eficientes ferramentas de ações disciplinares sobre os corpos.

Tudo isso para dizer que não sendo o poder um bloco monolítico, visível e palpável, mas uma rede de discursos, relações e sentidos com efeitos materiais na vida das pessoas, não podemos acessá-lo imediatamente. Aqui nos interessa pensar nos micropoderes, ou seja, em suas formas de atuação que se permitem ver em comportamentos, gestos, corporalidades e construções simbólicas. Atentamos, então, que uma dimensão fundamental das estruturas de poder que não abordaremos corresponde à sua dimensão institucional. Não nos privaremos de mencionar alguns pontos institucionais que nos parecem relevantes na presente construção, mas esse não é o foco desta tese. Para tanto, elencamos algumas chaves de leitura determinantes das experiências das mulheres (em maior ou menor grau, a depender da posição de cada uma nessas hierarquias) capazes de nos indicar para mudanças reais nas estruturas de poder. São elas: *redistribuição de tempo disponível, autonomia financeira, autonomia sobre o corpo/sexualidade e segurança/integridade física, psicológica e patrimonial*. Tais elementos são de difícil mensuração, além de termos dúvidas quanto a real utilidade de buscar unidades quantitativas que, em tese, comprovariam sua manifestação social concreta, embora alguns dados quantitativos sobre a realidade ajudem a acessar o pano de fundo mais amplo e compor

nosso movimento reflexivo. Nossa construção analítica se pauta principalmente em reflexões qualitativas, observando como outros elementos constitutivos das estruturas heteronormativas podem nos dar pistas para compreender se as enunciações que compõem nosso *corpus* apontam para mudanças reais das estruturas de poder, implicadas nas lógicas dos benefícios derivados da adesão aos postulados das masculinidades. Ao mesmo tempo, a análise qualitativa nos permitirá notar como as masculinidades, no que importa ao foco aqui adotado, atuam relativamente às mulheres, permitindo vislumbrar como elas estão inseridas na equação.

### **5.1 Tempo como autonomia e a divisão sexual do trabalho**

Um dos indicadores mais estruturantes e com considerável capacidade de produzir os gêneros, tal como o sistema patriarcal heteronormativo propõe, passa pelo *tempo disponível* às mulheres. Esse indicador é fundamental porque é o que possibilita autonomia pessoal, profissional e participação política. Elementos como a divisão sexual do trabalho, que resulta na responsabilização principal das mulheres (quando não exclusiva) pelo trabalho doméstico e pelas atividades de cuidado, ambos não remunerados e não reconhecidos como trabalho, são basilares na limitação das possibilidades de escolha e agência dessas. Logo, pensar sobre a questão do tempo disponível se faz acessível, por exemplo, por meio da observação de possíveis reorganizações nas tarefas domésticas e de cuidado. Um movimento passa por tentar perceber se narrativas de masculinidades apreendidas permitem observar que as mudanças enunciadas por esses homens indicam, de fato, para a redistribuição da divisão sexual do trabalho e, conseqüentemente, do tempo disponível.

É importante observar que a divisão sexual do trabalho e as mudanças observadas nessa estrutura não acontecem da mesma forma para todas as mulheres e homens. Dimensões como raça e classe, em suas intersecções com o gênero, são estruturais para garantir maiores graus de autonomia para mulheres brancas e das classes média/alta, em detrimento das mulheres negras e em situação de vulnerabilidade social, assim como os privilégios se distribuem de forma desigual para homens de diferentes raças e classes. Mas, ainda que de maneiras diferentes para mulheres distintas, é possível afirmar que a divisão sexual do trabalho é uma das bases comuns de sustentação do patriarcado e das hierarquias de gênero, que resultam em possibilidade de decisão e de agência muito distintas para mulheres e homens, modulando a trajetória das

mulheres. Isso porque a posição delas nas relações de trabalho consiste em um elemento central da engrenagem de opressão patriarcal.

A responsabilização desigual de mulheres e homens por um trabalho que se define assim, como *produtivo e não remunerado* seria a base do sistema patriarcal no capitalismo. O patriarcado, como sistema político, consistiria numa estrutura de exploração do trabalho das mulheres pelos homens. Seu núcleo, nessa perspectiva, é a divisão sexual do trabalho, em que se configurariam dois grupos (ou classes): as mulheres, que têm sua força de trabalho apropriada, e os homens, que se beneficiam coletivamente desse sistema. (BIROLI, 2017, p.28).

Como aponta Biroli, para que esse tipo de arranjo aconteça, é fundamental que o trabalho doméstico e as tarefas de cuidado não sejam entendidas como trabalho. Para isso, o trabalho doméstico precisa assumir a forma de atributo natural do feminino, bem como explica Silvia Federici (2019). Assim, mais que não ser visto como trabalho, essas atividades assumem a forma de uma necessidade interior das mulheres, uma aspiração de cuidar. Dessa maneira, torna-se possível que essas atividades não sejam remuneradas e que essa condição não ofereça problema. Para a autora, “o capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração” (FEDERICI, 2019, p.43). Nesse sentido, ela chama atenção sobre não haver nada de natural em ser dona de casa. Tanto que as mulheres são sociabilizadas e treinadas diariamente por quase 20 anos, geralmente pela mãe, que também exerce esse trabalho não remunerado, e que vai ser importante na construção do sonho compulsório de ter e cuidar de uma casa e de uma família. A realidade é que, ainda que todos os rituais do casamento e da maternidade sejam romantizados em diferentes formas e níveis, que sentimentos e interesses envolvidos nas relações familiares sejam diversos, não há como apagar ou relativizar a materialidade de uma pia cheia de louça para lavar, ou as inumeráveis fraldas sujas que precisam ser trocadas quando se tem um bebê em casa.

Para sustentar a estrutura capitalista patriarcal, o trabalho doméstico e as tarefas de cuidado precisam implicar relações de prazer advindas do sacrifício. No caso das mulheres, não se adaptar ou não gostar desse lugar é entendido como fracasso ou anormalidade. A habilidade do capitalismo em sua intersecção com o patriarcado está em tornar o trabalho não remunerado em um ato de amor. Federici (2019) constata o sucesso da estratégia do capital nessa construção simbólica, já que, de uma só vez, garante uma enorme quantidade de trabalho gratuito e faz com que as mulheres não só não se opusessem a tal situação, como considerassem a melhor



coisa que se poderiam alcançar na vida. E essa estrutura se constitui em uma cadeia: o homem cumpre sua função frente ao capital, como força de trabalho assalariada, e tem a garantia de encontrar em casa uma criada que lhe oferece uma força de trabalho não paga para atender às suas necessidades e às da família.

Nessa construção material e simbólica de família, aos homens são proporcionadas servas amorosas e felizes, disponíveis para atender suas necessidades físicas, emocionais e sexuais, ainda que suas esposas também exerçam trabalho remunerado fora de casa. Ou seja, a relação do trabalho doméstico com a construção social e simbólica de família permite perceber que essa última opera como eixo da produção dos gêneros e da conseqüente relação de opressão dos homens sobre as mulheres. Ainda que hoje não seja mais possível generalizar o sentido de dependência feminina, como aponta Biroli (2017), certamente é possível e necessário pensar em termos de vulnerabilidade conseqüente da divisão sexual do trabalho, que ocasiona posições desiguais para as mulheres. Essas desigualdades são recorrentemente associadas a argumentos biologizantes, que se apresentam como justificativas últimas de manutenção da estrutura.

Para ser mais precisa, diferenças codificadas como “naturalmente” femininas ou masculinas, imprimindo às vivências uma concepção dual e binária de gênero, decorrem da atribuição distinta de habilidades, tarefas e alternativas na construção da vida de mulheres e homens. Essas diferenças não se estabelecem da mesma forma para elas e para eles, uma vez que presumem normas masculinas e são mobilizadas para justificar as desvantagens econômicas das mulheres. (BIROLI, 2017, p.35).

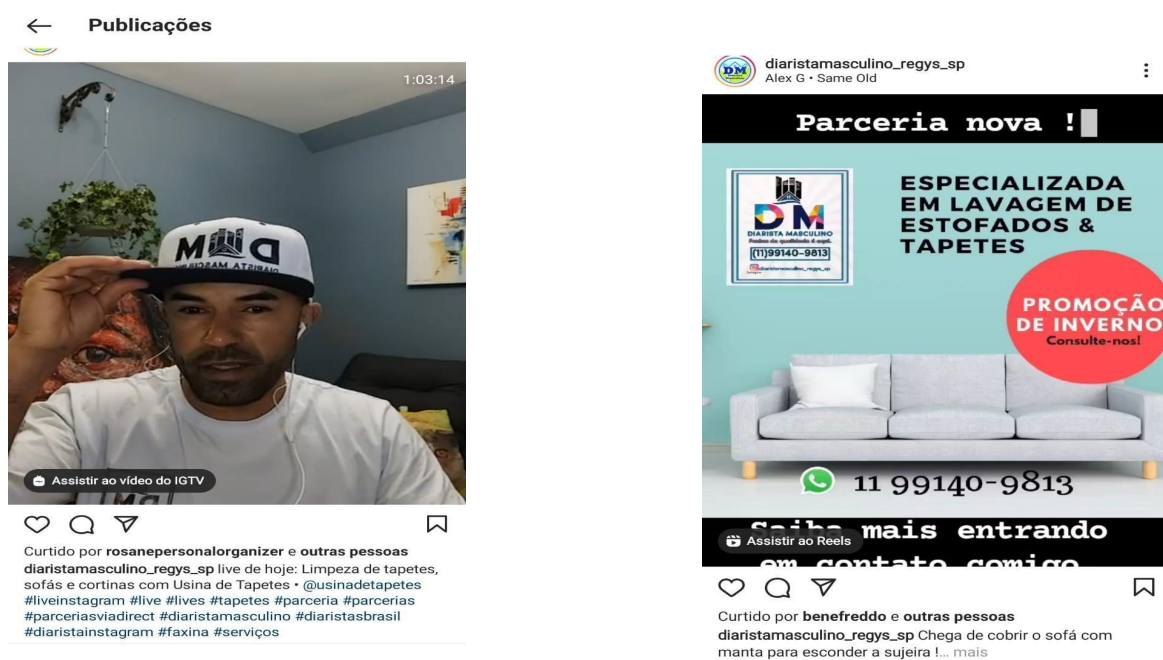
A autora defende, assim, que tais diferenças se definem nas formas de privilégios e vantagens para os homens. Logo, pensar sobre gênero e divisão sexual do trabalho não diz respeito a uma questão identitária, mas a posições que só podem adquirir sentido em relações de hierarquia.

Ao acessar nosso *corpus* de pesquisa, chama atenção a raridade de enunciações de formas de ser homem que se organizassem na órbita do trabalho doméstico em suas próprias casas. Devido ao grau de excepcionalidade da combinação masculinidade/trabalho doméstico, as enunciações apreendidas diziam de experiências remuneradas de trabalho doméstico, seja como diarista ou como influenciador, que angariava para esse homem um nível especial de atenção. Aqui podemos citar exemplos, como o perfil no *Instagram* do *Diarista Masculino*, forma como Reginaldo Rodrigues se nomeia na rede social. Em seu perfil, o diarista mostra registros de alguns trabalhos realizados, mas dá a ver também o caráter de atipicidade de sua tarefa laboral quando posta em relação à sua identidade de gênero, a ponto de se tornar uma marca (figura 11) e viabilizar a realização de parcerias comerciais com outros prestadores de

serviço, como uma empresa de limpeza de tapetes (figura 11), prática típica de influenciadores digitais. Sem nenhum diferencial nos serviços prestados, conforme é possível acompanhar nas fotos e vídeos que registram seu cotidiano, o que parece possibilitar tal lugar de visibilidade passa pelo fato de ser um homem realizando tal tipo de trabalho.

Ao mesmo tempo, são poucos os perfis dedicados aos serviços domésticos femininos, quando encontrados, ou se referem a perfis críticos e de denúncia sobre a estrutura de trabalho, como é o caso do perfil *@faxinaboa*, da ex-diarista e escritora Verônica Oliveira, ou são casos de serviços específicos, como o perfil da Luana Campos, que recebe o nome profissional de *@diarista/faxineira*, sendo especializado em serviços de limpeza pesada. A diferença estrutural é que enquanto as postagens de Luana Campos se dedicam aos registros impressionantes de limpeza, as publicações de Reginaldo Rodrigues se centram nele próprio e no fato de ser um homem. Ou seja, ainda que tratem de serviços semelhantes, limpeza de residências, é perceptível como as narrativas de mulheres e homens se organizam de maneira diferente. No caso das mulheres, como esse tipo de atividade é historicamente atribuído a nós como natural, o exercício do trabalho por esses corpos não se apresenta como temática de relevância nas redes. Não faria sentido, por exemplo, um perfil de nome *diarista feminina* e, se houvesse, o feminino provavelmente seria apreendido como atributo desejável de uma feminilidade normativa.

Figura 11: Diarista Masculino Regys SP



Fonte: Instagram @diaristamasculino\_regys\_sp

Outra forma de enunciação sobre trabalho doméstico coletado se mostra ainda mais problemático, por se tratar de um tipo de encenação monetizada desse tipo de atividade. O ator Duda Nagle, mais conhecido em função da mãe e da esposa famosas (a jornalista Leda Nagle e a apresentadora Sabrina Sato, respectivamente) do que pela própria trajetória artística, tem um quadro chamado *O dono de casa* em seu canal no *Youtube*, que conta com 553 mil inscritos. No primeiro vídeo da série, intitulado *Um Duda Nagle como você nunca viu*<sup>9</sup>, o ator diz que, no canal, as pessoas vão poder conhecer um lado dele que ignoram, que é o de dono de casa que faz suas próprias coisas. “Nesse programa você vai conhecer meu outro lado, um lado que não tem nada a ver com o *glamour* do *show business*, um lado que, sei lá, meu lado dono de casa. Bem-vindo ao meu mundo, o mundo do dono de casa”.

Ao longo dos 20 vídeos que compõem a lista de reprodução, publicados de 2018 a 2020, Duda dá dicas diversas, como de limpeza, de equipamentos para cozinha e de culinária. O que se percebe no decorrer dos registros é que o ator tem pouca familiaridade com as atividades domésticas. Um exemplo são as dicas muito simples, apresentadas em tom de segredos de cozinha, como é o caso do uso de talheres para auxiliar na saída da pressão de uma panela de pressão. No episódio *Falha nossa*, publicado em novembro de 2020, no intuito de mostrar os bastidores e erros de gravação, Duda dá a ver toda a estrutura de produção do canal (figura 12). Uma equipe de pelo menos cinco pessoas, com três câmeras e outros equipamentos de produção audiovisual, como microfone *boom*, iluminação, rebatedores, se espremiam dentro do apartamento da mãe do ator. Em alguns momentos, foi possível ver uma pessoa da produção com uma claquete na mão, anunciando os números de *take* e cena em curso. Em outra cena, é possível ver Duda dizendo que esqueceu as falas da gravação, pedindo ajuda à equipe. Ou seja, os vídeos publicados na lista de reprodução do *Dono de casa* tentam criar uma atmosfera íntima e cotidiana, mostrando fotos da família coladas na geladeira, a mãe do ator passando pela cozinha, mas se tratam, na realidade, de produções profissionais, onerosas e roteirizadas.

---

<sup>9</sup>Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ox5pDYnJPfg>

Figura 12: Duda Nagle



Fonte: *YouTube* – Canal Duda Nagle

A enunciação de si como um homem diferente do padrão, que mesmo com uma carreira como ator de televisão, vivendo em um contexto social em que a contratação de empregadas domésticas é regra e não exceção, mas que ainda assim gosta de cuidar da casa e de realizar tarefas domésticas, não é fortuita. A depender do número de visualizações, um canal no *Youtube* pode gerar monetização expressiva, além de se configurar hoje como uma possibilidade de visibilidade profissional. Em tempos de valorização do “homão da porra”, apelido destinado ao apresentador Rodrigo Hilbert em função de suas múltiplas habilidades domésticas, mencionado em capítulo anterior, essa receita de sucesso pode parecer promissora. Assim como Rodrigo, Duda é um ator com pouca expressividade, casado com uma renomada apresentadora de televisão (grávida na ocasião dos primeiros vídeos), considerado bonito dentro dos parâmetros normativos atuais (jovem, branco, sudestino, com corpo torneado e pele bronzeada). Apostar em vídeos com a temática de cuidado poderia funcionar para ele de forma parecida com Rodrigo Hilbert, como capital social capaz de despertar admiração, visibilidade expressiva e monetização, seja na própria plataforma ou em outros espaços. No caso de Duda, o sucesso do empreendimento não foi significativo como no caso de Hilbert. Os vídeos tiveram cerca de 25 mil visualizações, números inexpressivos para tais objetivos. Logo, desde o começo de 2021, os únicos dois vídeos inseridos na lista de reprodução do *Dono de Casa* foram parcerias pagas com uma marca de carnes, o que permite inferir que tais produções foram realizadas como meros serviços de publicidade.

O que se percebe é que, enquanto o trabalho doméstico representa sobrecarga não remunerada para as mulheres, além de limitar consideravelmente o tempo disponível para se dedicar a outras atividades ou mesmo descanso, para os homens assume forma de capital social e financeiro. Ou seja, ao se enunciarem publicamente como dotados de habilidades domésticas, os limites de sentido de si como homem escapam do corpo e se prorrogam para o trabalho doméstico como prótese de potência. A potência, aqui, se sofisticada e não mais se restringe aos lugares de força física e riqueza material, dois atributos possivelmente associados a Duda e Rodrigo. Além de tudo que um homem deve ser, eles também querem ser vistos como sensíveis e cuidadosos, características valorizadas na contemporaneidade, desde que não coloquem em dúvida a heterossexualidade desses. No caso de Duda Nagle, percebe-se que as práticas de cuidado, mas especialmente as habilidades nas tarefas domésticas básicas, são competências que ele provavelmente não possui. O programa nem mesmo é gravado na casa em que vive com a companheira, mas sim no apartamento da mãe. Isso é relevante porque o trabalho doméstico é característico do cotidiano e diz dos cuidados necessários para viabilizar a existência das

peças no seu dia a dia: limpeza, alimentação, reparos e demais cuidados. A performatividade de Duda como dono de casa, jogando com os sentidos possíveis dessa expressão, se mostra duvidosa, pois nem mesmo se trata de sua casa, do espaço onde vive.

É curioso também pensar que o trabalho doméstico como prótese de sentido de potência não encontra lastro em si, tanto que não tem o mesmo efeito nas enunciações de mulheres. Voltando ao exemplo de Luana e Reginaldo, dois profissionais da limpeza, para que a enunciação de Luana tenha algum sentido de valor agregado é necessário que seu trabalho seja da ordem do excepcional, que surpreenda por dar conta do que parece impossível de ser limpo. No caso de Reginaldo, a interface da corporeidade masculina com o exercício da função alcança outros valores e lugares significantes. Seu corpo em exercício parece ser mais relevante para a produção de sentido desejada do que os resultados em si.

Tudo isso, somado à pouca recorrência de enunciações cotidianas de homens cumprindo tarefas domésticas, permite perceber que um dos calcanhares da vulnerabilidade social imposta às mulheres é apropriada simbolicamente por homens, como diferencial capaz de engendrar lugares especiais de atenção. Na rede simbólica contemporânea das masculinidades reivindicadas como transformadas, as habilidades domésticas enunciadas são pleitos de valorização social, pautadas na suposta ruptura desses com a estrutura de poder patriarcal. O que não se percebe são indícios de qualquer mudança estrutural da construção de gênero a partir de tais enunciações, alterando, por exemplo, a compulsoriedade do trabalho doméstico para as mulheres como consequente da constituição natural dos corpos femininos. Pelo contrário, para que essas práticas tenham caráter simbólico de excepcionalidade por parte desses homens, é fundamental que a estrutura se mantenha. Portanto, o valor simbólico desses homens como diferentes, a ponto de serem recompensados social e financeiramente por isso, depende diretamente da manutenção da divisão social do trabalho, que segue sobrecarregando as mulheres em diferentes níveis.

Que fique evidente que não se trata aqui de afirmar que não existam homens que de fato assumem suas responsabilidades sobre o trabalho doméstico (que, inclusive, garantem sua sobrevivência diária, ainda que também contribuam para a manutenção do cotidiano familiar). Conseqüentemente, de maneira pontual, algumas mulheres podem vivenciar de forma privada a possibilidade de maior autonomia em função dessa redistribuição do tempo livre. Mas o que está em jogo, na presente análise, passa por tentar acessar como essas enunciações de masculinidades reivindicadas como transformadas podem indicar uma mudança estrutural das

construções de gênero, assim como de que forma essas práticas que organizam a enunciação desses homens como outros são articuladas simbolicamente.

Nesse sentido, conforme pesquisa realizada pelo Ipea<sup>10</sup>, observa-se que entre pessoas do sexo feminino com 16 anos ou mais, 87% declaram realizar algum tipo de trabalho doméstico, enquanto apenas 45,8% dos homens com a mesma faixa etária declaram se engajar em alguma atividade desse tipo. Além disso, no ano de 2014, mulheres acima de 10 anos declaram dedicar uma média de 24 horas semanais a atividades domésticas, enquanto os homens declaram passar 10h em média na prática dessa modalidade de trabalho.

Nesse caminho, sendo o trabalho doméstico uma prótese simbólica de excepcionalidade masculina, é importante ressaltar que para quem não realiza esse tipo de função, como é o caso de muitos homens e algumas mulheres em situação de privilégio, pode não parecer óbvio que tais atividades tomem tanto tempo e, por isso, atuem como restrições para a autonomia de mulheres em diferentes dimensões. Logo, Joan Tronto (2007) oferece uma chave importante que nos ajuda a compreender de que maneira a divisão sexual do trabalho está diretamente relacionada com aquilo que nomeia de *irresponsabilidade dos privilegiados*, que diz respeito ao fenômeno que possibilita que algumas pessoas possam se dispensar das atividades de cuidado porque sabem que outras pessoas o farão. Sobre a irresponsabilidade dos privilegiados, Biroli (2017) afirma que:

Por estarem numa condição vantajosa dada previamente, algumas pessoas podem agir como se não se tratasse de uma vantagem. Por exemplo, aqueles que nunca terão de se preocupar com a limpeza cotidiana da casa nem do ambiente de trabalho podem tratá-la como irrelevante ou simplesmente deixar de enxergá-la; ela continuará a ser feita, de maneira que, *de fato, para eles*, não exige tempo, esforço e energia. As relações são estruturadas de tal modo que os libera da carga das responsabilidades atribuídas a outras pessoas. (BIROLI, 2017, p.47).

Na mesma direção, a invisibilização das tarefas de cuidado como trabalho também é fundamental na limitação do acesso ao tempo como autonomia para praticamente todas as mulheres, mesmo que em diferentes graus. Assim como as demais atividades domésticas, as atividades de cuidado de crianças, pessoas com deficiência ou em situação de doença, idosos e demais vulneráveis são associadas a habilidades naturais das mulheres e simbolicamente vinculadas às concepções de amor, atributo altamente valorizado na construção simbólica de feminino. Os valores neoliberais que organizam o social em diferentes níveis propagam a ilusão

---

<sup>10</sup>Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Retrato das desigualdades de gênero e raça (Brasília, Ipea, 2014).

de que o indivíduo pode ser completamente independente e capaz de garantir todo o necessário para sua sobrevivência, se for suficientemente esforçado e responsável. Porém, em diferentes momentos da vida, todas as pessoas vão demandar algum tipo de cuidado dos demais, seja ele remunerado ou não remunerado. Por isso, partimos da constatação que as tarefas de cuidado são inevitáveis e as possibilidades de acesso das pessoas a elas determinam diferentes configurações de vulnerabilidade social.

Esses trabalhos podem ou não implicar laços de afeto entre os que cuidam e os que demandam cuidado. É importante considerar que o acesso desigual aos cuidados necessários, bem como a responsabilidade por cuidar, se dão de maneiras distintas a depender de gênero, raça e classe. Mulheres racializadas e em situação de vulnerabilidade social são as mais sobrecarregadas com as tarefas de cuidado, ao mesmo tempo em que são as que menos têm acesso ao cuidado qualificado, chamando atenção para o cuidado pago. Nesse sentido, pensar no cuidado significa considerar que essas tarefas demandam tempo, quando associadas exclusivamente aos laços afetivos, e dinheiro, quando tratamos de sua forma privatizada. Biroli (2017) ressalta a importância de caracterizar as tarefas de cuidado a partir dos seguintes pontos:

1) cuidar exige tempo e energia, retirados do exercício de outros tipos de trabalho, assim como do descanso e do lazer; 2) a grade de valorização (simbólica e material) das ocupações é determinante na precarização do trabalho de quem cuida e na vulnerabilidade de quem precisa de cuidado; 3) os padrões de organização e (des)regulação das relações de trabalho incidem diretamente sobre as relações de cuidado, podendo favorecer ou dificultar a tarefa de cuidarmos uns/umas dos/as outros/outras. (BIROLI, 2017, p.57).

Esses apontamentos são essenciais porque possibilitam perceber de que maneira as atividades de cuidado, assim como todas aquelas constituintes do trabalho doméstico, são centrais não apenas na produção dos gêneros, mas, principalmente, em lugares de privilégios masculinos e vulnerabilidades sociais femininas. A profundidade dessa estrutura se apoia na construção das tarefas domésticas e de cuidado como construção simbólica do amor. “Quem ama, cuida” é um jargão que pode parecer inofensivo na superfície, mas que se constitui como uma síntese prescritiva do cuidado como amor. Isso não quer dizer que esse está exclusivamente direcionado para as mulheres, mas que as concepções de cuidado associadas às mulheres e aos homens são bem diferentes. Enquanto às mulheres cabemos cuidados com a organização e limpeza da casa, com a alimentação, com a lavagem das roupas e com crianças, idosos e doentes, aos homens caberiam o sustento financeiro e a proteção da integridade física e moral da família. Tal construção se mostra ainda mais desequilibrada quando nos deparamos com os dados publicados pelo Ipea, que indicam que, em 2013, 38,8% dos lares do Brasil são chefiados



por mulheres, entendendo-se chefes a/o principal provedor/a financeira/o e de cuidados pela família. Chama atenção de que dessas famílias, 22,9% são formadas por casais e seus filhos, ou seja, ainda que as mulheres que vivem com seus companheiros assumam o lugar de referência no cuidado financeiro com a família, isso não significa que eles assumirão as responsabilidades integrais de cuidados no âmbito doméstico e familiar.

Classe e raça em convergência com o gênero e suas conseqüentes desigualdades são fundamentais para que a organização do trabalho doméstico e das tarefas de cuidado sigam sustentando lugares de privilégio. Queremos dizer que os processos de conquista de autonomia e reconhecimento profissional das mulheres brancas, de classes sociais média e alta, estão muito mais conectadas com a exploração das condições de vulnerabilidade de mulheres racializadas e periféricas do que com a redistribuição das tarefas entre essas e os homens da família, seja ele pai, irmão, parceiro ou ligado a ela por outro vínculo de proximidade. Ou seja, as condições para que as mulheres das classes privilegiadas possam exercer trabalho remunerado, fora do âmbito doméstico, se apoiam nas necessidades de renda de mulheres em situação de vulnerabilidade, que exercem o trabalho doméstico remunerado (e, muitas vezes, precarizado), assumindo as responsabilidades de cuidado com os filhos, idosos e doentes, bem como as demais atividades domésticas. Enquanto isso, tal rotina de trabalho pode significar no comprometimento das relações afetivas e de cuidados dessas com seus próprios filhos e familiares.

O cuidado representa um dos pilares do enclausuramento doméstico, marca importante das relações de opressão que atuam sobre as mulheres. Nesse caminho, é importante considerar a tradição filosófica liberal, que propõe que as pessoas são autônomas e capazes tanto de se responsabilizar completamente por si mesmas, sem demandar cuidado das demais, quanto escolher se implicarem ou não no mercado de trabalho, ademais de assumirem suas responsabilidades quase integrais (em muitos casos, de fato, integralmente) pelos cuidados com crianças, idosos, pessoas com necessidades especiais, doentes e, muitas vezes, adultos em plenas condições de trabalho. Ainda que não haja nenhum tipo de impedimento institucional para que as mulheres ocupem os espaços de trabalho remunerado, é fundamental considerar todos os constrangimentos que recaem sobre elas na estrutura normativa de gênero. Assumir a discussão sobre cuidado, a partir da ótica liberal, aponta para a despolitização do tema, questão essencial na luta por equidade de gênero.

A recusa de um emprego, por parte de uma mulher, por não haver creche para deixar os filhos, ou as faltas seguidas ao trabalho quando os filhos pequenos adoecem – o

que pode acarretar a perda do emprego ou limitar a ascensão profissional – só poderão ser tratadas como “escolhas” se for desconsiderado o contexto em que estas se realizam ou se fizer de conta que não existem crianças pequenas que precisam de cuidado. Como compreender a posição desigual das mulheres na esfera doméstica e na pública sem levar em consideração que elas são orientadas a assumir determinadas responsabilidades e a desempenhar um conjunto de funções no cotidiano? (BIROLI, 2017, p.64).

Ou seja, a partir das diferentes posições que homens e mulheres ocupam na vida doméstica da família, fundamenta-se a determinação das posições que esses podem ocupar em outras esferas da vida. Dessa maneira, mesmo que algumas mulheres tenham vivenciado transformações sociais, que possibilitam que essas tenham uma carreira profissional, a grande maioria continua a dedicar mais tempo que os homens da família no exercício de tarefas de cuidado e atividades domésticas, ao mesmo tempo em que seguem recebendo menores salários nos espaços formais de trabalho.

É claro que existe uma dimensão muito importante da solução dessa questão que passa pela oferta de serviços públicos, tais como escolas e creches em período integral, por exemplo. Mas como já mencionado, ainda que seja importante localizar essa condição aqui, nossa tese se volta para os micropoderes que se constituem nas práticas diárias marcadas pelas relações de gênero.

A invisibilização das tarefas de cuidado está diretamente relacionada a quem a exerce e a quem recebe, a partir dos parâmetros de economia simbólica. Ou seja, partindo de estruturas sociais liberais, os corpos menos produtivos no âmbito do trabalho remunerado são, exatamente, os das mulheres responsáveis pelas tarefas domésticas e de cuidado, ainda que remuneradas, e os das pessoas em situação de dependência de cuidados, sejam crianças, idosos, doentes ou pessoas com necessidades especiais, já que não são consideradas produtivas nos moldes capitalistas. Assim, as pessoas em posição de cuidadoras são conduzidas a situações de vulnerabilidade e encontram restrições para exercerem trabalho remunerado. A atribuição dos trabalhos de cuidado a esses corpos lidos como femininos se sustenta também em construções morais de gênero, que cobram preços altos daquelas que optam por não chamar para si tais responsabilidades.

Tudo isso é relevante porque o reconhecimento social e a noção de cidadania vigente em nossa sociedade estão diretamente relacionados com o desenvolvimento de atividades profissionais remuneradas. Isso é muito forte quando pensamos nos exemplos de homens racializados e periféricos, frequentemente abordados pela polícia de maneira violenta. Não é

incomum que esses se enunciem como trabalhadores, ou mesmo mostrem sua carteira de trabalho como comprovação de que não são pessoas em situação de ilegalidade.

As construções de gênero estruturam a alocação das atividades no espaço doméstico. Logo, a sobrecarga das mulheres se dá apoiada em discursos que naturalizam maiores responsabilidades por essas tarefas em nome de habilidades inatas que as conduzem também para as tarefas de cuidado, em relações de conexão entre construções de gênero, práticas e comportamentos. No caso das mães, Tronto (2007) chama atenção para a construção ideológica recente de que a primeira relação da vida das pessoas é a da mãe com seu filho. Há séculos, os cuidados com bebês e crianças das classes privilegiadas eram realizados por outras mulheres, fossem as amas de leite ou as babás e enfermeiras, na contemporaneidade. Além dessas, avós, irmãs, vizinhas e outros adultos recorrentemente compartilham tarefas de cuidado com as mães. Logo, a concepção de uma mãe, como provedora exclusiva de cuidados, opera no reforço da falsa impressão de que o cuidado é um atributo natural de alguns corpos.

Nesse contexto, quando tratamos de atividades de cuidado, seja de cuidados com a alimentação e com a limpeza da casa em benefício de homens saudáveis, seja realizando as tarefas que crianças, idosos, doentes e pessoas com necessidades especiais não são capazes de resolver, conforme aponta Biroli (2017), trata-se de atividades realizadas *em prol de outra pessoa e para sua vantagem*. Assim, não se pode questionar o fato de que essas tarefas são realizadas porque alguém dispensou tempo e energia para realizá-la, sendo esse alguém, na grande maioria das vezes, mulheres.

Essa discussão se faz importante porque detalhar a questão do cuidado envolve muito mais pontos nevrálgicos do que pode parecer na superfície romantizada dessas narrativas, que associa os trabalhos de cuidado ao amor e ao afeto. Toda a discussão sobre cuidado realizada passa por compreender essa estrutura de privilégios, que precisa ser alterada para que as mudanças enunciadas pelos homens, a partir de lugares de cuidado, possam convergir, de fato, com a luta feminista por igualdade.

Ao observar o *corpus* coletado sob a perspectiva do cuidado, chama atenção a recorrência das narrativas que se organizam sob o eixo da paternidade, em detrimento de outros tipos de relação de cuidado. Paternidades ativas, afetivas ou novas paternidades são alguns dos termos utilizados para marcar formas contemporâneas de ser pai, que expande sua rede de sentidos para além da relação desses com seus filhos e filhas. De maneira semelhante à apontada sobre as enunciações masculinas quanto ao trabalho doméstico, é notável que essas proposições de paternidades reivindicadas como transformadas também podem articular lugares de prestígio

e admiração para esses homens, o que faz com essas enunciações possam parecer vantajosas em diferentes níveis.

De acordo com Guimarães e Vieira (2020), o trabalho de cuidado pode ser lido a partir de três distintas chaves: cuidado como profissão, cuidado como obrigação e cuidado como ajuda. Sendo o cuidado com os filhos associado à idealização do amor e dedicação materna, esse trabalho é apreendido como cuidado na condição de obrigação feminina e, ainda que seja realizado de maneira gratuita e regular, é majoritariamente invisibilizado. Se esse tipo de cuidado é definido a partir dos marcos da heteronormatividade, os homens dificilmente se identificam com qualquer *obrigação* de cuidar. Assim, é muito comum que a atuação dos pais seja lida e nomeada pelas lentes da noção de ajuda, o que conduz também ao lugar do cuidado como concessão. Ou seja, se esse trabalho de cuidado não está no escopo de responsabilidade naturalizada como masculina, ser um pai atuante tem assumido um lugar de admiração gozada por esses homens, que ainda que defendam discursos de responsabilidades compartilhadas, desfrutam do prestígio correspondente a essa atuação, que os diferencia do padrão dos homens. E assim, esses pais acionam a paternidade como prótese de excepcionalidade que os categorizariam como homens acima da média.

Mais uma vez, não questionamos a validade de construções mais próximas e afetivas desses homens com seus filhos e filhas. Muitas dessas relações certamente se constituem a partir de vínculos mais fortes, vivenciando uma proximidade de trocas improvável até o século XX. Mas, mais uma vez, procuramos acessar por meio de tais enunciações possíveis pistas que possam indicar para mudanças na estrutura de gênero e na divisão sexual do trabalho, que condenam as mulheres ao acesso limitado de tempo livre. Chama atenção a quase ausência de narrativas que se constituem a partir de relações de cuidado de homens com outros familiares que não os filhos com necessidades especiais, idosos ou pessoas adoentadas.

Nessa direção, ser um pai presente parece ser uma tendência nas narrativas de masculinidades coletadas. Seja em canais do *Youtube* sobre as experiências dos pais de primeira viagem, como é o caso do canal *S.E.R Pai*, de *podcasts* sobre o tema, como o *Tricô de Pais*, ou as diversas páginas nas redes sociais, que tratam desde orientação para homens durante a gestação, como é o caso do perfil do *Instagram @homempaterno*, ou da conexão entre os pais e seus filhos, como o perfil *@paternidadecriativa*. Ou seja, as abordagens e materialidades são múltiplas, apesar de terem a reivindicação da mudança de si enquanto homem, a partir da experiência da paternidade como eixo comum, conforme é possível observar na figura 13, postada por Mauricio Maruo no perfil *@paternidadecriativa*.

Figura 13- Paternidade Criativa



Fonte: Instagram @paternidadecriativa.

É exatamente nesse ponto que a questão de alterações nas estruturas de poder se faz presente. As fissuras das narrativas se mostram lugares interessantes para perceber as contradições possíveis entre o que é enunciado por esses pais e os indícios de mudanças reais. Narrativas de transformação pela paternidade costumam transbordar a relação com os filhos, como podemos perceber na postagem em questão. Maruo associa maior consciência sobre atitudes machistas e homofóbicas, bem como a importância dos cuidados com os filhos à condição de se tornar pai. Aqui, fica explícita a relação protética estabelecida entre esses homens e a enunciação de si a partir da experiência da paternidade, que se oferece como um potente portal de transformação, capaz de provocar mudanças profundas na forma como esses

homens existem no mundo. Pensando na enunciada conscientização sobre as atitudes machistas, é importante tentar perceber como essa narrativa de cuidado, de fato, se comunica com alterações reais no acesso ao tempo das mulheres que partilham os cuidados das crias com esses homens. Ainda que tenhamos nos deparado com algumas enunciações sobre experiências de paternidade de casais homossexuais, como o perfil do *Instagram* @papaflix, que retrata o cotidiano do casal Bruno e Victor Vilas Boas na criação de seu filho, é importante ressaltar que as questões provocadas por esse arranjo familiar demandam outras camadas de análise, que são de extrema importância, mas que devem ser tratadas em trabalhos futuros, por convocarem outras direções reflexivas.

A quantidade de canais, perfis e outras diversas materialidades dedicadas ao tema permite algumas inferências importantes. Uma delas é o pleito de reconhecimento social como um homem transformado pautado na paternidade. É fundamental narrar isso para outras pessoas, propondo lições de parentalidade para mães e pais. Ao percorrer as interações do público, observadas por meio dos comentários, a audiência mais expressiva desses homens é formada por mães, não por outros pais. É claro que esses pais reivindicados como transformados também se organizam em um tipo de comunidade, mas as trocas observadas entre eles se constituem como um tipo de “pregação para convertidos”, por meio das quais se observa que os mesmos perfis, com números expressivos de inscritos ou seguidores, se engajam em postagens uns dos outros.

Não é raro que muitos desses homens apresentem, inclusive, mudanças no tom da voz e cadência de fala, se colocando de forma mais branda e serena, elemento relevante nessa composição de si como homem que se reivindica transformado. Esse é o caso de Thiago Queiroz, um dos pais profissionais mais reconhecidos da contemporaneidade no Brasil. Em 2013, criou o grupo de *Facebook Criação com apego*, descrito por ele como espaço de conversa e troca de experiências entre pais e mães, que atualmente alcança mais de 32 mil pessoas. Em 2015, surgiu o canal do *Youtube*, que reúne 74,5 mil inscritos/os e mais de uma centena de vídeos de conteúdos muito diversos. Além disso, o perfil do *Instagram* do Paizinho, *Virgula!* possui 168 mil seguidoras/es, do *Facebook* reúne 97.585, e do *Twitter*, 3.073. Na condição de marca, possui também um *site* e produz os *podcasts Tricô de Pais e Coisa de Criança*, além de coproduzir e hospedar outros programas sonoros.

No vídeo de nome *O começo de tudo na disciplina positiva*, publicado em seu canal do *YouTube*, Thiago relata que antes do nascimento de seu primeiro filho, seu entendimento de cuidado e criação de filhos tinha como referência sua própria família, na qual o pai

participava de forma limitada de algumas tarefas, como a função de provedor. Até então, partilhava da referência característica do modelo normativo de masculinidade, em que homens passavam a maior parte do tempo fora de casa, chegando do trabalho à noite e ficando pouco tempo com as crianças. Segundo ele, ao se tornar pai do primogênito, passou a repensar toda sua experiência como homem.

Conforme descrito por nós em estudo anterior (Chagas & Gonçalves, 2021), em uma narrativa expandida de si que se materializa nessas diferentes mídias, o *Paizinho* tem se enunciado como uma espécie de pai profissional. Se, no começo, o intuito se limitava ao compartilhamento do cotidiano de cuidados e vivências com o filho, atualmente, é possível perceber que ele comanda uma rede de produções midiáticas, que além das próprias experiências, o permite se colocar como um consultor de parentalidade e paternidade ativa. O *Paizinho, vírgula!* alcançou *status* de marca e, além dos ganhos com publicidade e monetização de redes como o *Youtube*, oferece também uma série de produtos que podem ser comprados em seu *site*, como livro, camisetas e canecas com sua identidade visual.

Ao mesmo tempo, algumas narrativas possibilitam perceber como sua vivência como pai é atravessada e atravessa a estrutura histórica do trabalho de cuidado e sua relação com a estrutura de gênero, que segue sobrecarregando mulheres. No vídeo *Como funciona a minha rotina*<sup>11</sup>, é possível perceber como as narrativas do *Paizinho* são autocentradas, dando a ver o apagamento de sua companheira e das outras mulheres que auxiliam no cuidado dos seus filhos. Thiago inicia o vídeo anunciando que vai partilhar a rotina da casa a pedido da audiência, que quer confirmar se ele, de fato, faz o que diz fazer em suas postagens. Ele estrutura a narrativa em três etapas: manhã, noite e “finde”- esse último referente ao fim de semana da família. Nessa proposta, já é possível perceber que mais do que tratar do funcionamento do cotidiano de cuidados com as crianças, trata-se de uma narrativa sobre si como um pai de verdade. Ainda que o período mais longo das crianças em casa seja o turno da tarde, já que elas estudam no período da manhã e dormem por volta de 19:30, esse é suprimido no vídeo. Thiago justifica:

Na verdade, você deve ter percebido que eu contei só a minha parte da rotina, porque é minha parte que me cabe, que eu vivo, né? Enquanto eu estou no trabalho, eles ficam a parte da manhã na escola, e a parte da tarde a rotina é toda com a Anne, não cabe a mim dizer sobre essa rotina dos meninos, né?” (THIAGO QUEIROZ, *Como Funciona a Minha Rotina*, 2017).

---

<sup>11</sup>Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=g\\_F-3WWu4ik](https://www.youtube.com/watch?v=g_F-3WWu4ik)

Ou seja, a rotina de cuidados demandada por duas crianças menores de quatro anos se resume aos breves momentos que o pai dedica a eles antes de ir para a escola e depois do trabalho. Ao contar como é o processo da manhã com os meninos, entre o despertar e a ida para a escola, a narrativa ganha ares cinematográficos, em que atividades cotidianas como a higiene e a troca de roupas são esmiuçadas de maneira a indicar o quanto esses processos demandam trabalho. Em seguida, menciona rapidamente, como detalhe pouco relevante, que “quando a gente vai para a cozinha, a gente tem uma pessoa maravilhosa nas nossas vidas, que é a Nina, um beijo no seu coração, Nina, porque ela que me ajuda nessa rotina da manhã”. Logo, mesmo nesse curto período antes da escola, ele conta com a ajuda de uma mulher, que inferimos ser uma empregada doméstica, que se responsabiliza pelo preparo do café da manhã e da organização do lanche que as crianças levam para a escola. Não queremos dizer que a arrumação das crianças e a organização das mochilas por ele narradas não tenha relevância. Mas, ao refletir sob as lentes do cuidado como estrutura de gênero e manutenção de privilégios, fica explícito que o destaque atribuído a essas atividades as faz parecer muito mais difíceis e importantes do que aquelas realizadas por Nina, citadas de passagem. Sobre a companheira, Anne, ele enfatiza que, enquanto isso, ela continua dormindo, pois merece descansar. Em contraposição ao merecido descanso da companheira, Thiago, que trabalha das oito da manhã às cinco da tarde, não localiza sua audiência sobre os cuidados prestados por ela durante todas as horas nas quais permanece fora de casa.

Assim, o tempo em que Anne dorme, enquanto ele organiza os cuidados da manhã, aparece, mais uma vez, como concessão do homem e pai especial e participativo que é. Thiago retoma a rotina da noite, compartilhando o trabalho exaustivo de preparar o jantar para os filhos, enquanto Anne prepara o banho, e ele finaliza com o processo de colocá-los para dormir. Chama atenção como ele constrói para si um lugar de protagonista de um conteúdo que promete ser “sobre os filhos”, além de apagar essas mulheres que não só dividem os cuidados da família com ele, como passam a maior parte do tempo como responsáveis pela rotina das crianças.

Ao colocá-las em cena, dando-lhes a oportunidade e o poder, em forma de visibilidade e autoafirmação, de se narrarem nesse mesmo contexto, o Paizinho poderia colocar em ameaça sua saga tão individual e heróica? Ou, mesmo, mostrar que, apesar de ele poder ser um pai responsável e “ativo”, a maior carga de cuidado, ainda assim, é na verdade produzido pelas mulheres? (CHAGAS & GONÇALVES, 2021, p.8).

Esses questionamentos que nos fazemos em outro trabalho são importantes quando tentamos acessar os indícios das estruturas de poder e privilégios que seguem contextualizando as sagas dos pais heróis. Para que seja possível pleitear esses lugares especiais de admiração e



reconhecimento social, a ponto de mercantilizarem os relatos de suas experiências, parecem ser fundamentais tais constantes processos de invisibilização das mulheres, que seguem sendo as principais responsáveis pelos cuidados familiares.

Sobre essa seara, chama atenção a sobrecarga imputada às mães, que seguem sendo aquelas que lidam com o ônus da parentalidade. De acordo com dados do IBGE<sup>12</sup> de 2010, último censo realizado no Brasil até o momento de escritura da presente tese, é possível perceber a correlação entre os índices de ocupação das mulheres e o acesso e frequência de filhos pequenos em creches. Enquanto o nível de ocupação era de 65,4% para as mães de crianças de 0 a 3 anos que frequentam as creches, os números caem para 40,3% quando apenas algum filho frequenta a creche e para 41,2% cujos filhos não vão à creche. Ou seja, sem acesso ao aparato institucional de cuidado, menos da metade das mulheres que são mães conseguem exercer algum trabalho remunerado. Fica posto, assim, que as mulheres seguem sendo as principais, quando não únicas, responsáveis pelos cuidados com crianças pequenas, reforçando os ciclos de vulnerabilidade e empobrecimento, vivenciando um tipo de penalização profissional da maternidade.

Dados publicados pela Organização Internacional do Trabalho<sup>13</sup> (OIT), em 2018, demonstram que esse padrão, que se repete em todo o mundo, contrasta com o que nomeiam de *prêmio profissional à paternidade*, já que homens que são pais de crianças pequenas apresentam as taxas mais elevadas de emprego na escala mundial e em todas as regiões, inclusive quando postos em comparação com homens e mulheres sem filhos. Na América Latina, 42% das mulheres se declaram indisponíveis para o trabalho remunerado por serem responsabilizadas enquanto provedoras de cuidado não remunerado. Entre os homens, esse número é de 5%. Sobre essa relação entre divisão sexual do trabalho e responsabilidades relacionadas ao cuidado, o relatório conclui que:

Os homens nunca estiveram tão envolvidos na vida familiar como estão hoje; de facto, a sua contribuição para o trabalho de cuidados não remunerado aumentou em alguns países nos últimos 20 anos. Contudo, a diferença entre mulheres e homens no trabalho de cuidados não remunerado está a diminuir a um ritmo quase imperceptível entre os poucos países com séries temporais de dados disponíveis. A este ritmo de mudança tão lento, serão necessários cerca de 210 anos (isto é, não antes de 2228) para eliminar o diferencial de gênero observado no trabalho de cuidados não remunerado nestes países. (OIT, 2018, p.42).

---

<sup>12</sup>Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>

<sup>13</sup>Disponível em [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms\\_767811.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms_767811.pdf)

Logo, tratando de cuidados providos aos filhos, em termos de estrutura das relações de poder vinculadas aos gêneros, ainda que seja possível observar uma explosão de enunciações de homens como pais ativos, as alterações na ampliação do acesso das mulheres ao tempo livre e, conseqüentemente, a oportunidades e autonomia, são muito lentas e praticamente insignificantes. Possivelmente, tais mudanças enunciadas proporcionam aos homens alternativas de modos de vida, de afetos e de relações que flexibilizam as pressões e prescrições dos modelos tradicionais de masculinidade. Não significa que isso não seja relevante, mas os benefícios ocasionados se relacionam mais às suas vivências enquanto homens do que às estruturas de poder, seja pela ampliação da gramática masculina vinculada aos comportamentos e práticas em si, seja pelos benefícios sociais e, até mesmo, financeiros que esses mobilizam a partir de tais enunciações de si.

Para Donath (2015), os pais têm mais possibilidade de atuarem como “donos do tempo”, em especial quando em comparação com as mães. Independentemente de exercerem trabalhos remunerados fora de casa ou se dedicarem ao trabalho doméstico não remunerado em regime de exclusividade, casadas ou não, as mães são as principais (e, muitas vezes, exclusivas) responsáveis pelos cuidados com os filhos, enquanto os pais têm a possibilidade de se ausentar no tempo e no espaço de cuidado. Enquanto mães são massacradas pela estrutura moralista que julga e desqualifica momentos de sanidade simples, como a prática de atividades física (ou outra qualquer que lhes agrade) ou uma saída à noite para encontrar amigos, a régua que mede o que se considera um bom e um mau pai é muito diferente. Os homens dificilmente são julgados por realizarem as mesmas atividades, ou mesmo por viajar e não participar do cotidiano da família por semanas. Logo, para ser considerado um mau pai, um homem precisa deixar de cumprir as obrigações financeiras com o sustento dos filhos. Nos casos de mães e pais que não vivem juntos, até mesmo a justiça costuma entender que a obrigação que cabe ao homem se restringe ao pagamento da pensão alimentícia, enquanto a visitação é vista como um direito, mas não como dever.

Os modelos tradicionais de paternidade não têm a participação no cotidiano dos filhos e a responsabilização dos homens com as tarefas de cuidado como medida de referência de validação. Logo, aqueles que realizam qualquer atividade nesse sentido, ainda que em pequena escala se comparado à mãe, costumam alcançar lugares de admiração e prestígio, desde que sigam realizando o que tradicionalmente lhes cabe, como ter uma carreira profissional bem-sucedida. Os casos de pais que declaram ter deixado os trabalhos remunerados para serem os principais cuidadores de filhos dão a ver as vigas dessa estrutura moralista de opressão. Uma

pesquisa realizada em 2019 da IPSOS, em parceria com o Instituto Global para a Liderança Feminina do King's College London<sup>14</sup> em 27 países, aponta que o Brasil fica atrás apenas da Coreia do Sul e da Índia sobre a concordância das pessoas com a afirmativa de que “homens que ficam em casa para cuidar dos filhos são menos homens”. No país, 26% das entrevistadas e entrevistados declaram concordar com essa frase. Quando consideramos pessoas em cargos de decisão, liderança ou executivos sêniores, esse número sobe para 35%. Ou seja, ainda que as mulheres sejam as principais prejudicadas pela organização sexual do trabalho, os papéis de gênero e suas prescrições e regulações também atravessam e limitam a vida dos homens.

Por último, ressalta-se ainda que as pesquisas realizadas costumam considerar o tempo dedicado à maternidade, às tarefas domésticas e de cuidado, mas não consideram a carga mental dispendida pelas mulheres. Haicault (1984), interessada nas experiências de tempo vivenciadas por mulheres que estavam inseridas no mercado de trabalho remunerado, mas especificamente nas fábricas, se dedica a esse tema. Nesse contexto, a autora percebeu como a distinção dos espaços sociais era apenas simbólica, já que, nas fábricas, as mulheres pensavam na vida doméstica, organizavam as contas a pagar, planejavam as tarefas a cumprir, de modo a carregar a casa também para os espaços de trabalho remunerado. Assim, a carga mental não está apenas na soma das atividades, mas em sua sincronicidade.

A carga mental é feita, portanto, de ajustes perpétuos, da viscosidade do tempo que raramente é ritmado, em que se perde o corpo e a cabeça para calcular o incalculável, para recuperar o atraso do tempo com o tempo, para tentar gerenciar com o tempo, o tempo perdido. A carga mental está cheia desses pequenos censores que dizem de maneira simples e tão frequente: “Não tenho tempo”. (HAICAULT, 1984, p. 275, tradução livre).

Com isso, concluímos este tópico ressaltando que pensar as experiências do tempo para homens e mulheres não passa apenas por contabilizar as horas empregadas em determinadas funções. A questão se complexifica quando assumimos as sobreposições temporais das funções das mulheres que, nesta perspectiva, são atravessadas por dimensões dificilmente mensuráveis, mas que contribuem significativamente para a sobrecarga e a consequente limitação de autonomia possibilitadas a nós. Essa sobrecarga, ademais, como foi possível perceber em exemplos aqui acionados, não raro constitui o excedente que, apropriado por outrem, permite a alguns homens se reivindicarem como exemplos de masculinidades transformadas.

---

<sup>14</sup>Disponível em [https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2020-03/international\\_womens\\_day\\_2020\\_attitudes\\_to\\_gender\\_equality\\_in\\_workplace.pdf](https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2020-03/international_womens_day_2020_attitudes_to_gender_equality_in_workplace.pdf)

## 5.2 Autonomia financeira e poder de agência

Associadas ao tempo livre, a divisão sexual do trabalho e a sobrecarga das mulheres estruturam também as condições de renda feminina, elemento chave para a *autonomia financeira* dessas. Além de tempo disponível para qualificação profissional, bem como a possibilidade de exercício de trabalhos que exijam ampla disponibilidade, como extensas jornadas laborais ou viagens profissionais, outros elementos se mostram capazes de apontar para o aumento das possibilidades da autonomia financeira por parte das mulheres. São eles: isonomia nas condições de trabalho e remuneração entre os gêneros e diminuição da pressão de maternidade e casamento compulsórios que recaem sobre as mulheres. É importante indicar que essas dimensões aqui convocadas se cruzam nas diferentes chaves de análise por nós acionadas em todo o capítulo. Além disso, ressaltamos não serem esses os únicos elementos que estruturam, mais ou menos diretamente, a autonomia financeira. Nossas escolhas por essas chaves de leitura foram feitas de maneira consciente de que não conseguimos dar conta de todas as variáveis implicadas na difícil conquista da autonomia financeira pelas mulheres. Por outro lado, acreditamos que as variáveis escolhidas poderiam nos dar indícios de mudanças nos macro e micropoderes que organizam as relações cotidianas, que, em sua intersecção com a configuração institucional do poder, são muito relevantes para a produção das diferenças de gênero. Nesse caminho, a autonomia financeira é importante porque é traduzida em recursos que viabilizam que mulheres tenham independência quanto às tomadas de decisão, sendo o dinheiro não o fim, mas o meio para escolhas em diferentes contextos da vida.

Esse tema é importante porque permite vislumbrar as vigas que sustentam as construções de privilégios masculinos, em especial no tocante ao tempo disponível, (sobre)carga de trabalhos domésticos e oportunidades e trajetória profissional. Para que os homens tenham condições de investir em si mesmos e nas próprias carreiras, para que seja possível que tenham autonomia e sucesso financeiro e, ainda assim, constituam os ideais normativos de lar e família, é preciso que alguém pague o grosso dessa conta, e isso pesa sobre as mulheres. Então, trataremos, aqui, do subsolo da plataforma de sucesso e potência das masculinidades, interessadas na dinâmica de dependência/autonomia financeira, como ferramenta importante na manutenção da engrenagem. Se as enunciações de masculinidades tratadas neste capítulo se apresentam como agentes relevantes de mudança nos arranjos de

opressão, é preciso olhar para as condições de sujeição e manutenção desse fluxo de poder pela perspectiva das mulheres e, assim, entender a profundidade das ditas alterações.

Falar sobre autonomia é complexo, principalmente quando convocamos para a cena as críticas ao feminismo liberal e ao indivíduo abstrato do liberalismo. Para Biroli (2014), ao tratar da universalização dos direitos como estratégia para o reconhecimento de igualdade e cidadania a todos na esfera pública, ignora-se toda a estrutura de hierarquia e de opressão que organiza a sociedade e define posições diferentes para as pessoas. Ainda que condição para a autonomia feminina na contemporaneidade, ver a renda como única possibilidade de emancipação financeira não parece suficiente. Além disso, pensadoras feministas críticas ao feminismo liberal, como é o caso de Silvia Federici (2019), atentam para os riscos das tentativas neoliberais de “subordinar toda forma de vida e conhecimento à lógica do mercado” (FEDERICI, 2019, p.304).

Pensar sobre autonomia requer investigar o pano de fundo onde estão inseridas as relações sociais que mobilizam a reflexão. Não se pode ignorar o valor da autonomia como orientação normativa que deve levar em consideração não a suposta universalidade dos indivíduos, mas sim as diferentes posições que possibilitam privilégio para alguns e considerável imobilidade social para outras e outros. Nesse sentido, se faz essencial considerar as críticas ao voluntarismo, que pode ser definido como a presunção de relação entre autonomia, consentimento e escolhas voluntárias. Ou seja, pelas lentes do liberalismo, uma vez garantidos os direitos institucionais iguais para todos, a cidadania só pode ser de fato alcançada, se respeitadas as escolhas voluntárias dos indivíduos, que resultam da ausência de coerção como condição única e definitiva para a liberdade. Nesse caso, não são consideradas as condições que levam determinados indivíduos a supostamente escolher vivenciar situações de subordinação e coerção. Dessa maneira, a reflexão de Biroli (2014) se mostra elucidativa para o que propomos como autonomia financeira enquanto recurso importante de reestruturação do poder entre os gêneros:

O acesso a recursos e o reconhecimento do valor e da capacidade dos indivíduos para definir a própria vida variam segundo suas características e suas posições nas relações de poder, entre elas o gênero. Desigualdades estruturais impactam as possibilidades de autodefinição e as oportunidades disponíveis para as pessoas. (BIROLI, 2014, p.110).

Isto é, não são as (limitadas) possibilidades de escolha que conduzem algumas pessoas a lugares de subordinação, mas sim as estruturas de opressão que conformam e limitam as escolhas de algumas e alguns. Dessa forma, as possibilidades de autodefinição e as

oportunidades nunca são as mesmas para pessoas em diferentes posições nas relações de poder, chamando atenção, mais uma vez, para os lugares de vulnerabilidade que se conformam na interseccionalidade de gênero, raça e classe. A partir desse contexto, nos interessamos pelas condições que definem e limitam a possibilidade de maior acesso aos recursos financeiros por parte das mulheres, já que esse é um fator de ampliação das chances de independência e decisão sobre a própria história, diminuindo a incidência de vulnerabilidade e apontando para mudanças reais nas estruturas de poder. Se os privilégios masculinos são sustentados pela subordinação feminina às estruturas de gênero, que condicionam limitações de liberdade para elas, o aumento da autonomia feminina implicaria em rearranjos nas condições de vida dos homens. O que quer dizer que o reequilíbrio desses papéis, que se baseiam na desigualdade, não se faz possível sem que se mexa nas cristalizações de lugares de vantagem que os servem.

Pensar na autonomia financeira não se limita a observar o acesso às oportunidades profissionais e aumento da renda, embora *condições equivalentes de trabalho e de salários para mulheres e homens* sejam pontos relevantes por nós considerados. Mas, somados a esses elementos, se faz necessário, antes, acessar aspectos da estrutura que se mostram como elos de tais engrenagens de opressão. Neste trabalho, consideramos duas em especial: *o acesso ao tempo livre e poder de decisão sobre o que fazer com ele*, já discutido no tópico anterior, e *a diminuição da pressão da maternidade e do casamento*, que operam sobre as mulheres como condicionantes centrais das escolhas possibilitadas a elas, principalmente sobre suas atuações no mundo do trabalho remunerado. Levando em consideração que nosso foco de interesse corresponde a refletir sobre os sentidos e as dimensões de mudanças nas enunciações de masculinidades presumidamente renovadas, não nos dedicaremos a uma discussão em profundidade de temas como o casamento e a maternidade, mas sim a contextualizá-los e discuti-los na medida em que podem apontar para alterações e manutenções dos privilégios que investigamos.

Se a maternidade e o casamento operam como instituições base de dinâmicas de opressão, que resultam na vulnerabilidade econômica e constante empobrecimento feminino, sustentando as condições de vantagem masculinas, pensar em autonomia financeira demanda considerar em que medida essas dimensões se atravessam e configuram escolhas e desejos. De início, consideramos a discussão de Soares (2011) sobre autonomia de mulheres, na qual explicita que:

Entendemos a autonomia das mulheres como a capacidade de tomar decisões livres e informadas sobre sua própria vida, de maneira a poder ser e fazer em função de suas

próprias aspirações e desejos, num determinado contexto histórico. O avanço da autonomia está relacionado ao avanço das mulheres na vida pública e privada, como garantia do exercício pleno de direitos. A falta de autonomia é resultado da má distribuição do poder, dos proventos, do uso do tempo, da falta de reconhecimento dos direitos das mulheres. (SOARES, 2011, p.281).

Para a autora, é possível apreender a autonomia das mulheres em três dimensões: física, econômica e de decisão. Enquanto a autonomia física passa pelo controle sobre o próprio corpo, ou seja, sobre saúde, reprodução e integridade física livre de violência, tema tratado no próximo tópico, a autonomia de decisões corresponde à possibilidade de participar ativamente de deliberações que perpassam a vida individual e coletiva. Central para o presente tópico, a autonomia financeira diz da possibilidade de administrar recursos econômicos, ou seja, de obter rendimentos próprios, decidir sobre a renda pessoal e familiar e gerir bens materiais. Essa dimensão nos pareceu fundamental à medida que é condição para que as mulheres tenham poder e decisão sobre a própria vida, mas que demandariam que os homens vivenciassem contextos de redistribuição de poder e assumissem funções de trabalho não pago para a garantia da própria existência e de pessoas de seu ciclo familiar que dependem de cuidado.

Nesse contexto, o discurso do voluntarismo, que faz com que as decisões por constituir uma família pareçam individuais para homens e mulheres, esconde elementos muito importantes do sistema binário de gênero, tais como as subordinações femininas consequentes e as garantias de privilégio dos homens. As preferências são, em maior ou menor grau, aprendidas e seu entendimento como escolha é um elemento de pacificação das opressões.

O casamento e a maternidade são construções do mais alto valor simbólico nos termos da heteronormatividade, de forma que dificilmente têm na carreira profissional um concorrente de peso nas possibilidades de escolha das mulheres (ainda que o grau de importância do trabalho remunerado venha crescendo desde as últimas décadas do século XX). Para os homens, essas mesmas instituições representam garantia de condições para seu pleno desenvolvimento profissional, ainda que impliquem em alterações na sua dinâmica de vida. Além de se configurarem como condições limitantes da carreira profissional das mulheres (mesmo para aquelas que não são mães e precisam lidar com baixos salários e possibilidades limitadas de ascensão), na condição de objetivo de vida e pré-requisito da felicidade e completude, não é raro que conduzam mulheres para a saída total ou parcial do mercado de trabalho. Ou seja, mesmo que não se ausentem completamente, muitas passam a exercer trabalho de meio período, ou atividades remuneradas informais, de modo a não faltarem com o que é estabelecido como obrigações maternas e conjugais. Tendo isso posto, nos parece importante compreender como

o casamento e a maternidade se configuram, simbolicamente, de maneira a representar tamanha relevância para a identidade das mulheres e garantia de condições de vantagens masculinas.

### **5.2.1 Acessando as estruturas de poder: maternidade como promessa de completude**

Para acessar a maternidade como valor, que conduz à manutenção dos privilégios masculinos, se faz necessário partir da complexidade de sentidos que esse termo agrupa, que passa pelo menos por: um tipo de relação, uma posição social e uma qualidade em si mesma atribuída às mulheres. Para sustentar tais sentidos, argumentos de naturezas muito distintas, se não opostas, funcionam como elo da compulsoriedade da maternidade para as mulheres. Seja a partir da construção social da maternidade como atributo orgânico (argumento resultante do determinismo biológico), seja pelo discurso liberal da livre escolha de cada mulher (formulada na modernidade pelo capitalismo e pelo liberalismo, desconsiderando os constrangimentos que nos fazem aprender o que devemos e podemos desejar), esses sentidos reforçam o *status* perene da maternidade como regra nas vivências femininas. Para Donath (2015), “os conceitos históricos e culturais sobre a maternidade aprisionam as mulheres em uma “ausência de escolha ilusória” por causa do seu sexo biológico, uma vez que a sociedade usa a “linguagem da natureza” para persuadi-las a conceber e dar à luz, muitas vezes impondo uma verdadeira tirania biológica” (p.31).

Encaixando como uma peça perfeita em uma tela de *Tetris*, sendo esta última o conjunto de prescrições, sujeições e limitações da sociedade heteronormativa, a maternidade assume o posto de dádiva. Seus supostos benefícios se encaixam perfeitamente, suprimindo as angústias postas como típicas do feminino. Dentre elas, destacamos as promessas de: a) dar sentido e valor à existência da mulher, b) legitimar seu *status* sagrado e biológico do feminino de criar, proteger e promover a vida, c) honrar e se conectar com sua cadeia de ancestralidade, dando continuidade geracional ao legado biológico da mãe, avó, bisavó, etc., d) fortalecer o vínculo com o parceiro que, a partir da chegada do filho, passa a ter com a mãe uma conexão por toda a vida, e) se tornar uma pessoa evoluída e altruísta, que se doa integralmente ao filho sem exigir nada em troca, f) eliminar qualquer possibilidade de solidão, g) virar uma página na vida e reescrever histórias de sofrimento, abandono, negligência etc., h) suposta garantia de envelhecimento respeitoso e afetivo, sendo então cuidada pela família que construiu. Enfim,



em meio a uma infinidade de promessas, essas são algumas recorrentes e centrais que conduzem coercitivamente à escolha por se tornar mãe.

Mas nem só de promessas e recompensas transcendentais se constitui a compulsoriedade da maternidade. Outra viga dessa estrutura corresponde às punições sociais e morais que incidem sobre as mulheres que não são mães, seja por decisão própria, por suas condições biológicas ou dos parceiros, somadas à depreciação de parentalidade via adoção, ou impedidas por qualquer outra circunstância. Defeituosas, egoístas, infantis, frias, insensíveis, narcisistas, perigosas e de sanidade duvidosa são alguns dos estigmas que pesam sobre aquelas que não vivenciam a maternidade. Somadas a isso, vêm as ameaças e profecias de solidão, arrependimento, vazio e tristeza consequentes do não cumprimento do que a natureza nos presenteou. Nesse caminho, Biroli (2014) aponta que:

A sobreposição entre mulher e maternidade colaborou, historicamente, para limitar a autonomia das mulheres. Um de seus aspectos é a restrição a determinadas atividades e formas de vida que foram consideradas conflitivas com a divisão sexual do trabalho, assim como o controle da sexualidade e da capacidade reprodutiva das mulheres. Porém, tão importante quanto as restrições, é a construção da maternidade como valor positivo em um quadro que promove identidades de gênero convencionais, naturalizando a divisão sexual do trabalho dentro e fora de casa e afirmando uma posição “especial” e mesmo “exclusiva” para as mulheres no cuidado com as crianças e na gestão da vida doméstica. (BIROLI, 2014, p.115).

Logo, uma das estratégias de manutenção de tais estruturas de opressão passa por tornar indiferenciáveis a maternidade como identidade e as restrições consequentes da estrutura de opressão de gênero. Não queremos dizer que a maternidade não tenha nada de singular, e que a relação com os filhos não possa significar lugar genuíno de felicidade e afeto, mas sim que tais possíveis singularidades são inseparáveis da romantização da maternidade como atributo natural das mulheres.

Tendo em vista tal contexto, é fácil perceber que a suposta decisão livre e autônoma pela maternidade não é real. Nesse regime de liberdade condicional, os projetos pessoais e sonhos que estão em consonância com o que o social determina para homens e mulheres levam ao reconhecimento e legitimação coletiva. Já os que chocam com as expectativas sociais conduzem a preços e punições. Para pensar nesse processo de decisão, parece adequado convocar a expressão popular que joga com o roteiro religioso das celebrações de casamentos, que pergunta aos noivos se a união se dá por “livre e espontânea vontade” que, nas apropriações populares jocosas, se transforma no termo “livre e espontânea pressão”. A coerção da maternidade como virtude é tão agressiva, que mesmo nos casos de gravidez resultantes de estupro, é recorrente a defesa (mais ou menos institucional, a depender do contexto

sociopolítico) da proibição de aborto, acionando a maternidade como dever de doação moral e sagrada de si em qualquer contexto.

A maternidade como estrutura social é violenta. Até mesmo a garantia da perpetuação da pátria cai na conta do dever materno, haja vistas as nações com baixas taxas de natalidade, que constroem políticas de incentivo à reprodução. Donath (2015) convoca o conceito de imaginação colonizada de Meyers (2001) para tratar do processo de doutrinação social que aponta a maternidade como único roteiro concebível para as mulheres, a ponto de sufocar e apagar as outras possibilidades.

A colonização se materializa, entre outras coisas, quando os diferentes caminhos para a maternidade tomados por mulheres de diversos grupos sociais são escondidos de nós, uma ocultação que serve para manter tanto a “língua da natureza” quanto a “retórica da escolha”, enquanto ambas falam em nome de um desejo garantido de ser mãe. (DONATH, 2015, p.38).

Logo, a autora define a vontade institucionalizada como a vontade que resulta dos entrecruzamentos dos próprios desejos e das expectativas da sociedade. Ela utiliza o termo para tratar da questão da maternidade, mas nos parece adequado também para refletirmos sobre o casamento, já que ambos são marcos socialmente constituídos de etapas e objetivos de vida que todos devem cumprir. De maneira geral, o casamento e a maternidade são, conjuntamente ou não, marcos de sobrecarga das mulheres, que, a partir de tais eventos, passam a ser as principais responsáveis pela gestão e manutenção do espaço doméstico e dos cuidados com a família, com destaque para as crianças. O ponto central da presente análise passa, então, pelas distintas formas de prescrição e coerção que conduzem às vontades institucionalizadas do casamento e da maternidade como aquilo que devemos almejar. A construção social da maternidade e do casamento como instituições conduzem as mulheres a “escolher/desejar” a construção da família como prioridade, escolha essa que incide diretamente na redução do tempo disponível, na sobrecarga e na priorização dessas promessas de felicidade e amor, que por serem traduzidas em trabalho não remunerado, se dão em detrimento do desenvolvimento pessoal e profissional dessas mulheres. As diversas causas e contextos que conduzem à decisão por se dedicarem exclusivamente aos cuidados domésticos e familiares formam uma das bases de vulnerabilidade feminina.

Sendo o núcleo familiar de referências heteronormativas composto por mãe, pai e filhos, as relações com os homens e suas enunciações possibilitam perceber indícios das dinâmicas de funcionamento dessa estrutura de opressão. Nas enunciações de masculinidades reivindicadas como transformadas, a paternidade como sonho é uma recorrência como proposta de vivência

masculina sensível e afetiva. No vídeo intitulado *Ela não quer ter filhos, e agora?*<sup>15</sup>, publicado pelo canal do *Youtube Manual do Homem Moderno*, Edson Castro convida Maria Clara Neder para comentarem a pergunta de um seguidor, que pede a opinião do canal sobre um relacionamento “super top”, conforme define, com uma mulher que não quer ter filhos. Ele questiona: “meu sonho é ter uma filha, e agora?”. De saída, a pergunta que origina o vídeo chama atenção pela idealização do homem sobre sua demanda de não apenas ser pai, mas do sonho de ter, em específico, uma filha, decisão fora de controle em condições de concepção sem auxílio de tecnologias de fertilização e, mais especialmente, de manipulação genética.

Maria Clara é convidada para o debate por declarar não querer ter filhos, mesmo estando prestes a se casar, dando a ver a relação de sentido de continuidade que se espera entre casamento e maternidade. Edson pontua ter terminado um relacionamento em função da decisão da ex-companheira de não ter filhos. “Meu sonho é ter filho! Quero muito ter tipo um exército. Eu já tive um relacionamento com uma mina que ela não queria ter filhos, e foi tipo o que acabou com o relacionamento!”, relata. A fala do apresentador dá a ver a declaração recorrentemente proferida por homens de querer um exército, um time de futebol, sinalizando para o desejo de ter muitos filhos, ao mesmo tempo em que recorrem a duas instituições, o exército e o time de futebol, ainda marcadamente referenciados nas masculinidades e seus valores tradicionais. Se o sonho compulsório das mulheres deve ser pela maternidade, homens que desejam ser pais são lidos como homens de família, atributo almejado pelo feminino normativo. Ao mesmo tempo, nota-se um abismo entre a construção simbólica da dupla maternidade/paternidade ideais e a materialidade da estrutura de parentalidade contemporânea. No Brasil, dados do IBGE do censo de 2010<sup>16</sup> mostram que mais de 37% das famílias brasileiras são compostas por mãe solo e os filhos, o que permite concluir que existe uma diferença consistente entre o desejo declarado dos homens pela paternidade e a assunção das responsabilidades paternas como regra.

Além disso, no diálogo do vídeo é possível perceber também como o desejo de mulheres pela não maternidade implica invariavelmente em julgamentos, que muitas vezes conduzem a término de relacionamentos, não sem antes serem pressionadas a mudar de ideia. Edson questiona Maria Clara sobre a possibilidade de que a mulher que não deseja ser mãe mude de

---

<sup>15</sup>Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NcymZKgrk4g>

<sup>16</sup>Disponível em <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0,43,432220,432360,432345,431550,430690,430930&cat=128,-15,-16,55,-17,-18&ind=4704>

ideia com o passar do tempo. Ela diz achar a questão complicada e relata sua experiência: “Todo mundo vira as costas para gente que não quer ter filho, eu sou uma mulher que não quer ter filho. Para homem isso é mais fácil. Para mulher é mais difícil das pessoas entenderem. Elas falam, o que? Uma mulher não quer ter filho? Como assim? Você veio ao mundo para isso!”. O relato da mulher explicita a pressão social que incide sobre as mulheres quanto à maternidade ser assumida como dever e destino natural dos corpos femininos. Chama atenção que discursos de masculinidades, que se propõem atualizados com as demandas feministas, sigam operando na romantização da paternidade e na família nuclear como projeto e lugar de valor e admiração.

Ao mesmo tempo, de acordo com levantamento realizado pelo jornal *O Globo*, em 2018<sup>17</sup>, em dez estados brasileiros, tramitavam mais de 100 mil processos de cobrança judicial contra pais inadimplentes de pensão alimentícia. Os estados estudados foram: Alagoas, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. A estimativa da justiça é de que o número de devedores de pensão seja muito maior, embora não tenham conduzido a processos judiciais de execução de alimentos.

Os discursos masculinos sobre si e sobre a maternidade são inseparáveis e têm peso na forma como tais instituições operam. No episódio *Pai Solo*<sup>18</sup>, do *Especial Sobre Ser Pai* do canal *GNT*, Arthur relata ter compreendido a rotina da mãe dos dois filhos, falecida em função de um câncer, ao assumir a responsabilidade integral sobre a criação das crianças:

Eu criticava demais a rotina dela. Ela me ligava e falava, Arthur, eu tô cansada! Eu: cansada do quê? Sua vida é maravilhosa! Você levanta, vai treinar de manhã, pega e leva pra escola, vai pro trabalho, volta, pega as crianças, dá um almocinho, é diversão o tempo todo e tá dormindo em casa! É a maior falta de consideração que eu pude ter com a minha mulher naquela época. (ARTHUR, *Especial Sobre Ser Pai*, GNT, 2018).

Essa fala permite acessar o tipo de pressão que incide sobre as mães em suas relações com os homens, que não só precisam dar conta da dupla jornada, como têm o dever de se sentirem felizes com essa rotina caracterizada como “vida maravilhosa”. Percebemos que a maternidade (necessária para que esses homens possam exercer a paternidade heteronormativa) segue absolutamente estável nessas enunciações de masculinidades que se dizem novas. O projeto de família nuclear prossegue como regra, nem ao menos mencionando como essa

---

<sup>17</sup>Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/ao-menos- cem- mil- processos- de- cobrança- de- pensao- alimenticia- tramitam- hoje- no- pais- 22522436>

<sup>18</sup>Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=D21mMExZicQ>

estrutura é mais onerosa para as mulheres do que para os homens. O que entra em discussão nessas narrativas passa mais pela qualidade de pai que se é ou se pretende ser, do que pela compreensão e diálogo sobre ter ou não filhos, considerando como isso incide na vivência das mulheres.

Chama atenção os casos raros de pais que relatam serem os principais cuidadores das crianças, já que as companheiras tinham salários maiores. Eles contam da dificuldade em vivenciar a vulnerabilidade financeira (e social consequente dessa) por depender exclusivamente dos rendimentos da mulher. No vídeo *Paternidade ativa – Qual caminho seguir?*<sup>19</sup>, publicado no canal do Youtube *Plataforma Gente*, um grupo de pais conversa sobre suas experiências com os filhos e com a paternidade como instituição. Pedro Oliveira, criador do canal *S.E.R pai*, relata sua experiência como principal responsável pelos cuidados cotidianos com a filha, quando é interpelado por Pedro de Figueiredo, criador do portal *MEMOH*, que atenta para o peso do julgamento das outras pessoas:

Pedro Oliveira: Se eu fosse me apegar a essa questão do provedor, eu tava fodido, porque eu sou ator. Quando eu tava me planejando para vir para o Rio, minha mulher falou que estava grávida. Ok, passagem cancelada, vamos ficar aí. Ela hoje ganha mais do que eu e, todos os dias de manhã, quem fica com a minha filha sou eu. Então, se eu fosse me apegar a essa questão de ser o provedor e ser o pai das antigas, eu ia ser um pai muito merda.

Pedro de Figueiredo: Eu já ouvi pais amigos que, quando vão no parquinho com as crianças, as pessoas olham até esquisito. Primeiro: que mãe relapsa é essa que deixou essa criança sozinha com o pai? E que pai é esse que não faz nada da vida, que tá aqui cuidando da criança no parquinho? (OLIVEIRA; FIGUEIREDO Especial Sobre Ser Pai, GNT, 2018)

Nesse exemplo, a configuração familiar que tem a mulher como principal provedora, enquanto o companheiro cuida dos filhos, dá a ver o risco de esvaziamento moral desse homem enquanto masculino não provedor. Nota-se que o conjunto de sentidos atribuídos aos homens que se enunciam como cuidadores, mas que seguem sendo (ou parecendo) cumpridores do papel social masculino de prover, alcançam graus de prestígio muito distintos dos que ocupam integralmente os lugares relegados às mulheres, de renúncia da carreira profissional em prol dos cuidados com o lar e com a família. Se para elas essas construções alcançam *status* de virtude, mesmo que ser virtuosa implique em graus de vulnerabilidade e sujeição, para os homens apontam para sentidos de fracasso. Ou seja, o sucesso social das mulheres implica em vivenciar a concepção de fracasso masculino.

---

<sup>19</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=CM13\\_UsqCYQ](https://www.youtube.com/watch?v=CM13_UsqCYQ)

Nesses casos de enunciação de si como cuidadores dedicados, o sentido de prestígio se dá mais pelas narrativas de práticas pontuais ou ocasionais que seguem se estruturando na sobrecarga das mães, do que de um rearranjo profundo da engrenagem. Donath (2015), ao trazer relatos sobre mulheres que se arrependem da maternidade, convoca o depoimento de *Susie*, mãe de duas filhas, sobre a relação do pai com a família, como atravessamento dessas instituições de sujeição e sobrecarga.

Eu sempre rio ao falar com homens que são chefes ou têm cargos de responsabilidade e se orgulham de serem parceiros em casa, e lhes pergunto qual foi a última vez que verificaram se estava faltando papel higiênico ou se a pasta de dentes estava acabando [...] (DONATH, 2015, p.141).

Essa fala chama atenção para a qualidade da participação desses homens nas tarefas domésticas. Azpiazu Carballo (2017) aponta que ainda que alguns deles tenham se declarado mais ativos nas tarefas de cuidado com as crianças, como regra, a distribuição desses trabalhos continua desigual. Os homens tendem a escolher as funções que querem assumir com os filhos e essas escolhas raramente passam por aquelas que implicam sujeira, como cortar as unhas, tirar piolho, se preocupar com vermes e lombrigas, bem como frequentar as reuniões de pais na escola, se ausentar do trabalho para acompanhar em consultas médicas, auxiliar e assegurar que as tarefas de casa estão sendo cumpridas. No lugar disso, são expressivos os registros e narrativas de pais que levam seus filhos ao parque, brincam e os levam para passear aos finais de semana. Ou seja, voltamos ao tema discutido no tópico anterior, que aponta para a carga mental que pesa sobre as mães para planejar e gerir as necessidades da criança e da família.

### **5.2.2 Vida conjugal como eixo do modelo familiar burguês**

Se a maternidade implica em relações domésticas, familiares e de cuidado, a vida conjugal se coloca como *locus* fundador da família ideal. Tendo em vista os arranjos familiares da contemporaneidade, para nós faz mais sentido pensar a partir da vida conjugal como “tipos especiais de vínculos, com características próprias, que conferem aos envolvidos a possibilidade de organização e reconhecimento identitário e social” (PERLIN, 2006, p.65), do que de uma noção de casamento civil ou religioso. A história da família contemporânea caminha pareada ao histórico do casamento, ambos herdeiros diretos do casamento e da família burguesa. Se até o século XIX o casamento consistia em alianças familiares de manutenção da

ordem econômica e social, a partir de então têm-se a noção de amor romântico, nuclearidade familiar e centralidade no indivíduo como características marcantes. Como pano de fundo, nesse contexto, passa a vigorar a diferença entre espaços público e privado e sua relação direta com papéis de gênero como atributos naturais. Ou seja, sendo o espaço privado o lugar por excelência do feminino, ele ganha força na construção ideal da maternidade e no fortalecimento da intimidade da família nuclear formada por mãe, pai e filhos.

Para Azevedo (1981), este modelo de amor romântico desloca o casamento como fruto de uma escolha paterna para uma decisão dos próprios indivíduos, que depositam nessa instituição a expectativa de realização pessoal e social. A noção de amor romântico que assume o eixo central dos casamentos burgueses é incompatível com a ideia do que Trigo (1989) nomeia de amor-paixão, caracterizado por seu caráter perturbador e invasivo, cedendo lugar ao amor doméstico, que é limitado pelas relações conjugais e seus deveres correspondentes. Nessa concepção, para além da sexualidade, o cônjuge é alguém especial, capaz de tornar a vida da/o parceira/a completa. “O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece” (GIDDENS, 1993, p.68), possibilitando que o indivíduo fragmentado se torne inteiro.

Assim como a maternidade é diretamente conectado com ela, o casamento também é construído socialmente como promessa de garantia de amor, que pode ser traduzido em: a) condição para a formação da família nuclear heteronormativa idealizada, b) completude e vida com propósito, c) afastamento do risco de solidão, já que o casal ideal do amor romântico envelhece juntos, d) segurança financeira, e) estabilidade afetiva, f) pertencimento e reconhecimento social, g) companheirismo, h) felicidade, paz e confiança, i) instituição de si como uma mulher adulta, ao deixar a casa dos pais para construir um lar e uma família. O alcance dessas promessas é condicionado pela fusão dos indivíduos na instituição casal, que implica a renúncia da autonomia pessoal. Se no mundo romântico o casal é o centro, o casamento é o começo da vida verdadeiramente importante, de modo que o regime de exclusividade e as experiências pregressas de cada um devem ser esquecidas e toda ameaça ao casal deve ser afastada, tal como os interesses individuais, o convívio com outras pessoas fora do âmbito familiar e desejos fora da relação.

Desde o século XIX, o casamento assume a forma de única via possível de felicidade plena para as mulheres. Com a separação das esferas pública e privada, a última, na condição de espaço doméstico, assume a forma de lugar social e vocacional feminino, sendo o *locus* dos trabalhos domésticos e de cuidado não remunerados. Se nesse modelo familiar o homem,

vocacionado para o espaço público, é o provedor financeiro da família, além do trabalho gratuito, a mulher é a provedora afetiva por excelência. Assim, a casa assume sentidos distintos para homens e mulheres. Enquanto os primeiros encontram no lar o lugar de descanso e troca afetiva, as últimas têm ali um local de trabalho, tensão e sobrecarga física e mental, mesmo que também exerçam atividades laborais remuneradas fora.

Assim como a maternidade é como pré-requisito desejável a ela, o casamento também se institui como marco importante no ciclo de vida das pessoas, significando um ponto de passagem para a fase adulta, muitas vezes de forma mais contundente que os próprios marcos etários. Se uma adolescente de 17 anos se casa, imediatamente passa a assumir o *status* de mulher, se tornando a principal responsável pela gestão e harmonia do lar. Se essa mesma menina se torna mãe, as responsabilidades e expectativas tradicionalmente femininas passam a recair sobre ela com ainda mais força, de maneira equivalente às mulheres mais velhas. Dessa maneira, e considerando também as dimensões de organização econômica e de trabalho, de reprodução e controle social, o casamento não corresponde apenas a uma promessa, rito de passagem, configuração fundadora de um núcleo familiar unido por relações de afeto e cuidado, mas representa também um elemento fundamental de organização da sociedade capitalista, que assegura corpos que exercem o trabalho gratuito de produzir outros corpos. A promessa de estabilidade afetiva, as renúncias de autonomia, desejos e projetos individuais e os demais constrangimentos estabelecidos pelo casamento burguês são ferramentas de hierarquização e controle dos indivíduos estabelecidas pelo gênero e posição no núcleo familiar (se o marido/pai segue sendo a principal referência de poder na família, em relação aos filhos, a esposa/mãe se estabelece frequentemente como um tipo de autoridade).

Está posto que o casamento tem importância variável para homens e mulheres. No caso das mulheres, mesmo que pareça uma escolha se casar e vivenciar as condições convencionalmente instituídas pelo modelo heteronormativo de feminilidade, é consistente a diferença entre as implicações da vida conjugal quando comparadas aos homens. Biroli (2014) convoca um exemplo que elucida essa dinâmica. O relato trata de uma mulher de classe média que, quando se torna mãe, toma a decisão de deixar de exercer atividades profissionais remuneradas, passando a depender financeiramente do marido. Essa escolha não incide apenas no poder de decisão sobre dinheiro, mas costuma significar também a redução da rede social dessa mulher e dos conhecimentos e habilidades requisitados pelo trabalho não doméstico. Mais tarde, no processo de divórcio, as demais vulnerabilidades consequentes dessa “escolha” se tornaram evidentes, sejam elas relacionadas à dificuldade de sair da relação por não ter recursos



financeiros que independam da relação conjugal, ou até mesmo à submissão a situações de violência por não ter condições de viabilizar outra moradia para si e para os filhos, bem como as demais despesas pessoais e familiares. Apontamos aqui para a dimensão estrutural, que conduz a uma suposta decisão individual e autônoma que a submete a diversas camadas de vulnerabilidade.

A autora atenta ainda para os casos em que os homens não têm renda suficiente para sustentar a família, impossibilitando a opção pela saída do mercado de trabalho das companheiras para se dedicarem exclusivamente aos serviços domésticos. Mesmo se mantendo economicamente ativas, essa condição não assegura processos de emancipação feminina. É recorrente que isso signifique uma sobrecarga de trabalho para essas mulheres, que além de atender as convenções sobre responsabilização principal ou exclusiva feminina pelas atividades domésticas e de cuidado, precisam sobrepô-las ao trabalho remunerado. Dessa maneira, mais uma vez, percebemos a estreita relação entre a compulsoriedade do casamento e da maternidade como elementos estruturais da vulnerabilização financeira feminina, já que a organização familiar tradicional está diretamente conectada com a divisão sexual do trabalho, e a consequente limitação do tempo disponível às mulheres.

Assim, o casamento e a maternidade, como estruturas sofisticadas fundantes da ordem social, por se estabelecerem não apenas pelo seu negativo constituído por renúncias e sujeições típicas, mas também por assumirem o *status* de sonho, desejo e condição para a felicidade e sucesso de muitas mulheres, são premissas definitivas para a divisão sexual do trabalho, embora não sejam as únicas. É no seio do ideal de amor e cuidado que aparecem como sentidos fundadores das relações conjugais e das famílias, que se estrutura a engrenagem de sobrecarga e trabalho gratuito prestado por mulheres que, como apontado anteriormente, faz com que o tempo seja um recurso escasso para elas, assim como representa as bases de limitação da atuação de muitas no mercado de trabalho, quando não fatores de impedimento.

Na tentativa de perceber como a compulsoriedade da vida conjugal e familiar se dá de formas distintas para mulheres e homens, se faz importante perceber qual é o espaço ocupado pelo amor romântico nos desejos e planos de vida contemporâneos. Nesse caminho, acionamos as enunciações do influenciador digital e terapeuta de relacionamentos Marcus Boaventura, que se apresenta, na descrição de seu treinamento, *Princípios de uma relação saudável*, como pioneiro no Brasil a conectar masculinidade saudável com escuta das emoções. Seu perfil no *Instagram*, criado com o nome *O macho de relação*, no qual oferecia dicas para os homens sobre o que nomeia de masculinidade saudável, foi rebatizado com seu nome próprio, à medida

que notou que as mulheres formam a maioria da sua audiência. Hoje, Marcus direciona seus conteúdos e oferece um treinamento individual voltado principalmente para as mulheres, ao preço de 2mil reais. São quatro encontros virtuais de uma hora de duração cada, em que ele promete auxiliar na consolidação do amor-próprio e fazer com que suas alunas tenham certeza de que merecem o melhor.

Marcus mescla conteúdos esotéricos, como a autorresponsabilização das mulheres pela atração energética de parceiros cafajestes; elementos de autoajuda, como a recomendação da escritura de uma carta de valores próprios, que determinam as características da pessoa que se deseja atrair; até argumentos emergentes nas discussões feministas radicais, como a diferenciação entre heterossexualidade e homoafetividade praticadas por muitos homens que se relacionam sexualmente com mulheres, em configurações estáveis/familiares ou ocasionais, mas que desenvolvem afetos e demonstram prazer e alegria genuína entre homens, conforme observado na figura 14:

Figura 14- O Marcus Boaventura 1

**Marcus Boaventura**  
@omarcusboaventura

Heterossexual, porém homoafetivo.

Para mulheres: o pinto.  
Para outros homens: dinheiro, respeito, tempo, cumplicidade, energia, atenção, elogio, franqueza, admiração etc. etc.

Curtido por fred.sasso e outras pessoas

omarcusboaventura "Pra sair comigo é uma agonia, mas pra sair com os amigos é uma farra".

"Meu marido trata o carro melhor do que eu".

"Ele não apoia nem incentiva meu trabalho".

Algumas frases que exemplificam o fenômeno do homem hétero, porém homoafetivo.

Para mulheres: é possível perceber quando você é apenas uma válvula de escape para o estresse. Basta saber se quer continuar nesse lugar!

23 de agosto 10:53 PM  
omarcusboaventura 2 h

Consultoria gratuita:

Explica melhor esse conceito de Hétero, porém Homossexual. Tô confusa!

"A cara do meu marido com um peixe // comigo"

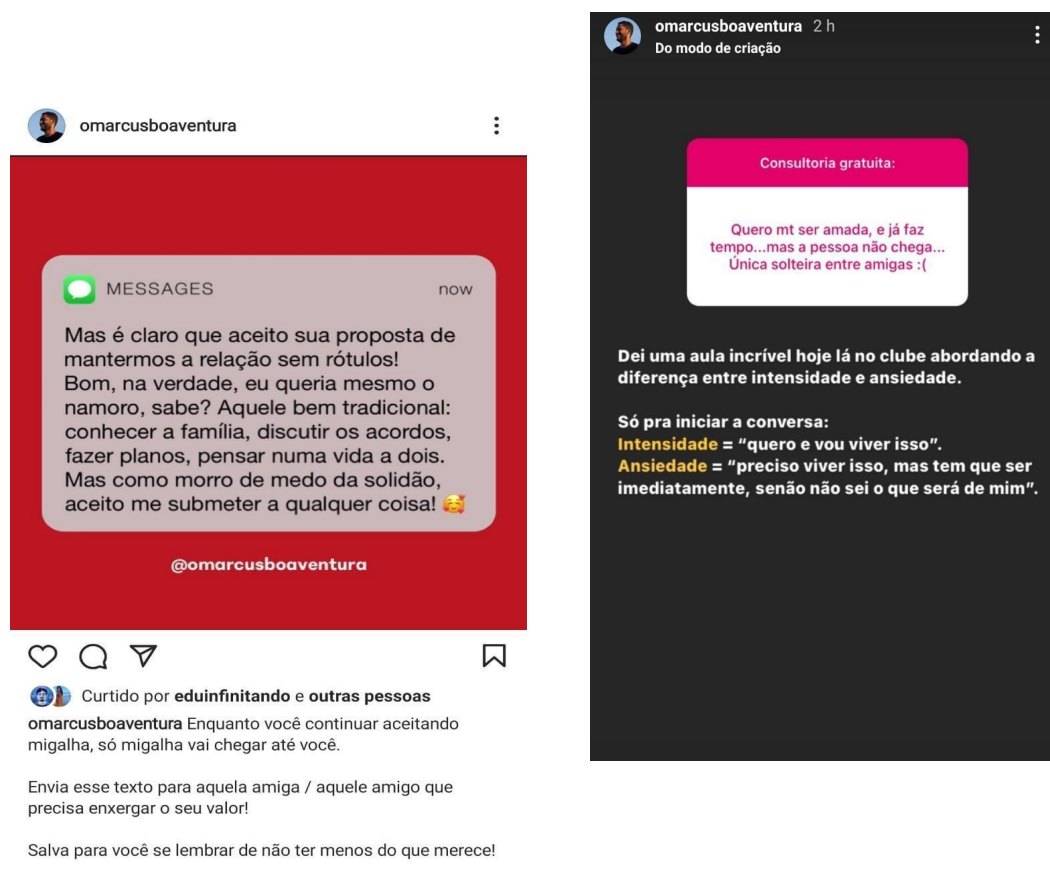
Troque "peixe" por bar, churrasco, estádio de futebol, festa da firma etc.  
Tudo é mais interessante do que estar com a esposa, afinal ela serve apenas para sexo.  
A diversão, a conversa, o afeto, a intimidade estão com os amigos homens. Ou seja: heterossexual, porém homoafetivo.

Fonte: Instagram @omarcosboaventura

Tais publicações exibem explicações sobre o tema, que costumam ser repostadas ou comentadas por mulheres que passam a perceber seus relacionamentos a partir de tais referências. Esse tipo de conteúdo tem potência para elucidar sobre a amplitude de possibilidades e não necessária coerência entre sexualidade e afetos. Porém, ao mesmo tempo em que pauta esse tema recorrentemente para seus 128 mil seguidores, o trata sob a perspectiva de simples rechaço, como se essa fosse uma exceção repulsiva praticada por alguns homens que devem ser evitados, e não como uma característica recorrente das construções de sexualidade e afetividade masculinas. Assim, segue reforçando os ideais românticos de amor e relacionamento como uma meta a ser alcançada com sucesso, caso a pessoa interessada siga suas dicas e contrate sua mentoria.

Em outros momentos, Marcus fala também sobre a importância de equilibrar os polos feminino e masculino da energia de cada um, objetivo recorrente nos conteúdos relacionados ao sagrado masculino, que segue reforçando características, gestos e posturas de forma genderizada, perpetuando estruturas tradicionais de feminilidade e masculinidade. Essas enunciações são importantes quando tratamos das relações conjugais como objetivos compulsórios. A partir da mescla de discursos contemporâneos de filiações diferentes e algumas vezes divergentes, como é o caso das polaridades feminina e masculina do chamado masculino sagrado, posta em diálogo com os discursos de militantes do feminismo radical, o que segue pautando suas publicações, materiais e cursos comercializados são os relacionamentos afetivos sólidos e perenes, como referência de conquista e felicidade para as mulheres, como podemos ver na figura 14. Assim, sob estéticas e discursos absolutamente atuais e singulares, monetiza e propaga o amor romântico e a vida a dois como algo que as mulheres devem almejar de forma central na vida.

Figura 15 - O Marcus Boaventura 2



Fonte: Instagram @omarcosboaventura

Já na figura 15, relações sem rótulo, abertas e sem compromisso são colocadas como migalhas que devem ser recusadas na jornada pela felicidade verdadeira. Na mesma direção, são convocadas técnicas místicas e vocabulário da *New Age*<sup>20</sup>, como a lei da atração e a noção de “cocriação” da realidade amorosa que se deseja viver. Assim, em termos de câmbios de significados e entendimentos sobre os lugares de relações conjugais e ideais de maternidade e família como lugar de opressão, nenhuma materialidade por nós coletadas contribui nesse sentido. O conjunto vida *conjugal/família/lar* parece uma realidade estabelecida em que não se pode mexer, dando a ver que, mesmo com essa diversidade de mudanças estéticas, as estruturas históricas de gênero seguem rígidas e estáveis, mantendo as mulheres sob o controle de

<sup>20</sup>ou Movimento Nova Era, surgiu nos países ocidentais e foi disseminado nas comunidades religiosas ocultistas e metafísicas das décadas de 1970 e 1980. Tais grupos esperavam a nova era de amor e luz, que podia ser acessada por meio de crenças esotéricas de transformação e cura interior.

interesses e privilégios masculinos. Ainda que centradas na luta pela ampliação e melhoria das experiências compreendidas como masculinas, em termos de estrutura, essas enunciações se mostram conservadoras.

### **5.2.3 Gênero, mercado de trabalho e perpetuação da estrutura de opressão**

Em consonância com esses pontos centrais de manutenção da engrenagem de opressão entre os gêneros, tanto a estrutura de trabalho no mercado, quanto as formas de intersecção de vida profissional e pessoal, sendo a última referente ao âmbito privado onde devem ser constituídas as relações conjugais familiares, apresentam mudanças muito pontuais e lentas, o que faz com que os obstáculos para a real autonomia financeira ainda sejam um gargalo considerável para as possibilidades de agência e decisão por parte das mulheres de maneira equânime àquelas gozadas pelos homens há séculos. Sem alterações reais e significativas na construção simbólica de realização e felicidade das mulheres, na divisão sexual do trabalho e na estrutura do mercado laboral, entendendo o gênero em sua dimensão de classe, seguiremos vulneráveis (em diferentes graus) quando comparadas aos parâmetros de referência masculinos. Essas alterações superficiais que buscam novas formas para manter estruturas antigas sofisticam a estética da opressão, dificultando ainda mais a compreensão das mulheres sobre o tamanho do problema que vivemos.

Homens afáveis, companheiros sensíveis que valorizam o amor e o casamento, pais carinhosos, por si só, não mudam estrutura de poder. Colegas de trabalho que postam conteúdos feministas nas redes sociais e chefes gentis com as mulheres da equipe também não. Para que essa coluna histórica possa ao menos envergar, é preciso que vivencemos planos de carreira equivalentes, equilíbrio de gênero e raça nos cargos de chefia, garantia de igualdade de salários, legislação que garanta licença paternidade equivalente à licença maternidade (de maneira que não seja necessariamente mais “prejuízo” contratar mães do que pais). Antes disso, se faz importante a relativização das relações conjugais e maternidade/família como pré-requisito de legitimidade social para as mulheres. Caso contrário, as carreiras profissionais e a autonomia financeira nunca serão vistas no mesmo horizonte de importância que a vida familiar. Além disso, percebemos também que a depender das mudanças das masculinidades, séculos serão necessários para que alcancemos algum equilíbrio entre os gêneros. Logo, outras alternativas

se fazem fundamentais, como políticas públicas e instituições de cuidado, como escolas integrais e creches e demais serviços institucionais de cuidado.

A diferença de salários entre homens e mulheres, independentemente de que essas sejam mães, e as dificuldades das mulheres com filhos de se recolocarem ou progredirem na esfera do trabalho remunerado são condições que denunciam as estruturas de opressão de gênero de forma generalizada. Dados divulgados pelo IBGE em 2019<sup>21</sup> demonstram que, no Brasil, as mulheres recebem 77,7% dos salários dos homens, ou seja, a diferença é de mais de 20%. Quando considerados apenas os cargos de maior rendimento, como direção e gerência, a diferença é maior: 38,1%. O cenário se mostra ainda mais perverso se considerarmos que o número de mulheres com diploma de graduação é superior aos homens: entre 25 e 34 anos, 25,1% das mulheres são graduadas, contra 18,3% dos homens da mesma faixa etária. A diferença é considerável: 6,8 pontos percentuais.

Contraditoriamente, um levantamento do IPEA de 2019 aponta que, em 2015, 61,6% das mulheres entre 17 e 70 anos estavam presentes no mercado de trabalho. Em 1992, esse número era de 56,1%. A projeção é que até 2030, 64,3% das mulheres estejam no mercado de trabalho. Em 15 anos, a projeção de aumento é de menos de 3 pontos percentuais. Enquanto isso, em 1992, 89,6% dos homens da mesma faixa etária exerciam funções remuneradas no mercado de trabalho. A previsão para 2030 é de diminuição para 82,7%, mais de 18 pontos percentuais superiores ao índice projetado para as mulheres. Ou seja, mesmo com maior qualificação feminina, a depender do ritmo atual de mudanças, necessitaremos de 92 anos, quase um século, para alcançar a marca projetada para os homens em 2030.

O Brasil é um dos países do mundo com mais altos índices de submissão de mulheres a condições de trabalho e remuneração inferiores aos homens. De acordo com o relatório *Global Gender Gap Report*<sup>22</sup>, de 2020, o país ocupa a 130ª posição em relação à igualdade salarial entre os gêneros, quando consideradas funções equivalentes, em um *ranking* composto por 153 países. De acordo com dados do IBGE (2019)<sup>23</sup>, no Brasil, uma mulher negra recebe em média 44,4% do salário de um homem branco, topo da pirâmide salarial, denunciando ainda como as intersecções de gênero com raça e classe são fundantes das camadas de vulnerabilidade que atingem cada pessoa.

---

<sup>21</sup>Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30172-estatisticas-de-genero-ocupacao-das-mulheres-e-menor-em-lares-com-criancas-de-ate-tres-anos>

<sup>22</sup>Disponível em [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_GGGR\\_2020.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2020.pdf)

<sup>23</sup>Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf)

É importante ressaltar ainda que as diferenças salariais não são o único empecilho para as mulheres no mercado de trabalho. O assédio moral também oprime e dificulta a permanência delas no ambiente laboral. Em levantamento da Agência Patrícia Galvão (2020)<sup>24</sup>, 40% das mulheres relataram ter sido vítima de gritos e xingamentos no ambiente de trabalho, contra 13% dos homens. A mesma pesquisa mostra ainda que 40% das mulheres também declaram ter sido excessivamente supervisionadas durante o cumprimento de alguma tarefa, enquanto 16% dos homens passaram por situação semelhante.

Os gargalos enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho começam antes mesmo da contratação, no processo seletivo. A Catho entrevistou mais de 7mil pessoas sobre as desigualdades de gênero nos espaços profissionais (2021)<sup>25</sup> e produziu um relatório que demonstra que 39% das mulheres entrevistadas declararam ter sido alvo de questionamentos como “Com quem deixa os filhos enquanto trabalha?”, durante processos de seleção. Entre os homens, esse número é de 18%. O mesmo relatório buscou mapear frases que mulheres escutam com frequência em contextos profissionais em que lidam com homens. Os destaques foram “Tá de TPM?”, “Quer chorar?”, “Você tá sensível hoje!”, relacionadas principalmente a situações em que essas profissionais atuam de maneira assertiva.

Logo, percebemos que as engrenagens institucionais e sociais que conformam os espaços e relações de trabalho se dão em muitos níveis, que atravessam e se alastram de maneira estrutural e reticular, como é característico das relações de poder. No Brasil, mesmo que o estabelecimento legal dos princípios de isonomia trabalhista sejam garantia constitucional desde 1988, o cenário da realidade das mulheres no espaço profissional aponta para o contrário. Só em 2013, o trabalho doméstico foi regulamentado no país, estabelecendo a validade dos direitos trabalhistas para as trabalhadoras e trabalhadores domésticos. Dados divulgados pelo IBGE, de 2019, apontam que, na ocasião, o Brasil tinha mais de 6 milhões de pessoas empregadas em trabalhos domésticos, das quais 92% eram mulheres. Por isso, as condições desse tipo de trabalho são um indicador importante para pensar sobre a inserção feminina no mercado e suas invisibilidades e desvalorizações.

Assim, só alterações na estrutura de gênero indicariam mudanças significativas nesse cenário de desigualdade. Poucas narrativas sobre o tema, articuladas por enunciações de

---

<sup>24</sup>Disponível em <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencia-sexual/40-das-mulheres-dizem-que-ja-foram-xingadas-ou-ouviram-gritos-em-ambiente-de-trabalho-contraria-13-dos-homens-diz-pesquisa/?print=pdf>

<sup>25</sup>Disponível em <https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/carreira/comportamento-3/desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho-mulheres-ainda-ganham-menos-que-os-homens/>

masculinidades reivindicadas como transformadas, abordam as condições de desigualdade entre os gêneros como uma realidade a ser combatida, mas o problema principal parece estar sempre nos outros. No *podcast* sobre *Machismo no trabalho*<sup>26</sup>, publicado em 2019, no portal MEMOH, Pedro de Figueiredo, Caio Correa, Diógenes Costa, Caio César, Samuca e Diego Melo conversam sobre suas experiências no mundo corporativo, situações de machismo que presenciaram ou souberam (já que eles mesmos não se reconhecem como perpetradores imediatos de machismo contra colegas de trabalho).

Se a gente tem a posição de privilégio com os outros caras de ser mais escutados que mulheres, a gente tem que usar esse privilégio em falar dessas questões: não se omitir, ter uma outra postura. De alguma forma demonstrar através das nossas atitudes no que a gente acredita de fato. O que você, Caio Correa, pode fazer sobre isso? É mais sobre esse ponto do que ficar discutindo sobre legislação no Brasil. Porque aí realmente é uma coisa que nesse momento, agora, o que a gente pode fazer de imediato... a gente não tem ingerência. Então, assim, é o que você pode fazer enquanto homem dentro de uma corporação, dentro de um ambiente de músicos e artistas. (PEDRO FIGUEIREDO, MEMOH, *Machismo no Trabalho*, 2019).

Esses homens reconhecem lugares significativos de opressão e desprivilégio contra mulheres no mundo corporativo, como situações de abuso moral, processos de progressão de carreira muito diferentes quando comparadas aos homens, mesmo quando elas são capacitadas para o cargo e sejam funcionárias mais antigas. Conforme a fala destacada de Pedro Figueiredo, eles reconhecem os lugares de privilégio de fala e escuta, de legitimidades dos lugares que ocupam na carreira, que foram omissos e coniventes com chefes e colegas de trabalho autores de atos discriminatórios e abusivos com mulheres da equipe e mesmo que já proferiram falas que reforçam lugares de sujeição das mulheres da equipe. Mas nenhum deles se reconhece como perpetrador de atos concretos de opressão e discriminação de gênero no ambiente de trabalho. Assim como percebemos, recorrentemente, nas enunciações individuais e coletivas de homens que se apresentam como transformados, eles se reconhecem como aliados do movimento feminista, aqueles que estariam do mesmo lado da luta com as mulheres, enquanto seus chefes e colegas de trabalho seriam os verdadeiros machistas, que precisam ser confrontados e questionados em suas ações.

Claro que é importante que esse tema passe a figurar nos diálogos de homens sobre as questões de gênero, assim como a nomeação desses tipos de violência aponta para o reconhecimento de uma estrutura de privilégio masculino nos espaços de trabalho, em

---

<sup>26</sup> Disponível em <https://memoh.com.br/podcast/>



detrimento de mulheres, que são alvos de perseguição, opressão e discriminação, como elementos que fazem da carreira profissional uma atuação violenta e desconfortável para elas.

Para que o capitalismo como engrenagem financeira e social perpetue, uma de suas condições de existência é a manutenção das desigualdades. Sejam elas de gênero, foco principal da nossa atenção, de classe ou raça (e suas intersecções), o capitalismo patriarcal depende da exploração de alguns sobre outras(os). Como aponta Federici (2019), a manutenção das condições de vulnerabilidade das mulheres e a autonomia condicionada sobre as escolhas de vida/família/casamento são vigas de sustentação para o necessário trabalho não remunerado (ou mal remunerado, no caso das trabalhadoras domésticas e outras atividades) de corpos que produzem outros corpos, seja na dimensão reprodutiva, seja nas tarefas domésticas e de cuidado. Logo, é possível perceber como as estruturas de poder que configuram os gêneros se organizam em todas as dimensões da vida, de maneira rizomática, articulando estruturas aparentemente distintas, como os afetos, tempo, trabalho e direito à integridade e autonomia sobre o próprio corpo, tema discutido no tópico seguinte. Por isso, pensar sobre estrutura de poder demanda ultrapassar a superfície e tentar acessar a engrenagem como um todo, que de formas mais ou menos aparentemente imediatas, fazem das opressões de gênero um sistema mais amplo e complexo do que se pode imaginar em uma mirada superficial. E é esse nosso incômodo sobre essas narrativas relativas a mudanças nas formas de ser homem, que chamam para si o poder de modificar as estruturas do machismo, mas que não ultrapassam a dimensão estética das formas de experimentar as masculinidades.

### **5.3 Privilégios masculinos x autonomia sobre o próprio corpo e direito à integridade física e psicológica das mulheres**

Outro ponto de extrema relevância passa pela *autonomia feminina sobre o próprio corpo e o direito à integridade física e psicológica*. Aqui pensamos a partir dos direitos reprodutivos, sexualidade, exposição aos diversos tipos de violência e pressão social por se adequarem aos padrões de beleza. Pensar nas possibilidades de autonomia sobre o próprio corpo convoca reflexões de distintas ordens, como os âmbitos político, social e privado. Partimos da premissa de que os entendimentos e ações sobre o corpo devam ser apartados de qualquer noção de estado de natureza ou corpo biológico. As corporeidades que estão em jogo a partir das

matrizes heteronormativas de gênero são corpos significados, produzidos e socializados. Portanto, tratamos dos corpos como recurso em disputa.

A partir das reflexões sobre o corpo, é curioso perceber como os discursos sobre os entendimentos de público e privado são muito variáveis, a depender dos interesses postos em jogo. Assim, ao mesmo tempo que o corpo é significado como do âmbito da intimidade, do privado, os distintos direitos sobre a própria matéria, assim como as possibilidades de existência nesse mundo são alvo de regulação política, institucional e moral, em especial para as mulheres. Logo, a própria definição do que é assumido como privado e público passa por uma decisão política que define quais corpos e em que medida serão entendidos como objetos ou detentores do poder. Não quer dizer que exista uma definição estanque entre um e outro extremo, mas sim posições distintas que variam de acordo com as condições do sujeito em questão. De maneira mais explícita, o poder tem gênero, cor e classe. Assim, os corpos femininos, a reprodução, a sexualidade e mesmo as possibilidades de circulação das mulheres no mundo são alvo de práticas de controle, de disputa, de sujeição, mas também de lutas por emancipação, autonomia e independência.

Como colocado nos tópicos anteriores, cada um dos aspectos aqui tratados é relevante o suficiente para ser tema de uma tese completa. Mas, para nós, é importante pensar na garantia de integridade e autonomia sobre o próprio corpo como uma das peças fundamentais da engrenagem de poder que o sistema de gênero organiza, sendo um dos lugares de materialidade dessas estruturas, que nos possibilita acessar e refletir sobre possibilidades reais de mudança dessas bases, a partir das supostas mudanças enunciadas por homens no que tocante à sua performatividade como corpos masculinos. Porque no caso de as mudanças anunciadas pelos homens não contribuírem para o aumento da autonomia e garantia de integridade para as mulheres, dificilmente contribuirão, de fato, para alterações significativas da estrutura normativa de gênero e suas respectivas desigualdades.

Assim como as dimensões de autonomia financeira e sobre o próprio tempo, a autonomia sobre o corpo se materializa de maneiras muito diversas e interligadas com as demais. Suas configurações se relacionam intimamente com as construções simbólicas, políticas, institucionais e afetivas sobre vida conjugal, noção nuclear de família e maternidade. As pressões pela geração e criação de filhos, a necessidade de disponibilidade sexual para o parceiro, assim como a demanda por seguirem atraentes, segundo os parâmetros normativos, incidem diretamente nas questões sobre reprodução e aborto; direito sobre a própria sexualidade e pressões para se enquadrarem nos referenciais de beleza. Além disso, essas questões implicam

considerar também, pelo menos, os diversos tipos de violência relacionadas à vida familiar, como violência doméstica, estupro marital, demais tipos de abuso sexual muito frequentes no ambiente doméstico, violência psicológica e patrimonial.

Ao contrário do que se propaga sobre a construção de família como promessa de afeto, segurança e estabilidade, a realidade de muitas mulheres demonstra que o modelo normativo familiar nuclear é *locus* de vulnerabilidade e sujeição. Logo, a autonomia financeira também se coloca como um aspecto fundamental para que as mulheres possam ter a garantia de decisão sobre o próprio corpo e garantia de integridade. Como posto anteriormente, os recursos financeiros possibilitam uma infinidade de decisões e são capazes de proporcionar caminhos de ruptura com cadeias de violência e de vulnerabilidade.

Ainda que o espaço doméstico e a instituição familiar sejam lugares de sujeições e riscos para as mulheres, eles não são os únicos. O convívio com homens em todos os espaços representa ameaças para a integridade física e psicológica das mulheres. A impossibilidade de sair sozinha à noite de forma segura, os abusos nos ambientes de trabalho, os riscos de importunação no transporte público, de assédio por conhecidos e desconhecidos em todos os lugares permitem perceber que qualquer tipo de convivência com os homens representa um risco em potencial para as mulheres. Portanto, fica posta a impossibilidade de dar conta da totalidade de situações e relações que representariam risco para a autonomia e integridade das mulheres. Conforme aponta Biroli (2018), “as trajetórias das pessoas são impactadas pelo modo como esses corpos são visados por práticas normalizadoras e pela inscrição de violências fundadas não apenas no ódio, mas também em diferentes sistemas de crença e perspectiva moral” (p.134). Partindo de tal entendimento para viabilizar a presente análise, situaremos brevemente alguns temas que nos parecem centrais e de que maneira as enunciações de masculinidades transformadas são capazes de dar a ver aspectos que podem nos dar acesso à estrutura de poder de gênero, em sua intersecção com as mudanças enunciadas.

### **5.3.1 Direito reprodutivo, aborto e sexualidade**

Começamos pela discussão sobre direito reprodutivo e aborto, foco de muitas disputas sobre a legalidade e moralidade no que toca à possibilidade de uma mulher interromper uma gravidez indesejada. A noção moral e religiosa de família é o principal eixo argumentativo que sustenta os discursos contrários e perseguições diversas às defensoras do aborto. No Brasil

contemporâneo, tendo em vista a guinada conservadora que se materializa principalmente com a ascensão da extrema direita ao executivo federal, a defesa da ordem e da família voltou a ser uma bandeira política que tenta legislar sobre corpos, sexualidade, arranjos familiares, educação, dentre uma infinidade de temas. Não que essas pautas sejam novidade na cena da política institucional. Mas está evidente que esses discursos têm se fortalecido e atuado com mais legitimidade na esfera pública.

Como explicitado nos tópicos anteriores, a maternidade e a divisão sexual do trabalho, que sobrecarregam e limitam as escolhas e ações das mulheres por meio da responsabilização principal ou exclusiva com os cuidados com os filhos, são definitivas para as possibilidades de autonomia e autodenominação femininas. Logo, a decisão de prosseguir ou não com uma gravidez indesejada incide diretamente na possibilidade de uma mulher planejar e escolher os caminhos de sua própria trajetória.

Simbolicamente, é possível perceber certa interface entre os projetos de sexualidade e reprodução moralmente legitimados, bem como aqueles considerados reprováveis, que, não por acaso, se conectam com o exercício autônomo da sexualidade feminina. Se de um lado é possível observar certa expectativa de coerência entre as práticas sexuais socialmente legitimadas e os projetos de maternidade desejáveis e admiráveis, do outro, se tem as práticas sexuais fora do espectro da relação conjugal que, caso ocasionem uma gravidez indesejada, resultam em modelos de maternidade também rechaçados. Ou seja, a mulher grávida a partir de práticas sexuais reprováveis deve aceitar as consequências de seus atos e se sacrificar nos cuidados com essa criança. Para Corrêa e Petchesky (1996), os direitos de decisão sobre a própria sexualidade e capacidade reprodutiva por parte das mulheres são determinantes para a possibilidade de autonomia dessas. “Os usos - sexuais, reprodutivos ou outros – de seus corpos (e mentes) são centrais para sua condição de agentes morais ativos, com projetos e objetivos próprios” (CORRÊA; PETCHESKY, 1996, p.152).

Em uma pesquisa realizada pelo *Comunica que muda*<sup>27</sup>, em 2017, com o objetivo de observar como o tema do aborto estava sendo tratado nas redes sociais no Brasil, identificou-se que 61,7% das menções sobre o tema foram feitas por homens. Ou seja, os homens se posicionam mais que as mulheres sobre o aborto nas redes sociais. O levantamento aponta também que 69% deles se posicionam contrariamente à descriminalização do aborto, enquanto

---

<sup>27</sup> Disponível em <https://dossie.comunicaquemuda.com.br/meu-corpo-suas-regras/>

41% das mulheres se dizem contrárias. Dentre as frases destacadas pela pesquisa, uma delas, pronunciada por um homem, chama atenção em especial e sintetiza as disputas de poder que estão em jogo: “sou contra o aborto, mas se a mina engravidar, eu meto o pé”. Esse posicionamento é relevante porque, aliado aos números apresentados, aponta para a maneira como a maioria dos homens se sente no direito de legislar sobre os corpos femininos quando o tema é a interrupção da gravidez, mas que isso permite perceber que eles nem mesmo consideram a paternidade de um filho como de sua responsabilidade. Isto é, o direito sobre o corpo da mulher é de âmbito público, enquanto a decisão sobre assumir ou não a paternidade é privada.

A pesquisa Nacional de Aborto<sup>28</sup> (PNA) de 2016 mostra que, no Brasil, uma em cada cinco mulheres até 40 anos já abortaram. Assim, percebemos com facilidade a fricção entre os discursos normativos sobre a criminalização do aborto e a realidade de mulheres que precisam lidar com tudo o que uma gravidez indesejada implicaria em sua vida. Enquanto quase 70% dos homens se posicionam contrariamente ao aborto nas redes sociais, o número de mulheres que precisam criar seus filhos sozinhas impressiona. De acordo com dados do Censo Escolar<sup>29</sup> de 2012, naquele ano, mais de 5,5 milhões de crianças não contavam com o nome do pai no registro.

Ou seja, tendo em vista todas as implicações de uma gravidez indesejada para uma mulher, tanto no que tange ao próprio corpo, quanto às limitações que a maternidade compulsória implica, é posto que muitas mulheres que desejam interromper uma gestação o fazem, ainda que a prática seja criminalizada no Brasil. A opção do país por manter a prática do aborto como crime, incide em pelo menos duas dimensões: não legitima as decisões da mulher sobre o próprio corpo; e agrava as condições de vulnerabilidade das pessoas que estão na base da pirâmide de privilégio, quais sejam, mulheres pobres e racializadas. Essa última dimensão se materializa, por exemplo, nos casos de mulheres que precisam se submeter a práticas abortivas pouco seguras, em condições precárias e, por isso, colocam a própria saúde e a própria vida em risco. O problema do aborto não trata, na realidade, de quem vai abortar ou deixar de abortar, mas sim de quem vai correr risco de vida com a prática. Enquanto isso, distantes da gravidez como um problema encarnado do qual é muito difícil escapar, muitos

---

<sup>28</sup>Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/8LRYdgSMzMW4SDDQ65zzFHx/?format=pdf&lang=pt>

<sup>29</sup> Disponível

em [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/resumos\\_tecnicos/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_basica\\_2012.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2012.pdf)

homens seguem legislando sobre o que deve ser permitido ou proibido nos corpos femininos, a partir de discursos conservadores, muitas vezes pautados no argumento de proteção à família, ainda que o abandono paterno seja recorrente.

Dentre as exceções à penalização do aborto no Brasil estão os casos de gestação fruto de estupro, ocasiões em que a gravidez apresenta risco de vida para a mãe e casos de anencefalia fetal, esta última determinada pelo Superior Tribunal Federal (STF) apenas no ano de 2004. Ainda que essas exceções se deem em situações muito circunscritas e de consequências indiscutivelmente perversas para as mulheres, pelo menos os casos resultantes de estupro recorrentemente voltam a ser questionados por frentes conservadoras do país, garantindo alguns retrocessos. Em 2005, a Portaria 1.508/2005 passou a exigir a obrigatoriedade de autorização e justificativa da gravidez, nos quais deve constar um “termo de relato circunstanciado”, assinado pela vítima do estupro e por dois profissionais de saúde, tornando o processo mais violento e burocrático.

Em nosso *corpus* de pesquisa, notamos que os homens que se enunciam a partir de um referencial de masculinidades supostamente transformadas falam pouco sobre o aborto e o silêncio sobre essa questão diz muito. Os que falam, como Rafinha Bastos, no vídeo *Legalização do aborto*<sup>30</sup>, ou Slow, no vídeo *O aborto*, tratam do tema a partir do argumento favorável à descriminalização, ainda que Rafinha se declare pessoalmente contra o ato, embora acredite que este não deve ser considerado crime. Seja porque o tema é espinhoso, seja por não entenderem o assunto como relevante para seus conteúdos sobre masculinidades, esse tema é apagado desses discursos, mesmo que não seja possível apagá-lo do mundo, da vida.

Em matéria publicada pelo *SBT News* em novembro de 2020, com o título *Homem provoca aborto sem consentimento em namorada*<sup>31</sup>, é possível perceber como o direito ao controle sobre o próprio das mulheres é violado pelos homens de diferentes formas. Ao ser informado pela namorada da gravidez, Giuliano Trondoli insistia com ela para abortar, dizendo que preferia o aborto do que ser um pai ausente. Frente às negativas dela, o homem parecia ter se conformado e seguia o relacionamento com a companheira, então grávida de 13 semanas. Durante uma relação sexual, Giuliano introduziu três comprimidos de Citotec (abortivo de uso exclusivo do Sistema Único de Saúde) em seu canal vaginal, sem que ela percebesse. No dia seguinte, ao acordar com dores e sangramento, foi convencida pela insistência de Giuliano de

---

<sup>30</sup>Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AALCINlwvDo&t=571s>

<sup>31</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9Tuep9BUXpY>

que não era nada grave e que deveria ser consequência de um estimulante sexual usado durante a relação. Quando finalmente foi ao hospital e confirmou o aborto, a mulher chamou a polícia. Giuliano foi preso em flagrante, mas saiu da cadeia após pagar uma fiança de 10 mil reais. Esse é o preço de uma violação dessa proporção. Em entrevista para a *Revista Cláudia*<sup>32</sup>, a vítima relata que mesmo em meio ao processo de aborto, tinha dificuldade de acreditar que o ex-parceiro tivesse cometido um ato como esse, já que se mostrava sempre pronto a atender suas vontades e dividir as tarefas. “Ele era uma pessoa perfeita até demais, sempre muito gentil e agradável. Com a gravidez, ficou ainda mais”, relatou.

Esse caso traz muitos níveis de violação, que vão desde práticas não consentidas durante a relação sexual, introdução de um medicamento sem o conhecimento da vítima, até um aborto forçado. O que quer dizer que a discussão deve ser menos sobre concordar ou não com o aborto, e mais sobre o direito das mulheres de decidir sobre o próprio corpo. Pelos relatos da vítima, Giuliano era um típico homem *desconstruído*, termo convocado por aqueles que desejam sinalizar seus atos de ruptura com a estrutura machista. Cuidadoso, agradável, gentil e favorável à pauta do aborto, ainda que fosse exclusivamente em seu benefício. Esses casos extremos demonstram os riscos das enunciações de mudanças masculinas que se sustentam somente até a página dois. A estética mais palatável inspira confiança e faz com que a mulher duvide da própria sanidade quando submetida a um ato de violência desse calibre. Não queremos dizer que todos os homens que se enunciam desconstruídos seriam capazes de violações como essa, mas sim que fraturar a estrutura demanda mais que mudanças superficiais no trato e nos gestos.

Quando falamos de autonomia reprodutiva, é importante considerar também os contextos e possibilidades de esterilização voluntária. Se a questão do aborto recai completamente sobre a mulher, pouco se considerando a responsabilidade masculina no ato sexual, na questão da esterilização o cenário não é muito diferente. A lei 9.263, de 12 de janeiro de 1996, regula o planejamento familiar e as condições para esterilização voluntária para homens e mulheres no país. A legislação determina que, no Brasil, podem optar pela ligadura de trompas ou vasectomia homens e mulheres com mais de 25 anos, com pelo menos dois filhos vivos e, caso formem uma “sociedade conjugal”, se faz necessária a autorização expressa do cônjuge. Outra condição consiste na obrigatoriedade de espera de, no mínimo, 60 dias entre a solicitação do procedimento e sua execução. É vedada a possibilidade de realizar a laqueadura

---

<sup>32</sup> Disponível em <https://claudia.abril.com.br/feminismo/aborto-sem-consentimento-namorado/>

em mulheres no procedimento de parto ou aborto, salvas condições de risco para ela, implicando na burocratização e ampliação dos riscos relacionados a múltiplas intervenções cirúrgicas.

Embora a vasectomia seja um procedimento mais simples, que possui menos complicações, custos mais baixos, mais rápida de retomar às atividades diárias quando postas em comparação com a ligadura das trompas, o número de procedimentos desse tipo realizados por homens é consideravelmente inferior aos números de laqueaduras em mulheres. De acordo com dados do DATASUS<sup>33</sup>, em 2018, 36.964 homens foram vasectomizados no sistema público de saúde brasileiro. Enquanto isso, em 2019, o DATASUS informou que 73.658 mulheres passaram pelo procedimento de laqueadura. Ou seja, por ano, o número de laqueaduras realizadas corresponde ao dobro do número de vasectomias, ainda que o procedimento e a recuperação dos últimos sejam consistentemente mais simples.

Tratando-se de números referentes ao sistema público de saúde, fica claro que a incidência política sobre os corpos e sobre a esterilização voluntária seguem responsabilizando principalmente as mulheres pelo controle de natalidade. Dados levados por OSSIS MJD, et al. (2006), apontam que os procedimentos de solicitação de ligadura das trompas no SUS são menos morosos que os pedidos de esterilização masculina, em função das diferenças de estrutura médica disponibilizadas para os dois tipos de intervenção, o que condiciona demora maior para obter a vasectomia do que a laqueadura. Logo, fica posto que tal contexto corresponde a uma decisão política que inviabiliza a livre escolha dos métodos anticoncepcionais e contribui para a esterilização tubária (OSSIS MJD, et al., 2006). Ou seja, as condições dos serviços do sistema público de saúde conduzem à “opção” do casal pela laqueadura da mulher, mesmo que mais arriscada e onerosa. Junto a isso, ressalta-se que desde a implementação, o Programa de Planejamento Familiar no Brasil foi destinado às mulheres, já que as principais ações, como a política de distribuição de métodos contraceptivos e os processos de esterilização, são voltados principalmente aos corpos femininos.

Em uma busca pelo termo “vasectomia” nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*, assim como no *Youtube*, as publicações encontradas são principalmente de três tipos: médicos e clínicas que explicam o procedimento, suas vantagens e desvantagens; mulheres que falam para sua audiência feminina sobre planejamento familiar e alguns poucos homens que relatam sua experiência com a vasectomia. Nessa busca pelo termo indexador, não encontramos

---

<sup>33</sup> Disponível em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sia/cnv/qauf.def>



publicações de homens, em debates coletivos ou individuais, que discutam a vasectomia sob a perspectiva de partilha da responsabilidade sobre o planejamento familiar. O mesmo acontece quando buscamos pelo termo “planejamento familiar” associado às masculinidades, sendo o resultado da busca muito parecido, com a diferença que aparecem também publicações religiosas sobre o assunto. Mais uma vez, um elemento importante para pensar a autonomia dos corpos de mulheres e privilégios masculinos segue invisibilizado. Na economia dos sentidos que agregam valor às propostas de identidade dos homens que se dizem transformados, a declaração do desejo de ser pai de um time de futebol é mais valorizada do que o pensamento estrutural do planejamento familiar. Logo, é possível inferir que essas enunciações de masculinidades reconfiguradas operam, principalmente, a partir de elementos que adicionam valor aos próprios homens na economia simbólica da engrenagem social, ou seja, as construções de sentido que os fazem ter admiração e prestígio.

Por último, tratamos da liberdade para vivenciar a sexualidade livremente e seus atravessamentos pelos feixes de poder. Tendo como parâmetro as normas que tradicionalmente organizam as relações de gênero, parece haver um único molde possível para vivenciar a sexualidade feminina com legitimidade: sexo heterossexual, inserido em um contexto monogâmico de relação. Práticas dissidentes de sexualidade assumem formas múltiplas, que condenam desde a multiplicidade de parceiros com os quais uma mulher se relaciona à ausência de vínculos entre eles; nos casos heterossexuais, passando também pela perseguição e desqualificação das trocas sexuais em pessoas do mesmo sexo, práticas grupais, ou mesmo de bissexualidade. Ou seja, ainda que as lutas dos movimentos feminista e LGBTQIA+ tenham contribuído de maneira significativa no tocante à caminhada pelo direito ao exercício de padrões diversos de sexualidade sem discriminação e violência, a realidade ainda é muito distinta. No Brasil, além de julgamentos morais e perseguição física e psicológica às pessoas LGBTQIA+, vivenciamos a omissão do estado tanto pela inação sobre o combate de práticas LGBTQIA+fóbicas, como pela cessão às pressões conservadoras e religiosas sobre diretrizes políticas, como é o caso do impedimento de materiais pedagógicos contra a LGBTQIA+fobia nas escolas.

Quando pensamos a sexualidade masculina, observa-se que os parâmetros de legitimidade que incidem sobre a sexualidade heteronormativa são muito mais elásticos no que se refere aos arranjos de relação monogâmica. Isto é, fazem menos problemas tanto as relações sexuais que rompem com o contrato de monogamia assumido por muitos homens, quanto em relação à possibilidade de que tenham múltiplas parceiras ocasionais. O que se mantém

equivalente, embora com diferenças e particularidades, é o peso da heteronormatividade. Ainda que muitos homens, que se enunciem ou não como homossexuais, mantenham relações afetivas e sexuais com parceiros do mesmo sexo, essas práticas não são socialmente legitimadas.

Para refletir sobre sexualidades heteronormativas, convocamos o perfil do *Instagram* *@masculinidade.saudavel*, de Fábio Manzoli, descrito no perfil como o espaço da comunidade *Novo Mundo: Comunidade de Mulheres e Homens Conscientes*. Esse perfil chama atenção pela recorrência com que trata de nuances da sexualidade masculina heterossexual, logo, posta em relação à sexualidade feminina. Em vídeos como *Como parar de encarar e ficar secando corpos das mulheres?*, Fábio começa relatando que esse padrão começou a mudar quando estava em uma relação de “alta conexão” com uma mulher e compartilhou com ela sobre estar cansado dessa prática.

Toda mulher que passava, eu olhava para o corpo, eu me sentia mal e aí eu comecei a mudar. Isso aí é aquela questão de se colocar vulnerável e só quem experimentou isso sabe o quanto é curador. Uma outra coisa que me ajudou na época, no campo mais mental, foi a percepção de qualquer padrão me deixa preso porque tira minha espontaneidade. Cê tá lá, passa e você não consegue mais fazer o que você quer fazer. E esse é um padrão super difícil, esse de olhar para os corpos das mulheres porque ele alimenta a nossa ideia de virilidade e o nosso ego completamente frágil. (MANZOLI, 2021).

Logo, se faz possível observar, na narrativa de Manzoli, hábitos que configuram certa noção de virilidade e o apagamento de qualquer dimensão de violência e invasão do corpo das mulheres objetos de seus olhares. Para ele, o problema em relação ao hábito passa pelo sentimento de prisão que tem frente a qualquer padrão, que exerceria um tipo de dominação sobre ele, já que poderia comprometer a realização daquilo que gostaria de fazer. Assim, essa enunciação dá a ver uma recorrência do tratamento conferido por perfis que são enunciados como espaço de cura das masculinidades, que é deslocar esse homem para a posição da vítima das masculinidades viris. Percebe-se que ele não confere a si mesmo nenhum poder de agência ou de autorresponsabilização pelo assédio constante praticado por ele mesmo. Nessa publicação, ele narra uma batalha mental que estabeleceu contra o padrão da masculinidade tóxica e venceu. Ou seja, trata-se de batalha dele contra a masculinidade, sendo essa configurada como um sujeito dessa ação, que deve ser combatida. É curioso como ele constrói certa noção do antes e depois, sendo o antes os momentos em que estava possuído pelos padrões de masculino, contra os quais trava uma guerra, e o depois, momento em que, por fim, consegue exorcizá-la.

É possível perceber também que esse esvaziamento de responsabilidade pessoal que o enunciado processo de cura do masculino projeta passa, muitas vezes, pela responsabilização de outras pessoas, inclusive de mulheres. No vídeo intitulado *Não consigo parar de traír minha companheira. Por que isso?*, Manzoli atribui às mães e às carências não supridas por elas a necessidade de buscas por outras mulheres enquanto em um relacionamento.

Cara, quando eu era mais novo também traí algumas companheiras minhas. Uma coisa que me ajudou a parar foi, primeiro, entender que não era questão de conseguir, mas questão de querer. Segundo, começar a questionar tudo que eu aprendi sobre ser homem e também trabalhar a relação materna, com minha mãe, porque muitas vezes a gente projeta carências maternas na busca por mulheres. (MANZOLI, 2021).

Ou seja, sob o argumento de uma masculinidade ferida que precisa ser curada e que submete os homens a padrões tóxicos para eles mesmos, esses são recorrentemente objetos das ações, que têm as masculinidades como sujeitos. Eles assumem os lugares de agência no momento da virada em que superam os traumas deixados por outras pessoas, no caso a mãe, se livram dos hábitos nocivos e podem ser homens mais leves, afetivos e felizes. Os padrões de sexualidade masculina, que submetem os homens à incapacidade de cumprir os acordos de monogamia aos quais se propõem, em função dos padrões de masculinidade que os vitimam e que os fazem reproduzir práticas de violência como assédio sexual, conforme descrito, mas não nomeado no primeiro recorte, são ações de sujeição dos corpos das mulheres e de seus afetos e desejos às suas próprias vontades.

Assim, é preciso ter cuidado e discernimento com discursos de masculinidades reivindicadas como curadas, que prometem homens sensíveis e empáticos, em projetos autocentrados de mudança. A potência do exercício reflexivo, pautado na observação de como esses discursos de mudança se sustentam (ou não), quando postos em relação a aspectos importantes da estrutura de gênero que subjagam as mulheres, denuncia a profundidade e a quais interesses estão vinculados. Se essas narrativas seguem limpando a barra dos homens quanto ao histórico visivelmente machista de suas trajetórias, resultando em justificativas de seus gestos que não pressuponham posicionamentos reais de autorresponsabilização, essas inovações cosméticas das formas de ser homem também não modificam relações de poder. Pelo contrário, atuam na manutenção dos privilégios masculinos.

### 5.3.2 Masculinidades, violência, (auto)vitimização dos homens e apagamento das mulheres

Tratar a violência patriarcal passa por considerar os atentados contra as mulheres praticadas pelo fato de serem mulheres. Pensar em termos de patriarcado demanda que esta não possa ser uma discussão que separe as questões de gênero das demais estruturas da sociedade. Conforme explica Segato (2018), os atentados contra mulheres, homossexuais e transexuais são todos crimes do patriarcado, cometidos por desafiam a ordem e a hierarquia patriarcal.

Pautadas na recuperação da discussão realizada no primeiro capítulo sobre o mandato de masculinidade, é fundamental superar a relação implicada nos casos de violência de gênero como um ato relacional entre agressor e vítima, para considerar também um contexto mais amplo, mas que é estrutural para esse agir, que é a relação do agressor com seus pares. Ou seja, se o mandato da masculinidade exige que o homem se prova homem a todo o tempo, aqueles que irão reconhecer a legitimidade de sua condição como tal são seus próprios pares, em relações de confraria compostas por homens diversos, como o primo, o vizinho, os amigos, o chefe, todos os que compartilham e reconhecem este mandato. Para a autora, “as iniciações masculinas nas mais diversas sociedades, mostram esta necessidade de titulação mediante desafios e provas que incluem a anti-socialidade, a crueldade de alguma forma e o risco.” (SEGATO, 2018, p.43). Assim, para além da dimensão instrumental, a violência patriarcal se configura como um tipo de comunicação, por meio do qual tanto os enunciadores e destinatários entendem, mesmo que não por meio de atos analíticos ou reflexivos, mas sim por um tipo de consciência pragmática.

Uma das maiores pensadoras feministas brasileiras, Heleieth Safiotti (2001) definiu o conceito de violência de gênero como:

Conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social **homens** exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. (SAFIOTTI, 2001, p.115).

Ainda que em sua obra a autora não tenha desenvolvido a perspectiva da violência de gênero como um tipo de enunciado, compartilha com Segato do entendimento da violência como demonstração de certa capacidade de mando entre os pares da categoria social *homens*.

Em dimensão mais pragmática, o sentido de poder da violência se materializa de diferentes maneiras, sendo cinco delas previstas pela lei Maria da Penha, lei 11.340, que tem o objetivo de estipular as punições e coibir atos violentos contra as mulheres no Brasil. São elas as violências física, psicológica, moral, sexual e patrimonial, exploradas a seguir.

A violência física é a forma mais facilmente reconhecida como tal, já que é material e atenta contra a integridade corpórea da vítima. As agressões são praticadas por meio de lesões corporais de tipos diversos, provocadas por atos como espancamento, queimaduras, tapas, mordidas, golpes de impacto como chutes, socos e cabeçadas, ou mesmo utilizando instrumentos diversos, como facas, barras de ferro, pedaços de madeira, ou qualquer outro objeto utilizado para atingir fisicamente a vítima. Embora seja a modalidade de violência mais prontamente identificável, raramente é cometida de forma isolada, e costuma ser acompanhada de ofensas, tentativas de manipulação e controle, configurados como outros tipos de violência descritos a seguir. Para se ter uma ideia do quanto a situação de casos de violência física contra a mulher são graves no Brasil, dados publicados pela Agência Patrícia Galvão, no Dossiê Violência Contra as Mulheres de 2020, aponta que, por dia, 729 casos de lesão corporal são enquadrados na lei Maria da Penha no país. O 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública <sup>34</sup> denunciou que, em 2019, 30 mulheres sofreram algum tipo de agressão física a cada uma hora. Ou seja, uma brasileira é agredida a cada dois minutos.

A violência do tipo psicológica resulta de atos causadores de danos emocionais e de autoestima das vítimas. As consequências mais recorrentes desse tipo de violência passam pelos danos à integridade emocional da mulher, resultante de tentativas, por parte do agressor, de controlar seus comportamentos, decisões e crenças, a partir de atos de desqualificação, humilhação, exploração, manipulação e intimidação cometidas contra elas ou contra seus filhos e familiares. Atos violentos que atentam contra as integridades psicológica e emocional da vítima são mais dificilmente reconhecidos como tal, em função da multiplicidade de formas e intensidades em que podem acontecer, por muitas vezes não implicarem em danos materialmente perceptíveis. Esses prejuízos são recorrentemente do âmbito da saúde mental, capacidade de autodeterminação, autoconfiança e desenvolvimento pessoal.

Uma das formas mais recorrentes dessa modalidade de violência passa pelo isolamento da vítima, minando sua rede de relacionamento e de apoio e outros laços afetivos, como de

---

<sup>34</sup> Disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>

amizade, familiares, relações de trabalho e qualquer outro tipo de convívio social. Esse tipo de isolamento visa deixar a mulher cada vez mais vulnerável e dependente de seu agressor. Mas não é apenas isso. A violência psicológica acontece também por meio da desvalorização intelectual, como quando o agressor profere ofensas contra a vítima a chamando de burra, ignorante, dizendo que ela não sabe fazer nada direito. Atentados contra sua autoestima também são agressões que acontecem por meio da desqualificação de suas características físicas, geralmente relacionadas ao padrão normativo de beleza, como através de ofensas como gorda, feia, desleixada, mal arrumada. Em todos esses casos, o intuito é que a vítima fique cada vez mais insegura e fragilizada e que a relação com o agressor pareça um tipo de concessão.

A violência patrimonial é configurada por qualquer tipo de ação que implique a subtração, retenção ou destruição de objetos, bens de valor, instrumentos de trabalho, documentos ou recursos econômicos de uma mulher. Esse tipo de violência é mais nocivo do que parece a princípio, por causar danos emocionais e psicológicos nas vítimas, quando, por exemplo, passa por danos ou morte de animais de estimação, objetos sentimentais ou de apreço delas. Mas pode se configurar também como privação de recursos para que possam manter a autonomia e dignidade própria e da família, quando ocorre por meio de atos como a destruição de instrumentos de trabalho e meios de comunicação com outras pessoas, como celulares e computadores, quebrar ou tomar eletrodomésticos, privar do acesso a imóveis e outros recursos próprios, como dinheiro ou outros bens equivalentes, se configurando também no não pagamento de direitos, como a pensão alimentícia. Ainda que exista um apagão de dados que deem conta desse tipo de violência no país, essa perspectiva é importante, pois o controle dos recursos financeiros é uma ferramenta eficiente de fragilização da autonomia das mulheres. Os dados disponíveis demonstram a gravidade da questão. Uma pesquisa encomendada pelo *C6 Bank* ao *Data Folha*<sup>35</sup> aponta que quase 1 em cada quatro mulheres já foi agredida verbalmente, ou humilhada em temas ligados às finanças, e 10% já foram agredidas fisicamente por alguém da família por causa de dinheiro.

Já a violência do tipo sexual diz de ameaças, chantagem, intimidação, coação ou qualquer tipo de uso da força que seja capaz de constranger uma mulher a presenciar ou participar de qualquer tipo de ato sexual, que anule ou limite sua livre vontade e consentimento. Esse tipo de violência pode passar, por exemplo, por situações em que a vítima se sinta forçada

---

<sup>35</sup>Disponível em <https://agenciapatriciagalvao.org.br/category/violencia/violencia-domestica/page/2/?print=pdf-search>

a práticas sexuais que lhe desagradem, por críticas ou desqualificações de seu desempenho sexual, ou qualquer tipo de ato, com ou sem penetração, que seja cometido sem o total consentimento da vítima, incluindo situações em que essa não se encontre em condições de expressar livre escolha com lucidez, como em situações em que esteja sob o efeito de entorpecentes, remédios ou que esteja desacordada por alguma razão. Toques, beijos e carícias forçadas ou não consentidas também são violências sexuais. Nesses casos, se faz importante ressaltar que esse tipo de violência é recorrentemente praticado em relações de proximidade, como entre cônjuges/namorados, por amigos, familiares, colegas de trabalho e prestadores de serviço. Assim, a imagem de que violências sexuais são os atos não consentidos por homens desconhecidos, na rua ou em outros espaços que não a própria casa, promovida como lugar supostamente seguro, faz com que uma infinidade de violências de cunho sexual contra meninas e mulheres sejam invisibilizadas e tais agressores não sejam identificados e responsabilizados. Em 2019, uma mulher foi estuprada a cada 10 minutos do Brasil. Desses casos, 80,4% foram cometidos por conhecidos da vítima. Ainda que os números sejam alarmantes, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, instituição responsável pela produção do relatório, atenta para a condição de subnotificação desse tipo de crime, consequência da estrutura de julgamento moral que envolve o tema e faz com que as vítimas se calem em função do medo de ameaças e sentimento de culpa e vergonha, agravados pelo desestímulo das autoridades para o registro desses casos de violência.

Já os casos de violência moral correspondem a ações de difamação, calúnia ou injúria contra a vítima. Ou seja, quando são feitas, por parte do agressor, acusações falsas sobre crimes não cometidos, ofensas à sua dignidade ou atribuição a ela de fatos que comprometam ou maculem sua reputação. Dentre eles, são recorrentes práticas como acusações de traição, exposição da vida íntima da mulher, colocar sua índole em questão a partir de xingamentos e críticas, publicização de juízos morais que coloquem em xeque sua conduta, desvalorização em função da forma como a vítima se veste.

Aqui categorizamos individualmente também o feminicídio, que ainda que tenha a dimensão física como condição, é um crime tipificado pela atual legislação brasileira (Lei do Feminicídio 13.104/2015). Tal lei define que nos casos de homicídio cometido contra uma mulher como resultado de um conjunto de violências domésticas e familiares, ou pelo fato de a vítima ser uma mulher, aplica-se o agravante do feminicídio, que é considerado um crime hediondo, isto é, um crime considerado pela justiça como de gravidade acentuada, que, por isso, implica em penas mais severas. O feminicídio nunca acontece isoladamente, mas consiste no

ponto final de um *continuum* de violência, que geralmente associa diferentes modalidades e culmina com o assassinato da vítima por opressões de gênero. O *Dossiê Violência Contra as Mulheres da Agência Patrícia Galvão* demonstra ainda que, em 2020, durante a pandemia do Corona Vírus, quatro brasileiras foram vítimas de feminicídio por dia.

Ainda que as tipologias aqui tratadas sejam as dimensões de violência consideradas pela legislação brasileira, é importante ressaltar a existência de entendimentos que ampliam esse espectro, dando conta de práticas de violência menos aparentes na superfície<sup>36</sup>.

A partir da diversidade de categorias de agressões recorrentemente cometidas por homens contra as mulheres, é possível perceber como o modelo heteronormativo de sociabilidade está pautado em práticas violentas. Ao mesmo tempo em que as violências passam a ser nomeadas, discutidas e combatidas pelos movimentos feministas, é possível perceber que, estruturalmente, esses movimentos não correspondem a diferenças significativas dos índices que se dedicam ao tema. É importante matizar que o aumento desses dados aponta não só para o crescimento dos casos de violência. É necessário considerar que, conforme o tema ganha capilaridade nas diferentes camadas da sociedade, torna-se mais recorrente que mulheres reconheçam como violência situações a que são submetidas e passem a denunciar.

Sobre os distintos tipos de violência, é importante considerar ainda as dimensões de vulnerabilidade criadas ou intensificadas a partir de atos e comportamentos cruéis, praticados em sua maioria por homens. Ao interferir na autoconfiança e sensação de segurança das mulheres, mina-se suas possibilidades de autonomia e decisões sobre a própria vida. Logo, se a integridade das mulheres é constantemente comprometida pelas diversas modalidades de

---

<sup>36</sup>Nos últimos anos, os entendimentos dos movimentos feministas sobre violência vêm se sofisticando e dando conta de formas mais sutis e sofisticadas de violência de gênero, por isso, mais dificilmente reconhecidas como tal. Talvez, exatamente por essa condição, esses tipos de atos violentos não são considerados pela legislação e nem mesmo por normas de conduta institucionais, mas são extremamente relevantes e nocivos para as mulheres. Dentre eles, destacamos três, nomeados por termos em inglês, mas que são recorrentemente utilizados nos debates de militantes e pensadoras feministas no Brasil. São eles: *mansplainig*, que diz de quando um homem explica algo óbvio para uma mulher, em geral de maneira simplista, ou mesmo quando explica para ela algo relativo a temas que ela tem maior domínio que ele, colocando em questão sua capacidade intelectual e assumindo o lugar de referência do conhecimento em questão; *maninterrupting*, que corresponde às repetidas interrupções da fala de uma mulher por um ou mais homens, impedindo ou dificultando que ela conclua uma fala ou um raciocínio. Essa prática acontece nas mais diversas situações, mas tem sido convocado com frequência para tratar das formas de opressão que limitam a trajetória profissional das mulheres; e *gaslighting*, termo referente a um tipo de abuso psicológico pautado em distorções, manipulações ou invenções de informações, com o intuito de autofavorecimento do agressor, ou como tentativa de confundir a vítima, fazer com que ela duvide da própria memória, percepção ou sanidade. Nessa prática, são frequentes interpelações como: “isso não aconteceu, você está louca!”, “você está confundindo”, “você está exagerando”. O *gaslighting* é um tipo muito perverso de violência, pois é uma forma constante de abuso que pode causar danos irreversíveis, mas não é facilmente identificável.



violência postas em cena e se estas consistem em dinâmicas comunicativas das masculinidades, ultrapassando a dimensão imediata do ato de agressão em si, consistindo em uma das formas de enunciação e legitimação do mandato de masculinidade entre pares, não se faz possível refletir sobre possíveis mudanças nas estruturas de gênero, sem considerar as possíveis alterações e manutenções da incidência e das dinâmicas de violência de gênero.

As enunciações de masculinidades supostamente transformadas não se furtam de tratar da violência, mas o fazem, recorrentemente, sob a perspectiva de combate aos preços emocionais e físicos que a estrutura patriarcal pesa sobre eles. Os discursos reconhecem que as masculinidades se pautam na violência como forma de expressão e que são ensinados, desde que nascem, a integrarem um modelo de sociabilidade que se pauta na violência. Reconhecem também que esse sistema é perverso e que os fazem agir de forma agressiva com mulheres de sua teia de relações, inclusive com aquelas por quem nutrem afeto.

No canal do *Youtube* de Leo Hwan, o tema das masculinidades foi tratado em uma série de vídeos intitulada *Entendendo as masculinidades*. Baseado principalmente na discussão de bell hooks sobre o tema, Leo propõe reflexões a partir das próprias experiências e de narrativas midiáticas sobre o tema. É curioso que, ainda que trate a violência como elemento central da estrutura social patriarcal, não desenvolve a discussão sob uma ótica relacional, capaz de atribuir relevância às experiências das mulheres, frente os contextos violentos aos quais são submetidas. No vídeo *A perigosa raiva que os meninos sentem*<sup>37</sup>, Leo parte de sua experiência emocional ao assistir ao filme *Coringa*, lançado em 2019, que relata a história de um comediante fracassado, isolado, intimidado e desconsiderado pela sociedade, que é levado à loucura e, nesse contexto, inicia uma jornada criminosa.

Outro exemplo explícito dessa mensagem, olha aí o filme do *Coringa* que tá bombando. É *breakingbad*, *acting out* que um homem se livra das suas dores emocionais, que um homem tem a sua dor emocional finalmente escutada. E nesse filme, ele é glorificado por isso. Um homem é escutado, levado a sério, glorificado por externalizar suas dores emocionais através da violência. É essa a mensagem que os meninos escutam da mídia. (HWAN, A perigosa raiva que os meninos sentem, 2019).

Os termos *breakingbad*, *acting out* são convocados no sentido de alguém que chega no limite de uma situação, passando a fazer o que bem entende, mas de uma forma nociva. Sem correspondente exato em português, se aproxima de um dos sentidos da expressão *meter o loko*,

---

<sup>37</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PKJZHO1Gc9g>

muito usada nas periferias do Brasil. Logo, essa maneira de extravasar o sentimento de frustração pela raiva, distribuindo suas próprias emoções na forma de perversidade contra o mundo, é compreendida como típica das masculinidades por Leo. Nesse caminho, é interessante como o entendimento proposto para o papel da violência nas experiências masculinas se aproxima das reflexões de Segato (2018), que considera a violência como uma forma de linguagem das masculinidades. No mesmo vídeo, Leo completa dizendo: “Se um menino sabe se manter agressivamente, sabe se proteger, ele é um homem. A agressão funciona como um ritual natural de passagem masculino, uma forma de um menino demonstrar autonomia, falar para o mundo que ele cresceu.” (HWAN, 2019).

De fato, concordamos que a violência e a não expressão de outros sentimentos que podem indicar fraqueza, como medo, tristeza e dor são lições ensinadas aos meninos muito cedo, como parte importante da gramática das masculinidades. A raiva não apenas é importante como um dos sentimentos legitimados para os homens, como também assume o *status* de desejável, já que é capaz de significar atributo admirado das masculinidades, como a força, a agressividade e a ausência de medo. Não resta dúvidas que a sociabilidade masculina tradicional implica em sujeições dos homens à heteronormatividade e que o aprendizado da violência se dá na experiência de ser violentado. Mas essa posição também resulta em privilégios masculinos nas mais diversas áreas da vida. Ainda que não sejam o poder, os homens gozam das vantagens que sua condição de ferramenta de exercício do poder os proporciona. Logo, refletir sobre essa questão, sob a perspectiva de mudanças sociais, dá a ver o que de fato está em jogo nesses discursos quando postos em relação com o ponto de vista das vítimas dessas violências. E essa perspectiva, quando não apagada, aparece no lugar de coadjuvante. No vídeo *A doença que mais afeta os homens*, Leo defende que:

O patriarcado faz bagunça na cabeça dos homens. A gente não se toca dos danos que a gente faz para os outros e dos danos que a gente causa em nós mesmos. O resultado disso tudo é que a gente não tem motivação para mudar e nós precisamos mudar. Mas é uma arma do patriarcado manter a gente deficiente emocionalmente, sem perceber o que que a gente tá fazendo. Achando que o que a gente faz é bom para nós e para as mulheres, que é assim que a gente vai perpetuar a espécie. (HWAN, *A doença que mais afeta os homens*, 2019).

Ainda que exista lastro na realidade que sustenta o argumento de que a estrutura de gênero é tão profundamente enraizada, que muitas das práticas e comportamentos, assumidos como tipicamente masculinas ou femininas, não são refletidas e que o que nomeia de deficiência emocional, de fato, é um instrumento de sociabilização masculina, é problemática a argumentação de que os homens não têm motivação para mudar suas práticas de violência

porque desconhecem os danos causados. Mais do que isso, de que os homens seguem se comportando violentamente porque acreditam que essas práticas são positivas para as mulheres, assim como são para eles, no sentido de garantir a perpetuação da espécie. Ou seja, Leo convoca a discussão de bell hooks, uma pensadora feminista, para sustentar o discurso biologizante de garantia de perpetuação da espécie como preocupação masculina ao se pautar na violência como linguagem. Em nenhuma dimensão das reflexões de bell hooks é possível encontrar respaldo para visadas biologizantes. Mais uma vez, percebe-se a apropriação das pautas e reivindicações feministas de combate aos abusos que compõem a típica forma de sociabilidade masculina, para fagocitá-las em discursos de desculpabilização dos homens pelas violências que perpetuam.

Ainda que homens e mulheres não sejam integralmente conscientes das estruturas de poder e privilégio que determinam suas posições na engrenagem social, os homens não são tão inocentes e desavisados. Não há plausibilidade no argumento de que eles seguem agindo violentamente por acreditarem estar fazendo o bem para as mulheres. Mais do que isso. É sabido que a legislação brasileira reconhece as diferentes práticas de violência de gênero como crimes, bem como os discursos feministas de combate a essa estrutura estão capilarizados em diversos discursos midiáticos, que vão desde filmes e séries, até jornais, novelas, publicações nas redes sociais, ainda que seja em enunciações de combate às pautas de igualdade de gênero, como os discursos masculinistas<sup>38</sup>. Nesse mesmo caminho, Leo coloca em questão também que os homens tenham algum tipo de apreço por serem violentos.

É difícil para nós, homens, admitir que talvez você tenha sido violento com a sua mãe, com a sua namorada, com a sua irmã, com um amigo que você julgou mais fraco que você. Talvez um avô, um pai, um tio tenham sido violentos com você e é difícil nomear isso, mas é importante nomear essas relações perversas de poder porque nós precisamos nos motivar cada vez mais e, sabe por quê? Porque é muito fácil a gente se tornar exatamente o que a gente odeia. (HWAN, A doença que mais afeta os homens, 2019).

É verdade que, mesmo inseridos em uma engrenagem de violência masculina como linguagem, que condiciona o compartilhamento de sentidos e a validação entre pares do que é ser homem, alguns homens podem não se identificarem com essa gramática, serem penalizados por não cumprirem a cartilha das masculinidades e serem submetidos a situações de sofrimento por isso. Mas, apaga-se a dimensão de privilégio que faz com que ser homem seja uma

---

<sup>38</sup>Masculinismo corresponde aos movimentos de homens surgidos na década de 1960, mas que seguem existindo em todo o mundo ocidental, que defendem que os homens têm sido oprimidos e humilhados pelos movimentos que lutam pela igualdade de gênero. No Brasil, o movimento masculinista luta pelo combate do que entendem ser as desigualdades resultantes da lei Maria da Penha, trabalhada no presente capítulo.

experiência muito mais vantajosa do que ser mulher na sociedade em que vivemos, quando afirma que a estrutura patriarcal faz com que os homens se tornem exatamente o que odeiam. É perigoso pacificar a discussão sobre masculinidades e violência, deslocando os homens para a condição de objetos do patriarcado, que os induz a serem violentos, sem nenhuma possibilidade de agência no sentido contrário. Seguramente as estruturas de gênero constroem e limitam a liberdade dos sujeitos de existirem no mundo, mas o movimento feminista e suas pautas formam um exemplo de que existe agência possível para os sujeitos, ainda que decidir por agir implique em preços sociais. Chamamos atenção, aqui, para a perversidade que perpassa as discussões de enunciações de homens que pleiteiam o *status* de transformados e de transformadores do mundo, mas que pacificam as responsabilidades e os ganhos que têm ao perpetuarem práticas violentas. É legítimo que as consequências das estruturas patriarcais para os homens sejam postas em cena e constituam pontos de tentativas de reconstrução. Mais uma vez, é direito dos homens ampliar a gramática de comportamentos compreendidos como masculinos, de maneira a terem a possibilidade de viverem suas relações e seus afetos sem as amarras das masculinidades, mas isso tampouco modifica as estruturas de poder que pesam sobre as mulheres.

Tendo em vista os números já mencionados, os tempos atuais não são mais seguros para as mulheres do que no passado. Mais do que isso, muitos homens que pleiteiam lugares de referência nas enunciações de masculinidades transformadas demonstram como esses discursos podem ser altamente rentáveis, mas que não necessariamente pautam sua conduta como homem. Um dos casos que chama atenção é do escritor Fred Elboni. Escritor, *youtuber* e palestrante, escreveu oito livros, com mais de 500 mil cópias vendidas. Suas obras são dedicadas essencialmente ao público feminino e tratam de temas como amor, vulnerabilidade, coragem e sensibilidade. Em seu canal do *Youtube*, com 1,6 milhões de inscritos, ele declara abordar temas afetivos de forma leve e divertida. No momento da primeira coleta do material que compõe nosso *corpus*, a única materialidade que encontramos sobre responsabilidade afetiva correspondia a uma publicação de seu canal. O vídeo *RESPONSABILIDADE AFETIVA* foi publicado em 2018. Ao definir o termo, diz que responsabilidade afetiva significa “ser claro com o outro, deixar claro, ser honesto com os sentimentos, não querer ganhar no joguinho, aprender a ceder. [...] Não ache que as pessoas são objetos, não ache que as pessoas são aplicativos, as pessoas são pessoas” (ELBONI, Responsabilidade Afetiva, 2018). Ou seja, Elboni se coloca como consultor de relacionamentos saudáveis e responsáveis e tem considerável reconhecimento profissional e sucesso financeiro nesse campo.

Em 2020, Elboni foi acusado pela ex-namorada, Suzanne Riediger, de agressão. Em seu relato, Suzanne conta que estava dormindo com ele, quando foi acordada sendo chutada para fora da cama<sup>39</sup>. Ela saiu do quarto correndo e foi perseguida por ele no apartamento. Quando conseguiu entrar no banheiro para se trancar, ele a puxou para fora e tentou jogá-la da janela do 10º andar. Ela conseguiu se soltar e se trancou em um quarto. O episódio teria acontecido há mais de um ano antes da denúncia e Suzanne relata ter decidido compartilhar a história depois do término da relação, com a intenção de ajudar outras mulheres que também são vítimas de violência. Ela ressalta também não ter denunciado por não ter consciência na época de estar vivendo um relacionamento abusivo.

Frente ao destaque que as acusações ganharam na mídia, Elboni se pronunciou e teve o lançamento de um livro cancelado. Em seu posicionamento, disse não se lembrar do ocorrido<sup>40</sup>. “Naquele dia eu bebi, ela bebeu, voltamos para casa um pouco mais cedo. Não houve discussão e dormimos. Acordei no outro dia de manhã. Ela fala que eu tinha apertado o braço dela durante a noite, chacoalhado, e eu fiquei assustado porque eu não lembrava, como qualquer pessoa ficaria” (ELBONI, Explicações, *Instagram*, 2019), ele relata em tom tranquilo, amenizando o ocorrido. O casal passou a frequentar sessões de terapia juntos e Suzanne ouviu do psicólogo, que já atendia o escritor, que o episódio teria sido ocasionado por um momento de estresse de Elboni, que teria descontado nela a raiva sentida. Tal explicação foi tratada pelo profissional como uma justificativa plausível para a agressão cometida contra ela. O escritor argumenta ainda que a narrativa sobre a tentativa de jogá-la pela janela não era de seu conhecimento e que ela nem mesmo havia trazido a questão para a terapia, levantando suspeitas sobre a denúncia realizada. Ele relativiza a denúncia, colocando em dúvida o relato da ex-namorada, dizendo que o que aconteceu foi um aperto no braço, e que era “coisa daquela noite, não era a realidade”, ignorando a materialidade e as marcas da agressão que perpetrou. Elboni coloca em questão também as intenções de Suzanne de compartilhar o ocorrido da forma como foi feito: “Quando tira do contexto e coloca na internet como atitudes agressivas, não bota data, deixa aberto, aconteceu isso aqui, mas será? Se cria uma narrativa diferente do que realmente aconteceu”. Por fim, ele se desculpa: “te peço desculpa, achei que a gente tivesse resolvido juntos”. Essa

---

<sup>39</sup> Disponível em

[https://www.instagram.com/p/B32739CiJLA/?utm\\_source=ig\\_embed&utm\\_campaign=embed\\_video\\_watch\\_aga](https://www.instagram.com/p/B32739CiJLA/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=embed_video_watch_again)  
in

<sup>40</sup> Disponível em

[https://www.instagram.com/p/CCE1bTnn9uf/?utm\\_source=ig\\_embed&utm\\_campaign=embed\\_video\\_watch\\_aga](https://www.instagram.com/p/CCE1bTnn9uf/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=embed_video_watch_aga)  
ain

frase é importante porque sinaliza o entendimento de Elboni sobre o que constitui um episódio de violência, seguindo a lógica de que essas questões são privadas e precisam ser resolvidas entre o casal. Ele dá a ver o desconforto sentido frente à exposição de seus atos, que fez com que ele se sentisse atacado pelas pessoas.

O escritor opera em uma estratégia recorrente dos homens em casos de agressão, que passa por tratar o episódio como único em sua história, como evento excepcional e inexplicável. Além de declarar não lembrar, Elboni diz ter ficado assustado com o relato dela, indicando a improbabilidade de uma agressão ser praticada por uma pessoa como ele. Em um primeiro momento, apesar de surpreender seu público, habituado com a enunciação de si como um homem fofo, carinhoso, pouco afeito do gestual tradicionalmente associado à virilidade, a narrativa de um episódio de sonambulismo ou um tipo de surto permaneceu sobre a mesa, como uma fatalidade. Até que, frente às denúncias de Suzanne, em julho de 2020, outra mulher, Karen Bachini, também relatou uma agressão sofrida durante uma viagem de trabalho realizada junto ao escritor<sup>41</sup>. Eles viajavam com um grupo de influenciadores e, em uma determinada noite, todos haviam bebido e depois voltaram para seus respectivos quartos, quando Elboni saiu aos berros no corredor, batendo em todas as portas. Bachini abriu a porta para tentar acalmá-lo, quando ele tentou beijá-la à força e a agrediu com mordidas no braço e na perna. Na mesma ocasião, a *youtuber* Dora Figueiredo também decidiu denunciá-lo por assédio<sup>42</sup>.

Já ouvi tantas histórias desse cara que já não tem nenhuma opção para mim dele ser inocente. Tem agressão como foto até, tem traição, tem abuso psicológico claro. Ficava olhando pras pessoas babando ovo dele, e porra. O que eu posso falar, por mim, é que ele claramente deu em cima de mim quando estava 'casado' e eu também estava. Adendo: a mina que eu saiba estava grávida ou com filho pequeno. Fiquei com tanto nojo que fiz a desentendida e parei de seguir. (DORA FIGUEIREDO, 2020).

Tendo em vista as denúncias que se seguiram ao relato de Suzanne, fica posta a impossibilidade de sustentação do episódio como único e inexplicável na vida do escritor. Assim, percebe-se também a complexidade que configura a estrutura de violência masculina que incide sobre as mulheres, principalmente quando postas em contraste com os enunciados coletados. Se por um lado os discursos de masculinidades supostamente transformadas reconhecem a violência como parte estruturante da experiência dos homens, e que tal condição incide sobre as mulheres, é muito recorrente que eles se coloquem como as vítimas centrais da estrutura de violência. Ou seja, as discussões que empreendem sobre o tema se organizam mais

<sup>41</sup> Disponível em <https://mobile.twitter.com/kahbak/status/1278355340099301378?lang=ga>

<sup>42</sup> Disponível em: <https://twitter.com/dorafigueiredo/status/1278346408970670080>

em torno dos danos e prejuízos que lhes são impostos em função desse tipo de sociabilidade, do que de processos de autorresponsabilização sobre suas próprias práticas como parte da estrutura de opressão contra as mulheres. Quando os casos em questão são postos em diálogo, é possível perceber ainda como a condenação da violência como uma entidade externa é facilmente incorporada ao discurso de transformação, mas que isso nada tem a ver com a revisão das próprias práticas. A violência é uma realidade reafirmada por todos os homens, mas o agressor é sempre o outro deles. Fred Elboni é capaz de não só reproduzir os discursos sobre relações saudáveis, como se coloca como especialista no tema, mesmo que na prática seja um agressor em série.

A distância entre as masculinidades mais palatáveis, de fala suave, gestos e estéticas, que rompem com as referências de virilidade, e as mudanças nas estruturas de gênero que, de fato, apontam para alterações nas condições de vulnerabilidade das mulheres, é enorme. Estar com os homens em quaisquer espaços, seja na rua, em casa, no trabalho, sejam eles companheiros, filhos, amigos, desconhecidos, segue sendo um risco à integridade das mulheres.

### *5.3.3 Pressão estética como limitação de autonomia feminina e a manutenção dos privilégios dos homens*

Não resta dúvidas sobre a relação íntima que se estabelece entre a pressão estética, que pesa principalmente sobre as mulheres, e sua condição de violência, que pode ser enquadrada em diferentes tipificações trabalhadas nesta pesquisa. Esse tipo de pressão pode causar danos físicos, psicológicos e morais, se considerarmos apenas uma rápida mirada. Mas, tendo em vista nosso interesse em pensar as relações do gênero como construções simbólicas, que são significadas a partir das interfaces do corpo com tecnologias e próteses de diversas naturezas, entendemos que essa perspectiva merece ser tratada separadamente das discussões sobre violência, com um pouco mais de fôlego. Pensar na pressão estética como estrutura de poder é importante porque, ao incidir de forma violenta sobre as mulheres, e sendo lugar de validação dos corpos femininos pelos homens, essa dimensão opera como limitante da autonomia e poder de autodefinição feminino, em benefício deles na estrutura de manutenção de privilégio.

Conforme indicado no capítulo anterior, entendemos o corpo como matéria simbólica continuamente produzida como matriz da composição semântica dos gêneros. Na maior parte das vezes, os processos de produção corporal têm como parâmetro os padrões normativos de

beleza generificados, que ainda que tenham alguma coerência nos distintos países ocidentais, também se instauram a partir de referenciais mais ou menos locais. Melhor explicando, ainda que o modelo universal de beleza esteja diretamente conectado com os padrões europeus de estética (no caso das mulheres: brancas, cabelos lisos e claros, olhos claros, traços finos, corpos magros, com seios volumosos, barriga lisa e ar jovial), no Brasil, por exemplo, experimentamos padrões físicos particulares relacionados à nossa composição racial, resultante da colonização. É possível mencionar, no caso dos modelos de feminilidade, a valorização de modelos distintos do acima descritos, que legitimam outras proporções de seios/cintura/glúteos, por meio dos quais o tamanho e formato dos glúteos são particularmente valorizados quando postos em contraste com os padrões femininos dos países do norte. Mas ainda que algumas particularidades sejam levadas em consideração, notamos que o corpo como matéria de produção simbólica tem como referência padrões consideravelmente pasteurizados de beleza, que fazem com que, independentemente da diversidade física/étnica que configura a composição sociorracial do Brasil, formas e características normativas sejam buscadas por um contingente considerável de pessoas.

As noções de potencialização e compensação construídas simbolicamente por meio das próteses têm pesos distintos, em especial quando consideramos a dimensão corpórea da identidade de gênero. Enquanto para os homens, o corpo como recurso nem sempre é suficiente, embora tenha sua importância, para as mulheres, os processos de compensação entre o que pode ser considerado metaforicamente como fragilidades pessoais em relação aos padrões nem sempre são legitimados. Voltando aos exemplos de próteses recorrentes nos modelos tradicionais de masculinidades normativas, como é o caso do dinheiro e de outras formas de recurso financeiro, como carros caros, joias, roupas de marca, bebidas caras, ainda que façam sentido na composição de posições específicas dentro do espectro de feminilidades, esses elementos não são capazes de compensar o que é entendido como fragilidades simbólicas da carne da mesma maneira como operam com os corpos lidos como masculinos. Um exemplo que nos auxilia nessa compreensão é o da funkeira Jojô Todynho, uma mulher negra, gorda e periférica, condições que a distanciam estruturalmente dos padrões de beleza normativa racista, gordofóbica e classista.

Em 2020, a cantora venceu o *reality show A Fazenda 12*, recebendo um prêmio de 1,5 milhões de reais. Ainda que o fato de uma mulher com sua corporeidade vencer um *reality show*, em que a maioria dos participantes está dentro dos padrões normativos de beleza, aponte para alguns lugares de mudança sobre a legitimação simbólica dos corpos em cena por parte da



audiência, as possibilidades dentro e fora do programa se configuram de maneiras distintas quando postas em relação com pessoas dentro dos padrões físicos, de branquitude e magreza. Ou seja, mesmo que Jojô Todynho tenha sido a vencedora, que durante a trajetória do programa tenha ganhado visibilidade por sua irreverência e bom humor, a estrutura racista e gordofóbica resiste na construção simbólica de seu corpo como referência de beleza e sensualidade. Não que isso apague a potência do corpo de Jojô e de suas estratégias de enunciação, a partir de propostas de imagens de si como bonita e sensual. Como é possível observar na figura 16, a cantora usa decotes profundos que deixam os seios em evidência, roupas justas, fendas na perna, construindo para si propostas de sentido que subvertem os padrões de sujeição dos corpos. Mas, ao contrário do que ocorre com as mulheres consideradas dentro do padrão, que são procuradas por marcas de roupas, maquiagens, biquínis e cosméticos para parcerias publicitárias, nos meses seguintes à sua saída do *reality show*, em suas redes sociais, Jojô anunciou parcerias pagas com apenas duas marcas nacionais: *Pizzaria Dominos* e *Embeleze*, marca brasileira de produtos para cabelo. Antes dela, a última mulher a vencer o mesmo programa foi Flávia Viana, no ano de 2017. Branca, magra, de cabelos loiros e lisos, logo após a saída, Flávia divulgou em suas redes sociais parcerias pagas pelo menos com a marca de roupas *Colcci*, *Shopping Uberaba*, com a boate *Café de la Musique*, marca de pacotes de internet para viagens no exterior *EasySim4U*, por meio da qual viajou para Orlando, nos Estados Unidos, para fazer a campanha publicitária. Ou seja, ainda que as duas tenham vencido o mesmo programa, as próteses financeiras não são suficientes para fazer com que Jojô ultrapasse as marcas de opressão impressas em seu corpo por uma sociedade misógina, gordofóbica, racista e classista. Sua imagem não é considerada pelas empresas como apta, na mesma proporção do corpo da mulher branca esteticamente padronizada, a representar seus produtos para o público para quem querem vender. Percebe-se assim que, para as mulheres, parece ser mais difícil ultrapassar as limitações de sentido impostas pelo corpo.

Figura 16 – Jojo Todynho



Fonte: Instagram @jojotodynho

Além disso, chamamos atenção para o fato de que a vitória de Jojô se deve muito menos à ampliação do espectro de legitimação de referências de feminino pelos homens, do que pelas lutas e reivindicações de emancipação simbólica de movimentos sociais, como o movimento feminista negro. A atuação desses grupos tem sido fundamental para o reconhecimento da existência de uma diversidade enorme de corporeidades. Dessa maneira, os discursos por eles proferidos colocam em xeque a centralidade da validação masculina por meio do desejo afetivo e sexual como as principais lentes de legitimação das existências femininas, ainda que não seja possível assumir que essa dinâmica seja socialmente irrelevante.

As mulheres vêm sendo reduzidas a um projeto de feminilidade, assim como os homens também são limitados pelos parâmetros de masculinidades. Mas essas duas construções são

distintas, quando consideramos a natureza das pressões sobre os corpos. Refletir sobre padrões de beleza relacionados ao feminino é relevante porque esses modelos fazem parte da redução de possibilidade de agência delas, percebendo como esses corpos, em interface com as roupas, cosméticos, maquiagem, configuram um projeto corpóreo para agradar principalmente olhares masculinos, assumindo a forma de objetos de desejo. É importante sinalizar que entre seus pares, as mulheres também atuam em processos de legitimação dos padrões, mas a finalidade principal está direcionada para tal condição de objeto de apreciação masculina. Uma diferença importante passa pela construção de sentidos que os corpos padrões representam para os ideais de masculino e feminino. Enquanto é recorrente que os homens consigam compensar aquilo que é sinalizado como falta ou fragilidade física com próteses externas e/ou de sentido com mais fluidez, o mesmo não está disponível às mulheres, o que implica que os pesos dos padrões de beleza incidam sobre elas com muito mais força. Isso não quer dizer que os homens não paguem preços ou gozem de privilégios, a depender da localização de seus corpos nessa régua normativa, mas não se pode negar que elementos como o envelhecimento e o sobrepeso sejam cobrados das mulheres de forma mais perversa.

Uma expressão que tem aparecido com certa recorrência para desqualificar mulheres ajuda a compreender esse argumento, que é o termo *velho da lancha*. Essa expressão de caráter misógino é utilizada em situações em que mulheres se expõem em contextos entendidos como de ostentação financeira, dos quais os passeios de lancha representam uma síntese. Principalmente em postagens nas redes sociais, tem se tornado muito frequentes comentários de homens questionando quem seria o velho da lancha, ou seja, quem seria o homem rico que proporcionou a experiência para essa mulher. Nessa situação aparentemente simples, é possível apreender pelo menos duas coisas: a primeira, informa sobre os estigmas de suposta incompetência profissional das mulheres, que não seriam capazes de se proporcionar uma lancha ou um passeio de lancha; e o segundo, levando em consideração que o envelhecimento é combatido por esses padrões, é referente à lancha como prótese, que compensaria a condição de velhice desse homem imaginário, garantindo que ele possa seguir gozando de relações com mulheres jovens e atraentes. Mas a *velha da lancha* não representaria um efeito de sentido correspondente, ainda que existam casos de mulheres mais velhas e ricas que se relacionam com homens mais jovens, com condições financeiras inferiores às delas. Nessas situações, pesa sobre eles o estigma de michê, mas a situação de vergonha por precisar do recurso financeiro para manter a relação segue pesando sobre elas. O que importa aqui é que, no contexto

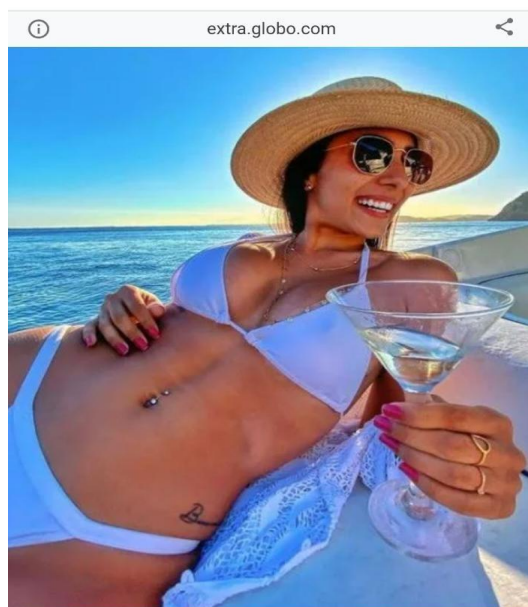
heteronormativo, o envelhecimento físico das mulheres não pode ser compensado com outras próteses da mesma maneira e na mesma recorrência em que isso ocorre com os homens.

Na figura 17, é possível perceber como a noção de velho da lancha tem ganhado força principalmente nas redes sociais, já que, sob o anonimato que o mundo virtual oferece, os discursos de ódio têm sido cada vez mais frequentes. Na matéria do portal *Extra*<sup>43</sup>, é possível ver a influenciadora Isadora Nogueira, que exibe números impressionantes para as redes sociais. Alcançando atualmente 2,3 milhões de seguidores no *Instagram*, seu perfil na rede é palco de publicidade de diversas empresas. Quando um homem comenta sua foto posando em uma lancha com a frase “mostra o velho que está pagando”, fica exposta a base misógina e violenta da ação. A vida da influenciadora é exibida constantemente nas redes sociais, assim como a condição financeira que seu trabalho proporciona, de maneira que, acentuando a visibilidade da misoginia praticada, nota-se que se um homem frequenta seu perfil nas redes, muito provavelmente está ciente das possibilidades financeiras que ela tem, dando a ver como o ódio e a violência simbólica contra as mulheres são perpetuados de forma gratuita. Frente a essa provocação, Isadora responde: “prazer, o velho rico da lancha sou eu”.

---

<sup>43</sup>Disponível em <https://extra.globo.com/famosos/influenciadora-viraliza-nas-redes-ao-responder-comentario-machista-de-seguidor-velho-rico-da-lancha-sou-eu-24628456.html>

Figura 17



'Prazer, velho rico da lancha sou eu', publicou Isadora

Com mais de 1,1 milhão de seguidores, a influenciadora Isadora Nogueira deu "um chega para lá" com classe num seguidor que fez um comentário machista. Após posar em uma lancha, em alto mar, num cenário paradisíaco, um homem encaminhou a mensagem para a jovem, dizendo para ela "mostrar o velho que estava pagando" o passeio.

Fonte: Portal Extra

No arranjo heteronormativo, enquanto as mulheres são associadas aos atributos do corpo, os homens são associados às qualidades do espírito e da racionalidade. Logo, nessa construção de feminino ligado à virtude do corpo, reforça-se a relação simbólica de beleza como elemento de um suposto poder, que gera admiração e sucesso em diversos sentidos (afetivo, financeiro, profissional).

Wolf (1991) chama atenção para a dimensão política de controle associada aos padrões de beleza impostos. O que nomeia de *mito da beleza* é proposto por ela como uma arma política que emprega a imagem compartilhada de beleza feminina contra a evolução feminista das mulheres. Ou seja, o mito da beleza chega no século XX para ocupar o lugar deixado pela mística da domesticidade, alvo de combate, em especial, da segunda onda do movimento feminista. Wolf argumenta que a ideologia da beleza corresponderia à última das antigas ideologias femininas que ainda teriam o poder de controlar as mulheres, assumindo a função de

coerção social que construções como a domesticidade, a maternidade, a castidade e a passividade não seriam mais capazes de controlar. Wolf escreveu sobre o tema no final do século XX. Ao refletir sobre tais questões no começo da terceira década do século XXI, está posto que a construção simbólica sobre esses lugares de controle das mulheres mudou de roupagem, mas não se pode dizer que não exerça nenhum tipo de efeito sobre elas. Se a castidade e a passividade não fazem mais sentido como antes, a maternidade e a domesticidade não desapareceram nem mesmo para as mulheres que têm a possibilidade de optar por se dedicarem às carreiras profissionais, haja visto a discussão aqui realizada sobre a divisão sexual do trabalho. Sobre a beleza como um atributo objetivo, Wolf sinaliza que:

As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens. [...] Nada disso é verdade. A “beleza” é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna, no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. (WOLF, 1991, p.15).

Essa lógica funcionaria a partir da beleza como régua de valores para as mulheres de maneira hierarquizada, que tem como referência um padrão físico que corresponde a uma imposição cultural, o que faria com que as mulheres precisassem concorrer pelo recurso da beleza, na luta constante contra a natureza perecível da carne, e, assim, se configurarem elas próprias em recursos dos quais os homens se apropriam. Logo, o mito da beleza não tem nada a ver com preferências e escolhas das mulheres sobre os próprios corpos. Ele é composto do que a autora nomeia de *distanciamento emocional, política, finanças e repressão sexual*. Dessa maneira, responde às instituições masculinas e à manutenção de poder dos homens. Assim, o mito da beleza está mais conectado ao controle de comportamentos do que à aparência de fato. A busca incessante pela beleza é uma condição de manutenção das mulheres em posições de vulnerabilidade e dependência de aprovação externa, comprometendo uma noção real de autonomia. O trabalho de produção e manutenção da beleza é inesgotável e jamais alcançado em sua completude por ninguém, o que renova o compromisso com o processo de construção de uma versão mais bela de si diariamente, garantindo a perenidade da estrutura de sujeição da feminilidade.

Com a crescente inserção feminina no mercado de trabalho, a dimensão material da dominação deixou de ser capaz de garantir a manutenção dos privilégios masculinos, proporcionados pela dependência financeira generalizada de mulheres em relação aos homens

até meados do século XX. Mas a obsessão pelos padrões de beleza se mostrou um fio capaz de enredar, em algum grau, todas as mulheres, em diferentes contextos de vida. Assim, observa-se o deslocamento de uma certa dinâmica de poder masculino baseado na opressão feminina, de um eixo principal material, para uma engrenagem psicológica. Tal engrenagem depende da constante e renovada frustração das mulheres com sua própria imagem, de modo a contaminar as demais esferas da vida, nos conduzindo a exaurir nossos próprios corpos e saúde emocional. Com a beleza sendo elemento central do projeto de feminilidade bem-sucedida, o combate à gordura corporal, ao envelhecimento e a tudo que escapa dos padrões de beleza assume o lugar de censura para a autonomia e livre desenvolvimento das mulheres.

Esse movimento fica explícito no vídeo *Namorar gorda?*<sup>44</sup>, publicado pelo canal *Desde que nos conhecemos*, no *Youtube*. Os vídeos publicados são dedicados à história do casal Silvio Dilkin e Carol Pastro. Publicado em junho de 2020, o casal conta sobre como foi o começo da relação, ocasião em que Carol pesava 110 quilos. A fala é feita por Sílvio durante quase todo o vídeo, com pequenas intervenções da companheira, que permanece ao seu lado, com as mãos sobre o seu braço e sorrindo. Fica visível que Carol passou por um processo de emagrecimento e a fase de sobrepeso é tratada como passado. Sílvio compartilha como foi a primeira vez em que viu uma foto da companheira de corpo inteiro:

A Carol era bem gorda, né? Desde os tempos do site de relacionamento que a gente se conheceu. A primeira foto que eu vi dela, achei ela linda, fechava com o que eu gostava mesmo, o formato de rosto de mulher que eu gostava, mas eu já percebi que ela tinha o rosto redondinho, então pensei: ah, ela é gordinha! Aquilo nunca interferiu em nada para mim, né? Nunca tive problema com isso e eu comecei a conversar com ela. Aí, papo vai, papo vem, em algumas semanas a gente se adicionou no *Facebook*. Então eu comecei a olhar as fotos dela e aí, eu lembro! Nossa, foi uma situação engraçada! Pra gente hoje é engraçado, a gente fala disso hoje sem problema nenhum! A primeira foto de corpo todo que eu abri, eu lembro como se eu fosse hoje, muito engraçado... Eu falei: meu Deus! Ela é grande! Foi assim, pessoal! Ela era muito grande. Eu falei, cara, ela é muito grande, mas que gordinha mais linda! Eu achava ela linda, então aquilo foi inusitado pra mim, mas de forma alguma eu tive qualquer preconceito! (DILKIN & PASTRO, *Namorar Gorda?*, 2020).

Chama atenção como ela sorri durante a fala do companheiro, como se a situação de fato nunca tivesse sido um problema para ela. Depois de construir a narrativa do começo da relação expressando claramente falas gordofóbicas, marcando como foi a experiência ao se deparar com a imagem desse corpo, caracterizada como uma situação inusitada em função do tamanho dela. Não existe naturalidade na fala de Sílvio sobre o desejo que sentiu por Carol, que

---

<sup>44</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Z9xM0syTlpQ>

constrói a narrativa sobre um encontro como uma concessão feita por ele, pois apesar do susto com o peso dela, nunca teve preconceito e a achava linda. Assim, se tece explicitamente uma relação de poder, por meio da qual o corpo da mulher é tratado como abjeto, como lugar de repulsa, mas que ele, um homem diferente e sensível, achava lindo. Em tom de harmonia e respeito, essa mulher tem sua autoestima minada e a centralidade da relação é constituída pela excepcionalidade desse homem, que, ao contrário dos demais e apesar de seu peso, permanece com ela. Em seguida, Sílvio relata a resistência dos amigos ao verem as fotos de Carol, que questionaram se ele de fato teria coragem de aparecer com ela em público e que, talvez, fosse o caso de só “comer” no carro, sem que ninguém soubesse. Durante todo esse relato, Carol segue abraçada ao companheiro, sorrindo. Essa vivência violenta e preconceituosa às quais foi submetida são tratadas de maneira pacificada, como um passado engraçado. Mas algumas falas permitem perceber os graus de sofrimento e insegurança que tudo isso provocava. Quando contam sobre uma viagem à praia que fizeram juntos, Sílvio relata a pergunta da companheira:

Carol: Mas a gente não vai poder ir à praia junto, né?

Sílvio: Mas por quê?

Carol: Jura que você vai com uma gorda dessa de biquíni para a praia?

Sílvio: Por Deus, gente, eu quase bati nela! Eu falei, eu não acredito, tu tá brincando, né?

Carol: Mas que que tu quer que eu use? Tu quer que eu compre um maiô pra esconder meu corpo? (DILKIN & PASTRO, *Namorar Gorda?*, 2020).

Mais uma vez, Sílvio diz que a fez se sentir segura, dizendo que ela deveria ir com o que se sentisse melhor, já que, por ele, qualquer escolha que ela fizesse seria aprovada. Além disso, ele relata ter a abraçado e beijado sempre que alguém passava, para que a companheira pudesse ter certeza de que ele não se envergonhava dela. Ou seja, estamos diante do relato de um homem que se constrói como extraordinário, diferente de todos os seus amigos, que jamais se relacionariam com uma mulher gorda, reforçando a fragilidade dessa mulher causada pelos padrões de beleza. Percebe-se, mais uma vez, que esse tipo de enunciação, muito recorrente nas narrativas de masculinidades que se colocam como transformadas, não só não contribuem em nada para transformações reais nas pressões sobre o corpo perfeito que pesa sobre as mulheres, como reforçam esses lugares de vulnerabilidade. Para se colocar como o outro das masculinidades normativas tradicionais, precisam manter as estruturas de poder como estão e assim serem os salvadores das mulheres, os únicos capazes de ter empatia pelas dores que nos são impostas por essa mesma estrutura.

Assim, as enunciações de masculinidades transformadas têm um potencial nocivo que precisa ser debatido. Alterações na estética das opressões aprofundam ainda mais suas raízes,



criando a sensação de transformação, de sensibilidade e empatia, quando, na verdade, vivenciamos a sofisticação da estrutura, que faz com que as opressões dos homens sobre as mulheres sejam mais dificilmente reconhecidas como tal. Ainda que diversos, as narrativas empíricas aqui convocadas contam de situações singulares vivenciadas por pessoas. Para que fique evidentes que as pressões socioculturais sobre os corpos das mulheres seguem mais fortes que nunca, convocamos os dados apresentados pela ISAPS<sup>45</sup>, Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica e Estética, indicando que, em 2019, o Brasil foi o primeiro país do mundo no *ranking* de cirurgias plásticas, tendo ultrapassado os Estados Unidos. A mamoplastia segue sendo o procedimento cirúrgico mais comum, representando 15,8% de todos os procedimentos realizados no país, o que permite perceber como os padrões de beleza operam estruturalmente sobre as mulheres e seus corpos.

Para que esses índices sigam crescendo, se faz necessário manter o sentimento constante de inadequação corpórea, assim como é fundamental que todas as mulheres acreditem que, com esforço e recursos financeiros, podem alcançar o padrão. Mas, ao contrário do que é propagado, pensar no corpo como matéria de produção simbólica não significa pensá-lo como um ponto de partida neutro, que cada um poderia produzir conscientemente, de maneira livre e individual. O corpo como organismo significativo é lido a partir da gramática de gênero desde o nascimento. Ao longo de toda a vida, seguimos produzindo nossos corpos a partir das matrizes heteronormativas de gênero. Além disso, ainda que a norma estabeleça padrões pasteurizados de gênero, as características de raça, classe e algumas condições físicas (como são os casos da obesidade e das deficiências, por exemplo) permitem perceber que esse processo contínuo de produção de propostas de inteligibilidades corpóreas, a partir dessas regras gramaticais, se faz impossível para algumas pessoas.

Na completude, os padrões estéticos de branquitude, magreza e juventude são inalcançáveis e demandam mudanças e cuidados nas mais diversas partes do corpo, que incluem unhas, textura e tonalidade da pele, pêlos, lábios, olhos, cílios, sobrancelhas, nariz, pescoço, braços, seios, cintura, ou seja, não escapa nada. O combate paulatino da condição precível do corpo é um processo infinito e exaustivo. Assim, fundamenta-se a busca incessante pelos padrões por meio de dietas, cosméticos, intervenções cirúrgicas, hormônios e medicamentos. A partir do cenário atual da indústria médica e tecnológica da beleza, torna-se presente a sensação

---

<sup>45</sup> Disponível em <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2020/12/ISAPS-Global-Survey-2019-Press-Release-Portuguese.pdf>

de que, por meio de tais intervenções, é, de fato, possível alcançar o corpo perfeito. Além disso, observa-se o aumento exponencial da oferta de diversos outros recursos relacionados à boa forma e aos padrões estéticos, como academias, dietas, clínicas de estéticas, fortalecendo a noção de que o corpo é um tipo de maquinaria que se pode ajustar, trocar peças, turbinar.

#### **5.4 Masculinidades contemporâneas Commoditizadas: sofisticação de sentidos e manutenção de privilégios**

Até aqui entendemos que os homens têm reivindicado mudanças em suas identidades, mas isso não significa que alterações nas matrizes de poder sejam conseqüentemente uma realidade, principalmente quando consideramos os aspectos políticos e relacionais das construções de gênero. Ainda que o objeto deste estudo esteja composto por enunciações de masculinidades reivindicadas como transformadas e na rede textual que elas produzem e compõem, acionamos como ponto estrutural desta mirada o aspecto relacional como indicador dos lugares de privilégio. Dessa maneira, investigamos como se configuram as enunciações dessas masculinidades, quais dimensões estão implicadas nessas possíveis mudanças e, principalmente, como e se elas operam na reorganização e/ou manutenção das estruturas de poder.

Estamos de acordo com Azpiazu Carballo (2017), para quem se faz essencial partir de enfoques críticos feministas para pensar as masculinidades em relação às desigualdades, de maneira que não só as identidades, mas também, e principalmente, as subjetividades e o poder assumam centralidade. Como identidades, o autor aponta para os vetores de identificação que fariam com que os homens se posicionem em determinados lugares na cartografia do poder. E afirma:

Se os processos de identificação nos situam em posições concretas, de onde nos dirigiríamos para elas com nossa - limitada - capacidade de ação? A subjetividade, portanto, implica sempre em movimento, ainda que seja como potência. Desejo de ação, desejo de ser e não ser, desejo de fazer e desfazer. (AZPIAZU CARBALLO, 2017, p.30).

Por isso, pensar em termos de subjetividade nos parece mais adequado do que nos pautar na questão das novas identidades que têm sido forjadas nas últimas décadas. Mais que as identidades, as reivindicadas novas subjetividades masculinas constituem projetos políticos que não necessariamente deslocam as estruturas desiguais de poder. As categorias por nós propostas

se configuram como eixos de organização de sentido desses novos projetos de subjetividade, por meio dos quais buscamos compreender nuances das relações contemporâneas de gênero. Dado que não partimos de construções biologizantes ou essencialistas de masculino e feminino, assumimos que, ainda que encarnadas, as subjetividades masculinas não se constituem apenas nos corpos.

Sinalizamos que nos pareceu recorrente que tais enunciações de masculinidades que se pretendem transformadas se posicionam em movimentos de negação daquilo que, historicamente, partilhamos como masculinidades tradicionais, arquétipos de violência, controle e superioridade. O seja, corpos que se autorizam às práticas de dominação e subjagam o que constituem como outridade, seja essa composta por mulheres, outros homens em posições de desprivilégio, ou pessoas que não se enunciam a partir do binário masculino/feminino. Porém, o que nos parece importante indicar é que, mesmo que tenhamos observado enunciações de masculinidades que anunciam rupturas com esse projeto, fica posto que as desigualdades de poder não estão exclusivamente concentradas nas estruturas aparentes de dominação. Quando consideramos que as relações de poder também se configuram na invisibilidade, como maiores graus de sofisticação, se faz importante levar em consideração quais são os projetos de masculinidades assumidos em nossa sociedade como respeitáveis e, mais importante, de que maneira essas subjetividades seguem concentrando poderes e privilégios mais dificilmente reconhecíveis.

Falamos aqui do que se compreende como modelos desejáveis de masculinidades. Mesmo que esses sejam mais discretos e menos associados às práticas machistas do cotidiano facilmente reconhecíveis, isso não quer dizer que engendrem relações mais igualitárias. As masculinidades reconfiguradas podem não ser a realidade da maioria dos homens, mas, possivelmente, podem ser para aqueles que gozam de considerável prestígio e reconhecimento social em muitos contextos, como é o caso dos espaços midiáticos. Nesse sentido, o movimento de propor o que Azpiazu Carballo (2017) nomeia como macho *old school*, como contramodelo, constitui uma estratégia consideravelmente eficiente de atribuir roupagens mais palatáveis e, portanto, mais dificilmente perceptíveis para os machismos estruturais, ao mesmo tempo em que se faz possível legitimar e manter os lugares de poder.

As desigualdades de poder não se constituem apenas no que é dado. Os jogos invisíveis de privilégio, a sofisticação da construção das masculinidades e a latência dos machismos cotidianos tornam as lutas feministas ainda mais complexas. Por isso, quando centramos o foco das discussões de gênero na crítica e no combate aos modelos dos machos tradicionais,

incorremos no risco de simplificar nosso desafio, tanto em âmbito estrutural quanto nas vivências cotidianas, assumindo como soluções desejáveis a constituição de masculinidades mais afetivas e esteticamente palatáveis. O nó que buscamos desatar se mostra mais apertado do que parece em um primeiro olhar.

Nesse sentido, cabe também perguntar pelas representações midiáticas da masculinidade, atada com frequência no fio duplo das leis do *marketing* simbólico: oferecer, por um lado, a mensagem oficial de respeito e de condenação à violência de gênero e, por outro lado, a necessidade de manter as representações funcionais de modelos de feminilidade e masculinidade. Assim se diversificam as representações de masculinidade no nível estético, mas se segue mantendo os valores patriarcais no que diz respeito à dominação, ao protagonismo, à sexualidade e à competitividade. (AZPIAZU CARBALLO, 2017, p.37).

O autor aponta, assim, que trabalhar as questões do sexismo e do machismo, nas configurações sociais contemporâneas, demanda ir além dos arquétipos masculinos facilmente identificáveis como negativos, para tentar apanhar também tais relações no que tem sido partilhado como masculinidades desejáveis. O que faz sentido nas suas considerações sobre as representações midiáticas, também irriga as enunciações individuais, sejam elas mais ou menos midiáticas.

Para melhor compreender tal ponto de vista, convocamos as discussões sobre comoditização dos feminismos de Goldman, Heath e Smith (1991). Publicada no início da década de 1990, a proposição dos autores se preocupava com a fusão de reivindicações feministas e um ideal de feminino corrente na época pela publicidade. A denúncia realizada parte da apropriação e reconfiguração dos discursos feministas pela publicidade direcionada às mulheres, em práticas de despolitização de lutas por igualdade e ruptura de estruturas machistas. Essa reflexão auxilia a pensar nas formas contemporâneas de comoditização das questões de gênero, que fazem com que modos de enunciação de gênero, em seus aspectos relacionados às matrizes de poder, estejam sendo continuamente transformados em projeções identitárias e assumidas como *lifestyle*. Nossa reflexão se propõe, assim, a se configurar como tentativa de repolitização do que tem sido despolitizado nas enunciações de masculinidades reivindicadas como alternativas, não perdendo de vista as disputas de poder e consequências sociais e econômicas para os sujeitos implicados.

Refletir sobre gênero e comoditização demanda explicitar as vinculações de alguns conceitos dessa estrutura de consciência com elementos históricos do capitalismo, sistema econômico no qual estamos inseridos e que opera como modulador das mais distintas dimensões da realidade ocidental, incluindo as estruturas de poder de gênero. Para Hennessy

(2000), qualquer reflexão sobre a cultura que não leve em consideração as relações materiais históricas entre cultura e capital não pode ser capaz de intervir criticamente, de fato, nas violências sociopolíticas do contexto neoliberal. Ou seja, vislumbrar uma concepção de cultura que esteja apartada das estruturas fundamentais do capitalismo é produzir e fortalecer formas de consciência que pautam o individualismo conservador do neoliberalismo. Em seus estudos, a autora trata especificamente dos Estudos Culturais, e aponta que ainda que muitas investigações que possam parecer contrárias às táticas de privatização neoliberais, ao produzirem formas de compreensão de sentidos e identidades no domínio exclusivo da cultura, sem levar em consideração qualquer vínculo com a estrutura de classes ou com o capital, reiteram uma lógica cultural que tem sido uma das formas ideológicas mais potentes do capitalismo.

Nesse compromisso com a historicização dos processos, é importante resgatar a premissa de Marx, para quem a mercadoria consiste no eixo da produção capitalista, já que é por meio dela que se estabelece a conexão íntima entre cultura e capital, entre saber (na condição de consciência) e a estrutura da economia política. Um dos conceitos importantes para as análises de Hennessy é o de fetichismo, definido por Marx como resultado da alienação do trabalhador em todas as etapas de seu trabalho, de maneira que esse não se reconhece mais na mercadoria produzida. É como se o surgimento do produto não dependesse do produtor, assim como o valor de troca fosse desvinculado desse trabalho de produção. Ou seja, por meio do fetichismo da mercadoria, é como se o valor das mercadorias estivesse nas próprias coisas, eclipsando o fato de que o valor material é produzido por meio do trabalho humano e suas formas de organização em contextos e relações históricas específicas. “Para ensaiar a conhecida fórmula marxista: o fetichismo da mercadoria é uma forma de ver pela qual as relações sociais definidas no núcleo do capitalismo assumem a forma fantástica de uma relação entre as coisas” (HENNESSY, 2000, p.95). E a matriz de produção e troca de mercadorias implica também formas de consciência e lógicas culturais que operam em muitos aspectos da vida humana, em uma dinâmica atomizante. Tal perspectiva se baseia na fragmentação da vida social (consumo x produção, vida privada x vida pública, mercado x doméstico, individual x coletivo, cultura x economia política). Hennessy afirma ainda que, assim como as lógicas das relações patriarcais de gênero e de raça, tal estrutura de consciência consiste em uma característica ideológica historicamente articulada.

Nesse caminho, Lukács desenvolveu reflexões importantes sobre a cultura da mercadoria na História e Consciência de Classe. Sua formulação mais conhecida é o conceito

de reificação, definido como as formas como a fragmentação social, que se faz necessária na produção de mercadorias, se faz ver também em uma fragmentação da consciência. Dessa forma, o fetichismo deixa marcas na consciência das pessoas, de maneira que qualidades e habilidades são incorporadas como coisas que se pode possuir ou dispor, como os demais objetos. Para Hennessy (2000), é necessário, então, pensar em identidades sexuais reificadas (heterossexuais, homossexuais, *queer*), já que essas estão conectadas com o sistema de classes do capitalismo à medida que instituem formas de ver a si e aos outros, a partir das lógicas de troca de mercadorias nas quais se baseia o capital. Ou seja, a lógica que abstrai os fenômenos sociais das condições históricas.

Como afirma Hennessy (2000), a história da heterossexualidade se constrói como um conjunto discursivo do qual o capitalismo faz uso em processos de legitimação de divisão do trabalho desigual, assentada na constituição familiar e na diferenciação do trabalho assalariado e não remunerado. Sendo a heteronormatividade baseada em uma hierarquia de gênero, serviu para legitimar a divisão generificada do trabalho. No entanto, ainda que o capitalismo faça uso da heteronormatividade, não significa que ela seja essencial na escala produtiva capitalista. O capitalismo não requer a heteronormatividade ou a simples divisão do trabalho, mas sim uma divisão desigual do trabalho. Se homossexuais, bissexuais ou pessoas com outras sexualidades dissidentes estiverem dispostas a sustentar essa divisão desigual (seja em funções de cuidado, trabalho doméstico ou trabalho remunerado), o capital os aceitará. Ou seja, no que tange às formas, o capitalismo é um sistema elástico, capaz de cooptar (ou ser solo de cultivo) para enunciações de si que parecem pôr em xeque alguns dos elementos tradicionais dos modelos heteronormativos de organização social, como é um caso de certos padrões de virilidade. Porém, descolados de todo o processo histórico e político das estruturas de poder basilares para construções de gênero, tais mudanças operam em uma superfície estética, que contribui para a manutenção de privilégios das masculinidades (sendo esses maiores ou menores, a depender das outras dimensões interseccionais que constituem os indivíduos).

A partir desse pano de fundo teórico, a lógica da comoditização é definida por Goldman, Heath e Smith (1991) como manobras interpretativas por meio das quais são abstraídas pautas de gênero para fora do contexto vivido, de maneira a constituí-las com produtos desejáveis e fetichizáveis. As subjetividades seriam, assim, assumidas como identidades de si contadas e desejadas pelos indivíduos. Isto é, uma identidade é algo que se deseja alcançar no âmbito individual, sempre pautada no desejo como condição de consumo. Dessa forma, é possível desejar ser um bom pai, um homem espiritualizado e socialmente engajado, sem

necessariamente vincular essas práticas a alterações reais nas estruturas de poder heteronormativas. O ser homem que se deseja alcançar já está significado em uma constelação de referências sociais e midiáticas, de maneira que o que resta é se transformar em seu próprio objeto de desejo, na busca por ser foco de admiração dos demais.

Assim, estabelece-se um circuito de desejo e admiração que, no caso das masculinidades reivindicadas como transformadas, se constitui a partir da adoção parcial das discussões de gênero vigentes, em especial das críticas àquilo que tem sido chamado de masculinidades tóxicas, que sugerem que os afetos, valores e comportamentos designados ao masculino são causa de sofrimento e limitação para os próprios homens. Dessa maneira, sendo os homens vítimas do machismo e das construções patriarcais que organizam o social, as violências que esses impetram contra as mulheres são assumidas como meras consequências do que o mundo os fez ser. Não que não haja relação direta entre as conformações de gênero, às quais todos são submetidos desde o nascimento, e as desigualdades entre as diferentes posições ocupadas por mulheres e homens em seus atravessamentos interseccionais. Mas o que não se pode perder de vista passa pelo reconhecimento dos homens como agentes das desigualdades e violências, que, mesmo que tragam preços para eles, têm como principais vítimas as mulheres, pessoas socialmente vistas como feminizadas e também os homens que ocupam lugares de maior vulnerabilidade no contexto social. Ou seja, quando tratamos das chamadas masculinidades alternadas pelas lentes da comoditização, observamos o acionamento de pequenas parcelas das discussões de gênero correntes, em especial aquelas que se dedicam às consequências vivenciadas pelos homens, em função das estruturas patriarcais, e são costuradas aos projetos identitários incorporados pelo discurso midiático, da publicidade e do mercado, de maneira que modos atualizados e admiráveis de ser homem sejam ofertados como objetos de desejo passíveis de aquisição por aqueles que se dedicarem. Ser um novo homem passa, então, pelo acionamento de diversas próteses, mais ou menos materiais, que ora podem ser acopladas materialmente, seja por meio de bens adquiridos ou da produção dos corpos, ora podem ser apropriadas a partir da incorporação de valores, práticas e enunciações identitárias, como é o caso da paternidade.

Desse modo, combina-se um tipo de esvaziamento do discurso de gênero com uma certa aprovação do coletivo sobre tais modelos mais palatáveis, que promovem essas identidades de masculinidades comoditizadas. Conforma-se um tipo de imagem coletiva em uma espécie de publicização de si que se oferece como mais reflexiva, constituída em bases estéticas do masculino, de modo a posicionar tais identidades-mercadoria em relações legitimadas pelo

olhar dos próprios homens e das mulheres. Goldman, Heath e Smith (1991) indicam que tais estratégias de comoditização operariam como coreografias que eliminam as contradições entre as bases de privilégio e poder do masculino com a estética de masculinidades renovadas, em processos de unificação que despolitizam as demandas por equidade. Assim, os significados podem assumir a forma de moedas simbólicas, a partir de tipos de enxertos ideológicos que simplificam as questões de gênero, assim como acontece com a fusão da racionalidade feminista com as ideias de feminino, promovidas pela publicidade, com mais intensidade, desde a década de 1980.

É possível pensar na busca atomizada por transformações da superfície de gênero por parte dos homens como estratégias de bases estéticas de manutenção de poder. Isto é, em um contexto contemporâneo em que as pessoas se mediatizam por meio de suas experiências compartilhadas em múltiplas plataformas, como, por exemplo em redes sociais, *blogs*, canais no *Youtube*, ou mesmo trocas presenciais em grupos terapêuticos, tratamos a comoditização, aqui, não somente como um movimento da estrutura mercadológica para os homens, mas também desses próprios se oferecendo às trocas sociais a partir de uma lógica comoditizada, se produzindo como publicidade de si na condição de lugar de produção e circulação simbólica, econômica e social. Ou seja, se constituem na promoção de atitudes que possam ser adquiridas e usadas por outros homens, com a legitimação do coletivo.

Por meio de tais constatações, se faz possível pensar nas enunciações que reivindicam novas identidades para as masculinidades, menos como engajamentos por parte desses nas lutas feministas por equidade, e mais como modelos de *lifestyle* mediatizados e comoditizados, a ponto de se tornarem mercadorias no sentido literal. Por valores que se aproximam dos R\$ 3 mil, foi possível para um grupo de homens, por exemplo, participar do *Festival Mundo Homem*, realizado de 19 a 23 de junho de 2019, em Alto Paraíso de Goiás, em uma espécie de *resort*, nomeado nas peças publicitárias como santuário, onde aos integrantes estariam disponíveis todas as refeições, acomodação em chalés, acesso às piscinas e cachoeiras da propriedade, bem como experiências mediadas por especialistas, capazes de facilitar os processos de cura de masculinidades feridas e pouco afetivas. E ainda que mulheres reconhecidas nos ciclos do Sagrado Feminino sejam convocadas como “madrinhas” que legitimam o projeto, como é o caso da professora de yoga, Debora Marques, com mais de 10 mil seguidores no *Instagram*, ou da facilitadora de vivências terapêuticas sagradas, Mahê Ferreira, com mais de 33 mil seguidores na mesma rede, a programação do festival não incluiu mulheres como facilitadoras, ou mesmo vivências voltadas para reflexões sobre as relações de poder protagonizadas pelos



homens. Se faz possível pensar que, ao ver inseridas as discussões sobre as masculinidades na conversação e nas disputas de gênero incorporadas por projetos de *lifestyle* masculinos, o que estamos construindo, há mais de um século, como lutas e conquistas do feminismo, é traduzido em uma linguagem mercadológica que opera na manutenção dos lugares de poder.

As críticas e demandas feministas históricas se conectam invariavelmente com as relações políticas e desigualdades sociais e econômicas. Discussões de gênero que não levem em conta a centralidade desses aspectos, ou que se percam nos discursos neoliberais de individualidade, mérito e escolha, não podem reivindicar a bandeira da equidade como sua. Trata-se mais da fetichização da desconstrução, nas quais as novas masculinidades podem ser assumidas, coletivamente, como tendência ou estilo.

Não quer dizer que não existam conquistas e algumas mudanças pragmáticas nas trocas sociais entre pais e filhos daqueles que reivindicam para si o lugar da paternidade ativa, por exemplo, ou mesmo trocas mais afetivas entre os próprios homens e as mulheres, ou mais tempo disponível para as mulheres que vivem com homens que assumam parte das próprias responsabilidades nos cuidados domésticos. Mas nos questionamos em que medida é possível pensar em uma mudança estrutural. Se as pautas feministas e as pautas das reivindicadas como novas masculinidades se encontram apenas na superfície, não podemos atrelá-las como interesses compartilhados. Na lógica das *commodities*, a publicização mercadológica opera a partir da combinação da diferença entre masculinidades/feminismo, em uma espécie de apagamento das fronteiras, de modo a gerar novos significados, reconhecidos e legitimados coletivamente em processos de sofisticação das estruturas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das enunciações de masculinidades pretensamente transformadas, percebemos a reivindicação desses homens por tipos de relações que Preciado (2009) chama de *desidentificações* com o modelo normativo tradicional de masculinidades. As desidentidades, que implicariam nas perdas de protagonismo da noção moderna de identidade, seriam capazes de instaurar novas formas de fazer gênero e de produção dos corpos, considerando aqui, em especial, das formas de ser homem. Ou seja, nessas enunciações de pleitos de processo de desidentificação com os modelos normativos tradicionais, esses homens se enunciam a partir de supostas rupturas com os padrões. Em níveis que superam uma mirada mais superficial, o que percebemos são processos de reidentificações, no sentido de movimentos de reiteração de identidades na concepção moderna, em que observamos que as estruturas de poder e privilégio que sustentam as masculinidades como instituição patriarcal se alteraram muito pouco (se é que se alteraram). Notamos novas formas de identificação com os lugares antigos de poder assegurados por tais performatividades das masculinidades, mas com novas propostas estéticas. Assim como ferramentas eficientes de subversão da matriz patriarcal binária de gênero, as tecnologias e próteses também viabilizam processos de reiteração das propostas de masculinidades renovadas, sofisticando a rede simbólica a partir de um embaralhamento dos signos normativos tradicionais, que assumem a forma de signos normativos renovados, alterando a superfície, mas mantendo os alicerces do mandato de masculinidade.

Dessa maneira, mudam-se as próteses e, conseqüentemente, a constituição estética, de maneira a ampliar o conjunto dos signos das masculinidades, mas não o objeto. Para pensar o gênero como estrutura de poder, um dos maiores desafios que enfrentamos passou por traçar estratégias de acesso a tais vigas e fundações, tendo em vista que o poder não é palpável nem acessível em si mesmo. As dinâmicas de produção e apreensão de sentidos do poder, assim como as redes simbólicas que o conformam, nem sempre estão postas de forma direta. A engrenagem dos gêneros como sistema de poder é complexa, de modo que ultrapassar a superfície estética demanda movimentos de aparente digressão. Logo, para compreender a profundidade das mudanças enunciadas pelos homens, se fez necessário percorrer referências teóricas e tecer reflexões sobre as dinâmicas de produção de sentido que conformam os gêneros, bem como acessar o subsolo das estruturas de poder das masculinidades, configurado pela discussão de Segato (2018) como mandato das masculinidades. Nesse caminho, entender as

relações de gênero como lugares de fricção se mostrou como único acesso possível à dimensão dessas mudanças.

Sem a feminilidade, as masculinidades não fazem sentido, considerando a matriz heteronormativa patriarcal (fora dessa estrutura de referência, se é que existe fora, uma diversidade de desidentidades de gênero existe e constrói seus próprios sentidos). O mandato de masculinidade é sobre poder e não pode ser nutrido sem o pagamento de tributos que advém do feminino. Esse pagamento se dá de maneiras muito diversas, mas invariáveis em sua condição de opressão, tais como o trabalho doméstico e as tarefas de cuidado não pagos, a vulnerabilidade financeira, as pressões sobre maternidade e casamento, o peso dos padrões estéticos e, em casos mais extremos, as situações de brutalidade e violência, como o caso do homem que inseriu remédios abortivos na namorada sem consentimento durante uma relação sexual. Nesse último caso, fica posto o direito assumido por esse homem de extrair da mulher o que deseja, em um processo de violência múltipla, violando seu corpo e seu direito de decidir sobre a própria trajetória. Todos esses elementos, mesmo que aparentemente muito distintos, são estruturas importantes de sustentação do privilégio masculino. Desse modo, entender como as instituições e as construções de gênero pesam sobre as mulheres e limitam suas possibilidades de agência, assim como observar se e como tais enunciações de mudanças masculinas perpassam pela redistribuição de poder e autonomia, é o caminho que abrimos na tentativa de acessar a estrutura, a partir de transformações na condição das mulheres de pagadoras de tributos.

Se o mandado de masculinidade é uma espécie de título que deve ser constantemente exibido e que só pode ser legitimado entre os pares da corporação masculina, sinalizamos também para a existência de algumas tensões estabelecidas entre esses pares, como as competições de virilidade entre membros e os casos de sujeição de outros homens, entendidos como inferiores na hierarquia da corporação, seja pelas condições históricas de opressão, como o racismo e as opressões de classe, seja por aqueles que não são compreendidos como suficientemente viris. Em casos extremos, como o de Mc Kevin, é possível notar que o mandato também implica em preços para esses homens. No contexto do cantor, na tentativa de exibir e provar seu mandato em dimensões inimagináveis, ele ultrapassa os limites impostos pela condição humana e paga o preço da manutenção desse *status* com a própria vida. Porém, ainda que os homens também sofram os pesos desse mandato, são inegáveis as consequências desiguais, sendo as mulheres as mais prejudicadas com tal estrutura.

Chamamos atenção também para a relevância de compreender como essas enunciações de supostas mudanças, que se apresentam na estética das masculinidades, tem o potencial de sofisticar as dinâmicas de poder, aprofundando mais a estrutura de opressão que condiciona as relações de gênero heteronormativas. Isso porque quanto mais palatável são as estéticas masculinas, mais invisíveis são os processos de sujeição. Mas vale lembrar que mesmo que os homens estejam construindo realidades mais afetivas e acolhedoras para si, que estejam aprofundando os vínculos com seus filhos (em comparação à média histórica masculina), se permitindo desfrutar de atividades que historicamente eram consideradas femininas, como fazer arranjos de flores, fazer tricô ou usar saia, tudo isso pode ser significativo na ampliação das suas possibilidades de existência como homens, mas, por si só, não modificam estruturas de poder.

Nos dedicamos também a expandir a concepção de próteses de gênero para além do que materialmente pode ser acoplado ao corpo, considerando construções simbólicas como rede semântica capaz de alterar as formas de enunciação de si desses homens, com potencial de promover efeitos materiais em suas próprias realidades. Esse foi o caso das paternidades ativas, capazes de atribuir prestígio aos homens para além de sua relação com os filhos, a ponto de alguns pais virarem pais profissionais e terem considerável rentabilidade financeira a partir da autoficcionalização de si como cuidador de referência dos filhos. Como no caso de Thiago Queiroz, o *Paizinho, vírgula!*. Quando observamos suas publicações com um pouco mais de atenção, é possível ver fraturas em seu discurso e acessar uma estrutura de cuidados principais formada por mulheres. Mas diferente de Thiago, sua companheira parece não ver excepcionalidade em seu cotidiano como mãe, a ponto de se tornar uma marca. Nesse caso, ressaltamos também a relevância de considerar a comoditização de gênero como um aspecto relevante de nossa sociedade.

Partindo do Sagrado Masculino como um movimento de homens que busca por uma ancestralidade sem lastro na realidade, percebe-se a criação coletiva de um *lifestyle* pautado em estéticas de sensibilidade e empatia, propondo cura para o masculino ferido como solução das desigualdades de gênero. O que se observa, na realidade, é a formação de uma infinidade de gurus, que comercializam experiências que dizem facilitar, que oferecem processos de cura para essas dores vivenciadas pelos homens a partir de despolitização das questões de gênero, tratando o tema por meio de terapias holísticas e recuperação do sagrado feminino que cada homem também teria dentro de si. Nesse caso, fica explícito como se dá o processo de comoditização, que apaga a historicidade política das questões de gênero. Forja-se uma

dimensão da realidade que não tem sustentação fora das projeções espirituais que propõem, fundando apenas *lifestyle* e sentimentos de pertencimento, que pouco (ou nada) contribuem, de fato, para alterações nas estruturas de poder. Pelo contrário. Muitas vezes o que se observa passa pela revitimização das mulheres responsabilizadas, em diferentes graus, pelos sofrimentos desses homens.

Assim, o sagrado masculino, as paternidades ativas, o crochê, o puerpério masculino, dentre uma infinidade de construções contemporâneas enunciadas por esses homens, funcionam como próteses de sentido, organizados em processos de autoficcionalização desses homens como diferentes da norma, em tentativas de construir para si projeções identitárias admiradas e prestigiadas, de maneira que os lugares de referência e seus consequentes privilégios permaneçam como sua propriedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZPIAZU CARBALLO, Jokin. Homo Homini Lupus. ¿Es posible pensar la masculinidad desde la masculinidad? In: \_\_\_\_\_. **Masculinidades y feminismo**. Barcelona: Virus Editorial, 2017. p. 23-74.
- ABRIL, Gonzalo. **Análisis crítico de textos visuales**. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.
- ABRIL, Gonzalo. Tres dimensiones del texto y de la cultura visual. IC – **Revista de Información y Comunicación**. 2012, v.9, pp.15-35.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.
- BORGES, Jorge Luís. **El Aleph**. Buenos Aires: Emecê, 2007.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do sexo**. São Paulo: N-1 edições, 2020.
- BUTLER, Judith. **Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CABEDA, Sonia T. Lisboa. A ilusão do corpo perfeito: o discurso médico na mídia. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues (Orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 149-172, 2004, p. 151.
- CAROL, Anne. A virilidade diante da medicina. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. **História da Virilidade 3**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CHAGAS, I.; GONÇALVES, J.S. **Paizinho, vírgula!: relações de cuidado, paternidade e masculinidades contemporâneas**. In: Seminário Internacional Fazendo o Gênero 12. Florianópolis, 2021.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. Cambridge, UK: Polity Press, 1995.
- CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. **História da Virilidade 3**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CORRÊA, S.; PETCHESKY, R. Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista. In: **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v.6, n.1-2, Rio de Janeiro: 1996.
- COURTINE, Jean-Jacques. Impossível virilidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. **História da Virilidade 3**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.). **Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

DE LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.). **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.121-155.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Lyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIDDENS, Anthony. **A transformação intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Editora da Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 1993.

GOLDMAN, R., HEATH, D., SMITH, S. L. Commodity feminism, Critical Studies. In: BROOKEY, Robert Alan. **Mass Communication**, Routledge, London, 1991.

GUIMARÃES, N.A.; VIEIRA, P.P.F. As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome. In: **Estudos Avançados**, 34 (98): 7-23, 2020.

GONÇALVES, Juliana Soares. **Sou Mais Eu entre duas matrizes de superação: Configurações narrativas de questões de gênero em relatos autobiográficos femininos de superação**. 138 páginas. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

HAICAULT, M. La gestion ordinaire de la vie en deux. Sociologie du Travail, Elsevier Masson, ano 26 –**Travail des femmes et famille**, n.3, p.268-277, 1984.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.). **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.157-230.

HARAWAY, Donna. **Simians, Cyborgs and Women: the reinvention of nature**. Routledge; 1 edition, 1991.

HARAWAY, Donna. **Manifiesto Cyborg: ciencia, tecnologia y feminism socialista a finales del siglo XX**. Ciudad de México: Ediciones Inestables, 2018.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciencia, tecnología e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (org). **Antropologia ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.). **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.95-118.

HAROCHE, Claudine. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. **História da Virilidade 3**. Petrópolis: Vozes, 2013.

HENNESSY, Rosemary. **Profit and Pleasure** - sexual identities in late capitalism. New York: Routledge, 2000.

HOLLWAY, Wendy. Gender difference and the production of subjectivity. In: HENRIQUES, J. *et al.*, **Changing the Subject: Psychology, Social Regulation and Subjectivity**, Londres: Mathuen, 1984, p.200 – 252.

LEAL, B. Del texto en la comunicación: contornos de uma línea de investigación. **Textualidades Mediáticas**. LEAL, B.; ALZAMORA, G.; CARVALHO, C. A (orgs.). Barcelona: Editorial UOC, 2017.

MEYERS, Diana Tiejens. The rush to Motherhood: Pronatalist Discourse and Women's Autonomy. Boston, Signs: **Journal of Women in Culture and Society**, 2001.

MIZRAHI, Mylene. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca *in* **Cadernos Pagu** (52), 2018: e185215.

PERLIN, Giovana Dal Bianco. **Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal**. 2006. 284 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia) -Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PRECIADO, Paul. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. RIBEIRO, Maria Paula Gurgel (Trad.). São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul. **Un apartamento en Urano: crónicas del cruce**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2019.

PRECIADO, Paul B. **Transfeminismo y micropolíticas del género en la era farmacopornográfica**”, maio2009 [<http://arte-nuevo.blogspot.com/2009/05/transfeminismo-y-micropoliticas-del.html>-acesso em 01 de outubro 2021].

RESENDE, Adriana Agostini de. **Do invisível ao visível: em busca de imagens da lesbianidade**. 218 páginas. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

RUCOVSKY, Martín Adrian de Mauro. **Cuerpos en escena** - Materialidad y cuerpo sexuado en Judith Butler y Paul B. Preciado. 216 f. Barcelona/Madrid: Editorial Egales, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo das violências de gênero. In: **Dossiê Feminismo em Questão, Questões do Feminismo**. Campinas: Cadernos Pagu (16), 2001.

SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras el mentales de la violencia**: ensaios sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. Buenos Aires: PrometeoLibros, 2010.



SEGATO, RITA LAURA. **Contra-pedagogías de lacrueldad**. Buenos Aires: PrometeoLibros, 2018.

SOARES, Vera. Mulher, Autonomia e Trabalho. In: **BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. Autonomia econômica e empoderamento da mulher: textos acadêmicos**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

SOUZA, Érica Renata de. Corpos transmasculinos, hormônios e técnicas: reflexões sobre materialidades possíveis. In: **Dossiê Tecnopolíticas de Gênero**, Campinas, Cadernos Pagu (59), 2020.

TEMACH AJ, FEKADU GA, ACHAMYELEH AA. **Educational status as determinant of men's knowledge about vasectomy in Dangila town administration**, Amhara region, Northwest. *Reproductive Health*, 2017.

TRONTO, Joan. Assistência democrática e democracias assistenciais. In: **Sociedade e Estado**, Brasília, v.22, n.2, p.285-308, maio/ago, 2007.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**, In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 09, n.02, 2001. p.460- 482.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

## ANEXOS

## Anexo 1 – Tabela interseccionalidade

## Interseccionalidade

HOMEM/PÁGINA/PROGRAMA	MÍDIA	LINK	DESCRIÇÃO
<b>EDUARDO COSTA</b>	Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=tsHctHWiimQ">https://www.youtube.com/watch?v=tsHctHWiimQ</a>	Cantor sertanejo que ostenta bens como casas, lanchas, carros
<b>DJONGA</b>	Disco/ entrevistas/ Instagram	<i>djongador</i>	rapper mineiro canta sobre a realidade dos homens negros e periféricos
<b>BACO EXU DO BLUES</b>	Disco/ entrevistas/ Instagram	<i>exudoblues</i>	rapper baiano canta principalmente sobre sua experiência como homem negro de classe média
<b>NEGO DO BOREL</b>	Youtube/ noticias	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=kTto9jicwY">https://www.youtube.com/watch?v=kTto9jicwY</a>	Rodrigo Faro visita a mansão ostentação de Nego do Borel
<b>MC GUIMÊ</b>	Entrevista Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=nycPjZjLr_E">https://www.youtube.com/watch?v=nycPjZjLr_E</a>	Cantor de funk ostentação, exibia seus bens financeiros com frequência quando começou a carreira e não fala muito sobre o assunto desde solidificou a carreira
<b>MC GUI</b>	Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=7zqZMuurH0o">https://www.youtube.com/watch?v=7zqZMuurH0o</a>	conhecido no cenário do funk desde criança, se enuncia como um dos primeiros nomes do funk ostentação
<b>MC MARCELLY</b>	Clipe	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=4OwNRiKYcBQ">https://www.youtube.com/watch?v=4OwNRiKYcBQ</a>	No clipe da música Bigode Grosso, a funkeira constrói ideais de poder a partir de referências do masculino
<b>MC NEGO BLUE</b>	Músicas/ entrevista	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ITdEC_jK_Cw">https://www.youtube.com/watch?v=ITdEC_jK_Cw</a>	Uma das primeiras referências do funk ostentação de SP
<b>MC KEVIN O CRIS</b>	Música/clipe Dentro do carro	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=C5yYXcASI_s">https://www.youtube.com/watch?v=C5yYXcASI_s</a>	Homem gordo, negro e periférico, constrói a ideia de poder no clipe exibindo carros importados e muitas mulheres
<b>MC LIVINHO</b>	Entrevista The Noite	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=EnSfn5JjKfM">https://www.youtube.com/watch?v=EnSfn5JjKfM</a>	Funkeiro se lançou no funk ostentação paulista, passou pelo funk pesado e consciente. Hoje mistura os três tipos.
<b>MC L DA VINTE</b>	Entrevista Balanço Geral	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=t-uuZi8cyPY">https://www.youtube.com/watch?v=t-uuZi8cyPY</a>	Mc mineiro, morador da periferia de Belo Horizonte, é autor de um dos funks mais famosos do Brasil, Parado no Bailão.
<b>DELANO</b>	Entrevista O Tempo	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=BEQlIfBhJ-w">https://www.youtube.com/watch?v=BEQlIfBhJ-w</a>	Cantor de funk mineiro e negro, é um dos principais nomes do cenário estadual
<b>MR. CATRA</b>	Documentário	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=zG3oERMnIXo">https://www.youtube.com/watch?v=zG3oERMnIXo</a>	Documentarista acompanha a vida do cantor por 90 dias: relação com duas das esposas, alguns dos 32 filhos e relação com dinheiro e outras mulheres
<b>VIOLENTO</b>	Peça de teatro	-	Peça de Preto Amparo sobre as violências que conformam a vida do homem negro
<b>LAZARO RAMOS</b>	Entrevista Canal Brasil	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=V1unMhOaqVU">https://www.youtube.com/watch?v=V1unMhOaqVU</a>	Lazaro Ramos concede entrevista à Gilberto Gil, na qual tratam de temas como racismo, referências baianas e espiritualidade

<b>GILBERTO GIL</b>	Programa Canal Brasil	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=5BHDlg7wsSQ">https://www.youtube.com/watch?v=5BHDlg7wsSQ</a>	Gilberto Gil fala de sua história em bate papo com Caetano Veloso
<b>SER BRANCO É PRIVILEGIADO?</b>	Youtube - Canal do Negão	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Fxkt_a33mOU">https://www.youtube.com/watch?v=Fxkt_a33mOU</a>	Diz que o branco não é o verdadeiro privilegiado, mas sim quem tem a família do lado.
<b>CANAL DO JAMAL</b>	Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=MnF_aDva7Lg">https://www.youtube.com/watch?v=MnF_aDva7Lg</a>	Criança filha de catador de recicláveis registra seu cotidiano com (e sem) o pai.
<b>LIVIA ZARUTY</b>	Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=zUK3RxSBbRw">https://www.youtube.com/watch?v=zUK3RxSBbRw</a>	Influenciadora questiona Negão sobre os não privilégios brancos
<b>COLETIVO SISTEMA NEGRO</b>	Facebook	<a href="https://www.facebook.com/sistemanegradesom011/?ref=br_rs">https://www.facebook.com/sistemanegradesom011/?ref=br_rs</a>	Grupo de combate ao racismo que trata também das masculinidades negras
<b>EMICIDA</b>	Entrevista Espelho	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Xyl4vJkdX-A">https://www.youtube.com/watch?v=Xyl4vJkdX-A</a>	Emicida, um dos principais nomes do rap do Brasil, concede entrevista para Lázaro Ramos sobre racismo
<b>O QUE AS PESSOAS ESPERAM DE UM HOMEM NEGRO</b>	Youtube - Papo de Homem	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ytjDICNjtcM">https://www.youtube.com/watch?v=ytjDICNjtcM</a>	Homem relata sua experiência em relação aos estereótipos recorrentes sobre os homens negros
<b>O MÉDICO NEGRO NO BRASIL E OS TRÊS ESTEREÓTIPOS DO NEGÃO GOSTOSO</b>	Youtube - Canal Livia Zaruty	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ytjDICNjtcM">https://www.youtube.com/watch?v=ytjDICNjtcM</a>	Apesar de problematizar a questão do estereótipo no título do vídeo, Livia Zaruty, militante negra, parece reforçar quando exibe as fotos do médico de sunga e passa mais tempo falando de sua beleza que de sua vida profissional
<b>MASCULINIDADE E AFETIVIDADE DO HOMEM NEGRO</b>	YouTube Canal Preto	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=YVyTdBnu3wk">https://www.youtube.com/watch?v=YVyTdBnu3wk</a>	Roger Cipó relata a batalha vivenciada pelos homens pretos de reivindicar o direito ao sensível e a as consequências de uma sociedade que os relega à criminalidade.
<b>MASCULINIDADES NEGRAS: COMO PENSAR O NOVO HOMEM</b>	Youtube - Canal Justificando	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ZUISsABXurl">https://www.youtube.com/watch?v=ZUISsABXurl</a>	Tulio Custódio explica as diferentes posições e construções de ser homem a partir da perspectiva negra e em relação com as demandas do movimento feminista
<b>ROGER CIPÓ</b>	Instagram	<a href="https://www.instagram.com/rogercipó">rogercipó</a>	Fotógrafo negro, trata de masculinidades negras e afetividades em sua página
<b>O PROFESSOR QUE AJUDA A DESCONSTRUIR MASCULINIDADES</b>	Canal Youtube - ONU Brasil	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=9ov4LVn6XTM">https://www.youtube.com/watch?v=9ov4LVn6XTM</a>	Fala de masculinidades tóxicas e dos homens como protagonista das violências - sejam trans, cis, gays, hétero, etc.
<b>A ROUPA DE QUE VOCÊ VESTE - UM PAPO SOBRE MASCULINIDADE NEGRA E ASIÁTICA</b>	Youtube - Leo Hwan	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=5vc3NI8a5I">https://www.youtube.com/watch?v=5vc3NI8a5I</a>	Homem asiático e homem negro conversam sobre os estereótipos que enfrentam a partir de um referencial de branquitude
<b>ERA MAIS DIFERENTE SER NORDESTINO QUE ASIÁTICO</b>	Youtube Leo Hwan	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Km4mKjg8Ndc">https://www.youtube.com/watch?v=Km4mKjg8Ndc</a>	Homem asiático e cearense vive em São Paulo e diz enfrentar mais desafios por ser nordestino do que ser asiático
<b>CEARENSE É CHAMA DE "NORDESTINO FRACASSADO" AO TENTAR COMPRAR IPHONE EM LOJA DE SÃO PAULO</b>	Site Tribuna do Ceará	<a href="https://tribunadoceara.com.br/noticias/cotidiano-2/cearense-e-alvo-de-precancelo-ao-tentar-comprar-celular-de-comerciante-paulista-pela-internet/">https://tribunadoceara.com.br/noticias/cotidiano-2/cearense-e-alvo-de-precancelo-ao-tentar-comprar-celular-de-comerciante-paulista-pela-internet/</a>	Homem é vítima de violência verbal por paulista quanto o último reconhece seu sotaque cearense.

## Anexo 2 – Tabela Espiritualidade

# ESPIRITUALIDADE

HOMEM/PÁGINA/PROGRAMA	MÍDIA	LINK	DESCRIÇÃO
<b>SAGRADO MASCULINO</b>	INSTAGRAM	<a href="#">@sagrado_masculino</a>	Busca essência sagrada do masculino
<b>AGNI - DIÁLOGO MASCULINO</b>	INSTAGRAM	<a href="#">@agni.dialogo_masculino</a>	terapeuta holístico - grupo de cura das masculinidades
<b>SURIAN DOS SANTOS</b>	INSTAGRAM	<a href="#">@surian.dos.santos</a>	Facilitador de grupos/círculos de homens
<b>ERIK ALVARENGA SHIGARU</b>	INSTAGRAM	<a href="#">@shigaru.mbe</a>	Terapeuta e coach - sagrado masculino
<b>HOMENS COM H DE BH</b>	INSTAGRAM/ ENCONTROS	<a href="#">@hch.bh</a>	Grupo terapêutico para homens de BH que trabalha a partir de referências comuns com o sagrado masculino
<b>FESTIVAL MUNDO HOMEM</b>	EVENTO	<a href="#">@festivalmundohomem</a>	Vivências sobre o universo masculino a partir de experiências facilitadas por referências diversas espirituais e terapêuticas
<b>FABIO MANZOLI</b>	INSTAGRAM/ EBOOK	<a href="#">@sagrado.masculino</a>	Guru de masculinidade sadia
<b>PATRIARCADO, PAPEIS SOCIAIS, ORIENTAÇÕES DE SEXO E GÊNERO: O SAGRADO MASCULINO ESTÁ ACIMA DAS DENOMINAÇÕES E A SEU FAVOR</b>	BLOG/SITE REVISTA MANDALA	<a href="#">revistamandala.com.br</a>	Artigo sobre patriarcado e o sagrado masculino
<b>AHANTI</b>	SITE	<a href="#">ahanti.com</a>	Facilitador de grupos de homens no retiro Tao Tien
<b>DANZA MEDICINA</b>	BLOG	<a href="#">danzamedicina.net/blog/sagradomasculino</a>	Artigo sobre o que é o sagrado masculino
<b>TATY ALENCAR</b>	CANAL YOUTUBE	<a href="#">Taty Alencar</a>	Defende o sagrado feminino que combate a "vingança" contra o homem
<b>SOUL DO BEM</b>	CANAL YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=r7TL3vO6E6M">https://www.youtube.com/watch?v=r7TL3vO6E6M</a>	Explica a essência do guerreiro e da deusa
<b>O MACHO DA RELAÇÃO</b>	INSTAGRAM	<a href="#">@omachodarelação</a>	Se descreve como um perfil que discute masculinidade saudável e desconstrução do machismo
<b>JORGE MAHAPRABHU</b>	INSTAGRAM	<a href="#">@jorge.maraprabhu</a>	Terapeuta tântrico, fala da sexualidade masculina
<b>MIKAEL MASCULINO DA ALMA</b>	GRUPO PRESENCIAL/ INSTAGRAM	<a href="#">@masculinodaalma</a>	Rede colaborativa de homens que procuram reencontrar a essência dos masculinos em suas almas

<b>GUIA DA ALMA</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=EzKsqmC2d3w">https://www.youtube.com/watch?v=EzKsqmC2d3w</a>	Reunião de homens para falar sobre o que é o sagrado masculino
<b>UM HOMEM FLORISTA</b>	INSTAGRAM	@umhomemflorista	Florista fala sobre espiritualidade, afetos entre homens e usa as flores como símbolo e instrumento
<b>GUSTAVO TANAKA</b>	INSTAGRAM/ REVISTA VIDA SIMPLES	gutanaka	Fundador do Brotherhood e colunista da Vida Simples, fala de escrita intuitiva e espiritualidade para homens
<b>BROTHERHOOD BRASIL</b>	INSTAGRAM/ CÍRCULO DE HOMENS	@brotherhoodbrasil	Grupo que se propõe a contribuir para a construção de novas visões sobre masculinidades
<b>GERAÇÃO BROTHERHOOD</b>	CÍRCULO DE HOMENS PARA ADOLESCENTES	Vinculado à brotherhoodbrasil	Encontros de homens destinados à adolescentes de 13 à 18 anos, para que possam crescer com outras referências de masculinidades
<b>GUERREIROS DO CORAÇÃO</b>	CÍRCULO DE HOMENS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=9-qlagw-meE">https://www.youtube.com/watch?v=9-qlagw-meE</a>	Grupo propõe que homens possam sair da formatação de masculino e fazer a própria jornada, seguindo seu coração
<b>O HOMEM E SUAS AMARRAS</b>	DOCUMENTÁRIO	Não se aplica	Terapeutas abordam o tema do machismo
<b>OLINDO STEVES</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=25CHea2cvs0">https://www.youtube.com/watch?v=25CHea2cvs0</a>	Fala de masculinidades feridas e da remontagem do que constitui os homens no círculo
<b>CAFÉ COM BRUXARIA</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Tv2ghcPaZQs">https://www.youtube.com/watch?v=Tv2ghcPaZQs</a>	Dona do canal convida homens gays para conversar sobre o sagrado masculino
<b>HOMEM INTEIRO</b>	INSTAGRAM	<a href="https://www.instagram.com/homeminteiro/">https://www.instagram.com/homeminteiro/</a>	Coach de autoconhecimento para homens
<b>CÍRCULO DE FOGO SAGRADO</b>	FACEBOOK	<a href="https://www.facebook.com/fogosagradoholyfire/">https://www.facebook.com/fogosagradoholyfire/</a>	Círculo de sagrado masculino realizado com fogueira
<b>MASCULINITIES</b>	FACEBOOK	<a href="https://www.facebook.com/masculinitiesECC/?ref=py_c">https://www.facebook.com/masculinitiesECC/?ref=py_c</a>	Grupo terapêutico para homens voltado para o sagrado masculino e a cura das emoções
<b>CLÃ LOBOS DO CERRADO</b>	SITE	<a href="http://www.xamanismo.com/">http://www.xamanismo.com/</a>	Grupo xamânico voltado para o sagrado masculino
<b>EU SEM FRONTEIRAS</b>	BLOG	<a href="https://www.eusemfronteiras.com.br/o-sagrado-masculino/">https://www.eusemfronteiras.com.br/o-sagrado-masculino/</a>	Blog reúne textos sobre o sagrado masculino e os poderes curativos dessas práticas
<b>ITELLIMEN</b>	PROGRAMA IURD	<a href="https://sites.universal.org/intellimen/">https://sites.universal.org/intellimen/</a>	Programa da IURD para homens com prescrições sobre saúde, sucesso financeiro, vida religiosa, etc.

### Anexo 3 – Tabela Paternidade

## PATERNIDADE

HOMEM/PÁGINA/ PROGRAMA	MÍDIA	LINK	DESCRIÇÃO
<b>PAPO DE SEGUNDA</b>	TV - GNT	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=5olzCzvTnV4">www.youtube.com/watch?v=5olzCzvTnV4</a>	Paternidade: homens sofrem pressão?
<b>MARCOS PIANGERS</b>	TV INSTAGRAM	@piangers	Blogueiro e autor sobre paternidade - autoajuda
<b>PAPO DE HOMEM</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=xF5_vp2zRKg">https://www.youtube.com/watch?v=xF5_vp2zRKg</a>	Depoimento - não existe cartilha para ser pai
		<a href="https://www.youtube.com/watch?v=TXE8JQ6kumI">https://www.youtube.com/watch?v=TXE8JQ6kumI</a>	Os 4 níveis da paternidade ativa
<b>PAI TODO DIA</b>	YOUTUBE	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=yrFQR4F0S7o">www.youtube.com/watch?v=yrFQR4F0S7o</a>	Dicas para pais - atuais e futuros
		<a href="http://www.youtube.com/watch?v=fr6vYuMYSRw">www.youtube.com/watch?v=fr6vYuMYSRw</a>	Paternidade sem glamour - erros e fraquezas dos pais
<b>FLAVIA RUBIM</b>	YOUTUBE	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=yicXczu2Na8">www.youtube.com/watch?v=yicXczu2Na8</a>	Paternidade: homens que dizem sim - perspectiva de uma mãe
<b>MEU BEBÊ</b>	YOUTUBE	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=Wjc8a2wL4ag">www.youtube.com/watch?v=Wjc8a2wL4ag</a>	Paternidade com Thiago Queiroz ( paizinho virgula)
<b>TRICÔ DE PAIS</b>	PODCAST	<a href="https://paizinhovirgula.com/trico-talks-025-meu-filho-me-deu-um-tapa-na-cara/">https://paizinhovirgula.com/trico-talks-025-meu-filho-me-deu-um-tapa-na-cara/</a>	Como lidar com frustração e agressão ods filhos
<b>S.E.R. PAI</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=vaaMXZI-C5w">https://www.youtube.com/watch?v=vaaMXZI-C5w</a>	Depressão pós-parto do homem
<b>CAMPANHA PATERNIDADE RESPONSÁVEL</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ltMNfjwLsqY">https://www.youtube.com/watch?v=ltMNfjwLsqY</a>	Ministério Público da Bahia
<b>BRUNO GAGLIASSO</b>	YOUTUBE	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=q50gNpWzwo8">www.youtube.com/watch?v=q50gNpWzwo8</a>	Entrevista para o canal Gioh sobre paternidade
<b>MARCOS MION</b>	YOUTUBE LIVROS RÁDIO	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=Y9Fgywuls2s">www.youtube.com/watch?v=Y9Fgywuls2s</a>	Apresentador, pai de três crianças, autor de dois livros sobre o assunto
<b>PAULO CUPERTINO MATIAS</b>	TV/YOUTUBE	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=nbouxJGjPjk">www.youtube.com/watch?v=nbouxJGjPjk</a>	Pai de Isabela Tibcherani, matou o namorado e os sogros da filha por ciúme da filha
<b>MANUAL DO PAI DE PRIMEIRA VIAGEM</b>	SITE S.E.R. PAI	@canalserpai.com.br	Curso para pais de primeira viagem ou que desejam "se reciclar"
<b>HOMEM PATERNO</b>	INSTAGRAM	@homempaterno	Página no instagram e curso gestacional para pais
<b>PAIZINHO VIRGULA</b>	INSTAGRAM	@paizinhovirgulaoficial	Thiago Queiroz relata a rotina com os três filhos e milita pela criação com apego

<b>PAI MALA</b>	INSTAGRAM	<a href="#">@pai_mala</a>	Beto Bigatti, pai deficiente, milita por inclusão e paternidade
<b>HEL MOTHER</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=fakiicO8ME8">https://www.youtube.com/watch?v=fakiicO8ME8</a>	Canal sobre os desafios e frustrações da maternidade real
<b>ODEIO A MATERNIDADE, AMO MEU FILHO</b>	DOCUMENTÁRIO	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=KtjN3DHFxvs">https://www.youtube.com/watch?v=KtjN3DHFxvs</a>	Documentário sobre as consequências da maternidade compulsória
<b>TURN DO DIA</b>	BLOG	<a href="http://www.turnododia.com.br/">http://www.turnododia.com.br/</a>	Pai escreve sobre seu turno de trabalho dedicado aos cuidados com o filho
<b>INSTITUTO PAPAÍ</b>	ONG	<a href="http://www.papai.org.br">http://www.papai.org.br</a>	ONG de Recife se dedica a projetos sobre masculinidade e paternidade
<b>BRYANNA NASCK</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=OUc10mviOt8">https://www.youtube.com/watch?v=OUc10mviOt8</a>	Mulher trans relata a tentativa de exorcismo que sofreu pelas mãos do pai
<b>LATINO</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=bi-Y5Eun6_4">https://www.youtube.com/watch?v=bi-Y5Eun6_4</a>	Pai de 8 filhos com 8 mulheres
<b>WESLEY SAFADÃO</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=VjW8f6-h4Lw">https://www.youtube.com/watch?v=VjW8f6-h4Lw</a>	*Com um dos cachês mais caros do Brasil, cantor briga com mãe do filho na justiça por redução de pensão
<b>MILEIDE MIHAILE</b>	YOUTUBE/ INSTAGRAM	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=w3CxFHoOirs">www.youtube.com/watch?v=w3CxFHoOirs</a>	Mãe do primeiro filho de Wesley Safadão, briga na justiça por pensão
<b>QUAL É O CAMINHO</b>	YOUTUBE - GLOBOSAT	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=CM13_UsqCYQ">https://www.youtube.com/watch?v=CM13_UsqCYQ</a>	Série da Globosat sobre masculinidades contemporâneas - episódio paternidade
<b>O SILÊNCIO DOS HOMENS</b>	YOUTUBE	<a href="https://youtu.be/NRom49UVXCE">https://youtu.be/NRom49UVXCE</a>	Documentário sobre masculinidades com destaques sobre paternidade
<b>GRÃO DE GENTE</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=5g6aB_rNuZ8">https://www.youtube.com/watch?v=5g6aB_rNuZ8</a>	canal de uma marca de enxoval para bebês
<b>PAPO DE PAI</b>	SITE		Site para pais que não são coadjuvantes na criação de seus filhos
<b>CUCA DE PAI, CACHOLA DE MÃE</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=JVjR-ofScu4&amp;pbjreload=10">https://www.youtube.com/watch?v=JVjR-ofScu4&amp;pbjreload=10</a>	Rotina do casal com seus dois filhos
<b>ENTRE O CÉU E A TERRA - PATERNIDADE</b>	CANAL BRASIL	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=WJVESzlbTbo">https://www.youtube.com/watch?v=WJVESzlbTbo</a>	Documentário mostra a importância e as funções da paternidade ativa
<b>PAI TODO DIA</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=yrFQR4FOS7o&amp;t=568s">https://www.youtube.com/watch?v=yrFQR4FOS7o&amp;t=568s</a>	Dicas para novos pais de cuidados e relação com a mãe
<b>4_DADDY</b>	INSTAGRAM	<a href="#">4_daddy</a>	Formação parental, igualdade de gênero, educação afetiva
<b>RECEITAS DE PAI</b>	INSTAGRAM	<a href="#">receitasdepai</a>	Página de receitas de homem que fala mais de comida que de paternidade
<b>SEXO NA GRAVIDEZ FEAT EMME WHITE</b>	ENTREVISTA YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=2q7OvTTglyw">https://www.youtube.com/watch?v=2q7OvTTglyw</a>	Atriz pornô grávida fala sobre vida sexual e profissional como atriz e camgirl na gravidez
<b>CARLINHOS SILVA</b>	ENTREVISTA YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=be8xiBhws_c">https://www.youtube.com/watch?v=be8xiBhws_c</a>	Humorista não paga pensão do filho há sete anos, está foragido da polícia e faz campanha contra os direitos das mães nas redes sociais

## Anexo 4 – Tabela Corporeidades

## Corporeidades

HOMEM/PÁGINA/PROGRAMA	MÍDIA	LINK	DESCRIÇÃO
<b>MACHOLÂNDIA</b>	Instagram	<i>macholandia.oficial</i>	Produtos de beleza para homens
<b>BARBEARIA SEU ELIAS</b>	Rede de barbearias gourmet	<i>barbeariasseuelias</i>	Barbearia famosa em BH, atende celebridades como Neymar.
<b>MEN'S HEALTH</b>	Revista	<i>Acervo</i>	Auto intitulada tempo do novo homem, parte da corporeidade para construir a suposta recreação da masculinidade.
<b>MAQUIAGEM DE HOMENS</b>	Canal Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=KKNXUDDJcBg">https://www.youtube.com/watch?v=KKNXUDDJcBg</a>	Canal de dicas de beleza masculina
<b>MANUAL DO HOMOM MODERNO</b>	Canal Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=uQKi7fUxLBA">https://www.youtube.com/watch?v=uQKi7fUxLBA</a>	Descubra seu estilo - video de dicas de estilo
<b>ALEXANDRE TALEB</b>	Instagram	<i>alexandretaleb</i>	Principal referência clássica de moda masculina
<b>MACHO MODA</b>	Canal Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=qEBZbXv_gAM">https://www.youtube.com/watch?v=qEBZbXv_gAM</a>	Canal de moda masculina para jovens
<b>LUIZ HENRIQUE FONTES</b>	Instagram	<i>luizfontes</i>	Influencer de autoestima
<b>OS CORPOS MASCULINOS E SUAS DIFERENÇAS - 502</b>	Série Canal Brasil	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=rCaAHeZkDzM">https://www.youtube.com/watch?v=rCaAHeZkDzM</a>	Episódio traz diferentes homens e relatos de dificuldades em lidar com o corpo nu
<b>THAMMY MIRANDA</b>	Superpop	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Hr9TQPwhyEw&amp;t=8s">https://www.youtube.com/watch?v=Hr9TQPwhyEw&amp;t=8s</a>	Homem trans, Thammy encarna a virilidade em diversos aspectos. A discussão da entrevista é sobre um suposto implante peniano que teria feito.
<b>CONHEÇA OS PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS MAIS PROCURADOS PELOS HOMENS</b>	Hoje em Dia - Matéria	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=V9BNTkQDqE">https://www.youtube.com/watch?v=V9BNTkQDqE</a>	Homens falam dos procedimentos estéticos que procuram fazer
<b>DICAS DE HIGIENE PARA HOMENS</b>	Site Papo de Homem	<a href="https://papodehomem.com.br/faca-um-check-up-de-cuidados-pessoais/">https://papodehomem.com.br/faca-um-check-up-de-cuidados-pessoais/</a>	Matéria lista os hábitos de higiene que os homens deveriam ter no cotidiano, incluído coisas básicas como escovar os dentes.
<b>LEO STRONDA E RAFA BRANDÃO FALAM DE ROTINA DE TREINOS</b>	Programa do Porchat	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=hfahLo3jdiY">https://www.youtube.com/watch?v=hfahLo3jdiY</a>	Quatro homens que competem fisiculturismo relatam cotidiano de treinos
<b>ENTREVISTA COM KEN HUMANO</b>	The Noite	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=IzjSJEqr9sc">https://www.youtube.com/watch?v=IzjSJEqr9sc</a>	Rodrigo Alves relata que não se reconhecia no seu corpo e é conhecido mundialmente pelas cirurgias plásticas que fez
<b>METROSSEXUAL - O ESTILO QUE REVOLUCIONOU A VAIDADE MASCULINA</b>	Canal Youtube - Super Top	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=RcllqWi7-dl">https://www.youtube.com/watch?v=RcllqWi7-dl</a>	A reportagem fala sobre os homens metrossexuais, que gastam tempo e dinheiro cuidando da aparência.
<b>LUMBERSSEXUAL, METROSSEXUAL, MODINHA E DINHEIRO</b>	Canal Youtube - BARBARizando	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=XHtmEzaolc">https://www.youtube.com/watch?v=XHtmEzaolc</a>	Homem barbado, que usa camisa xadrez com recorrência, critica a moda lumberssexual.



<b>ESTILO LENHADOR: COMO USAR CAMISA XADREZ</b>	Canal Youtube - Moda Masculina	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=qoU_EXu8IK4">https://www.youtube.com/watch?v=qoU_EXu8IK4</a>	Canal dá dicas de moda para os homens que se identificam com a estética lumbertssexual
<b>ENTENDA OS HÁBITOS DO HOMEM METROSSEXUAL</b>	Super Pop	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=rKrYeyvjQ2g">https://www.youtube.com/watch?v=rKrYeyvjQ2g</a>	Matéria aborda os hábitos dos homens metrossexuais: tratamentos estéticos, moda e outras práticas associadas à vaidade
<b>CONHEÇA OS HOMENS PREOCUPADOS EM EXIBIR O CORPO DEFINIDO NAS REDES SOCIAIS</b>	Hoje em Dia	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=k37tkSGmx8I">https://www.youtube.com/watch?v=k37tkSGmx8I</a>	Spornossexuais: a vaidade não está no que se veste, mas no corpo perfeito.
<b>LEO SANTANA</b>	Instagram	<a href="https://www.instagram.com/leosantana">leosantana</a>	Cantor baiano é conhecido pelo corpo definido. Em seus shows tem a camisa rasgada pelas dançarinas, posta fotos exibindo o corpo com frequência.
<b>CARRO IMPORTADO OU SHAPE? O QUE AS MULHERES PREFEREM?</b>	Canal Youtube - Victor Lelis	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=f9k3ABqYOGY">https://www.youtube.com/watch?v=f9k3ABqYOGY</a>	Canal faz experimento no Tinder para saber se fotos com um carro importante conquistam mais likes que do que fotos de um corpo definido das mulheres.
<b>ERASMO VIANA</b>	Instagram	<a href="https://www.instagram.com/erasmo">erasmo</a>	Marido da blogueira fitness Gabriela Pugliese, tem mais de 1 milhão de seguidores e posta sobre alimentação, dieta, treinos e o que chama de lifestyle.
<b>MATEUS VERDELHO</b>	Instagram	<a href="https://www.instagram.com/mateusverdelhomv">mateusverdelhomv</a>	Modelo e influenciador digital, é conhecido por fazer modificações no corpo para se diferenciar dos padrões como tatuagens, dentes de ouro, etc.
<b>MENSMARKET</b>	Blog	<a href="https://blog.mensmarket.com.br/lifestyle/campanha-pede-por-mais-corpos-masculinos-reais-na-publicidade/">https://blog.mensmarket.com.br/lifestyle/campanha-pede-por-mais-corpos-masculinos-reais-na-publicidade/</a>	Blog aborda campanha por mais corpos masculinos reais na publicidade
<b>ALÉCIO CARDOSO</b>	Instagram	<a href="https://www.instagram.com/alecio_">alecio_</a>	Se descreve em seu perfil como GORDO - body positive. Posta fotos de sunga, sem camisa e de combate à gordofobia.
<b>COMO SERIAM OS ANÚNCIOS DE CUECA COM HOMENS REAIS?</b>	Huffpost	<a href="https://www.huffpostbrasil.com/2014/07/01/como-seriam-anuncios-de-cueca-com-homens-reais_a_21664891/">https://www.huffpostbrasil.com/2014/07/01/como-seriam-anuncios-de-cueca-com-homens-reais_a_21664891/</a>	Seguindo a tendência de marcas femininas, o jornal inglês The Sun reproduz fotos de campanhas publicitárias de cuecas com homens reais.
<b>12 COISAS QUE SÓ ACONTECEM COM O GORDO</b>	Site Manual do Homem Moderno	<a href="https://manualdohomemmoderno.com.br/comportamento/12-coisas-que-saocntecem-com-o-gordo">https://manualdohomemmoderno.com.br/comportamento/12-coisas-que-saocntecem-com-o-gordo</a>	Site faz lista duvidosa sobre as dificuldades enfrentadas pelos homens gordos, ao mesmo tempo que faz afirmações complicadas como a de que os gordos demoram mais para ter orgasmo porque têm menos testosterona.
<b>BIG MEN</b>	Instagram	<a href="https://www.instagram.com/bigmenbrasil">bigmenbrasil</a>	Marca de moda masculina plus size, promove ensaios com homens gordos
<b>GUILHERME CURY</b>	Instagram	<a href="https://www.instagram.com/guicury">guicury</a>	Um dos principais influenciadores de moda masculina, promove um estilo de vida viajante e de cuidados com o corpo e alimentação
<b>RICARDO BARBATO</b>	Instagram	<a href="https://www.instagram.com/ricardo.barbato">ricardo.barbato</a>	Paraticante e professor de yoga, promove o corpo com lifestyle. Viaja o mundo para praticar yoga, mostra sua alimentação e estilo de se vestir.

## Anexo 5 – Tabela Afetos

## Afetos

HOMEM/PÁGINA/PROGRAMA	MÍDIA	LINK	DESCRIÇÃO
<b>FRED ELBONI</b>	Livros/ Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=2mS2USbvd4">https://www.youtube.com/watch?v=2mS2USbvd4</a>	Autor de livros e de um canal em que se coloca como referencia emocional de homens
<b>MANUAL DO HOMEM MODERNO</b>	Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=tD4NlpJVdOI">https://www.youtube.com/watch?v=tD4NlpJVdOI</a>	Video sobre machos carentes
<b>RODRIGO HILBERT</b>	GNT	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=e_4lexYpPZ0">https://www.youtube.com/watch?v=e_4lexYpPZ0</a>	Chamado de Homão da Porra, é tido como exemplo de pai e marido
<b>WINDHERSSON NUNES</b>	Entrevista Fantástico	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=q2soDuOsNC4">https://www.youtube.com/watch?v=q2soDuOsNC4</a>	Humorista fala sobre depressão
<b>THE MASK YOU LIVE IN</b>	Documentário	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=q2soDuOsNC4">https://www.youtube.com/watch?v=q2soDuOsNC4</a>	Documentário de referência sobre os afetos masculinos
<b>TODO DIA DESCULPA POR SER HOMEM</b>	Podcast	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=q2soDuOsNC4">https://www.youtube.com/watch?v=q2soDuOsNC4</a>	Discurso masculinista sobre os feitos dos homens
<b>CRIOLO</b>	Cantor	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=eP86LuPwUYk">https://www.youtube.com/watch?v=eP86LuPwUYk</a>	Cantor relata as transformações e sensibilidade com as quais se relaciona com o mundo
<b>HOMENS EM CONEXÃO</b>	Grupo de homens	<a href="http://homensemconexão.com.br">homensemconexão.com.br</a>	Grupo terapêutico incentiva a conexão consciente entre homens
<b>TULIO CUSTÓDIO</b>	Youtube - Entrevista canal Gabi Oliveira	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=hkdyV7uldQ">https://www.youtube.com/watch?v=hkdyV7uldQ</a>	Pesquisador e autor defende que os afetos são estratégia de luta e subjetivação de homens negros
<b>GUILHERME VALADARES</b>	Youtube - TED	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=gw09QIQE7J4">https://www.youtube.com/watch?v=gw09QIQE7J4</a>	Criador do Papo de Homem, fala de como os homens se transformam afetivamente - fala das dificuldades, dores, problemas
<b>PROPAGANDA NATURA HOMEM DOM</b>	Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&amp;v=TBjk6rHo4Ug">https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&amp;v=TBjk6rHo4Ug</a>	Campanha de dia dos pais promove afetos múltiplos entre os homens por meio da frase "eu te amo"
<b>AFETO ENTRE HOMENS E A FALTA DE CONTATO FÍSICO - MASCULINIDADES?</b>	Youtube - Canal Perspectivas	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=FWZhfCFqPmg">https://www.youtube.com/watch?v=FWZhfCFqPmg</a>	Video trata de uma suposta afetividade entre homens que se perdeu no inicio do século XX
<b>NECESSIDADE DE AFETO MASCULINO</b>	Canal do Youtube - Maravia	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=bPuSbqPCD08&amp;t=215s">https://www.youtube.com/watch?v=bPuSbqPCD08&amp;t=215s</a>	Guru dá dicas para as mulheres que acham precisar de afeto masculino para serem felizes
<b>EOH - ENTENDA OS HOMENS</b>	Site	<a href="http://www.eoh.com.br">www.eoh.com.br</a>	Site em que Fred Elboni escreve sobre afetos vários: desejo, amor, medo, insegurança, da perspectiva masculina
<b>AFETO ENTRE HOMENS - PAPO RÁPIDO</b>	Papo de Segunda	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=h-ujnPL2CC8">https://www.youtube.com/watch?v=h-ujnPL2CC8</a>	Homens tratam de como os homens demonstram afetos entre si no contexto do futebol

<b>EMPATIA: COMO PRATICAR E ENTENDER O OUTRO NO DIA A DIA?</b>	Papo de Segunda	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=gA82o7G4QPQ&amp;t=329s">https://www.youtube.com/watch?v=gA82o7G4QPQ&amp;t=329s</a>	A partir de um filme como referência, discutem como é possível desenvolver empatia por homens machistas
<b>DEPRESSÃO: ELE SE MANIFESTA DIFERENTE NOS HOMENS?</b>	Rede Vida	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=HugXubrO9dY">https://www.youtube.com/watch?v=HugXubrO9dY</a>	Dificuldade dos homens de se colocarem em lugares fragilidade faz como que a depressão seja recorrente entre eles
<b>PADRE MARCELO ROSSI</b>	The Noite	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=U--yURvuDOo">https://www.youtube.com/watch?v=U--yURvuDOo</a>	Padre Marcelo relata sua experiência com a depressão e como a vida perdeu o sentido
<b>PADRE FÁBIO DE MELO</b>	Conexão Repórter	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=oFHLjMpCKhE">https://www.youtube.com/watch?v=oFHLjMpCKhE</a>	Padre Fabio conta sobre sua experiência com depressão e síndrome do pânico e da vontade de morrer que tinha
<b>MASCULINIDADE TÓXICA- DEMONSTRAR SEUS SENTIMENTOS NÃO TE FAZ MENOS HOMEM</b>	Cana Youtube - Manual do Homem Moderno	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=mrOcX6IOjAg">https://www.youtube.com/watch?v=mrOcX6IOjAg</a>	Video incentiva os homens a desabafarem sobre seus sentimentos e angústias
<b>5 COISAS QUE O MARIDO ESPERA DA MULHER</b>	Canal do Youtube - Renato Cardoso	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=SKveSWtpaO">https://www.youtube.com/watch?v=SKveSWtpaO</a>	Video incentiva o fortalecimento de traços típicos das masculinidades tradicionais para que eles se sintam valorizados em uma relação, como o poder de decisão na relação, sem que a mulher bata de frente com ele
<b>CAETANO VELOSO</b>	De Frente com Bial	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=5pw-q8NRNuM">https://www.youtube.com/watch?v=5pw-q8NRNuM</a>	O cantor Caetano Veloso e sua forma particular de lidar com a sensibilidade, característica marcante de sua obra
<b>HOMENS E OS JOGUINHOS QUE FAZEMOS</b>	Canal Youtube - Leo Hwan	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=2HEkghohdEI">https://www.youtube.com/watch?v=2HEkghohdEI</a>	A partir do pensamento de Bell Hooks, Leo explica como a sociabilidade masculina é violenta e ensina aos homens a manipular emocionalmente mulheres e homens que identificam como mais vulneráveis
<b>BOY LIXO - IDOL SCHOOL</b>	Clipe	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=mQDBQeRYICw">https://www.youtube.com/watch?v=mQDBQeRYICw</a>	Grupo de mulheres canta sobre relações abusivas sofridas com homens que chamam de "embuste"
<b>5 SINAIS DE QUE ELE É UM BOY LIXO</b>	Canal Youtube - Italo Ventura	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=NIXqTxxAiFY">https://www.youtube.com/watch?v=NIXqTxxAiFY</a>	Sinais de que o homem é um parasita afetivo, que não enxerga a parceira
<b>ÓPERA BRUTA</b>	Peça de teatro		Grupo de teatro feminista satiriza os valores e práticas afetivas tradicionais das masculinidades viris
<b>15 MANEIRAS DE SABER SE É EMBUSTE</b>	Canal do Youtube - Thata	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Gv9rpBGcKjI">https://www.youtube.com/watch?v=Gv9rpBGcKjI</a>	Canal de feminino dá 15 dicas para que as mulheres reconheçam homens cafajestes e que vão as fazer sofrer
<b>COMO SE LIVRAR DE UM EMBUSTE</b>	Canal Youtube - Guilherme Pinto	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=XN_7VqIO4TE">https://www.youtube.com/watch?v=XN_7VqIO4TE</a>	Video dá dicas para que homens e mulheres identifiquem homens que são 'cilada' e maneiras de se livrar deles
<b>ELE É GENTE BOA, MAS TAMBÉM É ABUSIVO!</b>	Site - Superela	<a href="http://www.superela.com">www.superela.com</a>	Texto indica que mesmo com homens legais, as formas recorrentes de viver afetos da parte dos homens podem ser abusivas para as mulheres
<b>DESABAFO DE UM HOMEM</b>	Youtube - video	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Bn_JFIWi_LI">https://www.youtube.com/watch?v=Bn_JFIWi_LI</a>	Homem encena, de forma misógina, um acesso de raiva desencadeado pelas atitudes da namorada

## Anexo 6 – Tabela Sexualidade/Relação com as mulheres

## Sexualidade / Relação com mulheres

HOMEM/PÁGINA/ PROGRAMA	MÍDIA	LINK	DESCRIÇÃO
<b>NEYMAR</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=e8syqMADUY">https://www.youtube.com/watch?v=e8syqMADUY</a>	Jogador mais famoso do Brasil, foi acusado de estupro por Najila Trindade
<b>NAJILA TRINDADE</b>	SBT REPÓRTER	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=sZF7gCCGH00">https://www.youtube.com/watch?v=sZF7gCCGH00</a>	Foi a Paris a convite de Neymar e relata agressões e estupro por parte de Neymar
<b>MARIDO NAJILA TRINDADE</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/channel/UClyF38pfINxJYtuRac00eoQ">https://www.youtube.com/channel/UClyF38pfINxJYtuRac00eoQ</a>	Marido da mulher que denunciou Neymar por estupro e defende publicamente sobre a violência sofrida
<b>PÔE NA RODA</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=AOeGipiGrRs">https://www.youtube.com/watch?v=AOeGipiGrRs</a>	Homens gays relatam suas vivências em casamentos com mulheres
<b>XVÍDEOS</b>	SITE	<a href="https://www.xvideos.com/">https://www.xvideos.com/</a>	Site de filmes pornográficos
<b>BRASILEIRINHAS</b>	PRODUTORA/ SITE	<a href="https://www.brasileirinhas.com.br/">https://www.brasileirinhas.com.br/</a>	Produtora brasileira de filmes pornográficos
<b>LUCIANO HUCK</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=SNjCmieFOMQ">https://www.youtube.com/watch?v=SNjCmieFOMQ</a>	Apresentador carismático, dá a ver a sofisticação das relações de gênero em entrevista concedida junto à esposa, Angélica
<b>ANGÉLICA</b>	ENTREVISTA JÔ SOARES	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=9OCivEhS4Jc">https://www.youtube.com/watch?v=9OCivEhS4Jc</a>	Esposa Luciano Huck, declara publicamente como ele é um bom marido e pai dedicado
<b>ZEZÉ DE CAMARGO</b>	YOUTUBE	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=6OImpKFYSpc">www.youtube.com/watch?v=6OImpKFYSpc</a>	Cantor sertanejo famoso, traiu a esposa por 7 anos e assumiu o relacionamento com a então namorada.
<b>ZILU</b>	ENTREVISTA CANAL YOUTUBE MULHERES	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=k4ilOO6FjJg">https://www.youtube.com/watch?v=k4ilOO6FjJg</a>	Ex-esposa de Zezé de Camargo, relata sofrimento ao romper o casamento após ser traída por sete anos
<b>GRACIELE LACERDA</b>	YOUTUBE	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=6OImpKFYSpc">www.youtube.com/watch?v=6OImpKFYSpc</a>	Atual namorada de Zezé de Camargo, se relaciona com ele desde que era casado com a ex-esposa
<b>MARIO ROCHA</b>	O GLOBO	<a href="https://oglobo.globo.com/celina/ate-quando-voce-vai-passar-pano-para-seu-amigo-que-compartilha-videos-intimos-de-mulheres-no-grupo-do-whatsapp-23959518">https://oglobo.globo.com/celina/ate-quando-voce-vai-passar-pano-para-seu-amigo-que-compartilha-videos-intimos-de-mulheres-no-grupo-do-whatsapp-23959518</a>	Cineasta denunciou amigo por compartilhar vídeo de adolescente em grupo de whatsapp
<b>PEDRO SCOOPY</b>	SITE VOGUE	<a href="https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2019/09/luana-piovani-comenta-caso-de-jornalista-que-alegou-ter-tido-um-affair-com-pedro-scooby-talifa-desocupado.html">https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2019/09/luana-piovani-comenta-caso-de-jornalista-que-alegou-ter-tido-um-affair-com-pedro-scooby-talifa-desocupado.html</a>	Ex de Piovani é "defendido" por ex-esposa sobre suposta traição com um homem
<b>MEU PATROCÍNIO</b>	SITE	<a href="https://www.meupatrocinio.com/">https://www.meupatrocinio.com/</a>	Site une mulheres jovens e bonitas (sugar babies e homens ricos (sugar daddies)
<b>CUCA DE PAI, CACHOLA DE MÃE</b>	YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=JVjR-ofScu4&amp;pbjreload=10">https://www.youtube.com/watch?v=JVjR-ofScu4&amp;pbjreload=10</a>	Playlist do canal do casal sobre sexo no casamento depois do nascimento dos filhos
<b>CASO CRISTIANA BRITTES/DANIEL</b>	TRIBUNA DAS MASSAS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Mx8n6W-BxVI">https://www.youtube.com/watch?v=Mx8n6W-BxVI</a>	Jogador tenta estuprar mulher, é morto e tem o pênis decepado pelo marido dela.

<b>LOVER 2.0</b>	SITE	<a href="https://metodolover.com/">https://metodolover.com/</a>	Matheus Copini - Coach de sedução para homens
<b>O VIBRADOR PODE SUBSTITUIR O HOMEM?</b>	PAPO DE SEGUNDA	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=wU4jpD6HBRo">https://www.youtube.com/watch?v=wU4jpD6HBRo</a>	Ingrid Guimarães discute com os apresentadores sobre a relação feminina com vibradores.
<b>PARA NOSSAS VONTADES, NÃO EXISTE UM PADRÃO</b>	YOUTUBE - ILHA DE BARBADOS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=q2soDuOsNC4">https://www.youtube.com/watch?v=q2soDuOsNC4</a>	Conversa com a atriz pornô e camgirl, Emme White
<b>PASSA A BOLA COM EMM E MIA</b>	YOUTUBE - QG DA DREAD	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=q2soDuOsNC4">https://www.youtube.com/watch?v=q2soDuOsNC4</a>	Bate papo entre as três atrizes pornô sobre o cotidiano de trabalho
<b>DOCUMENTO VERDADE MOSTRA A VIDA DOS CASAIS SUGAR</b>	YOUTUBE DOCUMENTO VERDADE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=MwDQ-SJsdY">https://www.youtube.com/watch?v=MwDQ-SJsdY</a>	Homens ricos que se relacionam com mulheres jovens e bonitas relatam como são tais relações
<b>PRAZER ELE</b>	SITE/INSTAGRAM	<a href="https://www.instagram.com/prazerele/">https://www.instagram.com/prazerele/</a>	Site e página voltados para a revisão da sexualidade masculina e proposta de práticas mais saudáveis
<b>VEJA</b>	REVISTA	<a href="https://vejasp.abril.com.br/blog/sexo-e-a-cidade/coach-relacionamento-mulheres/">https://vejasp.abril.com.br/blog/sexo-e-a-cidade/coach-relacionamento-mulheres/</a>	Matéria sobre coach de relacionamento para mulheres que desenvolve "técnicas" machistas de conquista, como fingir gostar das mesmas coisas que o homem
<b>DIEGO MUDA VIDAS</b>	INSTAGRAM/ YOUTUBE	<a href="https://www.instagram.com/diegomudavidas">diegomudavidas</a>	Coach de relacionamento que promete desvendar a mente masculina e ensinar as mulheres a conquistar o homem dos sonhos
<b>MC TH</b>	FUNK/CLÍPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=KBHfUI2Om5g">https://www.youtube.com/watch?v=KBHfUI2Om5g</a>	Clípe da música "aproveita que a mamadeira tá cheia" em que ele participa de uma festa com várias mulheres sensuais
<b>QUEBRANDO A CAIXA PRETA DA SEXUALIDADE MASCULINA</b>	EVENTO PROMOVIDO PELO PAPO DE HOMEM	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=O5IYJKUKESs">https://www.youtube.com/watch?v=O5IYJKUKESs</a>	Evento discute o conceito de sexualidade masculina e suas prisões.
<b>ÍTALO VENTURA - COACH DE RELACIONAMENTO</b>	CANAL YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/channel/UCg9yqHmCfneXDvmqqQw-CLA">https://www.youtube.com/channel/UCg9yqHmCfneXDvmqqQw-CLA</a>	Homem diz quebrar o código dos homens e ensinar a conquista para as mulheres, desde mensagem, até como mandar nudes e comportamentos
<b>CLEO PIRES</b>	ENTREVISTA YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=fWqTnqKgZUg">https://www.youtube.com/watch?v=fWqTnqKgZUg</a>	Entrevista para o jornalista Leo Dias sobre sua sexualidade e sensualidade depois de engordar mais de 20 quilos
<b>QG DA DREAD</b>	CANAL YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=0CQp78jhoz0">https://www.youtube.com/watch?v=0CQp78jhoz0</a>	Canal de uma atriz pornô que faz vídeos pornôs com mulheres e com o namorado
<b>BIEL</b>	ENTREVISTA PROGRAMA SENSACIONAL	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=OTNOg7NXApE">https://www.youtube.com/watch?v=OTNOg7NXApE</a>	Mc ficou nacionalmente conhecido por assediar verbalmente uma jornalista em uma entrevista
<b>MOV SHOW</b>	CANAL YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=NOPiSBAaoGo">https://www.youtube.com/watch?v=NOPiSBAaoGo</a>	Quadro Enem do Baixaria trata de coisas que o cinema não mostra no sexo: cheiros, secreções, barulhos.
<b>JONATHAN COSTA</b>	OS SUBURBANOS	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=AROEjJrD88">https://www.youtube.com/watch?v=AROEjJrD88</a>	Funkeiro fala sobre suas preferências sexuais e relação como Antônia Fontenelle, 20 anos mais velha
<b>EU SOU O ELIAS</b>	CANAL YOUTUBE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=0-x5HcCCZ00">https://www.youtube.com/watch?v=0-x5HcCCZ00</a>	Canal com 1,8 milhões de inscritos faz experimentos duais sobre o que as mulheres preferem no Tinder: homem pobre x rico; bonzinho x bad boy, etc.

## Anexo 7 – Tabela Trabalho/Trabalho doméstico

### Trabalho/trabalho doméstico

HOMEM/PÁGINA/PROGRAMA	MÍDIA	LINK	DESCRIÇÃO
<b>MÁRCIO SANCHES</b>	Instagram	<i>marcio.ssanches</i>	Homem dá dicas de cuidados com a casa
<b>DONO DE CASA</b>	Instagram	<i>_donodecasa</i>	Rotina de um homem cuidando da casa
<b>EDUARDO LEITE</b>	Instagram	<i>eduardoleite45</i>	Governador do Rio Grande do Sul, posta também sobre sua rotina de dono de casa
<b>DUDA NAGLE</b>	Youtube	<a href="https://www.youtube.com/channel/UCcyM3unaKajKJanWr6na6bg">https://www.youtube.com/channel/UCcyM3unaKajKJanWr6na6bg</a>	Marido de Sabrina Sato e ator faz um programa no Youtube sobre cuidados com a casa
<b>HOMEM NA AGULHA</b>	Instagram	<i>homemnaagulha</i>	Artista plástico ministra aulas de crochê e tricô
<b>TAREFAS DOMÉSTICAS: O PAPEL É SÓ DA MULHER?</b>	Canal YouTube Ivan Maia Treinamentos	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=5WvL0uc7os8">https://www.youtube.com/watch?v=5WvL0uc7os8</a>	Coach diz se dedicar a ajudar pessoas a viverem relacionamentos melhores
<b>DIVISÃO DE TAREFAS E CRISE NO CASAL</b>	Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=IMvUzHRkig">https://www.youtube.com/watch?v=IMvUzHRkig</a>	Video sobre divisão desigual de tarefas pode causar crise no casal, principalmente após o nascimento dos filhos
<b>HOMENS DONOS DE CASA</b>	Matéria Programa Papo de Mãe	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Z88E3EKZ-9U">https://www.youtube.com/watch?v=Z88E3EKZ-9U</a>	Matéria sobre homens que dão conta dos serviços domésticos
<b>DONO DE CASA</b>	Clipe Vitor Maia	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=IQZYLp8lwCo&amp;list=RDIOZYLp8lwCo&amp;start_radio=1">https://www.youtube.com/watch?v=IQZYLp8lwCo&amp;list=RDIOZYLp8lwCo&amp;start_radio=1</a>	Clipe sobre um homem que cuida da casa e do filho para agradar a companheira
<b>BBC</b>	Site	<a href="https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39585678">https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39585678</a>	Matéria sobre a nova geração de brasileiros donos de casa que dizem romper tabus e padecerem no paraíso
<b>FERNANDO HADDAD</b>	Canal Youtube - Rafi Bastos	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=WyBkn8jBmGo">https://www.youtube.com/watch?v=WyBkn8jBmGo</a>	Em entrevista para Rafinha Bastos, diz de sua relação com o trabalho como professor e sua carreira política
<b>AS DIFERENÇAS SALARIAIS ENTRE HOMENS E MULHERES</b>	Jornal Futura	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=p8ZJ4MQxZKY">https://www.youtube.com/watch?v=p8ZJ4MQxZKY</a>	Matéria faz resgate histórico sobre a diferença salarial entre mulheres e homens
<b>ESTILO: COMO FAZER MAIS SUCESSO NA CARREIRA</b>	Canal Youtube - El Hombre	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=KoMy3qQYJzM">https://www.youtube.com/watch?v=KoMy3qQYJzM</a>	Conversa com Alexandre Taleb vincula sucesso profissional e visual
<b>COMO MUDAR DEPOIS DOS 40?</b>	Canal do Youtube - Moporã	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=jom3G6CkW9g">https://www.youtube.com/watch?v=jom3G6CkW9g</a>	Casal incentiva mudanças de vida e carreira, mesmo para que tem mais de 40 anos
<b>HENRIQUE FOGAÇA</b>	Canal de Youtube - Na Lata	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=8gpkwbXifa0">https://www.youtube.com/watch?v=8gpkwbXifa0</a>	Chefe de cozinha, encarna as masculinidades viris a partir do corpo tatuado, fisionomia sisuda. É empreendedor e apresentador de televisão
<b>MUNDO DOS NEGÓCIOS</b>	Canal Youtube - Porta dos Fundos	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=cPbl26Fw-dk">https://www.youtube.com/watch?v=cPbl26Fw-dk</a>	Sátira com vocabulário quase incompreensível que os homens usam no mundo corporativo
<b>JOÃO APOLINÁRIO</b>	Entrevista The Noite	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=a7hah8nVOkI&amp;t=236s">https://www.youtube.com/watch?v=a7hah8nVOkI&amp;t=236s</a>	Entrevista com o dono da Polishop, um dos fenômenos de venda no Brasil

<b>AUMENTA O TRABALHO DOMÉSTICO DE HOMENS, MAS A DESIGUALDADE SEGUE</b>	*Matéria - Terra	<a href="https://www.terra.com.br/economia/ibge-mulheres-trabalham-quase-o-dobro-de-horas-que-homens-nos-cuidados-da-casa-e-parentes,2fc7106b3e9eef04f93d50ff83885bf2xcbju.cbu.html">https://www.terra.com.br/economia/ibge-mulheres-trabalham-quase-o-dobro-de-horas-que-homens-nos-cuidados-da-casa-e-parentes,2fc7106b3e9eef04f93d50ff83885bf2xcbju.cbu.html</a>	Estudo aponta que aumentou o tempo que os homens dedicam ao trabalho doméstico no Brasil, mas mulheres seguem empregam o dobro do tempo nas funções de casa
<b>CARLOS BERTOLAZZI</b>	*Entrevista - Manual do Homem Moderno	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=iLP0QDViIj8">https://www.youtube.com/watch?v=iLP0QDViIj8</a>	Chef relata como lida com a pressão no cotidiano de trabalho
<b>UM TRIO QUE DESTRÓI MUITOS HOMENS: TRABALHO, ESTRESSE E SAÚDE (OU FALTA DELA)</b>	Papo de Homem	<a href="https://papodehomem.com.br/um-trio-que-destroi-muitos-homens-trabalho-estresse-e-saude-ou-falta-de/">https://papodehomem.com.br/um-trio-que-destroi-muitos-homens-trabalho-estresse-e-saude-ou-falta-de/</a>	Homens que trabalham demais, se estressam no cotidiano e deixam a saúde de lado
<b>*ENTRE OS HOMENS DE BEM - JEAN WYLLYS</b>	Documentário	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=sgBAesmdz4">https://www.youtube.com/watch?v=sgBAesmdz4</a>	Documentário mostra o cotidiano de trabalho do ex-deputado Jean Wyllys na câmara dos deputados e os impactos emocionais dessa rotina
<b>CAMPANHA PELA JUSTA DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO</b>	AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=ov0Ar44SuzA">https://www.youtube.com/watch?v=ov0Ar44SuzA</a>	Campanha quer tirar da invisibilidade os trabalhos domésticos realizados pelas mulheres e não percebidos pelos homens
<b>PAPO DE MÃE - HOMENS DONOS DE CASA</b>	Programa Papo de Mãe	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=VeCHjXMoot0">https://www.youtube.com/watch?v=VeCHjXMoot0</a>	Edição do programa mostra homens que dividem as tarefas em casa
<b>POR QUE O MINDFULNESS PODE NÃO ESTAR ATRAINDO HOMENS AO UNIVERSO ZEN?</b>	Revista GQ	<a href="https://gq.globo.com/Corpo/noticia/2018/08/por-que-o-mindfulness-pode-nao-estar-atraindo-homens-ao-universo-zen.html">https://gq.globo.com/Corpo/noticia/2018/08/por-que-o-mindfulness-pode-nao-estar-atraindo-homens-ao-universo-zen.html</a>	Valores tradicionais das masculinidades são empecilho para que homens entendam o benefício da meditação no cotidiano de trabalho
<b>DIVISÃO DE TAREFAS EM CASA</b>	Canal Youtube - Pais & Filhos	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=x9ZTaREBmU8">https://www.youtube.com/watch?v=x9ZTaREBmU8</a>	Casal relata como dividem a função da casa. Mesmo que digam dividir, a logística da casa é responsabilidade da mulher
<b>MARIDOS QUE NÃO AJUDAM NAS TAREFAS DE CASA</b>	Canal Youtube - Cacau Schwarz	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=5WdVkW2O6jU">https://www.youtube.com/watch?v=5WdVkW2O6jU</a>	Ainda que reconheça que os homens costuma ser folgados em casa, o trabalho doméstico demandado ainda aparece como situação especial para os homens. Somente os "abusos" devem ser evitados
<b>COMO FAZER O MARIDO AJUDAR EM CASA</b>	Canal Youtube - Dhiely Goularte	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=K0VKAqCGNvY">https://www.youtube.com/watch?v=K0VKAqCGNvY</a>	Mulher propõe que recompensas sejam oferecidas para os maridos que ajudarem nas funções domésticas e "caprichar no sexo" é uma delas
<b>MEU MARIDO NÃO FAZ NADA</b>	Canal Youtube - Cris Monteiro	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Go6oNyak_3w">https://www.youtube.com/watch?v=Go6oNyak_3w</a>	Terapeuta matrimonial diz que o casamento deve ser entendido como um grande negócio e que cada um deve cumprir suas funções. Se o marido é a única pessoa que trabalha fora, a mulher deveria investir no trabalho doméstico
<b>DIVISÃO DE TAREFAS DOMÉSTICAS: COMO FAZER FUNCIONAR</b>	Canal Youtube - de Sofia	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=_gf7i_cAERQ">https://www.youtube.com/watch?v=_gf7i_cAERQ</a>	Dicas práticas para dividir as tarefas em listas, cronogramas e equilíbrio na divisão a partir do tempo e dificuldade de cada atividade
<b>COMO O CASAL PODE DIVIDIR AS TAREFAS DOMÉSTICAS E O CUIDADO COM OS FILHOS?</b>	Papo de Mãe - Tv Cultura	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=5S2l05YIDSg">https://www.youtube.com/watch?v=5S2l05YIDSg</a>	Programa traz especialistas para discutir como diminuir a sobrecarga das mulheres em casa
<b>ALÊ, QUANTO CUSTA?</b>	Canal Youtube - Ana Hickmann	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=pUpVmXTNFLU">https://www.youtube.com/watch?v=pUpVmXTNFLU</a>	Apresentadora mostra os sapatos novos que comprou para o marido, que tenta adivinhar os preços. Mesmo sendo ela quem paga suas compras e ele administrador da carreira dela, ele reclama a cada vez que os preços são altos.

## Anexo 8 – Tabela Virilidade

## Virilidade

HOMEM/PÁGINA/PROGRAMA	MÍDIA	LINK	DESCRIÇÃO
<b>PRECISAMOS FALAR COM OS HOMENS?</b>	Documentário ONU Mulheres	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=jyKxmACoS5Q">https://www.youtube.com/watch?v=jyKxmACoS5Q</a>	Documentário sobre o machismo contemporâneo e a necessidade de mudanças
<b>HOMEM DE SAIA, MASCULINIDADE</b>	Instagram	<a href="https://www.instagram.com/andersonfrancarj">andersonfrancarj</a>	Questiona o combate à virilidade pelo uso de saias e grupos de homens, sendo a prática recorrente quando tratamos de homens que se enunciam desconstruídos.
<b>CASO CRISTIANA BRITTES/ DANIEL</b>	TR Tribuna do Paraná	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Ujp3we6hjn0Q">https://www.youtube.com/watch?v=Ujp3we6hjn0Q</a>	Mulher sofreu tentativa de estupro e é presa por 10 meses porque marido assassinou seu agressor
<b>ALPHA LIFE</b>	YouTube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=05YqtdP7koY">https://www.youtube.com/watch?v=05YqtdP7koY</a>	Canal ensina aos homens como se tornar um macho alpha
<b>FEMINISTA X DEFENSOR DE DIREITOS DOS HOMENS</b>	SPOTINKS - Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=qLj5JlQu4n8">https://www.youtube.com/watch?v=qLj5JlQu4n8</a>	Canal põe feminista e ativista dos direitos dos homens para conversar.
<b>A VOICE FOR MEN</b>	Site	<a href="https://br.avoiceformen.com/">https://br.avoiceformen.com/</a>	Versão brasileira do site americano antifeminista
<b>MILITANTES DO MASCULINISMO DIZEM QUE É HORA DE DEFENDER OS DIREITOS DOS HOMENS</b>	Site BBC	<a href="https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120503_militantes_direitos_homens_mv">https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/05/120503_militantes_direitos_homens_mv</a>	Notícia sobre movimentos masculinistas na Inglaterra e os supostos direitos reivindicados pelos homens
<b>ATIVISTAS PELOS DIREITOS DOS HOMENS GANHAM MILHÕES PORQUE MOLEQUES BRANCOS QUEREM SE SENTIR OPRIMIDOS</b>	Site Vice Brasil	<a href="https://www.vice.com/pt_br/article/9a9vk8/ativistas-peelos-direitos-dos-homens-ganham-milhes-porque-moleques-brancos-querem-se-sentir-oprimidos">https://www.vice.com/pt_br/article/9a9vk8/ativistas-peelos-direitos-dos-homens-ganham-milhes-porque-moleques-brancos-querem-se-sentir-oprimidos</a>	Como um ativista canadense ganha dinheiro forjando uma opressão sofrida por homens brancos
<b>CANAL DO NEGÃO</b>	YouTube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=17Xx7mjj3FY">https://www.youtube.com/watch?v=17Xx7mjj3FY</a>	Homem trata os seguidores como filhos e ensina a ser "homem"
<b>AO RABONI</b>	YouTube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=M8LPEvho3vQ">https://www.youtube.com/watch?v=M8LPEvho3vQ</a>	Canal dos "chatos com carro" - traço recorrente de masculinidades
<b>FALANDO COM HOMENS</b>	Instagram	<a href="https://www.instagram.com/falandocomhomens">falandocomhomens</a>	Página se propõe a dialogar sobre desconstrução do machismo e equidade de gêneros
<b>RESSIGNIFICANDO MASCULINIDADES</b>	Instagram	<a href="https://www.instagram.com/ressignificando_masculinidades">ressignificando_masculinidades</a>	Coletivo para fomentar conversas sobre as diversas masculinidades
<b>MEMOH</b>	Grupo de reflexão	<a href="http://memoh.com.br/chega-de-ser-machista/">http://memoh.com.br/chega-de-ser-machista/</a>	Reunem homens para debater o comportamentos masculinos, em busca de maior equidade de gênero
<b>ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES</b>	TV	<a href="https://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/episodio/2018/07/04/videos-de-encontro-com-fatima-bernardes-de-quarta-feira-04-de-julho.ghml#video-6849631-id">https://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/episodio/2018/07/04/videos-de-encontro-com-fatima-bernardes-de-quarta-feira-04-de-julho.ghml#video-6849631-id</a>	Programa dedicado às opressões mais cotidianas sofridas pelas mulheres e possibilidades de mudanças dos homens
<b>TEMPO DE DESPERTAR</b>	Grupo/lei estadual SP	<a href="https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/tempo-de-despertar-vira-lei/">https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/tempo-de-despertar-vira-lei/</a>	Ressocialização de homens agressores



<b>GENERAL VILLAS BOAS</b>	Entrevista com Bial	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=hl3kvgXck2M">https://www.youtube.com/watch?v=hl3kvgXck2M</a>	General que ocupou o posto máximo do exército brasileiro é vítima de uma doença degenerativa que fez com que seu corpo esteja muito debilitado
<b>ALEXANDRE FROTA</b>	Entrevista Roda Viva	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=rcZDnU_AZGs">https://www.youtube.com/watch?v=rcZDnU_AZGs</a>	Deputado federal e ex-ator pornô, foi eleito pela ala conservadora da população.
<b>HAMILTON MOURÃO</b>	Entrevista Conexão SBT	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=7POGcl-gRkK">https://www.youtube.com/watch?v=7POGcl-gRkK</a>	Vice-presidente do Brasil, o general da reserva também cria tensões com posicionamentos divergentes da presidência, colocando os parâmetros de masculino em tensão
<b>NALDO BENNY</b>	Entrevista	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=lcNqiOjkqI">https://www.youtube.com/watch?v=lcNqiOjkqI</a>	Após ser denunciado pela esposa por agressão ao longo de sete anos, grava vídeo arrependido, chorando, declarando amor e pedindo para voltar
<b>ZECA PAGODINHO</b>	Entrevista de Frente com Gabi	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=8Gowf4CeShU">https://www.youtube.com/watch?v=8Gowf4CeShU</a>	É um tipo de macho alfa. Se identifica como a imagem do malandro, sambista da rua que não deve satisfação do que faz fora de casa para a esposa
<b>EDUARDO COSTA</b>	YouTube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=B0mUQF3Geu4">https://www.youtube.com/watch?v=B0mUQF3Geu4</a>	Em vídeo caseiro, Eduardo Costa exhibe sua namorada e um carro que teria dado a ela como se fossem extensões de sua virilidade.
<b>EDUARDO COSTA/DANILO GENTILI</b>	The Noite	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=BNmRlw2F_Uk">https://www.youtube.com/watch?v=BNmRlw2F_Uk</a>	Mesmo que ambos já tenham sido listados, a entrevista que Eduardo concede a Danilo sintetiza muitas das questões que envolvem a virilidade, que vão desde o tamanho do pênis, relação com bebida, dinheiro e mulheres.
<b>LEONARDO</b>	Entrevista Uol	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=IzTHO-jFNgE">https://www.youtube.com/watch?v=IzTHO-jFNgE</a>	Cantor é reconhecido pelas piadas sobre mulheres e sexo.
<b>OLIVER NORONHA</b>	Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=llpV5e8tOG4">https://www.youtube.com/watch?v=llpV5e8tOG4</a>	Em seu canal, explica porque as mulheres não devem pagar as contas ao saírem com homens
<b>JAIR BOLSONARO</b>	Político	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=iUHwHt8DMC8">https://www.youtube.com/watch?v=iUHwHt8DMC8</a>	Presidente do Brasil, foi eleito a partir de fakenews conservadoras e posicionamentos misóginos e homofóbicos
<b>FLAVIO BOLSONARO</b>	Político	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=CM0kUhH5DIQ">https://www.youtube.com/watch?v=CM0kUhH5DIQ</a>	Senador e filho do presidente, está sendo investigado pelo MP do Rio de Janeiro por retenção de salários de funcionários. Reage aos gritos, com falas duras, características de masculinidade viril
<b>CARLOS BOLSONARO</b>	Político	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=5vihBllYeqo">https://www.youtube.com/watch?v=5vihBllYeqo</a>	Vereador e filho de Jair Bolsonaro, é chamado pelo pai de pitbull por supostamente ser incansavelmente bravo na defesa em sua defesa. Ainda que homofóbico, é frequentemente apontado como homossexual
<b>EDUARDO BOLSONARO</b>	Político	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=LS02DP9IK9U">https://www.youtube.com/watch?v=LS02DP9IK9U</a>	Deputado, filho de Jair Bolsonaro, defende o A15, é homofóbico e misógeno em suas colocações.
<b>SÓ É SEXISMO QUANDO HOMEM FAZ</b>	Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=iOYFAj4fRhw">https://www.youtube.com/watch?v=iOYFAj4fRhw</a>	Vídeo veiculado pelo perfil de Aldir Gracindo questionando o sexismo.
<b>ALDIR GRACINDO</b>	Youtube/site	<a href="https://www.youtube.com/user/mohann2007/playlists">https://www.youtube.com/user/mohann2007/playlists</a>	Editor do A voice for men Brasil, defende os direitos dos homens
<b>O PARADOXO DA IGUALDADE</b>	Documentário	<a href="https://www.youtube.com/">https://www.youtube.com/</a>	Documentário norueguês que tenta provar a diferença biológica entre homens e mulheres

<b>DANILO GENTILI</b>	Tv - The Noite	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=VMG8qekGH64">https://www.youtube.com/watch?v=VMG8qekGH64</a>	humorista, apresentador, conhecido por piadas racistas, classistas, homofóbicas e misóginas.
<b>ANTÔNIA FONTENELLE</b>	Canal YouTube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=36Yirt6WkYo">https://www.youtube.com/watch?v=36Yirt6WkYo</a>	Apresentadora estabelece diálogo e oferece espaço de fala para muitos dos homens que se colocam como modelos de virilidade nesse corpus, e se indisputa quando dois deles, Eduardo Costa e Danilo Gentili, falam em programa que teriam se relacionado com ela.
<b>LEO STRONDA</b>	Cantor e bodybuilder	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=sglnhqCBPsU">https://www.youtube.com/watch?v=sglnhqCBPsU</a>	Ficou conhecido quando vazou um nudes em que aparecia seu pênis. Passou a conceder diversas entrevistas em que era tratado como admiração em função do tamanho do órgão.